

**UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**“Quem Sou Eu? Que Lugar Ocupo?”
Grupos Gays, Educação e a Construção do Sujeito Homossexual**

Autor: Anderson Ferrari

Orientador: Dr. Joaquim Brasil Fontes Junior

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Anderson Ferrari e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA

CAMPINAS

2005

© by Anderson Ferrari, 2005.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	
V	EX
TOMBO BC/	67950
PROC.	16.123-06
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11.000
DATA	17-04/06

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Ferrari, Anderson.
F412q Quem sou eu? Que lugar ocupo? : grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual / Anderson Ferrari. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Joaquim Brasil Fontes Júnior.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Homossexualidade. 2. Discurso. 3. Identidade. 4. Gays. 5. Grupos sociais. 6. Educação. I. Fontes Júnior, Joaquim Brasil. II. Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-265-BFE

Keywords : Homosexuality ; Speechs; Identities; Gay groups; Education

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Doutor em Educação

Banca examinadora : Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior
Profa. Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo
Profa. Dra. Regina Maria de Souza
Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior
Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

Data da defesa: 14/10/2005

AGRADECIMENTOS

Nesse momento final, rever a caminhada facilita o reconhecimento das pessoas que dela participaram. Não foram muitos os que vivenciaram a construção desse trabalho, mas indubitavelmente tiveram participações fundamentais para sua realização.

Primeiramente gostaria de agradecer a Professora Dra. Ana Canen (UFRJ), pesquisadora inquietada pela construção das diferenças e que contribuiu com sua leitura atenta e com uma orientação dedicada na elaboração do projeto de pesquisa, essencial para o ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação na Unicamp. Nessa caminhada não podia deixar de agradecer a Profa. Dra. Érica (Unicamp/Geish), que após assistir uma apresentação do meu trabalho de Mestrado num Seminário na UFF, me falou, pela primeira vez, do Geish (Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana/ Unicamp) e me colocou em contato com o Professor Dr. Joaquim Brasil.

Também não podia deixar de demonstrar minha gratidão a uma grande companheira - Professora Sylvia (C. A João XXIII) - que me apresentou Campinas e um amigo muito especial - Dag, que abriu as portas de sua casa para me receber nesses anos de cumprimento de disciplinas na Unicamp, sem jamais pedir nada em troca. Dag e Daniel ajudaram a me sentir em casa, aliviando o cansaço que, muitas vezes, insistia em aparecer. Juntos ríamos, falávamos besteiras, trocávamos informações, conversávamos sobre nossas pesquisas, enfim, compartilhávamos nossas vidas.

Aos professores do Departamento de Ciências Humanas, do C. A João XXIII/ UFJF, do qual faço parte, um especial obrigado, principalmente a professora Acácia, que como Chefe de Departamento, comprou comigo a luta para viabilizar a realização do Doutorado. Ao grupo do Geish, que me recebeu com muito carinho, discutindo pontos que me incomodavam e que ajudaram a organizar e a “lapidar” as idéias que compõem esse trabalho.

Um importante reconhecimento aos professores que compuseram a qualificação: Profa. Dra. Regina de Souza, Profa. Dra. Ana Faccioli e Prof. Dr. Joaquim Brasil, que com suas considerações concorreram, de modo fundamental, para a realização dessa tese. Muito obrigado aos três. Não podia deixar de reiterar minha gratidão a Dra. Ana Faccioli, que em muitas ocasiões assumiu o papel de Co-orientadora, ajudando a estruturar o trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Joaquim Brasil, um agradecimento incomparável. Um intelectual comprometido, dedicado, disciplinado, instigante e acessível. Desde o início apostou na minha proposta e em mim, investindo, encorajando, instigando, ampliando e, acima de tudo, acreditando nas minhas qualidades, na riqueza do que eu propunha e na dimensão que o trabalho poderia alcançar. As orientações não eram apenas acadêmicas, mas aprendizados para a vida em conversas que tinham grande influência na minha maneira de pensar. Enxergou no projeto de pesquisa inicial um potencial e uma extensão que agora se apresenta. Dessa forma, não tenho dúvidas em dizer que essa tese é uma construção coletiva.

Por último, não poderia deixar de demonstrar minha gratidão com as pessoas com quem convivi nesse período de pesquisa nos grupos. Do GGB, Luiz Mott, Oséas, Denis e Cristiano, que me receberam gentilmente em Salvador, disponibilizaram os documentos e materiais produzidos, cederam entrevistas e permitiram minha participação nas reuniões. Do CORSA, Luiz Ramires, o Lula, que ajudou no andamento da pesquisa num momento importante e difícil de reestruturação do grupo. Do MGM, um especial agradecimento a Oswaldo Braga e Marcos Trajano, grandes amigos pessoais, que acolheram a idéia desde o seu início, me ajudando na aproximação com os outros grupos, que apostaram nesse estudo e que, principalmente, se colocaram à minha disposição para o que era necessário, sem medir esforços para efetivação desse trabalho. Para encerrar, não podia deixar de dizer um muito obrigado ao Prof. Delmir, amigo de todas as horas e de longa data, parte integrante de minha formação e quem sempre me forneceu um apoio incondicional em todas as áreas de minha vida. Sem ele, essa caminhada ficaria extremamente mais pesada e difícil. Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho é resultado do convívio com as pessoas que compõem três grupos gays organizados – o GGB (Grupo Gay da Bahia – Salvador/BA), o CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor – São Paulo/SP) e o MGM (Movimento Gay de Minas – Juiz de Fora/MG), em que foi possível entrar em contato com suas formas de agir, de pensar e de se construir como homossexuais. Os grupos gays tornaram-se locais privilegiados na construção das “verdades” a respeito do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual. Portanto, o objetivo é verificar como esses grupos estão contribuindo para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição dos membros como homossexuais.

ABSTRACT

This work is the result of an interaction with the people who compose three groups of gays – the GGB (Gay Group from Bahia – Salvador/BA), the CPRSL (Citizenship, Pride, Respect, Solidarity and Love – São Paulo/SP) and the GMM (Gay Movement from Minas – Juiz de Fora/MG). Through this interaction, it was possible to get in touch with their ways of acting, of thinking and of making themselves homosexual. The gay groups have become relevant places for the building up of “truths” as concerns the conception of homosexuality and homosexual. Therefore, this work aims at verifying the way these groups contribute to and give support to the connection between speeches, knowledge and power into their members' constitutions as homosexuals.

LISTA DE SIGLAS

ABGLT	- Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros
EBGLT	- Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros
CBAA	- Centro Baiano Anti-Aids
CORSA	- Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor (Grupo Gay de São Paulo)
GGB	- Grupo Gay da Bahia
GLS	- Gays, Lésbicas e Simpatizantes
GLBT	- Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros
MGM	- Movimento Gay de Minas
Grupo SOMOS	- Grupo de Afirmação Homossexual (São Paulo)
Projeto SOMOS	- Projeto da ABGLT para capacitar novos grupos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 Os grupos gays analisados	11
1.1 MGM – Movimento Gay de Minas	14
1.2 CORSA – Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor	17
1.3 GGB – Grupo Gay da Bahia	20
2 “... PARA O INDIVÍDUO ALCANÇAR SUA PLENITUDE, ELE PRECISA SER UMA PESSOA QUE AME”: o desejo como definidor da homossexualidade	25
2.1 A construção da homossexualidade	29
2.2 O discurso médico	36
2.3 A influência católica	39
2.4 A ditadura dos gêneros	41
2.5 A contribuição das Ciências Sociais	42
2.6 O desejo e o amor como temas da reunião	47
2.7 O desejo	51
3 “PORQUE VOCÊ QUANDO NÃO É ASSUMIDO, VOCÊ NÃO ESTÁ SENDO VERDADEIRO”: a construção do grupo gay e da identidade homossexual	64
3.1 Um e-mail servindo ao grupo	70
3.2 Identidade e linguagem	75
3.3 Identidades e diferenças	80
3.4 Discurso e poder	86
3.5 O grupo gay e a construção da homossexualidade	91
4 “DESTRUINDO O CASEBRE E LIMPANDO O TERRENO”: as dicotomias que organizam os grupo e os discursos da homossexualidade	95
4.1 “Jovem homossexual: assumir ou enrustir”	99
4.2 “Sexo em público”	101
4.3 Intimidade	102
4.4 Público e privado	110
4.5 Homossexual militante e a “bicha banheirão”	115
4.6 Passado e presente	122
4.7 Masculino e Feminino	124
4.8 Herança Moderna	131

5	“... ESSA CIDADE TEM QUE CABER A GENTE. NESTE MUNDO TEM QUE TER LUGAR PRA MIM, NÃO DÁ PRA ME TIRAR DE FORA NÃO”: as ações para além dos grupos	135
5.1	“Trocando Idéias”	136
5.2	“Beijaço”: a manifestação como uma forma de militância	139
5.3	Um tempo de militância	142
5.4	Revelação e definição da homossexualidade	153
5.5	A existência da homossexualidade	160
5.6	O lugar da “margem” dos grupos	168
6	“SEJA VOCÊ MESMO”: ENTENDER E CAPTURAR AS HOMOSSEXUALIDADES – a produção dos discursos dos grupos gays nos materiais produzidos e distribuídos	172
6.1	O que é a homossexualidade? O que é o homossexual?	173
6.2	Ensinar a ser homossexual	186
6.3	A escola como local de ação dos grupos	189
6.4	A Aids e o reforço do auto-controle	198
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214

INTRODUÇÃO

*Minha voz, minha vida
Meu segredo e minha revelação
Minha luz escondida
Minha bússola e minha desorientação
Se o amor escraviza
Mas é a única libertação
Minha voz é precisa.*
(**Minha Voz, Minha Vida.** Caetano Veloso)

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio.*
(**O Outro.** Mário de Sá-Carneiro)

As duas epígrafes traduzem as preocupações centrais desse trabalho. Ambas buscam responder as questões título: **“Quem sou eu? Que lugar ocupo?”** Mais do que isso, elas levantam a importância dos discursos na produção do sujeito, “definindo” a identidade, o espaço reservado para cada um, a relação com o outro e consigo mesmo. Pouco a pouco, conhecer e controlar os desejos, as emoções, os pensamentos e as ações passaram a se impor a cada um, como forma de auto-conhecimento e necessidade de construir e dizer, pelo menos para si mesmo, as “verdades” pessoais. Para isso, as instituições se tornaram o lugar privilegiado de trocas e de exercício dessas necessidades e imposições. “Minha vida”, as experiências pessoais, as identidades, aquilo que responde “quem sou eu”, torna-se real a partir da “minha voz”, dos discursos produzidos, que são necessários, que escondem os segredos e que são lidos como “reveladores” das “verdades” de cada um. Os discursos tornaram-se a “bússola” e a “desorientação” de cada sujeito, sobretudo no que se refere ao desejo e ao amor, entendidos como capazes de “escravizar” e de “libertar”. Todas essas questões estão incorporadas e se expressam nas construções dos sujeitos em relação com os outros e com os discursos que circulam nas relações. Colocar em discussão o lugar que os discursos adquiriram para a construção dos sujeitos faz-se importante.

Dessa forma, este trabalho parte do convívio com as pessoas que formam os grupos, buscando compreender e estudar suas maneiras de ser, de se organizarem e de agirem, buscando colocar em discussão as questões que estão presentes nas construções dos homossexuais e que podem contribuir para criar, manter ou modificar as definições do que é a homossexualidade e o

homossexual. Com essa preocupação em foco, os grupos gays foram escolhidos como o *locus* privilegiado para essa pesquisa, visto que representam um dos locais de possibilidade dessas construções, mas principalmente porque tornaram-se os responsáveis por dizer as “verdades” do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual. A sociedade, de forma geral, fornece esse poder, que é assumido pelos próprios grupos que se sentem os únicos e os legítimos representantes dessa forma de expressão, assumindo para si esse poder e prazer de falar em nome de todos os homossexuais, de “revelar” as verdades, desencavar os segredos, “ensinar” comportamentos, proteger contra os perigos e eleger os inimigos.

Assim, o objetivo desse trabalho é verificar como os grupos estão contribuindo para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição dos membros como homossexuais, reforçando a sua institucionalização como locais autorizados para as definições das “verdades”. Esses aspectos tomam forma através dos comportamentos e dos pensamentos valorizados e recomendados. Como desdobramento, a idéia é analisar como estes grupos assumem a função pedagógica de conceber os homossexuais, se transformando em locais de disciplinamento, principalmente após a Aids. A associação com o Estado, a Medicina e a Educação contribuem para criar corpos dóceis e técnicas de poder para o trabalho de enquadramento, vigilância e controle. Até que ponto a relação entre disciplinamento e regulamentação no trabalho dos grupos está servindo para dar origem às normas, para criar um modelo ideal de homossexual, contribuindo para criar as diferenças na diferença?

Uma outra preocupação é procurar entender como os grupos estão investindo na organização de uma identidade homogênea de homossexualidade e como a produção dos discursos está servindo para esse enquadramento dos membros no modelo valorizado. Parece possível pensar que essas discussões estão reforçando discursos elaborados em outros tempos, inserindo o trabalho mais na repetição do que na produção de algo novo, entendendo os grupos mais como produtos do que produtores de uma sociedade e de uma cultura. Assim, a dedicação ao enquadramento, ao disciplinamento e ao controle está colocando em funcionamento mecanismos de interdição, dando um significado à homossexualidade e fornecendo um lugar aos homossexuais.

Para Certeau (1995) toda atividade humana pode ser considerada cultura. No entanto, para que possa ser entendida como tal, é necessário que as práticas sociais produzidas tenham significado para aqueles que as realizam e para os que estão em relação com essas práticas. O

trabalho dos grupos gays está situado em meio a um sistema de comunicação, produzindo regras, organizando os significados, a problemática, os comportamentos, as ideologias, e também os próprios participantes, contribuindo para caracterizar a sociedade brasileira como única e diferente das outras. “O desígnio que um grupo elabora traduz-se imediatamente por uma constelação de referências. Elas podem existir apenas para ele, não ser reconhecidas exteriormente. Nem por isso são menos reais e indispensáveis para que haja comunicação” (CERTEAU, 1995, p.34).

Do grupo emergem crenças que possibilitam a identificação e a elaboração em comum. Seus discursos implicam pontos de referências e histórias, que servem para fornecer o sentido de autoridade. Para que haja a construção dos grupos e dessa autoridade há necessidade de reconhecimento e de acordos tácitos entre os membros para que seja aberto um espaço em que possam se desenvolver. Isso revela o que há de mais frágil, de mais móvel e de mais fundamental na vida social: as invenções (CERTEAU, 1995). Essa pesquisa pretende explorar o que se mostrou como mais forte nos grupos: o seu aspecto paradoxal e busca ainda revelar a construção e o convívio da misteriosa fronteira entre o controle e a resistência, o encontro das diversidades e a imposição de uma identidade homossexual, o espaço permitido para a fala e a aquisição de um discurso em comum, o local para a expressão da homossexualidade e a construção do modelo ideal, enfim, o que poderia ser resumido entre o que há de mais positivo e o que há de problemático nestas organizações. Por um lado estão abrindo caminhos e, por outro, ajudando a fazer desses caminhos, lugares comuns, baseados em clichês já existentes.

Os movimentos sociais que associam o nascimento dos grupos, a definição da luta, a preocupação com a tomada de consciência dos membros e o poder de se expressar, surgem a partir da aceitação de autoridade, que quase sempre está embasada na experiência. E, com o grupo gay não é diferente. A experiência de ser homossexual, a vivência e a aceitação dessas práticas e a visibilidade conferem aos dirigentes a autoridade necessária para poder “falar em nome de”, para criarem um grupo, para colocarem em funcionamento o sistema de troca que vai organizar o seu funcionamento, que abre espaço para as experiências, para as falas e para a ação. E a autoridade se fortalece pelos discursos e pelas pessoas, que vão construindo significados em comum. Essas análises ampliam o foco desse trabalho que não se restringe aos grupos gays mas abrange a organização de qualquer grupo.

Pode-se afirmar ainda que toda autoridade é construída pela adesão, por um tipo de “crença”. É um acordo que fornece legitimidade ao poder dos grupos, uma convicção, que pressupõe controle dos significados, das ações, dos desejos, dos comportamentos, enfim, dos sujeitos. E esse acordo adquire mais força na medida em que está baseado na “crença” de que o grupo não tem dono e que é constituído pela troca, pela liberdade, pela garantia de que todos podem falar, podem partilhar suas experiências. E é isso que dá credibilidade ao grupo e disfarça os controles.

Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade sobre sua relação com os outros. Uma verdade sem sociedade é apenas um engodo. Uma sociedade sem verdade é apenas uma tirania. Assim como a dupla relação - com os outros e com uma verdade - mede o alcance “filosófico” do trabalho social (CERTEAU, 1995, p. 38-39).

A partir da citação de Certeau é possível entender o trabalho dos grupos gays como um diálogo com a sociedade, como seu produto e também seu produtor. Uma das finalidades que servem para organizar esses grupos é a possibilidade de reconstituir pelo discurso, pela construção dos significados em comum, uma crítica e desconstrução dos estereótipos, ao mesmo tempo em que se buscam construir novos significados.

Para Gay (1990) qualquer grupo que exerça poder e controle sobre seus membros tenta manter-se através da imposição de estilos de sentimento e de expressão. Ele força as vontades e os desejos a seguirem os caminhos considerados aceitáveis, tenta organizar as fantasias e os atos. “Os impulsos e as ansiedades do indivíduo fornecem a energia, mas é a cultura que fornece as matérias primas para as fantasias, arquitetadas de acordo com requisitos estéticos” (GAY, 1990, p.124). Os grupos gays recuperam um debate eterno e interminável entre a liberdade e o controle. Eles nasceram desse confronto. Muito de suas ações se organizam trazendo para a discussão essa luta, principalmente porque eles fazem parte de um contexto em que a construção dos sujeitos, do “eu” tornou-se uma necessidade reflexiva. Essa tarefa própria de uma sociedade construída reflexivamente deve ser realizada diante de uma grande variedade de opções e possibilidades, o que contribui ainda mais para a disputa entre liberdade e controle (GIDDENS, 2002).

O futuro é continuamente trazido para as discussões dos grupos, sobretudo por meio de mecanismos de conscientização, fazendo com que estes locais possam ser considerados como um tipo de organização reflexiva de produção de conhecimento, como ambientes de conhecimento.

Essa noção de estarem construindo um futuro melhor se constitui como uma das atitudes de confiança, desenvolvida em seu interior, servindo para uma ligação dos seus membros e a continuidade do trabalho. “Atitudes de confiança em relação a situações, pessoas ou sistemas específicos, e também num nível mais geral, estão diretamente ligadas à *segurança* psicológica dos indivíduos e grupos” (GIDDENS, 2002, p. 25). Há uma infinidade de possibilidades de respostas e de reações às questões e situações postas no cotidiano. É a construção de um referencial compartilhado da realidade que torna algumas respostas e reações como mais apropriadas e “aceitáveis”. O trabalho dos grupos gays se organiza nesse caminho: o sentimento de estarem compartilhando uma realidade é ao mesmo tempo forte e frágil. Isso porque eles lidam com respostas construídas por meios emocionais e não apenas cognitivos. O que alimenta o grupo, a troca de experiência, a construção compartilhada de realidade e, sobretudo, o comprometimento dos membros com a sua existência e sua manutenção são a confiança, a esperança e a coragem.

O grupo não é apenas um espaço, um endereço, uma reunião de pessoas, mas é formado por uma história, pelos limites e dificuldades, por um sentimento que anima o espaço, pelo desejo e pelos discursos que são capazes de construir. O “desejo é espaço – espaço imaginário que tende a se tornar real [...]” (ANZIEU, 1993, p. XIX). Todo grupo se organiza como metáfora do corpo. O futuro de um grupo e de seus membros está ligado à relação que se estabelece entre o corpo, a representação desse corpo e a realidade que é seu suporte e palco de atuação e de história (ANZIEU, 1993).

O drama do espaço, para o grupo e para o indivíduo, está nessa possibilidade frágil de estabelecer um elo entre o espaço imaginário e o espaço real, entre o espaço vivido – que é o corpo do homem – e sua imagem no espaço real. Esse elo é a construção do espaço simbólico (ANZIEU, 1993, p. XIX).

O grupo se torna o local em que os membros se encontram e mais do que isso onde “encontram” a felicidade de compartilhar não apenas as compreensões da homossexualidade, do desejo, mas também de dividirem as distrações, os conflitos, as decepções e as relações amorosas. Segundo Anzieu (1993) há três regras que possibilitam formar um grupo. A primeira é a “unidade de tempo”, ou seja, a definição de dias e horários para as reuniões, com duração regular e assiduidade. A segunda é a “unidade de lugar”, exigindo que os encontros aconteçam numa sala própria, determinando uma relação entre os membros e esse espaço. E, por último a

“unidade de ação”, que faz com que os participantes sejam chamados a participar não somente com a presença nas reuniões mas também em tarefas precisas, como por exemplo, a necessidade das falas e trocas de experiências, a responsabilidade por desenvolver algum tema, a participação nas ações públicas, entre outras. Tais unidades fornecem um caráter institucional aos grupos.

No entanto, o que possibilita a existência dessas três unidades é a força mobilizadora, que faz com que as pessoas permaneçam unidas, dando condição para a organização dessas três unidades. Nesse sentido, o que parece servir como impulsionador dos grupos e das reuniões é a idéia revolucionária que essa associação representa. Como aponta Touraine (1994) todo problema social é traduzido por uma luta entre o passado e o futuro. Como os grupos gays surgem a partir de um problema social - a homossexualidade e suas representações - também associa em suas ações, discursos, definições, trabalhos e o confronto entre o passado e o futuro, o que fornece esse caráter revolucionário à sua organização e ao seu trabalho, visto que estariam rompendo com o passado e preparando o futuro. E esse trabalho é feito pelos indivíduos, socialmente definidos. Assim, movimento social “é realizado por atores socialmente definidos e combatendo não apenas uma orientação cultural, mas uma categoria social particular” (TOURAINÉ, 1994, p. 248-249). “O sujeito só existe como *movimento social*, como contestação da lógica da ordem, tome esta uma forma utilitarista, ou seja, simplesmente a busca da integração social” (TOURAINÉ, 1994, p. 249).

O sujeito seria essa transformação do indivíduo em ator, o que é impossível de ser feito separando-o de sua situação social. Isso faz com que esse sujeito se traduza num modo de construção da experiência social (TOURAINÉ, 1994). Os grupos gays trabalham com essa idéia, seja na concretização dessa noção de ator ou na transformação do indivíduo em ator, ou seja, na construção dos sujeitos homossexuais. O ator que interessa ao grupo é o ator coletivo, que tem como maior defesa o sujeito, aquele que está constantemente ligado à sua situação como homossexual, que tem maior expressão na luta pelos direitos e dignidade de ser homossexual. O movimento gay associa um conflito social e um projeto, busca a realização de valores culturais e a identificação, luta e vitória sobre os inimigos sociais. Como destaca Touraine (1994) uma luta reivindicatória nem sempre se constitui como movimento social, podendo ser apenas uma pressão política e uma defesa corporativa. O que faz com que se torne um movimento social é a necessidade de defesa da construção de novos valores para a sociedade, sendo capaz de se tornar o defensor desses valores, assim como de identificar e lutar contra os adversários. Todos os

movimentos sociais guardam uma divisão em seu interior, o que se justifica pelo fato de que nenhum deles pode falar e servir a todos conjuntamente e da mesma forma, já que se tratam de subjetividades.

Essa dedicação dos grupos gays na construção do sujeito homossexual pode ser identificada pelo seu trabalho, centrado na reflexão do indivíduo sobre sua própria identidade. Para Touraine (1994) o sujeito é o resultado dessa reflexão do indivíduo sobre sua identidade. O “*sujeito é um movimento social*”, visto que ele se constitui na consciência de Si-mesmo a partir da crítica à sociedade. Ele é o gesto de resistência, capaz de se distanciar dos seus papéis sociais e de contestar (TOURAINÉ, 1994). Embora essa noção de construção de sujeito esteja presente nas intenções dos grupos, isso não significa que haja a garantia de sua concretização. Neste caminho, a obra de Foucault se torna inspiração para analisar como esses espaços vêm se tornando eficientes para articular os poderes e os saberes que estão circulando na sociedade com os que são produzidos e ensinados pelos grupos.

Os saberes construídos pelos grupos se manifestam através dos discursos tidos como verdadeiros, aceitos e positivos. Foucault (1999) foi o primeiro a defender a necessidade de se questionar e descobrir como nos tornamos, desde a Modernidade, aquilo que somos, como nos transformamos em sujeitos de conhecimento e como assujeitados ao conhecimento, o que serve para entender e situar o trabalho dos grupos gays. O sujeito foi se tornando o novo objeto de discurso, como aquele que produz e é produzido pela linguagem, pelo conhecimento e pelas verdades. Para Foucault (1999), o sujeito não é produtor dos saberes mas seu produto, ele é construído no interior dos saberes. Como os grupos estão se organizando para construírem o sujeito homossexual? Quais mecanismos e estratégias estão utilizando para isso? Quais os resultados desse trabalho? Essas são algumas questões do pensamento foucaultiano que podem estar, de certo modo, vinculadas ao foco das investigações.

Nesta pesquisa, o objetivo é dar conta de como o grupo e a homossexualidade vêm a ser o que são e não apenas explicá-los ou interpretá-los. É entender os discursos produzidos em relação a um conjunto de enunciados que se fortalece em meio a um sistema de formação (FOUCAULT, 1999, 2002). Dessa forma, mais do que simplesmente uma análise da constituição dos grupos gays e sua relação com a construção dos sujeitos homossexuais, intenciona-se questionar a respeito desse sistema de formação mais amplo que organiza nossos discursos e nossa sociedade, como se estabelece toda uma rede discursiva sobre a homossexualidade e sobre o grupo, com o

sentido de capturá-los e de definir determinados tipos de saberes, que constroem um certo tipo de homossexual e também ensinam como lidar com ele.

É importante destacar que esta pesquisa parte do princípio de que não existem questões com respostas definitivas e acabadas e, principalmente, que não é produtivo forçar respostas e nem mesmo assumir um caráter salvacionista e messiânico, por mais que isso esteja presente nos discursos dos grupos. A crítica presente aqui não visa acusar e nem tampouco lastimar o trabalho dos grupos, visto que isso seria assumir a existência de verdades, de um caminho e de um mundo melhor em relação ao que está posto e que a análise poderia dar conta. Neste sentido, espera-se contribuir para reativar a crítica que é sempre permanente.

O trabalho pode ser entendido como um conjunto de ensaios que dialogam entre si, através da escolha de uma linha condutora: a construção dos discursos dos três grupos investigados a respeito da homossexualidade masculina. Em cada ensaio foram utilizadas as vozes que emergem das reuniões, palestras e material escrito, ou seja, momentos privilegiados de produção dos grupos e onde os discursos apareciam e que serviram para exemplificar o que se pretendia analisar. As escolhas desses exemplos basearam-se no que parecia mais representativo do material coletado durante a pesquisa, explicando-se deste modo, o uso das gírias que aparecem nos grupos e que estão presentes no texto e nos subtítulos, que têm a intenção de romper com o discurso acadêmico.

A primeira parte é dedicada à história dos grupos gays escolhidos para a coleta de dados, assim como sua forma de organização, atuação, expansão, conflitos, sub-grupos criados a partir deles, objetivos, pauta de discussão, enfim, é o momento de construção de um panorama das instituições que servirão de análise.

A segunda parte analisa a importância que o desejo tomou na definição da homossexualidade. Que idéias de desejo estão sendo colocadas em jogo e que estão servindo para identificar a homossexualidade? Passando a limpo a história da construção da homossexualidade, foi possível identificar como a construção do desejo e a noção de amor estão presentes para dar origem ao personagem homossexual. Como as respostas possíveis à questão título “Quem sou eu e que espaço ocupo?” estão determinadas por um entendimento do desejo, com a identificação do desejo a um grupo, que dá origem à homossexualidade e ao homossexual.

Na terceira parte a preocupação central é com o processo de construção da identidade homossexual. Pensando a construção histórico-discursiva das homossexualidades, a intenção é

verificar como os grupos estão trabalhando na problematização das práticas e discursos que estão construindo as imagens e identidades dos homossexuais presentes na cultura. Neste sentido, a importância é discutir como esses grupos estão servindo para construir a homossexualidade, num processo muito mais de reprodução do que de contestação, demonstrando como eles fazem parte de algo mais complexo. Os grupos fazem parte de uma cultura, de uma história, de uma sociedade e de um tempo que são inegáveis e que são constantemente revelados na sua organização, nas suas práticas e em seus discursos.

O ensaio que compõe a parte quatro se organiza a partir das dicotomias presentes nos discursos dos grupos gays e que estão servindo para organizá-los, embora não se tenha consciência disso. A intimidade, a relação público e privado, masculino e feminino, “bicha-banheiro” e o militante, passado e presente e a herança moderna são os aspectos analisados quando se coloca em foco os discursos produzidos pelos grupos na tentativa de buscar entender e construir “verdades” a respeito do que vem a ser a homossexualidade e o homossexual. Esses três últimos ensaios tomaram como base as reuniões ocorridas no interior dos três grupos que serviram à pesquisa.

Um outro momento privilegiado de produção dos discursos e de fundamental importância para os grupos, refere-se ao investimento para falar, apresentar-se, levar suas “verdades” para outros espaços, que comumente não ocupam, como Universidades, sindicatos, escolas, shoppings-centers, ou seja, ações que se colocam além dos grupos. É a organização dessa militância que é o objeto de análise dessa quinta parte. Utilizando três momentos específicos dos três grupos que participaram da pesquisa - uma palestra numa universidade pública, a organização de uma manifestação em um Shopping-center e uma entrevista com o coordenador de um projeto em escolas públicas - foi possível verificar a importância desses momentos para a própria existência e manutenção dos grupos e da homossexualidade.

Por último, foi analisado um outro investimento importante para os grupos: a produção de materiais escritos. Diferente de quando ocorre a reunião, em que os discursos vêm no calor da emoção, improvisados, sujeitos aos deslizamentos, às contradições, organizando a própria vivência e história de vida, no momento em que escrevem há um comprometimento maior. Primeiro porque se trata da aquisição de um poder diferente, a partir do momento em que assumem o papel de educar, de ensinar, de transmitir pela escrita o que consideram apropriado, valorizado e

“verdadeiro”. Segundo porque são discursos produzidos com um tempo que permite a organização do pensamento e a reflexão.

A junção dos tópicos selecionados neste estudo buscam fornecer um retrato dos três grupos gays, no investimento de construção da homossexualidade tentando verificar em que medida estariam eles contribuindo para responder às duas questões centrais: “Quem sou eu? Que lugar ocupo?”

1 OS GRUPOS GAYS ANALISADOS

Os grupos gays surgem num contexto histórico e social importante para a História do Brasil - em meio ao processo de abertura política (FRY, 1985). Entre 1979 e 1980 a militância homossexual se sobressai (MAcRAE, 1990).

Estava em processo uma sensível mudança na maneira como a homossexualidade se relacionava com os outros valores da sociedade. A transformação ocorria não só no comportamento dos adeptos de práticas homossexuais, como também no relacionamento do resto da sociedade para com eles. Surgiam grupos de militância política formados por indivíduos que se identificam publicamente como homossexuais e que procuravam conduzir conscientemente uma dupla alteração: elaborando novas formas de representação do homossexual na sociedade, através de grupos de reflexão; e procurando, através de grupos de atuação, difundir pelo resto da sociedade os novos valores criados (MAcRAE, 1990, p. 33-34).

Nessa história de criação dos grupos gays, o aparecimento do jornal *Lampião*, na cidade do Rio de Janeiro merece destaque. Surgido em 1978 pela iniciativa de jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, vai preparar terreno para o nascimento dos grupos, trazendo uma tentativa original de discutir a homossexualidade, procurando relacioná-la com as demais minorias que também se organizavam diante do abrandamento da censura. Juntamente com essa iniciativa, circulava em São Paulo no jornal *Última Hora*, a “Coluna do Meio”, assinada pelo jornalista Celso Curi, que se dedicava a publicar “fofocas” e informações sobre o meio homossexual (FRY, 1985). As duas formas de manifestação pública demonstravam que a homossexualidade começava a ser reconhecida nas suas reivindicações.

Já no mesmo ano de surgimento do jornal *Lampião*, nasceram os primeiros grupos gays. Em São Paulo, um grupo de artistas, intelectuais e profissionais liberais começou a se reunir semanalmente para discutir as questões que envolviam a homossexualidade, que resultou na primeira manifestação pública, através de uma carta ao Sindicato dos Jornalistas contra o tratamento que a imprensa dava à homossexualidade. Surgia dessa reunião o grupo SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual (TREVISAN, 2000; FRY, 1985; GREEN, 2000). Seus participantes começaram a aparecer em debates públicos, demonstrando a intenção de se legitimar como interlocutores na discussão dos grandes assuntos nacionais. Segundo Fry (1985),

essa “experiência catártica” serviu para aumentar a confiança dos participantes e fornecer o impulso necessário para a formação de novas organizações em outras cidades do país.

Em 1980 aconteceu em São Paulo o primeiro encontro dos grupos gays existentes no Brasil, para discutirem idéias sobre a identidade homossexual, a relação dos grupos com os partidos políticos e as formas de atuação e organização. O encontro, as discussões e as propostas demonstraram a existência do movimento homossexual e sua autonomia em relação às questões políticas (FRY, 1985). Nesse encontro, reiteraram o seu apoio ao feminismo, contra qualquer tipo de machismo, inclusive aquele reproduzido nas relações homossexuais através da dicotomia ativo/passivo, “bofe/bicha”, propondo nova identidade homossexual baseada nas relações sexuais e afetivas mais igualitárias.

Rejeitando tanto o termo gay como o “entendido”, fortemente difundido entre as classes sociais mais abastadas (GUIMARÃES, 2004)¹, os primeiros grupos adotaram o popular “bicha”. Despontava uma “nova bicha”: militante e consciente. A intenção era desconstruir as conotações negativas dessa palavra, assumindo publicamente uma homossexualidade mais consciente. Posteriormente essa estratégia foi revista, sobretudo após o nascimento do GGB (Grupo Gay da Bahia) (FRY, 1985).

Ao mesmo tempo em que surgiram, compondo o movimento homossexual, com fortes propósitos de repensar a identidade homossexual, combater a discriminação e o preconceito e tornar a homossexualidade mais visível, a imprensa e o setor comercial passaram a se interessar por esse público. A associação desses aspectos foi responsável pela crença, muito difundida ainda hoje, de que a homossexualidade aumentou, de que a atuação dos grupos resultou na transformação de sua aceitação e de sua representação.

Em 1995, por iniciativa de alguns grupos gays foi fundada a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros)². Essa associação conta, atualmente, com 144

¹ Em um trabalho pioneiro de Mestrado em Antropologia Social, defendido em 1977, no Museu Nacional da UFRJ, a autora trabalhou a utilização do termo “entendido” por homossexuais de classe média da zona sul na cidade do Rio de Janeiro, argumentando como esse termo era uma forma de vivenciar práticas homossexuais, ao mesmo tempo que representava uma forma de diminuir o estigma da palavra homossexual, rejeitando vigorosamente o termo “bicha”.

² Em 2003 foi possível participar do EBGLT (Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros) que ocorreu em Manaus. O encontro acontece a cada dois anos, sendo a oportunidade de eleição da nova direção da ABGLT e o encontro de todos os grupos gays organizados no Brasil, independentemente de serem filiados à Associação. Todo encontro é financiado pelo Ministério da Saúde, que arca com as despesas de viagem e hospedagem para representantes de todos os grupos do Brasil. Neste encontro foi possível conhecer a diversidade de grupos que compõem o Movimento Homossexual no Brasil, assim como suas separações, contradições e a atuação de liderança dos três deles que fazem parte dessa pesquisa.

associados espalhados pelo território nacional³, o que não representa a totalidade de grupos existentes no Brasil, já que alguns não se filiaram a essa organização por discordarem de suas finalidades, políticas e ações, compondo o que seria oposição a essa instituição que é reconhecida pelo governo como a legítima representante dos grupos gays organizados. Tendo conhecimento dessa diversidade de grupos e posições, quando os Ministérios têm que recorrer ou buscam se associar ao movimento gay, eles não se limitam a entrar em contato com a ABGLT, mas estendem seus convites a outros grupos reconhecidos e que não fazem parte da associação. Atualmente, segundo os dirigentes do MGM, grupo não filiado a ABGLT, existem no Brasil aproximadamente 500 grupos, abrangendo as mais diversas realidades: os filiados a ABGLT, os não filiados, os grupos “fantasmas” (que existem apenas no papel), os que não estão constituídos legalmente mas que exercem algumas funções, enfim, uma diversidade de grupos e ações que compõem no seu conjunto o que se chama “movimento homossexual”. Assim, dar conta desse movimento, em toda sua abrangência, é uma tarefa difícil que essa pesquisa não tem a pretensão de fazer.

Neste estudo as análises se concentrarão em três grupos gays organizados⁴, legalmente constituídos, situados em três estados diferentes da Federação, com realidades, objetivos e histórias que se aproximam em alguns pontos e que se distanciam em outros: o MGM (Movimento Gay de Minas) de Juiz de Fora/MG, o CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor) da cidade de São Paulo e o GGB (Grupo Gay da Bahia) de Salvador/BA. Eles servirão como coleta de dados⁵ para as questões norteadoras dessa pesquisa, ou seja, investigar-se-á que discursos estão sendo produzidos nesses grupos, que servem para construir a homossexualidade, o homossexual e a noção de grupo, e como isso está servindo para fortalecer a

³ Números colhidos na página da Associação na Internet.

⁴ A pesquisa iniciou com a pretensão de pesquisar quatro grupos, incluindo além dos três que serão mencionados no trabalho, o grupo Diversidade de Campinas. Esse grupo estava sendo formado no ano de 2003, por iniciativa de estudantes homossexuais da Unicamp, com a proposta de vincular a discussão a respeito da homossexualidade com os conhecimentos adquiridos em seus cursos. Foi possível acompanhar três reuniões do grupo no primeiro semestre de 2003, mas o dia escolhido para reunião se chocou com o dia do MGM, de forma que foi necessário fazer uma opção e abandonar o Diversidade. A escolha pelo MGM se baseou na maior facilidade de acesso e por já fazer parte da pesquisa o grupo CORSA, também do estado de São Paulo.

⁵ A fase de coleta de dados da pesquisa foi realizada nos anos de 2003 e 2004, através de visitas, uma vez por mês, escolhendo-se os dias reservados para a reunião dos homossexuais masculinos. Estas reuniões eram gravadas em fitas VHS, com a autorização dos participantes. Devido à obrigatoriedade de permanência nas cidades, que eram distantes, foi possível a observação do funcionamento dos grupos em suas sedes. Assim, a coleta de dados não se limitou às reuniões, mas foi enriquecida por observações de outros eventos e do trabalho cotidiano, pela participação em conversas informais e momentos festivos e pela consulta aos materiais impressos produzidos, aos estatutos e às páginas que os grupos mantinham na Internet. Além disso, foram realizadas entrevistas com os coordenadores dos projetos, que estavam em vigor.

necessidade de produção de discurso sobre as experiências, as sexualidades, os desejos e os sujeitos. Este trabalho não se refere ao movimento homossexual, posto que este tem uma outra abrangência e é muito mais diverso e rico do que o que se percebe nesses três grupos. Ressalta-se no entanto, que a escolha pelos referidos grupos não significa o empobrecimento das análises, visto que são extremamente atuantes, importantes e representativos do que é o movimento homossexual nos seus estados, exercendo cada um deles o papel de orientador e vanguarda, servindo de exemplos para outros grupos no Brasil. Na realidade, essa opção baseou-se fundamentalmente na história de criação, nas ações, na visibilidade nacional e na importância destes grupos para o Brasil.

1.1 MGM – Movimento Gay de Minas

O MGM nasceu em 2000 como resultado do JF *Rainbow Fest* e tem sede em Juiz de Fora/MG. Em 1998, um casal de namorados resolveu criar um evento - JF *Rainbow Fest* - que reunia palestras, mesas-redondas, teatro, lançamento de livros e outras atividades culturais que visavam colocar em discussão as questões que envolviam a homossexualidade. A intenção era realizar essas atividades na semana do Miss Brasil Gay, concurso que acontece, anualmente em Juiz de Fora, desde 1973, e que é responsável por trazer para a cidade um grande público. Segundo os seus idealizadores, o objetivo era aproveitar o grande número de pessoas que iam para rua ou que estavam presentes na cidade e propor algo mais informativo que fosse capaz de colaborar “na conscientização e no respeito à realidade dos homossexuais”⁶, sobretudo no que diz respeito à prevenção da AIDS.

Depois de dois anos de realização do evento, militantes de outros grupos gays organizados no Brasil e que eram convidados a participar, insistiam na criação de um grupo em Juiz de Fora. Concordando com a necessidade de um trabalho mais duradouro, os organizadores começaram a pensar nessa proposta e a buscar ajuda em outros grupos já existentes. “Naquele tempo, a gente não fazia idéia do que era trabalhar com uma ONG gay. A gente nem sabia como captar recurso”, relembra o atual presidente do MGM, Oswaldo Braga. Merece destaque a articulação existente entre os grupos, de forma que seus membros funcionam como “padrinhos” uns dos outros,

⁶ Palavras de Oswaldo Braga e Marco Trajano a respeito dos objetivos que motivaram a criação do JF *Rainbow Fest*.

facilitando a troca de informações na tentativa de aumentar o número dos que se encontram espalhados no Brasil. O maior exemplo disso é o Projeto SOMOS, dirigido pelos membros da ABGLT⁷, que tem como função a capacitação de novos agrupamentos.

A partir destes registros, em 2000 foi inaugurado o Centro de Convivência do Cidadão Homossexual de Juiz de Fora, dando vida ao MGM, uma ONG sem fins lucrativos, como se encontra em seu estatuto. Ainda hoje esse Centro é a sede do MGM, que conta, desde o seu início, com o financiamento do Ministério da Saúde. Toda estrutura do MGM está organizada a partir desse Centro de Convivência. De acordo com o que é divulgado nos meios de comunicação do grupo, o objetivo desse Centro e do próprio grupo é a luta pela cidadania, combate ao preconceito, trabalho de prevenção à AIDS, além de servir como um espaço de sociabilidade para os homossexuais. Para isso, o Centro conta com atividades como o trabalho de atendimento psico-social, assistência jurídica, local de trabalho para a realização dos projetos, *cyber-café* e as salas onde ocorrem as reuniões semanais dos homossexuais masculinos. Na sede do MGM são distribuídos gratuitamente preservativos masculinos e gel lubrificante, como parte das atividades de prevenção à Aids⁸.

As reuniões são momentos privilegiados para os grupos, merecendo cuidados especiais, tais como preocupação com o número de integrantes, organização de um cronograma de discussão e a garantia da participação unânime. Nas palavras de Oswaldo Braga elas possibilitam ampliar as amizades, encontrar parceiros e “conversar sobre assuntos que, muitas vezes, não teriam com quem conversar”. No MGM elas acontecem às quintas feiras, à noite. A cada semana, um dos participantes do grupo ou convidado fica com a responsabilidade de organizar a reunião, desenvolvendo o tema proposto, que é previamente definido pelos membros, na primeira reunião do ano, assim como os seus responsáveis. Quase sempre essa organização segue um roteiro que inclui uma introdução ao tema, o desenvolvimento feito pelo responsável e o debate, momento mais longo e rico, em que aparecem as narrativas de histórias de vida, casos ocorridos com conhecidos, relatos de experiências, julgamentos de ações e definição de comportamentos. Embora haja a preocupação em organizar grupos de discussão de lésbicas e adolescentes, o MGM

⁷ ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros. Essa associação engloba grande parte dos grupos gays organizados no Brasil.

⁸ Essa é uma prática muito comum em quase todos os grupos gays organizados. Dos três pesquisados, apenas o CORSA não contava com essa distribuição, talvez porque no ano de coleta de dados, ainda não tivesse uma sede própria, utilizando um espaço que durante a semana era um consultório de psicologia. Nos demais, esse trabalho de distribuição de preservativos era resultado de uma associação desses grupos com o Ministério da Saúde.

conta apenas com o grupo de homossexuais masculinos⁹, o que pode ser justificado pela ausência de lideranças lésbicas e adolescentes capazes de congregar o grupo, como ocorre com os homossexuais masculinos, que sempre contam com a presença de um dos dois dirigentes e fundadores do MGM, identificados e reconhecidos por todos como líderes. De acordo com Oswaldo Braga, “as reuniões são um bom começo para mudança. As pessoas vêm e descobrem que não é massante, que é gostoso participar e falar de assuntos que, muitas vezes, elas não conversam com ninguém”. Para os dirigentes, as reuniões representam a grande oportunidade para um trabalho que visa aquisição de consciência política.

Além do *Rainbown Fest* - que é o grande momento de visibilidade e o grande orgulho de ação do grupo - e as atividades do Centro de Convivência Homossexual, o MGM também promove festas, com utilização do espaço do Centro à noite. A sede conta com um equipamento completo para a realização de um projeto de Estação de Rádio¹⁰ e com toda aparelhagem própria de uma boate. Assim, o local das reuniões se transforma numa boate, com direito a luzes, som, telão, palco para shows de transformistas, bar, mesas espalhadas e pista de dança. Outra promoção que está na pauta de trabalho do MGM é a organização da Parada do Orgulho Gay, que nesse ano de 2005, será a terceira, que ocorre como encerramento do JF *Rainbow Fest*.

Em contato com o grupo, pode-se tomar conhecimento do que é defendido como objetivos principais e das áreas prioritárias de ação. Para o MGM essas duas questões se traduzem em promover atividades que valorizem os homossexuais na sociedade e em empreender lutas por seus direitos contra a discriminação e o preconceito, priorizando áreas como a divulgação, assistência social, pesquisas, intercâmbio e *advocacy*.

A área de **DIVULGAÇÃO** pretende informar à sociedade sobre a real situação dos homossexuais, seus problemas e seus objetivos. A meta é buscar o apoio da sociedade para a luta contra a discriminação e o preconceito por orientação sexual. Os programas de divulgação são uma tentativa de se garantir a cidadania dos homossexuais.

⁹ Essas informações dizem respeito aos anos de 2003 e 2004, período em que foi realizada a pesquisa e que serviram para a análise. Na verdade, no ano de 2003 existia um grupo de adolescentes constituído apenas de um membro, o que fez com que essa idéia não evoluísse. Atualmente o MGM conta com grupos tanto de lésbicas quanto de adolescentes.

¹⁰ Esse Projeto de criar e colocar em funcionamento uma Estação de Rádio foi aprovado no ano de 2005, pelo Ministério da Saúde, que financiou a compra de todo equipamento e a reforma do espaço para possibilitar a instalação. No ano de 2005, o MGM teve dois projetos aprovados pelo Ministério, ou seja, além desse primeiro um outro que possibilitou a criação de uma revista mensal. Um dos pontos desse projeto da revista foi a contratação de bolsistas de Comunicação Social e de um editor chefe.

A **ASSISTÊNCIA SOCIAL** dá apoio aos cidadãos homossexuais em questões psicológicas, médicas, profissionais, jurídicas, securitárias, funerárias, educacionais e de segurança. Outra ação proposta pelo MGM é incentivar e financiar o surgimento de pesquisas com o objetivo de melhorar as condições de vida dos homossexuais.

Os programas de **INTERCÂMBIO** promovem a troca de informações e tecnologia com instituições nacionais e estrangeiras similares ao MGM. Essa troca acontece através de organização e participação em feiras, congressos, seminários, estágios, viagens, acordos de cooperação e publicação de pesquisas realizadas pela ONG.

A área de "**ADVOCACY**" visa a fornecer aos dirigentes políticos e judiciários informações e pesquisas que tenham o objetivo de melhorar as condições de vida dos homossexuais. A intenção é buscar amparo legal para a diminuição do preconceito e da discriminação contra gays e lésbicas, garantindo seus direitos humanos.

No Estatuto do MGM é possível encontrar os 10 Fundamentos, as “coisas em que o MGM acredita” e que servem de base para organizar todas as atividades do grupo: “1. Homossexualidade não é doença. 2. Homossexualidade não é pecado. 3. Os homossexuais possuem os mesmos direitos e deveres dos cidadãos heterossexuais. 4. Homossexuais merecem os mesmos direitos humanos que quaisquer heterossexuais. 5. Homossexualidade não é motivo para discriminação no trabalho, na família, na escola, nos serviços e locais públicos ou em qualquer outro ambiente. 6. Governos devem tomar a frente no sentido de desenvolver ações que visem à diminuição dos preconceitos e da discriminação contra os homossexuais. 7. Homossexuais não devem ter tratamento diferenciado em relação aos heterossexuais, 8. Homossexuais devem ser livres para se organizarem e lutarem pela promoção de seus direitos. 9. Governos devem se preparar e intensificar sua luta contra ações homofóbicas no sentido de acabar com a violência contra os cidadãos homossexuais e 10. Todo ser humano é livre para mudar de opinião e de orientação sexual a qualquer momento de sua vida”.

1.2 CORSA – Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor

O grupo CORSA é uma associação civil sem fins lucrativos, fundado em 1995, em São Paulo. A idéia de criar um grupo de homossexuais masculinos surgiu a partir da união de sete pessoas - homossexuais assumidos - que faziam terapia de grupo com o mesmo psicanalista.

Ainda hoje alguns desses fundadores permanecem no grupo, atualmente dirigido por um deles - Luiz Ramires, o “Lula”. Nos documentos de apresentação do grupo, como *site* na Internet e panfletos, é assumida como principal missão a conscientização e a emancipação das minorias sexuais. Mantendo a “herança” dos encontros terapêuticos que originaram o grupo, os encontros seguem as mesmas metodologias dessas práticas, transformando-se numa entidade que parte sempre das experiências pessoais vividas pelos seus membros, buscando chegar a construções de consenso que impliquem em alguma forma de intervenção externa, definições e “verdades” do grupo.

Dele constam reuniões de homossexuais masculinos, o que não impede que mulheres e homens, independentes de suas orientações sexuais, participem, o que quase nunca acontece, exceto quando algum convidado ou outra pessoa¹¹ é levada ao grupo por algum motivo específico. Realizam encontros uma vez por semana, com debates de temas previamente escolhidos pelos participantes, envolvendo tópicos considerados importantes para as questões pertinentes à homossexualidade masculina. Até o ano de 2001, contava com uma sede no Centro de São Paulo, quando participava efetivamente da organização da Parada do Orgulho Gay da cidade¹². Em função de disputas internas, o CORSA se desmembrou, mantendo-se no grupo que seguiu com esse título, os seus fundadores. Como consequência dessa disputa, ficou sem sede, passando quase um ano se reunindo em diferentes lugares, utilizando as casas de seus membros, com graves dificuldades financeiras para se manter e sobreviver. A parceria antes firmada com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, num projeto de capacitação de professores a respeito das questões da sexualidade, intitulado “Educando para a diversidade”, acabou por perder seu financiamento. Somente no ano de 2003, conseguiu uma sede provisória e começou a se reestruturar, sobretudo com ações externas de militância, o que contribuía para demonstrar que permanecia vivo¹³.

Os temas são escolhidos pelos membros que organizam a programação mensal dos encontros, diferente dos outros grupos que definem a programação anual. Os assuntos acabam

¹¹ Uma das reuniões do grupo, por exemplo, contou com a presença de uma educadora que trabalhava numa instituição de assistência a menores infratores na cidade de São Paulo. Sua participação tinha intenção de buscar conhecimento, ajuda e mesmo caminhos para lidar com um problema que estava enfrentando um aluno que se identificava como mulher e que era extremamente discriminado pelos outros meninos.

¹² Na realidade o CORSA foi um dos grupos, ou o local em que surgiu a idéia de realizar a primeira Parada do Orgulho Gay de São Paulo, ficando responsável por sua realização durante os primeiros anos.

¹³ A pesquisa foi realizada exatamente nessa passagem do período mais difícil em que o grupo estava sem sede, sem financiamento e buscando se reestruturar, momento em que encontrou uma forma provisória de se encontrar e voltar a atuar.

girando em torno da associação entre homossexualidade e trabalho, escola, luta por reconhecimento jurídico e direitos civis, visibilidade, estereótipos, prevenção, auto-estima, enfim, discussões que não fogem do que acontece nos outros grupos pesquisados. As reuniões contam com um primeiro momento de fala do membro ou convidado que ficou responsável pelo tema do dia, seguida do debate ou plenária, em grupos menores ou individualmente. No entanto, nem sempre esses encontros se limitam a palestras ou debates, acontecendo em algumas ocasiões algo de caráter mais festivo, como almoços, ou outras comemorações. Na fase de reestruturação em que não contava com nenhum projeto financiado por órgão público, as despesas com o aluguel da sede eram sanadas na tentativa de angariar recursos entre os seus membros e amigos através da organização de tais eventos festivos.

Segundo os seus dirigentes¹⁴, o objetivo de reuniões com a metodologia assumida pelo grupo, que se assemelha a encontros terapêuticos, “é fazer com que os participantes percebam que, além das formas “socialmente aceitas”, existem outros caminhos para pensar sobre e lidar com essas questões e também buscar dar conta das implicações sociais e políticas dos problemas, que consideravam meramente individuais”. A intenção assumida é encorajar os membros a construir suas próprias opiniões, sendo capazes de expressá-las em defesa do grupo. Uma das tradições e preocupações presentes, desde sua fundação, é a realização de ações externas com o objetivo de enfrentar situações percebidas como injustas ou distorcidas, o que contribui para que se mantenha constantemente na mídia, sendo um dos mais atuantes na cidade de São Paulo. Em função disso, um de seus grandes orgulhos, constantemente propagado, é sua participação juntamente com outros grupos de direitos humanos dos homossexuais, assim como a organização da primeira Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros da cidade de São Paulo.

Por essas razões, o grupo CORSA é frequentemente solicitado por diversos segmentos da sociedade e das esferas governamentais para participarem de eventos e debates em que as questões que envolvem a homossexualidade estão em pauta. Nessas ocasiões, faz-se representar pelo conjunto de dirigentes que são eleitos para o mandato de um ano e que são responsáveis por organizar as reuniões e representar o grupo publicamente.

O CORSA faz parte do Fórum de ONG's (Fórum HSH de São Paulo) que trabalha com a prevenção de Homens que fazem sexo com Homens, que congrega diversos grupos e órgão

¹⁴ Palavras retiradas da página do grupo na Internet - <http://www.corsasp.org/>

públicos com atenção especial para saúde, educação, segurança pública e direitos humanos. Um de seus projetos é manter-se em constante contato com os grupos GLBT de São Paulo, sobretudo através da divulgação de sua programação pelos *flyers* e pela página na Internet. Através destas atividades, divulga também as suas finalidades essenciais, que estão definidas em seus documentos e que são as seguintes:

- Resgatar, incentivar e fortalecer a CIDADANIA plena das minorias sexuais.
- Fortalecer o ORGULHO enquanto expressão de dignidade e auto-estima das minorias sexuais.
- Promover e garantir o RESPEITO e aceitação mútua das diferentes expressões de sexualidade entre os seres humanos.
- Promover e incentivar a SOLIDARIEDADE às vítimas de toda e qualquer opressão, violência física e/ou moral, preconceito e discriminação contra as minorias sexuais.
- Incentivar as mais diversas formas de AMOR entre os seres humanos.

1.3 GGB – Grupo Gay da Bahia

O GGB – Grupo Gay da Bahia – é o mais antigo grupo organizado, em funcionamento hoje no Brasil. Fundado por Luiz Mott em 1980, o GGB registrou-se como sociedade civil, sem fins lucrativos, em 1983, sendo declarado de “utilidade pública municipal”, em 1987. É membro da Associação Internacional de Gays e Lésbicas, da Associação de Negros e Brancos Juntos e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). Desde o início, organizou-se como uma entidade que busca congregar homossexuais de ambos os sexos, que têm como objetivo discutir e lutar em benefício da liberdade sexual em geral e, mais especificamente, trabalhar pela causa homossexual.

São três os seus principais objetivos¹⁵:

- i. a defesa dos “interesses da comunidade homossexual da Bahia e do Brasil, denunciando todas as expressões de homofobia (ódio aos homossexuais), lutando

¹⁵ Texto retirado de um panfleto com a finalidade de divulgar o trabalho do GGB, de que consta um pequeno histórico de sua criação, seus objetivos, organização, funcionamento, principais atividades e a relação dos textos produzidos.

contra qualquer forma de preconceito e discriminação contra gays, lésbicas e travestis”;

- ii. a divulgação de “informações corretas sobre a homossexualidade, substituindo o complô do silêncio contra “o amor que não ousava dizer o nome”, por um discurso científico e politicamente correto, lutando pela prevenção da Aids junto às minorias sexuais”;
- iii. a conscientização do “maior número de homossexuais da necessidade urgente de lutar por seus plenos direitos de cidadania, fazendo cumprir a Constituição Federal que garante a todos brasileiros tratamento igualitário”.

As ações são desenvolvidas no grupo através da organização de vários sub-grupos, com dias específicos de reunião, projetos próprios, ações específicas, que no conjunto formam o GGB. Independente dessas separações, alguns princípios servem para nortear todo trabalho e revelam como atua o GGB. Primeiro “discutindo e aprofundando o conhecimento da homossexualidade em todas as manifestações e dimensões, através dos ensinamentos da Ciência” e da experiência. Segundo, “procurando atingir o maior número possível de gays, conscientizando-os da necessidade de se organizarem e de defenderem seus direitos de cidadãos plenos com os mesmos direitos que os outros cidadãos”. E o terceiro princípio trata da luta contra todas as formas de preconceito e discriminação de que são alvo os homossexuais, denunciando publicamente os agressores e tentando impedi-los, através dos meios legais”¹⁶ que julgam mais adequados.

Quanto sua constituição, o GGB é dirigido por um colegiado composto de 6 coordenadores e de 6 conselheiros, eleitos para um mandato de quatro anos. Estes responsáveis pela entidade, falam em nome do grupo, mantêm o patrimônio e zelam pelo funcionamento interno. Acrescenta-se um grupo de homossexuais masculino, outro de adolescentes - como parte do Projeto Se Ligue -, e ainda um terceiro de travestis e transsexuais, um de lésbicas e um último de homossexuais negros praticantes das religiões afro - o Grupo Gay Negro Quibanda-Dudu¹⁷.

¹⁶ Essas três formas que explicam como o GGB atua estão expostas numa publicação do grupo que reúne os textos produzidos pelo grupo em comemoração aos dez anos de sua existência. O material foi organizado pela Editora do GGB em 1990.

¹⁷ Nesta denominação foram empregados termos provenientes das duas culturas africanas de maior influência da formação do povo brasileiro. Quibanda da língua de Angola, que significa “feiticeiro homossexual” e Dudu, da língua yorubá ou nagô que quer dizer “negro”. Criado em 1995, por líderes negros-homossexuais, que faziam parte do grupo de homossexuais masculinos, o grupo busca relacionar as questões da homossexualidade com discussões que envolvem raça e situação econômica.

Todos realizam uma reunião por semana em dias alternados, exceto o de homossexuais negros que se reúne uma vez por mês.

As reuniões de todos os grupos de homossexuais masculinos seguem uma mesma metodologia. Inicia com a leitura de notícias da semana referentes à homossexualidade, seguida do planejamento das atividades de luta contra a discriminação dos gays, discussão de um tema previamente definido com o responsável também escolhido anteriormente e por último o debate, em que aparecem as experiências pessoais, as tomadas de posição, as propostas de atuação. Os temas de reunião do GGB e seus devidos responsáveis, que podem ser membros do grupo ou convidados, de acordo com o tema, são organizados numa agenda anual.

Em 1990, em função do crescimento das atividades do GGB na prevenção da Aids, o grupo decidiu fundar o CBAA – Centro Baiano Anti-Aids - que passou a se constituir como um sub-grupo do GGB, destinado especificamente à prevenção da epidemia desta doença. A justificativa para tal criação foi a crença de que um grupo como este facilitaria a circulação mais ampla, em ambientes variados, num ativismo anti-Aids, considerando que ainda havia muita discriminação contra os homossexuais, o que inviabilizava a entrada do GGB em colégios, prisões, quartéis e outros espaços, dado que a palavra Gay, em sua definição, cria previamente um obstáculo. Para evitar tais discriminações e não abrir mão da militância pelos direitos humanos dos gays, decidiram adotar uma nova sigla, quando trabalhavam com questões específicas de prevenção à Aids.

Desde sua fundação o GGB acumula uma vasta produção a respeito das questões que envolvem a homossexualidade, o que o destaca no cenário nacional. Talvez isso se justifique pela presença e atuação efetiva do Antropólogo Luiz Mott, fundador, principal intelectual e responsável pela realização de pesquisas e de publicações do grupo, que conta, inclusive com uma editora própria, facilitando essa produção, cuja preocupação permanente é a divulgação de novas informações a respeito da homossexualidade, associada aos objetivos e as defesas do grupo, servindo quase sempre como “bandeira” do GGB. O próprio Luiz Mott, define claramente num texto de 1981, os dez mandamentos do ativista do GGB, presentes em toda forma de ação do grupo:

1. Aceitar-se, assumir-se e ter orgulho de ser homossexual.
2. Esforçar-se para entender mais claramente, e saber argumentar sobre a homossexualidade.

3. Só negar que é gay se a revelação deste fato lhe trazer reais prejuízos pessoais.
4. Contestar qualquer comentário ou gracejo que ridicularizem ou discriminem os gays.
5. Solidarizar-se sempre com os outros homossexuais, quando insultados, discriminados, agredidos ou violentados.
6. Fazer propaganda todos os dias do homossexualismo, estimulando outros gays a se assumirem e a participarem da militância gay.
7. Nunca denunciar, hostilizar ou ridicularizar outros homossexuais, sejam bichas loucas, travestis, sapatões, enrustidos, mariconas, etc.
8. Participar assiduamente das reuniões e atividades do GGB, sendo amigável e sincero com os companheiros de luta, colocando sempre em primeiro lugar a defesa da causa gay. Nunca abandonar o grupo!
9. Não transar com michê, nem permitir que lhe dominem nem o tratem como mero objeto sexual. Fazer a cabeça dos “bofes”, tornando-os “bofonecas”.
10. Solidarizar-se com todos os demais oprimidos e discriminados, sobretudo com as mulheres, que lutam contra o machismo.

Esses mandamentos, de forma geral, não tratam apenas da forma de agir do GGB, mas revelam a dinâmica de todos os grupos, posto que grande parte deles possam ter sido apadrinhados pelo referido grupo. Seja de forma direta, através de publicações que ensinam aqueles que querem fundar um grupo gay, bem como através de ensinamento de uma forma ideal de como agir. Ou indiretamente, já que o GGB, desde seu início, se preocupou em produzir material fornecendo seus objetivos e verdades a respeito da homossexualidade, o que serviu como consulta e aprendizagem para os grupos que iam nascendo. Deste modo, esses dez mandamentos que ensinam formas de pensar, de agir, de identificar o “inimigo”, de se sentir, formar e manter o sentido de grupo e de persuasão, são incorporados por todos aqueles que entram na “luta”, assumindo de um jeito ou de outro essas “estratégias de guerra”.

Os três grupos apresentados e que serviram como campo para a pesquisa, são iniciativas de homossexuais masculinos, que centram suas ações nas experiências de homossexuais masculinos e que discutem questões importantes para eles. Todos têm reuniões semanais com participantes deste segmento, o que se tornou um momento privilegiado na coleta de dados dessa

pesquisa, embora outros aspectos dos grupos também tenham servido como análise, como por exemplo, o material produzido e as ações fora dos grupos. Essas três condições possibilitam perceber os discursos produzidos pelos grupos, suas crenças, seus ataques, os silêncios, as definições e principalmente a preocupação com a formação dos sujeitos, no que se refere à homossexualidade, ao desejo, ao amor. A existência dos grupos demonstra que os caminhos aceitáveis para a organização desse tipo de instituição estão claramente definidos e vigiados, sendo difícil fugir dessas estratégias, tanto de criação de um grupo quanto de ações por eles desenvolvidas.

2 “... PARA O INDIVÍDUO ALCANÇAR SUA PLENITUDE, ELE PRECISA SER UMA PESSOA QUE AME”: O DESEJO COMO DEFINIDOR DA HOMOSSEXUALIDADE

Numa passagem do conto de Caio Fernando Abreu (1991), *Pela Noite*, uma das personagens, Pésio, recupera uma situação vivida em sua adolescência. Classificação, definição, identidade e susto se misturam nas lembranças dessa personagem ficcional. No entanto, as relações que se estabelecem no conto ultrapassam a ficção.

— Sabe que quando eu saía na rua as meninas gritavam *biuuuuuuuicha!* Não, não era *bicha!* Nem *veado*. Acho que era *maricas*, qualquer coisa assim.

— Fresco — Santiago disse. — Era *fresco* que se dizia.

— Isso. *Fresco*, elas gritavam. Todas gritavam juntas. *Ai-ai*, elas gritavam. Bem alto, elas queriam ferir. Elas queriam sangue. E eu nem era, porra, eu nem sabia de nada. Eu não entendia nada. Eu era superinocente, nunca tinha trepado. Só fui trepar aqui, já tinha quase vinte anos. E cheio de problemas, beijava de boca fechada. [...]

[...] Mas era difícil lá. Aquelas garotas todas gritando de manhã bem cedo, quando eu ia para o colégio. Todos os dias. Ao meio-dia, quando voltava. Todos, todos os dias. *God!* que inferno. Semana após semana, ano após ano. Eu já não tinha coragem de sair de casa. Ficava chorando pelos cantos, bem *tanso*, me perguntando apavorado meu Deus, meu Deus, será que sou mesmo isso que elas gritam que eu sou? [...] — Só tinha um na cidade, lembra?

— Lembro. O seu Benjamin, o barbeiro. Ele se matou, sabia?

— Claro, não é? E fez muito bem. Sábia decisão. Só podia mesmo era cortar os pulsos.

— Ele se enforcou. Bem no meio da praça. Num domingo de Páscoa. Na figueira. O padre encontrou na hora de abrir a porta da igreja, antes da missa.

— Perfeito, perfeito.

[...]

— Triste, você disse *triste?* Era medonho, cara. Era duma solidão horrenda, era dum desespero *pânico*. Era duma. Duma agressão, de um desprezo, de uma crueldade. Você não lembra?

A situação vivenciada pela personagem é bem familiar àqueles que se sentem homossexuais, seja porque também já vivenciaram momentos semelhantes, ou mesmo porque temem passar por esse tipo de revelação, classificação e agressão. A princípio pode parecer que essa relação ocorra exclusivamente em espaços em que o homossexual é minoria e em que a homossexualidade é um assunto marginal a ser escondido: a rua, a escola, o grupo social. No entanto, perde-se muito da potencialidade de exploração desse fato se este estiver vinculado apenas à identificação de um “culpado” - o “agressor” - e, de um outro lado, a um “coitado” - o

“agredido”. Mais do que simplesmente agressão, esse tipo de acontecimento revela algo muito mais profundo, capaz de ser reproduzido também em espaços em que não se espera, como, por exemplo, nos grupos gays. Nesses lugares também se classifica, se define, se impõe identidade e se assusta. Não como uma agressão tão explícita, mas seguindo a mesma lógica: utilizando o desejo e um entendimento do que é ser homossexual, para ao mesmo tempo definir uma identidade e trazer o classificado para o grupo.

Esse é um aspecto interessante da construção dos grupos pesquisados. Parece equivocado pensá-los como algo que existe numa redoma de vidro, fora de um mundo dado, construído historicamente. Esses grupos gays analisados não devem ser tomados como um todo, como entidades uniformes, como essência, mas sim como resultado de investimentos pessoais dos seus membros. Não existe uma realidade fora dos grupos, diferente do que ocorre no seu interior, nem tampouco o que ocorre dentro dos grupos, nas reuniões, é desvinculado do social. O “dentro” e o “fora” se misturam. Os membros trazem para a discussão e para sua organização, suas histórias de vida, experiências, visões, representações, discursos e relações de poder que são estruturadas no mundo, que são frutos de uma cultura, de uma sociedade, que são datadas, que têm temporalidades. Isso faz com que os discursos por eles produzidos e a sua própria construção sejam criações de uma época e de um local.

Durante uma oficina sobre Homossexualidade¹⁸ ministrada pelo grupo CORSA, no Educaids de 2003¹⁹, uma professora colocava uma questão reveladora sobre a necessidade, tão presente na sociedade, de se definir a homossexualidade, para entendê-la, para saber como lidar com ela. Questão que também está posta para os grupos gays e que é respondida pela relação entre desejo e identidade. Após o grupo “ensinar” como identificar um homossexual e o que é ser homossexual, a professora, demonstrando sua dúvida, levantou uma situação hipotética de um homem de 50 anos e que se viu envolvido com outro homem, pela primeira vez. Ao final, ela

¹⁸ Em 2002, o grupo CORSA, contando com o financiamento da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, trabalhou com oficinas que visavam capacitar os professores da rede municipal de São Paulo trabalhando com questões que envolviam sexualidade, com atenção especial para as homossexualidades. Com isso o grupo ficou mais conhecido, sendo, constantemente convidado para oferecer essas oficinas em Encontros de Educação. Esse projeto vigorou um ano e em 2005, o grupo aliou-se ao ECOS (Comunicação em Sexualidade) e organizou o PROSARE - Curso de Sexualidade Reprodutiva - com a intenção de realizar pesquisas e oficinas para os professores do norte do Estado de São Paulo.

¹⁹ Educaids (Encontro de Educadores para prevenção da AIDS) é um encontro anual, que tem como objetivo possibilitar aos professores e demais profissionais ligados à prevenção da AIDS, momentos de discussão, de realização de oficinas e mini-cursos e de divulgação de pesquisas no campo da sexualidade.

interrogou aos dois membros do grupo, qual seria a orientação sexual desse rapaz imaginário. Diante dessa situação, eles afirmaram: “Na verdade ele sempre foi gay. Ele não sabia. Ele é gay”.

Duas situações ocorridas em locais diferentes, nas quais se espera tratamentos diferenciados com a homossexualidade e, que, no entanto, observa-se a mesma lógica de classificação e de entendimento da homossexualidade: o imperativo do desejo na definição da identidade. Certamente, nas duas situações evidenciam-se finalidades diferentes com a “pressa” de definir a homossexualidade. A primeira visa mostrar a *Pérsio*, qual é o seu grupo, qual é o seu local, como se o recado fosse: “você é o outro, o diferente, a “bicha”, o “maricas”, o “fresco” e, portanto, procure o seu lugar e afaste-se de “nós”. A segunda também tem o objetivo de mostrar qual é o grupo de pertencimento do rapaz hipotético, qual é o local dele, com um recado diferente: “o rapaz é um igual a nós, homossexuais”. Nesse sentido, a classificação não é utilizada para afastar, mas, para trazer para o grupo, para cooptar. Ambas lidam com a idéia de grupo, servindo para definir o que “eu sou” e que “lugar é reservado pra mim”, mesmo que nem Pérsio e tampouco o rapaz hipotético saibam e se classifiquem como tal.

Como ressalta Anzieu (1993, p.18), “todo grupo é uma colocação em comum”: energias, entusiasmos, representações, sentimentos e desejos. E, tanto nos grupos, quanto nos indivíduos, as idéias devem servir e são usadas para controlar os sentimentos e vontades (ANZIEU, 1993). Portanto, é a identificação dos membros que faz surgir e fortalecer o grupo, o que, em parte, explica a necessidade dos grupos gays de identificar e de classificar quem é homossexual, utilizando para isso, exclusivamente, o desejo que é o que faz identificar o que há de comum, os “iguais”, e o que há de diferente, “o outro”. A identificação daquele que se aproxima e daquele que se afasta, contribui para formar a idéia de grupo.

Tudo isso parece fazer com que o desejo esteja presente em quase todas as reuniões dos grupos pesquisados. Mesmo quando o assunto proposto não vislumbra o aparecimento dessa discussão, como por exemplo, “Eleições 2004”, em determinado momento o debate caminha para essa direção, demonstrando como o desejo está intimamente relacionado ao entendimento da homossexualidade. Persiste a indagação: por que o desejo está tão presente nas reuniões dos grupos? Por que está diretamente ligado ao entendimento da homossexualidade? Qual a utilização que os grupos estão fazendo dessa relação entre desejo e homossexualidade? Quais as idéias de amor e desejo que circulam nas reuniões? Como elas dialogam com a construção da homossexualidade? Essas são algumas das questões que podem levar à compreensão dos discursos produzidos nos grupos.

Tudo isso parece compor fragmentos do que Foucault chamou de *ars erótica* (1988), resultado de um inesgotável prazer na análise, na confissão, na produção de discursos e na ciência do sexo que tomou o Ocidente e que serve para demonstrar que a repressão que a nossa sociedade exerceria sobre o sexo não foi suficiente para evitar a “instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos” (FOUCAULT, 1988, p. 70). As duas situações - as lembranças de Pérsio e a resposta do grupo à questão levantada pela professora - trazem à tona algo mais importante que os mecanismos de exclusão ou de classificação e de imposição de identidade. Mais do que isso, elas chamam atenção para a “colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes” (FOUCAULT, 1988, p. 70). A questão não é afastar a homossexualidade e os assuntos que dizem respeito ao sexo para longe, mas ao contrário, compreender como essas situações servem para difundi-lo nas coisas, nas pessoas e nos corpos, fazendo-as falar, confessar e dizer a verdade.

É importante discutir esses mecanismos produtores de saber presentes nos grupos gays organizados que, através do seu trabalho, tornam-se multiplicadores de discursos e geradores de poder. Assim, acredita-se ser fundamental pensar nas condições de surgimento desses mecanismos no interior dos grupos gays, pensando no seu funcionamento, na sua formação e na sua utilização. Que estratégias de poder estão presentes nessa “vontade de saber” e como isso se relaciona com a composição dos grupos gays, ou seja, como estão se apropriando disso?

Reconhecendo a historicidade dos objetos e sujeitos, os estudos genealógicos, inaugurados por Foucault, defendem a importância de se investigar a sua construção, levando em consideração as suas condições de surgimento. Partindo de questões levantadas no presente, significa problematizá-las considerando sua história, pensando o seu aparecimento numa determinada época para pensar as continuidades e rupturas, construindo uma história do presente. A proposta é questionar e problematizar o que parece ser “verdades” inquestionáveis: entender a presença marcante do desejo na identificação, na classificação e na imposição da identidade homossexual, realizadas pelo trabalho dos grupos, principalmente, para compreender suas necessidades nesses processos.

Assim, as interrogações feitas ao passado têm a finalidade de questionar o presente. “No presente há um tanto de passado, mas o passado não representa um lugar fixo ou um objeto preservado em um ‘baú de prata’, de tal modo que ao se encontrar as chaves corretas poder-se-ia abri-lo e descobrir verdades até então desconhecidas” (CÉSAR, 2004, p. 32). Neste sentido, o que

importa, não é o que somos, mas sim, como chegamos a nos tornar o que somos, para a partir daí, poder contestar esses mecanismos de construção. É o entendimento da construção dos sujeitos pelo saber, como sujeitos de conhecimento; pela relação com os outros, como sujeitos construídos a partir da ação dos outros e pela ação de cada um consigo mesmo, como sujeitos que são construídos em meio a uma moral, que é internalizada e que age sobre si (VEIGA-NETO, 2003).

2.1 A construção da homossexualidade

Recuperar a construção da homossexualidade é voltar para a História para buscar entender como o homossexual se torna “homossexual”, ou seja, até que ponto o que está sendo organizado hoje depende desse passado e mesmo, em que medida aqueles que não têm essas mesmas experiências, tornam-se similares. Seria possível pensar uma identidade homogênea da homossexualidade, como pretende os grupos gays, ora recorrendo à essência, ora à experiência? Essência ou experiência, o que parece servir para a identificação com uma dessas perspectivas é a expressão do desejo. Ou seja, a definição da homossexualidade está diretamente ligada ao desejo, e, mais especificamente, ao objeto do desejo. Assim, mais importante do que a questão anterior, outras devem ocupar as investigações: em que sentido a identificação do desejo está contribuindo para a formação do grupo? Quais as vantagens e desvantagens da utilização do desejo? Como a idéia de desejo está presente no entendimento da homossexualidade?

Para Flandrin, “não somos livres para recusar nossa herança: ela está grudada à nossa pele. E quanto mais quisermos ignorá-la, mais seremos seus prisioneiros” (1988, p. 8). Essa é uma constatação relevante para entender o trabalho de produção de discursos dos grupos gays. A história e nossa herança moderna quase sempre são utilizadas com base no “senso comum”, mostrando uma deficiência de informação e de falta de conhecimento da construção do objeto histórico e, como consequência, um entendimento confuso da relação entre a realidade e essas construções. Neste sentido, a recorrência à História é sempre contraditória. Por um lado, ela é utilizada para mostrar que a homossexualidade não é nova, que já existiu em outras épocas e, que, portanto, os sujeitos não são únicos. O que entra em cena é um entendimento anacrônico da Antiguidade Clássica como época ideal em que a “homossexualidade” era comemorada,

vivenciada e não discriminada. Por outro lado, ela também é usada para dar continuidade à luta, apontando os avanços do grupo, para reforçar as conquistas e definir novos desafios. Dessa forma, são recuperados momentos da História em que a homossexualidade era mais fortemente discriminada, perseguida, evitada e desmotivada. Em um ou outro caso, o que vigora é uma “ignorância” a respeito da construção da nossa realidade, sobretudo no que se refere a sua relação com a herança moderna de construção da homossexualidade, tornando o grupo muito mais prisioneiro dessa herança do que propriamente seu libertador, visto que a construção da homossexualidade, pelos grupos, reforça as preocupações e modelos presentes no século XIX.

O século XIX é marcado pela preocupação com a classificação do que é o “anormal” (FOUCAULT, 2001). Esse domínio da anomalia funcionou a partir de três elementos: “o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora” (2001, p. 69). A sexualidade vai estar presente nesse domínio da anomalia, desde o seu início. Primeiro porque o campo geral da anomalia vai inaugurar a preocupação com a classificação e com o policiamento. E, segundo, porque serão identificados e apresentados variados casos particulares de anomalia, caracterizados como distúrbios sexuais (FOUCAULT, 2001). Pensando que a homossexualidade também foi construída nesse contexto, parece difícil entendê-la sem levar em consideração a constituição desse domínio da anomalia.

E temos a grande série dos alemães, com Krafft-Ebing, e, em 1870, o primeiro artigo especulativo, teórico se vocês quiserem, sobre a homossexualidade, escrito por Westphal. Estão vendo, pois, que a data de nascimento, em todo caso a data de eclosão, de abertura, dos campos da anomalia e, depois, sua travessia, se não seu policiamento pelo problema da sexualidade são mais ou menos contemporâneos (FOUCAULT, 2001, p. 212).

Os três elementos introduziram uma nova forma de relação com as questões da sexualidade, criando três figuras, três personagens. Porém, Foucault (1988) ressalta que o importante não é entender esse domínio como simples expressão da repressão, mas como a constituição de um novo mecanismo de poder. Quando se nomeiam essas formas de expressão, assim como aconteceu com a homossexualidade e outras experiências e sexualidades “marginalizadas”, não se tratam apenas de listá-las ou excluí-las do real. Os mecanismos de poder que se inauguram estão mais ligados ao adestramento, à vigilância e à confissão do que à penalidade, trazendo para a discussão novos campos de conhecimentos dispostos a construir discursos inesgotáveis e corretivos, como a medicina, a educação, por exemplo. “Graças a esse

apoio o poder avança, multiplica suas articulações e seus efeitos, enquanto o seu alvo se amplia, subdivide e ramifica, penetrando no real ao mesmo ritmo que ele” (FOUCAULT, 1988, p.42-43).

Esse novo mecanismo de poder que se inaugurou no século XIX, foi responsável por incorporar as sexualidades que fugiam do formato cristão do casamento monogâmico e do modelo heterossexual adulto, assim como as perversões e novas especificações dos indivíduos (FOUCAULT, 1988). Sendo assim, o homossexual torna-se uma personagem:

[...] um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular. (FOUCAULT, 1988, p. 43).

Ainda é com essa visão do homossexual como personagem, capaz de ser identificado pela face e pelo corpo, como sendo um segredo que se trai, como algo que é do sujeito sem ter como fugir, que os grupos gays estão trabalhando, entendendo a homossexualidade e produzindo discurso, perpetuando, neste sentido, o século XIX. É esse mecanismo de poder que colocam em vigor quando respondem a pergunta daquela professora, afirmando que o rapaz hipotético sempre foi gay, mesmo que ele não tenha conhecimento disso.

“A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43-44)”. O desejo e o “uso dos prazeres na relação com rapazes” sempre foi motivo de inquietação, desde a Antiguidade (FOUCAULT, 1984). No entanto, o termo homossexualidade serve muito pouco, ou nada, para compreender o tipo de experiência, as valorizações e os sistemas de recortes históricos tão distantes do nosso. Mesmo assim, é possível questionar o que faz a sociedade ocidental modificar o seu tratamento com o desejo e o “uso dos prazeres na relação com rapazes”. “Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto” (FOUCAULT, 1984, p. 167). A oposição mais preocupante estava relacionada à entrega ao prazer. Do ponto de vista da moral, a grande questão era não se deixar dominar pelo prazer,

pelo desejo, mantendo-se o homem, senhor de si. Eram desprezados os rapazes fáceis ou interesseiros, os homens efeminados e os devassos, o que demonstra que nem todo prazer era, por si só, bom e valorizado. No entanto, o objeto de desejo pouco importava. O prazer, tanto com os rapazes quanto com as mulheres, era igualmente possível em um homem.

Bissexualidade dos gregos? Se quisermos dizer com isso que um grego podia, simultaneamente ou alternadamente, amar um rapaz ou uma moça, que um homem casado podia ter seus *paidika*, que era corrente, após as inclinações “para rapazes” na juventude, voltar-se de preferência para as mulheres, então, pode-se muito bem dizer que eles eram “bissexuais”. Mas se quisermos prestar atenção à maneira pela qual eles refletiam sobre essa dupla prática, convém observar que eles não reconheciam nela duas espécies de “desejos”, “duas pulsões”, diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites. Podemos falar de sua “bissexualidade” ao pensarmos na livre escolha que eles se davam entre os dois sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente e “bissexual” do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são “belos” qualquer que seja o seu sexo (FOUCAULT, 1984, p. 168).

Neste sentido não se pode falar da existência de uma distinção entre o amor homossexual e o heterossexual. Entretanto, os homens podiam ser distinguidos pelo tipo de prazer a que eram mais ligados: questão de gosto e não de tipologia, demarcando e classificando “a própria natureza do indivíduo, a verdade de seu desejo ou a legitimidade natural de sua inclinação” (FOUCAULT, 1984, p. 170). O prazer com rapazes ou moças não resultava em classificação, tanto uma quanto a outra forma de orientação era livre, permitida pelas leis e opiniões, encontrando suporte nas instituições, como por exemplo, as militares, as pedagógicas e até mesmo vivenciadas em ritos e festas religiosas. Eram culturalmente valorizadas pela literatura, cantadas nos versos, que servia para refletir e fundamentar seu valor.

Esse contexto histórico em que o prazer entre rapazes não era condenado, serve para questionar o momento da mudança dessa situação e de constituição dessa forma de desejo em problema. De que forma esse tipo de desejo foi questionado? Que questões expõe? Em que relações e debates está sendo construído? Que discursos estão sendo construídos? Essas questões interrogam como e de que forma o desejo e o prazer entre rapazes passou a despertar o interesse moral. Essa passagem parece demonstrar que a preocupação deixou de estar situada nos cuidados com o controle do prazer para se centralizar no objeto do prazer. E isso se tornou tão intenso que

esse tipo de desejo foi investido de valores, de imposições, de normas, de conselhos, de cuidados e de proibições.

Com isso, foi sendo construída e incorporada uma nova forma de entender o prazer entre homens, como se estivesse estruturado por um desejo que é particular, com a interrogação recaindo sobre essa singularidade de um desejo que se dirige a pessoas do mesmo sexo. Não que a relação entre homens na Antiguidade não tivesse problemas, regras, convenções e comportamentos, ou seja, todo um jogo complexo em que os participantes sabiam da sua complexidade. Os parceiros assumem estratégias para que a relação tome uma forma moralmente válida.

Elas fixam o papel do *erasta* e o do *erômeno*. O primeiro tem a posição da iniciativa, ele persegue, o que lhe dá direitos e obrigações: ele tem que mostrar seu ardor, e também tem que moderá-lo; ele dá presentes, presta serviços; tem funções a exercer com relação ao amado; e tudo isso o habilita a esperar a justa recompensa; o outro, o que é amado e cortejado, deve evitar ceder com muita facilidade; deve também evitar aceitar demasiadas honras diferentes, conceder seus favores às cegas e por interesse, sem pôr à prova o valor de seu parceiro; também deve manifestar reconhecimento pelo que o amante fez por ele. (FOUCAULT, 1984, p. 175).

Essas convenções servem para demonstrar que a relação entre rapazes dialogava com outras relações e atividades que deviam acompanhá-la. Além disso, elas também chamam atenção para o fato de que embora aceitas, não eram indiferentes (FOUCAULT, 1984). “Todas essas preocupações mostram bem que as relações de prazer entre homens e adolescentes já constituíam, na sociedade, um elemento delicado e um ponto tão nevrálgico que não podia deixar de preocupar-se com a conduta de uns e dos outros” (FOUCAULT, 1984, p.175).

Colocar em questão essa organização complexa que envolvia o prazer entre rapazes é, ao mesmo tempo, possibilitar reflexões sobre o amor e sobre a construção dos indivíduos, tanto na Antiguidade, quanto hoje em dia, buscando um diálogo desses dois momentos via o desejo e o prazer. Contribuindo para esse debate sobre o amor, o engajamento e a construção dos sujeitos, Touraine (1994) afirma que o amor é um dos lugares onde aparece o sujeito. Para o autor, isso é possível porque o amor é o engajamento do sujeito no seu desejo, combinando erotismo e ternura e transformando o outro em objeto desejado e sujeito.

Pouco a pouco, o homem foi incorporando uma prática constante de vigilância em relação a si próprio, atento para os menores movimentos que se manifestam no seu corpo e seu

pensamento, buscando entender e classificar esses movimentos. É o que Foucault (1987) chama de “prática da discriminação”, que estaria no centro da tecnologia de si mesmo, desenvolvida através da preocupação em distinguir no pensamento, sua origem, sua qualidade, o objeto e o prazer que ele evoca. “Tarefa de análise permanente que é necessário fazer sobre si mesmo, e, pelo dever de confissão, em relação com os outros” (FOUCAULT, 1987, p. 36).

O que Foucault (1987) pretende mostrar com isso é que o campo da sexualidade não foi se tornando, simplesmente, um lugar de proibições, de vigilâncias e de desqualificação do ato sexual, não se tratando da descrição e interiorização de várias interdições. Mais do que isso, o campo da sexualidade, como foi organizado, abriu um novo domínio: o do pensamento. Irregular e espontâneo, repleto e constituído por imagens, por lembranças, por histórias vividas e compartilhadas, por percepções e representações construídas numa cultura, num tempo e lugar, com movimentos e impressões que vão do corpo à mente num processo de “mão dupla”. Neste sentido, o que importa não é o que está no campo do proibido ou do permitido, mas “toda uma técnica para analisar e diagnosticar o pensamento, suas origens, suas qualidades, seus perigos, seus poderes de sedução, e todas as forças obscuras que podem se ocultar sob o aspecto que ele apresenta” (FOUCAULT, 1987, p. 37).

Assim, de forma geral a sociedade vai incorporando o objetivo de expulsar tudo aquilo que é considerado impuro, indesejado e causador de impurezas. E isso é possível de ser conseguido através de uma vigilância contínua. Especificamente cada grupo social vai elegendo o que se constitui como impuro e que deve ser objeto de vigilância e de expulsão no interior de suas lutas. E os grupos gays também não escapam a isso, também estão envoltos pelo domínio do pensamento, distinguindo o que é bem vindo do que deve ser evitado, produzindo discursos e formas de pensamento. Neste sentido, os grupos gays estão atravessados por uma vigilância com os movimentos do desejo que jamais se desarma, uma suspeita constante sobre seus membros e, principalmente, sobre os outros.

A vigilância esteve presente desde a Antiguidade, visto que existiam atos que não eram considerados naturais. Segundo Veyne (1987), não ser natural não significava ser monstruoso, mas que não estava de acordo com as regras sociais. Isso demonstra que havia uma preocupação e, portanto, uma vigilância latente em distinguir e não se distanciar das relações aceitas pelas

normas. Dentre as práticas condenadas estava a sodomização²⁰, considerada libertina e pouco natural. A sodomia, assim como a pederastia, ainda não se constituía como anomalia, como vai acontecer a partir do século XIX. Os praticantes não são considerados “monstros”, ou mesmo personagens com uma natureza específica, mas libertinos, dominados pelo prazer (VEYNE, 1987).

A homossexualidade é uma construção social, histórica, relacional, heterogênea, coletiva e individual, além de estar em constante construção e negociação. Essas características não permitem pensar a existência da homogeneidade. Nesse sentido, recuperando a história da homossexualidade, é possível perceber o surgimento das experiências como discurso e suas repercussões sociais.

Assim como a heterossexualidade serve indicar práticas variadas e disparatadas, a homossexualidade também sugere experiências em que a atração por pessoas do mesmo sexo não é suficiente, enquanto qualidade característica que definiria o comum a todas elas.

“A diversidade de atos, sentimentos e auto-definições incluídos nessa etiqueta, quando examinada de perto, mostra que a suposta homogeneidade teorizada nada tem a ver com heterogeneidade vivida” (COSTA, 1992, p. 44).

Segundo Costa (1992) foi atribuída aos homossexuais, uma identidade homogênea que seria a “marca” capaz de identificá-los, como por exemplo, comportamento, trejeitos, fala, e, sobretudo, o desejo pelo mesmo sexo, como se isso fosse suficiente para se identificar como homossexual. Essa crítica também parece servir para pensar o trabalho dos grupos gays, que mantêm esse tipo de ação, não só no que diz respeito aos seus membros como se volta para todos, reafirmando o que Foucault apontava como uma das marcas da construção da sexualidade, ou seja, a vigilância constante consigo mesmo e com os outros, a confissão para si e para o grupo de suas práticas e desejos e a distinção e classificação de seus pensamentos, desejos e atitudes. A homossexualidade traz consigo a idéia da homogeneidade, principalmente no que diz respeito ao desejo, tão presente hoje em dia.

²⁰ A sodomia constituía uma das faltas contra as regras sexuais, que segundo o discurso católico se definia como “a consumação sexual num vaso não natural” (FOUCAULT, 2001). Na Idade Média essa prática se dividia em sodomia perfeita, quando dois homens chegavam ao gozo pela mistura de seus corpos; e imperfeita, quando envolvia duas mulheres que chegavam ao gozo pela descarga da libido, ato menos grave. A sodomização foi uma preocupação contínua da Igreja Católica durante a Idade Média. Talvez porque fosse uma prática marcante nas ordens religiosas. Segundo Mott (2000), “1/3 das prisões e execuções de sodomitas efetuadas pela Inquisição Portuguesa incidiam sobre membros da Igreja... É com absoluto merecimento que também no Reino de Portugal a homossexualidade era antigamente chamada de *vício dos clérigos*” (2000, p. 116).

Para Costa (1992), usar os termos “homossexualidade” e “homossexuais” para se referir a indivíduos com práticas homoeróticas é estar preso ao século XIX e aos sentidos atribuídos a eles pelos discursos médico e cristão. Entender a homossexualidade é uma tarefa complexa. Ela pode ser compreendida como reveladora do jogo de força que rotula e nomeia, de forma desigual e arbitrária, as pessoas. A classificação da homossexualidade não leva em consideração o fato de que a população homossexual não é homogênea, assim como a preferência sexual e a vivência dessa preferência. (COSTA, 1992).

Escolher um tema, de certa forma, desvalorizado, estigmatizado, que faz parte do domínio dos “menos dignos” da vida social, significa pensar que a sociedade não deve ser estudada apenas pelo lado de seus valores “positivos”, do que é aprovado, mas por todas as manifestações da vida social²¹. Todas as manifestações sociais devem ser levadas a sério pois expressam não somente o significado humano, mas também revelam um pouco sobre o pensamento político de seu tempo, mesmo porque definir um grupo como “normal” ou “desviante” é sempre uma postura política. Quem define um ou outro está exercendo o poder de discriminar e classificar. Nesse sentido, esse poder está baseado em uma determinada teoria que serve como justificativa para as ações. Essas justificativas também são diferenciadas, de acordo com sua época e finalidade.

2.2 O discurso médico

A definição do que é homossexualidade e as práticas associadas a essa definição são, acima de tudo, construções históricas relacionadas com o todo da sociedade; isso porque as diferenças entre os sexos não podem ser explicadas apenas pelos termos biológicos, mas também pelos papéis sociais que cada sociedade forja para os sexos. Assim sendo, em cada contexto, existe o comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, de acordo com sua posição social. Qualquer “desvio” desses comportamentos “adequados” é reprimido na tentativa de recuperar o “bom comportamento”.

²¹ Essa idéia é amplamente defendida pelos cientistas sociais que investigam os problemas da conduta desviante adotando uma análise da sociedade e da cultura e que vêm adquirindo grande importância na ciência social contemporânea; destacadamente pode-se citar VELHO, Gilberto (org.) Desvio e divergência: uma crítica da patologia social, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

Durante o século XIX, a homossexualidade não era entendida por uma visão sociológica, ou seja, não estava em questão a relação entre sociedade e a criação das normas, do que é proibido e do que é permitido. No entanto, os amantes homossexuais, homens ou mulheres, estavam mais seguros nessa época do que nos anos seguintes (GAY, 1990). “A série de reportagens sensacionalistas dos jornais e de julgamentos não menos sensacionalistas em que Eulenburg, junto com seus associados, figurou a partir de 1906, tornou quase obrigatório o esquadrinhamento das aberrações sexuais na imprensa. Podia-se ridicularizá-las ou condená-las, mas não havia como deixar de discuti-las” (GAY, 1990, p. 175-176). A tendência era acreditar que os homossexuais eram diferentes biologicamente ou psicologicamente dos indivíduos considerados heterossexuais. Assim, a Medicina do século XIX cria o homossexualismo como discurso, relacionado à doença, demonstrando a influência dessa ciência na definição de suas práticas (FRY, 1985).

Os médicos e a medicina do século XIX contribuíram para a construção social do homossexual, preocupados, sobretudo com as relações sexuais fora do casamento. Nesse contexto as autoridades se preocupavam com questões que envolviam a sexualidade dos indivíduos. A justificativa para o controle e para disciplinar as sexualidades e, em contrapartida, os indivíduos era a de que a “saúde” da nação estava ligada à “saúde” das famílias e, por isso, dependente do controle da sexualidade” (FRY, 1985, p. 61).

A palavra “homossexual” está excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu. O “homossexual”, como tento mostrar, foi uma personagem imaginária com a função de ser a antinorma do ideal de masculinidade requerido pela família burguesa oitocentista. Sempre que a palavra é usada evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz parecer natural dividir os homens em “homossexuais” e “heterossexuais” (COSTA, 1992, p. 23-24).

São os médicos que vão reivindicar o poder de sua autoridade, são eles que vão considerar-se capazes e detentores da fala e da “verdade” sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1988). O exercício desse poder vai transformar o discurso sobre homossexuais de “crime”, “pecado” para “doença”, e também vai alterar o tratamento da homossexualidade, pois se o crime e o pecado merecem punição, a doença exige a “cura”.

Com a criação do termo homossexual e com a transformação do homossexual em doente, abre-se a possibilidade de cura através do tratamento “médico-pedagógico” (FRY, 1985). Assim

a medicina estava encarregada de solucionar um problema que atingia a sociedade. Para solucionar esse problema social eram recomendados tratamentos específicos a cada caso. Por exemplo: destacava-se uma atenção especial ao filho único, evitando que a influência materna fosse a predominante.

Nesse caso específico, aconselhava-se o afastamento do ambiente familiar, pois acreditava-se que o ambiente poderia conduzir à homossexualidade, mas com o afastamento também se deveria ter um certo cuidado, evitando-se a internação em colégios com dormitórios coletivos, sem fiscalização rígida e adequada, e com convivência exclusiva com pessoas do mesmo sexo (FRY, 1985).

A medicina propunha ações “médico-corretivas” para os homossexuais, exercendo um controle sobre esses indivíduos. A homossexualidade, na virada do século XIX para o XX, era compreendida em termos biológicos e a medicina identificava três possíveis causas dessa “doença”: a hereditariedade, os defeitos congênitos e os desequilíbrios hormonais. A cura estava determinada na conversão dos homossexuais em heterossexuais. Ao falar em “doença” e “cura”, podem-se interpretar essas palavras como referentes respectivamente ao que seria “ruim” e “bom”, escolhendo e legitimando juízos morais para o indivíduo (FRY, 1985). Assim, cada indivíduo passava a ser classificado pela medicina, que exercia um papel político, sutil e profundo, dividindo a sociedade em apenas duas categorias: homossexuais ou heterossexuais.

O discurso médico sobre a homossexualidade estava vinculado a determinada prática e efeito social (FRY, 1985). Além disso, o modelo do homossexual como um tipo afeminado tornava o indivíduo um “anormal” ou “desviante”, porque tinha um corpo de homem e traços de mulheres. Era o “anormal” biológico da ciência moderna e, ao mesmo tempo, um “anormal” e um “pervertido”, que poderia ser diagnosticado pela medicina. Essa primeira fase de revelação e identificação do homossexual contava com o apoio da família e da escola na denúncia dos atos homossexuais; o indivíduo identificado e classificado como tal estava pronto para receber o tratamento que lhe cabia, segundo os médicos, a fim de “curá-lo” e “regenerá-lo” para o convívio social harmonioso.

Quando se trata da homossexualidade dentro de uma sociedade dada, percebe-se que se enquadra numa hierarquia de emoções e comportamentos, onde se sobrepõem valorização ou desvalorização, tolerância ou condenação. Os padrões de normalidade legitimarão ou não as ações de cada indivíduo, classificando-as como “pecaminosas”, “criminais”, “inconvenientes”.

Toda sociedade, através do seu código ético-moral vai determinar o “certo” e o “errado”, o “adequado” e o “inadequado”, o “normal” e o “anormal”. Assim sendo, é necessário pensar nossa sociedade dentro dessa perspectiva e, a partir daí, contextualizar o discurso que trata dos homossexuais (FRY, 1985). Até que ponto esses discursos de certo e errado foram incorporados por tudo que se refere à sexualidade e estão presentes também nos grupos gays.

Na verdade, o discurso médico vai se apropriar das questões que envolvem a sexualidade utilizando para isso a idéia de ciência, que traria a verdade sobre o sexo para os homens, porque detinha o conhecimento. É nessa relação entre Medicina e Sociedade que o saber se associa ao poder (FOUCAULT, 1988). Os médicos e a medicina se arrogam o direito de poder interferir nas vidas e nos corpos dos indivíduos, porque “conhecem” o que é “certo” e o que é “errado”, e teriam a obrigação de conduzir o homem no caminho correto da sexualidade, respeitando a natureza humana. A medicina, então, se apropria de um campo que anteriormente era dominado pela Igreja Católica.

2.3. A influência católica

A Igreja Católica vinculava o discurso da sexualidade ao respeito à natureza humana, ao estado da graça e obra de Deus (PARKER, 1991, 1996). O “certo” e o “errado” estariam determinados a partir daí. Esse discurso católico dos séculos XIX e XX desconfiava dos impulsos sexuais humanos, que cediam às paixões, desviando os homens da sua natureza e da sua relação com a procriação (que seria a verdadeira finalidade do sexo), levando-os, como consequência, às enfermidades, às doenças e às perversões. Neste ponto, a solução seria a “cura”, não mais pela disciplina, educação e controle, mas às custas de remédios. A carne e o espírito estavam conjugados, sendo a alma afetada pelas ações do corpo, e as paixões, consequências da sensibilidade e do movimento dos nervos. Assim sendo, os nervos teriam a função de fazer a ligação entre a carne e o espírito. Segundo esse raciocínio, qualquer doença envolveria carne (corpo) e espírito (alma) e, conseqüentemente, a cura deveria envolver essas duas dimensões. Somente assim os homens estariam realmente curados.

A Igreja, ao exercer o trabalho que justificava em parte sua existência - a cura dos espíritos e a absolvição das almas - dominou, durante muito tempo, o discurso da sexualidade. Mas são as autoridades médicas que vão definir os novos códigos da moralidade pública, numa

fase mundial de modernização e industrialização, trazendo novas oportunidades, realidades e conhecimento às mulheres, às famílias e aos jovens, conduzindo-os a uma maior participação na vida pública. Nesse sentido, a preocupação médica com a família, com as mulheres, com os jovens e com as crianças traduzia-se na preocupação com a Nação, a educação e, sobretudo, na preocupação com a ordem pública e com o progresso (FRY, 1985).

Embora a medicina e a ciência tenham se interessado e participado efetivamente da discussão e da determinação de normas e regulamentos das condutas sexuais nos séculos XIX e XX, os conceitos católicos permaneceram presentes, determinando as ações de muitos indivíduos. A entrada em cena do discurso médico não significou o desaparecimento e nem tampouco o desinteresse católico pela questão. Não houve a substituição de um pelo outro. O que ocorreu foi a convivência mútua chegando até mesmo ao ponto de um fortalecer e complementar o outro. Para a Igreja Católica, durante todo esse período de convívio com o discurso médico, o sexo permaneceu sendo justificado apenas para a reprodução da espécie e por nenhuma outra razão a mais. Qualquer atividade sexual que se distanciasse desse preceito seria um pecado contra a natureza. Segundo esse raciocínio, a homossexualidade estaria incluída no rol desses pecados contra a natureza humana e a vontade de Deus (RICHARDS, 1993). A homossexualidade parece ter sido um desses campos onde o discurso médico e o católico se apoiavam, se complementavam e se fortaleciam.

Tanto a medicina quanto a Igreja acreditavam que uma das causas da homossexualidade era a ausência de mulheres ou do casamento. Além disso, segundo Richards (1993), a homossexualidade também era considerada um pecado típico das cidades, das classes altas e de profissionais provavelmente por ser mais visível nesses ambientes. Portanto, ávida pela reforma moral e espiritual, a Igreja Católica defendia o casamento como instituição central da sociedade civilizada e como necessário para afastar a homossexualidade que a ameaçava. As lutas nas cidades pela moralidade cristã tornaram-se parte integrante da mentalidade burguesa emergente, que também tomou para si a defesa do casamento, da família, da reprodução. Os homossexuais deveriam ser afastados da sociedade pela prisão ou pela cura, porque eram considerados capazes de destruir a organização básica da sociedade - a família - a união homem/ mulher e a reprodução.

2.4 A ditadura dos gêneros

Segundo Costa (1996), a preocupação médica, católica e burguesa com o casamento, a reprodução e a civilização dividiram os espaços público e privado, face às ameaças do que era público. A rua representava o perigo, ambiente onde se localizavam os pervertidos necessitando de regulamentação, de disciplina e de controle por parte das autoridades públicas. Assim sendo, as mulheres, jovens e crianças deveriam desfrutar espaços reservados da casa, ou seja, os espaços privados, longe dos perigos do espaço público das ruas, reservado aos homens. O século XIX sofreu essa demarcação entre o público e o privado, entre o espaço do homem e o espaço da mulher e entre a política (situada no espaço público e reservada aos homens) e a família (organizada no espaço privado da casa e tarefa feminina). Segundo Foucault (1988), o século XIX uniu a economia e a política, a família e a reordenação sexual dos indivíduos.

A família passou a ser definida como célula matriarcal da burguesia e da Nação, justificando a preocupação com a mulher, com a educação das crianças e dos jovens, com a saúde e, de forma geral, com a preservação da civilização e da cultura. Portanto a ciência e a medicina estariam intervindo na sociedade, tendo a cultura como pano de fundo. O saber científico estaria confirmando o que a ideologia burguesa e a cultura européia e civilizada já haviam estabelecido, diversificando os corpos segundo seus interesses.

A diferença dos sexos foi a origem da diferença dos gêneros e passou a especificar as qualidades morais, intelectuais e sociais dos gêneros masculino e feminino. Nessa separação dos gêneros, o homossexual surge como o homem invertido e sua inversão vai ser classificada como perversão e como antinatural. Perversão porque a inversão significava, como já foi dito anteriormente, ter o corpo de homem com a sexualidade feminina. Segundo o discurso médico, o homossexual apresentava um “desvio” duplo: sua sensibilidade nervosa, seu desejo e seu prazer sexual eram femininos. Além disso, ele era acusado de ser incapaz de se reproduzir. Por tudo isso, o homossexual vai se transformar em objeto da ciência.

Neste processo, uma mudança fundamental ocorreu. No *one-sex model* a mulher era um homem invertido e inferior. Mas sua qualidade metafísica era conforme a natureza. O sexo da mulher, com sua especificidade calórica, era um requisito necessário à reprodução da vida e da espécie humana. A inversão designava apenas “inversão anatômica dos órgãos” e não torção ou distorção da natureza sexual feminina. No *two-sex model* a mulher passa a inverso complementar do homem e isto ainda será considerado natural. Em

contrapartida, a nova imagem da inversão vai colar-se ao homem, porém com um adendo: o invertido será o homossexual e sua inversão será vista como perversão, porquanto antinatural. Diante da bi-sexualidade político-científica, a mulher persistia sendo inferior, mas sempre dentro da norma natural; o homossexual, não. Sua inversão será perversão porque seu corpo invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica. Igual aos vaporosos e histéricos, possuía a sensibilidade nervosa de mulher. Mas além disso, era incapaz de reproduzir. Por esta razão, os histéricos e vaporosos serão abandonados à própria miséria, enquanto o homossexual será posto na lupa da ciência junto com os outros perversos. Ele e a histérica eram uma ameaça a família, à raça e à sociedade. (COSTA, 1996, p. 85-86).

O homossexual vai ser considerado como o oposto do homem-pai, contrariando a “norma” da sociedade burguesa (COSTA, 1996). A feminilidade do homossexual vai ser afirmada. Todo homossexual teria que ser feminino, pois, não sendo, não tinha como ser invertido. O homossexual feminino e invertido era a “prova científica” (e “visível”) de que existiam dois sexos distintos, e o sexo feminino poderia habitar no corpo de um homem biológico. A divisão dos sexos e dos gêneros possibilitou a construção e a separação social do heterossexual e do homossexual. Ou seja: a construção da homossexualidade só foi possível a partir da criação dos homens e mulheres como opostos, e da criação do “normal” e do “desviante”, segundo a ciência médica, que estará pronta para justificar a moderna moral sexual burguesa.

2.5 A contribuição das Ciências Sociais

A “norma” e o “desvio”, como comportamentos sociais, também passaram a ser preocupações presentes nos estudos da Sociologia, trazendo importantes contribuições para entendermos, sob outros ângulos, esse problema social e cultural. Esses estudos sobre o “desvio” contribuíram para atenuar seu julgamento negativo, voltado para o “errado”, para o doente, entendendo esse objeto de estudo como revelador do caráter multifacetado e dinâmico de uma cultura ou de uma sociedade, que não podem ser analisadas como estruturas homogêneas²². Os

²² VELHO (*op.cit.*), quando estuda o desvio, faz uma crítica à patologia social que centraliza o problema no indivíduo, para defender que essa questão deve partir de outro foco de análise, ou seja, deslocar-se para o âmbito da sociedade ou da cultura.

“desviantes” passaram a ser entendidos como pessoas que forneciam outras leituras de uma sociedade, que é constantemente inacabada.

Foram os cientistas sociais que inauguraram a concepção do homossexual como construção social, diferenciando comportamento, papéis, categorização e identidades homossexuais. A preocupação com a sociedade e com seus comportamentos sociais, afetivos, sexuais, acabou se prolongando para além das explicações cristãs e médicas, atingindo as Ciências Sociais e Humanas, interessadas em desvendar as diferentes formas de relação entre os homens e a sociedade.

Mas essa análise da Sociologia sobre o estudo dos desvios sociais só deu sua contribuição nas últimas décadas do século XX. O que parece ter dominado o estudo sobre a homossexualidade foi mesmo o discurso médico. Esse discurso tratou o homossexual como uma patologia, como um distúrbio psicosssexual, o que acabou contribuindo para a atribuição de um caráter pervertido a essa forma de conduta sexual e social. Utilizando novamente Foucault (1988), a repressão sexual parece ter dominado a virada do século XX.

Ao que parece, civilização significava disciplina e, sobretudo, controle dos impulsos sexuais dos indivíduos. O poder disciplinar, a defesa e a manutenção da civilização estavam a cargo de instituições apropriadas para isso, tais como prisões, hospícios e escolas. Todas essas instituições tinham o objetivo de controlar, educar e, se preciso fosse, punir os indivíduos que estavam sendo desviados do que se considerava “normal”. Assim, o resultado do controle e repressão seria a manutenção harmoniosa da ordem e o domínio de “corpos dóceis”.

Para Foucault (1988), o poder é um fenômeno mobilizador e não apenas um determinante de limites e os indivíduos que estão sujeitos a esse poder pela repressão nem sempre se relacionam pacificamente com ele. O poder, nesse sentido, pode funcionar até mesmo como produtor de prazer. Sexualidade e poder se encontram interligados de muitas maneiras distintas. A homossexualidade pode nos servir como um bom exemplo de relacionamento entre sexualidade, poder e prazer. Não se pode acreditar que essa relação foi sempre pacífica, com o discurso dominando o prazer. Obviamente que há uma série de outras formas de relacionamento entre o discurso e a prática homoerótica capazes de construir novas posturas homossexuais, até mesmo como resistência (GIDDENS, 1993).

As campanhas de educação e repressão sexual e o “excesso” de atenção que foi dado à sexualidade podem induzir a pensar que o objetivo era sua eliminação, mas na verdade, a

intenção era organizar os instintos físicos e mentais dos indivíduos (GIDDENS, 1993). Ao classificar e hierarquizar as várias condutas sexuais em perversões, estão, ao mesmo tempo, expondo publicamente personalidades e identidades sociais dos perseguidos. Como acredita Foucault (1988), o objetivo não era terminar com as perversões, mas colocá-las à disposição para as análises e a hierarquização. Tanto é que apenas a sociedade ocidental moderna transformou a sexualidade numa ciência, associando a confissão com o acúmulo de conhecimento sobre o sexo. O sexo passou a ser assunto quase que obrigatório nos confessionários modernos, desde os católicos até os consultórios dos psicólogos, servindo para controlar a vida sexual dos fiéis (GIDDENS, 1993).

Em algum momento no final do século XVIII, a confissão como penitência transformou-se na confissão como interrogatório. Foi transportada para diversos discursos - desde o registro de caso e o tratado científico até panfletos escandalosos, como o anônimo *My Secret Life*. [...] Acreditava-se que o acesso a este segredo revelasse a “verdade”: a sexualidade é fundamental ao “regime da verdade”, característico da modernidade. A confissão, em seu sentido moderno, “envolve todos aqueles procedimentos através dos quais o sujeito é estimulado a produzir um discurso da verdade a respeito da sua sexualidade capaz de produzir efeitos sobre o próprio sujeito”.

Por isso, equipes de técnicos, sexólogos e especialistas variados estão prontos para escavar o segredo que ajudaram a criar. O sexo é dotado de vastos poderes causais e parece influenciar muitas ações diversas. O próprio esforço dispendido na investigação transforma o sexo em algo clandestino, sempre resistente à observação despreocupada (GIDDENS, 1993, p. 30).

Para Giddens (1993), quando o prazer erótico produz textos, manuais e estudos, ele se transforma em “sexualidade”. Com base nessa afirmação, pode-se considerar o século XIX como o século do surgimento da sexualidade, oportunizando o desenvolvimento de várias formas de poder, de conhecimento, de prazer e, fundamentalmente, de relações entre eles.

As organizações modernas, como o Estado, por exemplo, se preocuparam bastante com os aspectos da vida pessoal, incluindo a sexualidade, que se tornou, cada vez mais sujeita à intervenção social. A invenção do “desvio” tornou pública uma variedade de características externas que atingiam a sociedade, tais como a pobreza, a vadiagem, a loucura, a homossexualidade.

Essa abordagem médica do século XX deu início ao conceito comum de que o “anormal” e o homossexual deviam ser vistos como um enigma e o “normal” e o heterossexual, presumidos porque naturais. A ameaça da homossexualidade foi a justificativa utilizada pelos médicos para a

necessidade da educação sexual. A preocupação com a homossexualidade mudou do nível do indivíduo para o da sociedade. Neste sentido, a preocupação com a homossexualidade não estava voltada exclusivamente para o indivíduo, mas dizia respeito à sociedade como um todo. O cuidado e a defesa do casamento, da família e da heterossexualidade seriam responsáveis pela manutenção dos ideais da sociedade burguesa e da reprodução da espécie. O homem heterossexual teria um futuro a cumprir, que era a sua responsabilidade com a sociedade e com a Nação (FLANDRIN, 1988).

Atualmente, muito das representações sobre os homossexuais que dominam o senso comum mantêm viva essa definição de doença, perversão e pecado, fornecendo-lhe sempre uma visão única e homogeneizadora de toda coletividade, demonstrando, consciente ou inconscientemente, o desconhecimento das variações possíveis que existem no interior dessa categoria e que impossibilitam falar de homossexual, ao mesmo tempo em que obrigam a pensar em homossexuais, sempre no plural.

Existe uma extrema variedade de inserção das pessoas no que se refere a entender e vivenciar suas sexualidades, sem que haja a obrigação de se definir, diferenciar e mesmo assumir uma identidade sexual. Um homem pode se relacionar sexualmente com outro sem, no entanto, ter ou exercer uma identidade homossexual. Nem sempre a homossexualidade parece ser construída com o grupo. Ou seja: há pessoas que têm práticas homoeróticas, mas que não assumem as posturas do que se “convencionou” como identidade homossexual. Essa parece ser uma questão assumida apenas pelos grupos gays, como se a construção da homossexualidade fosse a única a passar por dificuldades. Autores como Nolasco (1997) e DaMatta (1997), problematizam a dificuldade dessas construções também no campo das masculinidades, mostrando que se construir como “macho” também é difícil para crianças e adolescentes. A própria homossexualidade passa a ser entendida como uma forma de masculinidade, já que um universo não elimina o outro.

Na verdade, cada indivíduo, classe e categoria têm noções sobre o que vem a ser homossexualidade e sobre o que representa ter uma identidade homossexual, que são determinadas por sua cultura e formação e, a partir daí, ele classifica os outros. Isso nos leva a crer que não existe identidade homossexual rígida, mas uma negociação e confrontação entre os grupos e indivíduos. A essência das identidades é a sua construção permanente e relacional. No entanto grupos gays ainda se relacionam como se existisse uma rigidez e, com isso, pretendem

demarcar espaços e dominar os grupos e indivíduos considerados, por eles, como inferiores. O que existe, na verdade, são níveis diferentes de adesão à homossexualidade, que correspondem a várias identidades e a várias homossexualidades.

Com base na história da homossexualidade (FRY, 1985) é possível perceber como o tema foi apropriado pelo discurso médico e pelo cristão em momentos distintos, demonstrando que não há nenhuma verdade absoluta sobre o assunto, mas apenas construções historicamente situadas. Nesse sentido, é necessário pensar a homossexualidade e o trabalho dos grupos gays como estudo da cultura e da política.

Assim, cada sociedade cria expectativas quanto ao comportamento que cada um deve desempenhar e essas expectativas são impostas através de uma série de mecanismos sociais. Isso é tão forte e está tão incorporado que é feito de forma sutil, desapercibida e espontânea. E os grupos gays não estão fora desse processo, mas também fazem parte dele, também contribuem para que ele se concretize, na medida em que definem comportamentos e identidades homossexuais. Desde crianças, o menino e a menina aprendem atitudes e comportamentos do que vem a ser homem e mulher para sua cultura e sociedade, e qualquer desvio é punido. Homem, mulher e homossexual são construções e são aprendizados que se realizam na relação com o outro, dentro de uma dada sociedade.

Tratar a homossexualidade como uma questão ideológica e como um discurso político é a opção ideal para pensá-la como resultado das relações entre as pessoas e na construção de papéis sociais que articulam essas visões sobre os homossexuais. Nesse caso, a preocupação estaria centrada nessas relações e não em definir o homossexual, ou seja, o interesse maior estaria nos contextos sociais e culturais onde são produzidas as imagens sobre eles.

Segundo MacRae (1990), os grupos gays organizados mantêm a luta contra essas visões rígidas e, sobretudo, contra o machismo, o preconceito e a discriminação que vigoram na sociedade brasileira e que estão presentes também nas relações homossexuais, mesmo porque essas relações não podem ser entendidas como de fora da sociedade, mas como partes integrantes dela, contaminadas pela hierarquia dominante. Assim, o movimento homossexual luta contra a visão do homossexual masculino como necessariamente calcado no padrão feminino, contra a dicotomia “ativo/passivo”, propondo relações sexuais/afetivas igualitárias. A própria diversidade de homossexuais é responsável por variadas relações. MacRae (1990), quando analisa a organização do movimento homossexual no Brasil na década de 80, destaca que a característica

dessa categoria e do movimento era o ideal anti-autoritário e a proposta igualitária dos membros, tentando diminuir a distância entre homossexuais e heterossexuais, no que se refere aos atributos que anteriormente eram usados como marcas do grupo, reforçando a hierarquia e a discriminação.

Entretanto um grande problema que os homossexuais e o movimento homossexual enfrenta é a falta de repressão explícita ou legal que impede de visualizar o “inimigo” que é dispersado pela prática da falsa aceitação das diferenças, marca da falsa aceitação do brasileiro (MAcRAE, 1990).

Segundo Santos (1993) quem questiona sua identidade e sua posição na relação do poder está questionando as posições hegemônicas. Para o autor, a sociedade está passando por uma crise de regulação social sem, no entanto, ameaçar a dominação capitalista. A diminuição da influência da religião cristã e da medicina na construção da homossexualidade parece ser um fato presente neste final de século. Essa modificação somada à crise de regulação não está, necessariamente, resultando em maiores possibilidades de emancipação do homossexual. Muito pelo contrário. Existe, juntamente com a crise de regulação, uma crise de emancipação, que atinge também os homossexuais. O novo contextualismo e particularismo que estão presentes na sociedade atual, pós-moderna, dificultam pensar estratégias de emancipação.

2.6 O desejo e o amor como temas da reunião²³

O desejo e o amor aparecem como tema de uma reunião do MGM intitulada “Sexo e amor homossexual”. A princípio, o que poderia chamar atenção é a própria definição do tema, em que a palavra “homossexual” aparece para especificar, não se pretendendo falar de sexo e amor de forma geral, mas de algo que seria próprio do homossexual. O anúncio do tema, na semana anterior, já havia causado grande excitação nos participantes, demonstrando o forte interesse que desempenha na vida de todos. Essa excitação ainda estava presente nesse dia, quando os integrantes chegavam agitados, comentando o que seria discutido na expectativa de saber o que seria falado, para também falar, para ouvir e para trocar experiências.

²³ Os textos que reproduzem os discursos dos participantes nas reuniões dos grupos foram transcritos, na íntegra, preservando-se as características e os recursos próprios da língua falada, em condições de informalidade. Para diferenciar das citações, as falas dos participantes aparecerão em itálico.

Estavam presentes cerca de 25 participantes, distribuídos em um círculo, de forma que todos se olhavam, ampliando a possibilidade do debate. Encostado na parede oposta à entrada estava Oswaldo, presidente do grupo, que seria o responsável por iniciar a reunião com os informes gerais e que nesta oportunidade também era quem iria dirigir a discussão. Com era comum, o encontro começou com as boas vindas aos presentes, um questionamento de quem estava ali pela primeira vez, seguido de um pedido para que os iniciantes se apresentassem e, logo após, foi solicitado que todos, seguindo a fila que se formou com a distribuição das cadeiras, também se apresentassem dizendo o nome. Prosseguindo, Oswaldo passou para os informes gerais, trazendo algumas notícias importantes para o grupo, eventos que estavam sendo organizados, enfim, um momento para informações rápidas.

Tempo maior foi dedicado por Oswaldo à questão do Disque Denúncia, destacando as agressões sofridas pelos homossexuais, além de informar da falta de estatísticas sobre esses crimes. Nestes momentos, quando há alguma informação mais polêmica, quase sempre se desdobra em troca de idéias, em falas, estratégias que visam esquentar o debate, conforme o ocorrido nesta ocasião. Logo de início, Marco Carneiro, um empresário e um dos membros mais antigos e participativos do grupo, demonstrou sua indignação com a notícia que havia lido no jornal a respeito do fim do “Disque Homossexual”, um projeto que existia na cidade do Rio de Janeiro.

Nessas circunstâncias, Oswaldo explica a todos o que é um projeto de Disque Denúncia, a relação inicial com o Ministério da Justiça, a passagem desse projeto para o governo do Estado e as dificuldades de financiamento e da coleta de dados capazes de produzirem estatísticas nacionais. Em um de suas falas, Oswaldo esclarece que para ele o que há de mais importante em um trabalho como aquele não é acatar as denúncias, mas “*formar parceria com as ONGs*”. O argumento utilizado para defender a importância dessa parceira é a criação de estatísticas oficiais sobre os homossexuais. Todos esses acontecimentos levam à preocupação de se ter dados que demonstrem a existência da homossexualidade, dos seus problemas, não somente a partir dos grupos mas de entidades respeitadas socialmente nesse campo, como por exemplo o IBGE, a Polícia Civil, as Universidades, o Ibope, entre outros. “*São estatísticas confiáveis. Estatísticas que nasceram do nada, sem embasamento teórico, acadêmico e tal, essas estatísticas perdem valor*”.

Todo o discurso produzido em torno da acusação da falta de estatísticas oficiais a respeito das agressões contra os homossexuais se organiza pela defesa da necessidade desses dados, como condição para a captação de recursos e pela luta por políticas públicas capazes de combater os crimes contra o grupo. O debate incentiva o aparecimento de um outro tema muito presente nas discussões e uma das “bandeiras” do grupo: a visibilidade, que certamente contribui para se construir os argumentos a respeito do Disque Denúncia. Diante de tal discussão, o grupo se dispersa e perde-se o foco em questão, surgindo um desinteresse pelo que então estava proposto como tema central.

O dirigente recupera o controle da reunião ao colocar o que estava inicialmente proposto e para incentivar a participação de todos, propõe uma dinâmica em que cada um deveria escrever em um pedaço de papel uma definição para sexo e para amor. A idéia, segundo ele, era socializar as definições e que no final fosse possível elaborar uma definição do grupo. A partir daí, surgem as mais diversas palavras, reveladoras do que é amor e sexo para cada um. Alguns se limitam a dizer a sua palavra, outros acrescentam justificativas para a escolha e ainda existe um terceiro grupo que é solicitado a explicar o porquê da definição. Agindo assim, as vozes vão surgindo, as trocas vão ocorrendo, as definições vão ganhando respaldo, outras vão sendo rechaçadas e o debate vai esquentando. A princípio surgem definições que são compartilhadas e que não causam polêmicas, demonstrando a concordância de todos: melhor, sonho, desejo e esperança, ao que Oswaldo vai aproveitando para criar algumas conclusões, tais como a que dá título a essa parte: ***“Então, para o indivíduo alcançar sua plenitude, ele precisa ser uma pessoa que ame”***.

A primeira definição que incita o debate é felicidade. É Marco Carneiro quem explica a sua escolha: *“Porque eu me sinto extremamente feliz em estar amando. Acordo de manhã lembrando do meu companheiro. Esse amor que eu sinto por ele me completa, me dá força para tocar o dia”*. Seguem-se diversos questionamentos a partir dessa definição e explicação e, por um momento, a discussão gira em torno da relação entre amor e felicidade, conforme verificado em questões do tipo: essa relação é sempre verdadeira? Existe amor infeliz? Conduzindo o debate, Oswaldo vai dando a palavra aos membros que levantam a mão para responder, de forma que o grupo vai fornecendo outras definições e entendimentos a essa relação com a felicidade, tais como sonho, cumplicidade, amizade, ideal, entre outros, de forma que a discussão fica empolgada, com falas incisivas, vozes altas em uma tentativa de se impor as definições pela força. Quase sempre são as experiências vividas que servem para estruturar o pensamento e

argumentar a favor ou contra alguma idéia. Um membro afirma: “*O amor também é no dia-a-dia, comer um saco de sal junto, de matar um leão por dia. Aí você não pode falar..*” Um outro exemplifica: “*Eu quando falei, falei do meu caso, do que eu estou vivendo hoje*”.

Em um segundo bloco, percebe-se uma “acalmar dos ânimos” e uma predominância por falas concordantes e consensuais, surgindo palavras como: compreensão, compaixão, entrega, respeito, complementar, sinceridade e querer. A confirmação e a concordância do grupo vem através de um sinal com a cabeça, com uma expressão de surpresa, com um comentário rápido com o colega do lado ou mesmo com um aparte. É o que acontece, por exemplo, quando aparece o “*querer*”. Baiana, um mulato de estatura mediana e um pouco fora do peso, originário do estado da Bahia e que por isso recebeu esse apelido do grupo, acrescenta: “*Eu quero. Quero ter uma pessoa do meu lado, entendeu? Eu sei que vai ter defeito, mas eu poder olhar e dizer ‘meu amor, eu te amo’. Isso é uma delícia! É muito gostoso, não é veado?*”

A tranqüilidade é quebrada com a fala de Isac, um estudante de Filosofia, com boa articulação tanto na fala como no gestual e que insistentemente traz opiniões que diferem do restante dos membros, representando talvez a maior resistência à construção de algo homogêneo no grupo. Trazendo influências do seu curso e de possíveis leituras, já que constantemente cita algum autor, ele quase sempre rompe com o senso comum, dando contribuições mais profundas ao que está sendo discutido. Com frequência é tido como agitador, desarticulador e mesmo chato, caracterização provavelmente justificada por sua voz discordante, que traz como consequência a desconsideração do grupo. Isac, então, polemiza: “*Eu penso em devoção. Em perda do eu. Todo tipo de amor. O amor fraterno, o amor romântico. Eles têm em comum uma coisa, quando você ama, você nunca vê a coisa como ela é, você sempre se engana das características do ser amado. Então, todo amor é trágico*”.

Essa definição caminha na contra mão de tudo que estava sendo construído até então. O descontentamento do grupo com essa voz é nítido. Um silêncio toma a sala, acompanhado de expressões faciais que demonstram a má vontade com Isac, provavelmente devido à insistência em discordar do grupo. Esse clima é quebrado quando vários membros saem em defesa da tranqüilidade que reinava até à fala de Isac, desqualificando-a e também reafirmando as definições surgidas. Tentando terminar com a polêmica, Oswaldo passa à frente, dando a vez a quem faltava. Um último bloco de definições é formado: fidelidade, carinho, respeito.

Na tentativa de fazer um fechamento da reunião, Oswaldo busca compreender todas as concepções que apareceram, relacionando-as à cultura: *“Olha que coisa interessante. O lugar que eu quero chegar é como é impressionante, a gente percebe que até os nossos sentimentos são determinados pela nossa cultura”*. Fazendo referências à construção de gênero e da homossexualidade, ele defende que o amor homossexual é diferente. A distinção dessa diferença parece servir para fortalecer a idéia do grupo como detentor de um desejo que marca a sua especificidade. No final é possível perceber a condução da reunião no sentido de dela se servir para defender a necessidade de construção de uma identidade homossexual, que seria definida dentre outros aspectos, por esse amor diferente. Parece que o que há de mais rico na reunião – as variadas falas que emergem dos membros – perde sua potencialidade na tentativa de forjar uma definição em comum, capaz de caracterizar e descobrir o que seria o amor e o sexo homossexual.

2.7 O desejo

Na tentativa de definir o desejo e suas relações com a consciência, Chauí (1990) afirma que o desejo e as práticas não são resultados de julgamentos positivos antecipados, mas o seu inverso, ou seja, é porque se deseja e se pratica que se julga esses desejos e essas práticas como algo positivo, bom, belo e justo. Dessa forma, “o juízo não determina o desejo, é determinado por ele” (CHAUÍ, 1990, p. 61). A autora assume um caminho inverso daquele apontado pelos autores que trabalham com a história da homossexualidade. Fry (1985), Flandrin (1988), Foucault (1988), entre outros, demonstram como os julgamentos, principalmente, aqueles construídos com status de verdade e de ciência, determinaram o entendimento do desejo, sendo capazes de estabelecer juízo de valor entre a homossexualidade e heterossexualidade, por exemplo. Esse foi um dos aspectos que determinaram a origem dos movimentos sociais de grupos marginalizados, que durante muito tempo se viram diante dessa relação entre juízo e desejo, em que o juízo negativo de suas práticas era acusado de servir para desmobilizar, para não assumir, para não praticar, enfim, prejudicando sua luta política.

Entretanto o que parece organizar os grupos gays é a utilização dessas duas posturas. Mesmo sendo opostas elas parecem servir muito bem para entender a luta que se organiza em torno da defesa dos desejos e práticas homossexuais. Na verdade elas se alimentam no que diz

respeito ao entendimento do desejo homossexual e da aceitação de outras práticas, também julgadas nos grupos. Em uma reunião em que se debatiam as práticas sexuais, o grupo expõe a rejeição, que passa pelo juízo de valor, quanto à “chuva de prata”²⁴. Diante disso, o responsável pela reunião usa o seguinte argumento: *“Gente, nós não podemos julgar, porque quando alguém fala que chupar o pau de outro homem é nojento, eu não acho. Eu não acho que chupar o pau do Oswaldo seja nojento. Durante muito tempo nós sofremos com isso. Quantos de nós não nos culpamos de ser homossexual e negamos nossa homossexualidade para não ser discriminado?”*. Essa justificativa para a aceitação da prática do outro e da sua própria, pode estar utilizando e unindo as duas posturas levantadas anteriormente. Ao mesmo tempo em que está assumindo e denunciando que o desejo e as práticas homossexuais são resultados de julgamentos negativos, porque são construídos em meio a uma sociedade que fornece um tipo de tratamento e de entendimento que contribui para isso, está também se servindo desse fato para aceitar outras práticas. E, para isso e para justificar suas práticas ele recorre ao pensamento apontado anteriormente por Chauí (1990).

Deste modo, para negar a postura que entende o desejo como determinado pelo juízo, se afirma e defende a outra, em que o desejo determina o juízo. Esse entendimento do desejo homossexual está construindo uma relação entre desejo e desejado, em que o desejado se torne desejável em si, esquecendo a função do desejo, o desejo do desejo como antecessor da definição do desejado. Assim, o desejado vai se transformando e se constituindo como algo externo e anterior ao ato de desejar. Durante toda uma reunião o que se percebe é essa necessidade de ter e/ou viver a homossexualidade, um amor, o que se construiu como idéia de homossexualidade e de amor. E, como essa relação depende do outro, toda ansiedade e necessidade de satisfazer o desejo são colocadas no outro, que é algo externo. Assim, aparece a idéia de cumplicidade, de amor ideal e a figura do “príncipe encantado”. *“Você acha impossível existir amor sem cumplicidade? Existe amor sem cumplicidade? Mesmo que não seja um amor ideal?” Então, não é amor. O amor tem que ser ideal”*. *“A gente idealizou uma fantasia de encontrar um príncipe”*. *“Eu acho que palavra (sonho) liga o amor a homossexualidade, eu acho que todo veado sonha com um grande amor”*.

Esse tipo de raciocínio é fundamental para se pensar a criação da homossexualidade como objeto inventado pelo desejo. Assim, o trabalho dos grupos gays, através da produção dos

²⁴ “Chuva de prata”, é a prática sexual em que os parceiros utilizam a urina como objeto de prazer e de desejo.

discursos, das representações, das identificações e da imaginação vai generalizando o desejado - a homossexualidade - universalizando-a e colocando-a fora dos homossexuais como um valor, criando comportamentos, normas e regras que agem de forma coerciva sobre as homossexualidades e sobre a multiplicidade dos desejos. E definem também, no campo do “desejo homossexual”, o que é aceitável ou não. As definições dos membros vão sendo confirmadas, fortalecidas e transformadas em “verdades” e/ou desejos a serem perseguidos. É o que se percebe, quando em uma reunião, um membro fornece a sua definição de amor homossexual: *“O amor pra mim é considerado uma palavra melhor. Simplesmente, porque é quando o indivíduo, o ser humano alcança sua plenitude, quando ele tem amor”*. A partir dessa definição, o dirigente do grupo que estava organizando a reunião, reafirma o que o membro falou anteriormente, como que respaldando sua fala, dando-lhe um caráter de verdade, já que se trata do dirigente do grupo, que tem um poder maior que os outros membros que lhe fornecem esse poder. Na verdade, esse poder é construído nessa relação em que um é entendido como aquele que sabe, fazendo com que sua fala adquira respaldo e seja mais facilmente aceita. *“Então, para o indivíduo alcançar sua plenitude ele precisa ser uma pessoa que ame. Que a palavra melhor, vem nesse sentido, que a plenitude é você se tornar cada vez melhor. Não é? Alguém discorda disso? Não”*. Em outro momento, o dirigente novamente conclui afirmando, como “verdade” a ser seguida: *“Eu acho que a felicidade e o sonho estão extremamente ligados na medida em que nós desejamos, no sentido de sonhos, um amor que me faça feliz. O amor também é no dia-a-dia, comer saco de sal junto, de matar um leão por dia”*.

A relação originária entre corpo, desejo e homossexualidade é imaginativa. Da mesma forma que o grupo é o resultado da construção entre imaginação, experiências e discursos. Isso faz com que haja todo um esforço discursivo de construção dessa imaginação como realidade. Daí a necessidade de se reafirmar o grupo e as experiências vivenciadas, como construção de uma realidade. É a necessidade de fazer a homossexualidade existir. Esse aspecto é mais claramente percebido quando o grupo discute o fim do serviço de “Disque Denúncia”, que seria um serviço que construiria estatísticas oficiais e que comprovaria a existência da homossexualidade, a sua realidade. Essa necessidade de existência da homossexualidade parece passa pela necessidade da existência do desejo, que passa pela exposição e revelação, que o grupo defende como uma postura para além do grupo.

Tudo isso chega mesmo a criar uma contradição. Ora o grupo identifica problemas dessa revelação em determinados momentos: *“Na hora de você preencher um B. O, ele não marca lá, se você é homossexual, se você é heterossexual. E, nem nós queremos. Porque muitas vezes você revelar que é homossexual, gera preconceito dentro da própria Polícia e você vai acabar sendo maltratado”*. Ora a revelação é recomendada como condição de existência e de motivo para continuar a luta, fornecendo mecanismos de reivindicação: *“Mas se nós tivéssemos lá na hora de preencher um B. O, um item homossexual, heterossexual, nós teríamos estatísticas confiáveis, oficiais”*. Independente de uma ou de outra, o que está em questão é a existência do desejo e, por conseqüência, da homossexualidade. *“Eu acho que a idéia é essa. É acabar com uma coisa que independente de institucional ou não, acabar com uma coisa que dá visibilidade. Isso é que incomoda. É o tema homossexualidade. Qualquer coisa que institucionalize a homossexualidade incomoda. Quer dizer, é não institucionalizar”*.

E é essa imaginação que é construída por vários mecanismos e redes discursivas que vão criar a idéia de um “eu” que deseja algo que pode ser lido de determinada forma e, que a partir dessas leituras possíveis, constrói o sujeito. Mesmo quando esses mecanismos e redes discursivas tornam tudo generalizado, como acontece, por exemplo, pela ação da mídia, da educação e dos grupos gays no que se refere às imagens da homossexualidade, coexistem na realidade social uma diversidade de exploração e de vivência que convivem entre si. Isso faz com que o processo de construção das identidades não se limite aos interesses objetivos, como é amplamente defendido pelos grupos gays, quando associam a necessidade de “uma” identidade gay capaz de conscientizar, fortalecer a luta do grupo e modificar as relações sociais em torno dessas práticas e desejos. Nesse trabalho, constantemente são associadas identidade gay, visibilidade e cidadania, como aparece nas seguintes falas: *“Porque isso, de certa forma, é ponto pra gente gritar pelos nossos direitos, para a gente gritar e propor ações e propor cidadania e direitos humanos para os homossexuais”*

As identidades não são resultados de um dado, de uma essência, como são entendidas pelos grupos gays quando trabalham a identidade homossexual e o desejo. Pensando dessa forma, os grupos gays estão excluindo o coletivo de todo processo de construção das identidades. Além disso, estão negando a importância do seu próprio trabalho, não reconhecendo a interação e a negociação que ocorre em seu espaço. Assim, a ação dos grupos sobre o desejo fortalece nossa herança moderna, no sentido de que a preocupação ainda é a de vigiar, identificar e classificar o

objeto do desejo, que é usado para forjar uma identidade homossexual, única e exclusivamente, a partir dele, fortalecendo-o como objeto e generalizando-o.

A ação dos grupos se inscreve no campo da construção simbólica do eu, do sujeito, da experiência e do coletivo. Neste sentido, esse trabalho em torno do desejo e da identidade homossexual visa construir um sujeito coletivo, que vai interferir na participação e organização do grupo. Daí tanto investimento em torno do desejo e da identidade homossexual, que tem como uma das possibilidades de acontecimento via essa ação dos grupos. Portanto, mesmo concentrando força no desejo como principal fator de definição da homossexualidade e definidor da exigência da identidade homossexual, os grupos gays transformam e usam essas ações e fatores em interação, negociação e compartilhamento, capazes de ligar os participantes, formando a idéia do desejo, do homossexual e do grupo. As idéias por si só vão formando um todo compreensível e definidor do que vem a ser desejo e identidade homossexual, ou então esse trabalho é realizado pelo dirigente que se encarrega de criar laços entre os membros, de forma que todos se sintam homossexuais e parte do grupo, já que compartilham as mesmas idéias. Surgem frases como: *“Eu entendo sua explicação. Ela não está muito longe do que o Júlio chamou de compreensão”.* *“O que vocês acham do que ele falou? A indefinição. Você define de uma forma, eu defino de outra. Você acredita que duas pessoas com definições diferentes de amor podem se amar?”* [...] *eu estou querendo constatar com vocês que o nosso amor homossexual é diferente, os conceitos vão variar... O nosso conceito de promiscuidade, por exemplo, é diferente dos heterossexuais”.*

Desse modo, os grupos gays estão lidando com um entendimento de identidade como algo coletivo e produzido pelos indivíduos em interação e negociação nas reuniões. Através dos discursos veiculados nas reuniões o desejo e o amor homossexual são colocados como objeto de análise, é possível perceber dimensões fundamentais da identidade coletiva (VIANNA, 1999): definição de conhecimentos e de ações sobre os resultados a serem alcançados, os meios para isso e o ambiente das ações; o incentivo nas relações e trocas entre os membros e a presença de investimentos emocionais, como por exemplo, o desejo e o amor, que servem para que os membros se reconheçam, identifiquem e reconheçam os homossexuais de forma geral e se unam.

Dimensões que resultam em tensões que estão presentes na construção e manutenção dos grupos gays: “1) a tensão entre permanência e mudança; 2) a tensão entre as dimensões internas e externas do ator coletivo; 3) a tensão entre o comportamento baseado no cálculo dos custos e

benefícios da ação e a conduta cuja base é a identidade dos atores” (VIANNA, 1999, p. 59). *“É muito difícil para os casais homo construir uma casa, [...] é um querer, sabe? É muito mais vontade, muito mais coragem, é uma batalha muito maior que um casal hetero. É um amor no sentido total da palavra. Porque é uma barra você ter um relacionamento homossexual. Existem barreiras que são externas a você e foge do seu controle”*.

A construção da homossexualidade e do “desejo homossexual” está servindo para que os grupos construam conhecimentos, discursos, representações e regras comuns de compreensão dessas realidades, fortalecidas através das relações entre os membros e o reconhecimento emocional. *“Quem assume um amor homossexual é porque ele quer muito. Ele vai brigar com o mundo, vai sofrer horrores. Aí que tá. Eu não me conformo de ver bicha sofrer pra ficar do lado de uma pessoa que a despreza, entendeu? Vai lutar contra o mundo todo para viver uma vida de merda, sabe?”* Há um retorno para o grupo: essas ações fazem com que existam dois tipos de motivação para ação nos grupos. Por um lado, essas relações que servem para constituir a idéia de grupo, que resulta no atendimento de suas demandas, na mobilização dos membros em torno das necessidades para sua manutenção e fortalecimento e para que assumam a luta como causa individual. E, por outro lado, as relações interpessoais, de convívio, de troca, resultam num alento emocional, em que cada um sente-se parte de um grupo, compartilhando e reconhecendo emoções, que geram um sentimento de segurança e proteção (VIANNA, 1999).

Segundo Touraine (1994), foi na modernidade que se inaugurou a idéia de que o “homem é o que ele faz”, associando nessa construção a produção, a organização da sociedade, assim como o interesse e a “vontade de se libertar de todas as opressões” (1994, p. 9). Essa união entre uma cultura científica, uma sociedade ordenada e um conjunto de indivíduos “livres” foi traduzida no fortalecimento da razão, capaz de possibilitar “a adaptação da vida social às necessidades individuais e coletivas” (TOURAINÉ, 1994, p. 9). Sendo assim, a libertação dos controles ou mesmo a promessa dessa realização, ou a luta por sua efetivação trazem a felicidade ou a promessa de dias melhores que são sempre associados à idéia de felicidade. Essa associação de idéias que foi se formando a partir da modernidade tomou novo ânimo nas décadas de 60 a 80, no momento das organizações dos movimentos sociais, que incluíam nas suas pautas de debate essas promessas, tanto de libertação das opressões quanto de felicidade. Elas serviram para dar origem aos grupos, mantê-los, fortalecê-los e ampliá-los. Dessa forma, os grupos gays, tributários desses movimentos, também trabalham nessa perspectiva de construção do sujeito produtivo,

regulador de sua vida pessoal e capaz de se libertar das opressões e ser feliz - o sujeito homossexual militante.

A herança moderna foi responsável por construir a idéia da homossexualidade baseada na doença, no pecado, na inversão, enfim, como algo que deva ser controlado, reprimido e negado. Assim, vivenciar uma relação homossexual e poder confessá-la nas reuniões, adquire um sentido de libertação dos controles, causando uma sensação de felicidade, que é compartilhada com os outros membros. Mesmo que não vivencie, as histórias narradas tornam-se promessas de felicidade. *“A gente tem que falar também a questão da palavra homossexualidade. Essa palavra é recente, não é uma palavra usada há milhões de anos. E, essa palavra está embutida nela a palavra sexo. Então, a homossexualidade, durante muitos anos, não existia nenhuma possibilidade de relacionamento afetivo. Tanto é que quando a gente conversa hoje com as bichas dos anos sessenta, elas nunca..., a elas nunca foi permitido o amor. A homossexualidade, para essa turma, era puramente sexo. Então, nós estamos falando hoje de amor e sexo homossexual, isso é um puta avanço”*.

No entanto, Touraine (1994) argumenta que vivemos numa sociedade pós-industrial programada pelos produtores culturais - educação, mídia, grupos sociais - em que a tensão central se localiza na oposição entre as imagens construídas por esses “aparelhos de produção cultural” e a defesa do sujeito pessoal (1994, p. 13). É nesse sentido que os grupos gays voltam, cada vez mais, o seu trabalho para a educação e para a mídia, no sentido de tentar resolver essa tensão na construção do sujeito homossexual, ao mesmo tempo em que estão interessados em se tornar o “porta-voz” oficial da organização dessas práticas, reivindicando um lugar que durante muito tempo foi ocupado pela Medicina, Religião e Justiça. Assim, essa sociedade pós-industrial se organiza e tem que lidar com um campo de ação cultural e social mais amplo e melhor organizado, constituído e fortalecido (TOURAINÉ, 1994).

A princípio, a luta dos movimentos sociais de forma geral, e, especificamente, dos grupos gays, serviram para que os sujeitos se afirmassem como sujeitos, visto que ela se organizaria, discursivamente, contra os poderes que o dominam. E, nesse sentido, o reconhecimento, a vivência, o compartilhamento e a transformação do desejo em discurso contribui para a afirmação dos sujeitos, enquanto sujeitos porque estão “lutando” através da vivência, contra a opressão e, enquanto homossexuais, porque estão lutando e se organizando em grupo. Diante dessa situação de construção dos sujeitos nos moldes do que foi construído na modernidade, o grande desafio

colocado para os grupos gays seria pensar como reinventar a vida social e a vida política, em meio à dissociação dos meios e dos fins? Como problematizar e reinventar a homossexualidade, o desejo, as identidades, em meio a dissociação, atual, entre o como está sendo feito e o que se pretende?

Não é por acaso que a modernidade foi se transformando em uma sociedade de controle, via integração e repressão, seguindo a tendência de ampliação do campo de moralização, que hoje em dia, atinge e organiza o trabalho dos grupos gays. Não se trata somente de seguir as ordens, as determinações e as informações organizadas pelos grupos, mas, sobretudo, acreditar nelas, ajustar seus sentimentos, crenças e desejos a essas determinações fortes na medida em que se organizam como preocupadas e necessárias para o êxito social. Portanto, a maior característica atual desse controle é que ele se exerce sobre cada um, fabricando os sujeitos, impondo-lhes uma identidade. Grande parte desse mecanismo de poder, criado no interior dos grupos, foi resultado do advento do HIV/AIDS, que foi capaz de levar a uma associação entre os grupos e o Estado, através do Ministério da Saúde e da Medicina, através da preocupação com a doença e da necessidade de organização e prevenção dessa comunidade. Deste modo, o trabalho dos grupos gays também vai se transformando num tipo de higienismo social, formulado em nome da ciência, capaz de re-significar os desejos, as práticas e as identidades homossexuais.

A intimidade foi despertando o interesse e tomando importância desde o século XVIII, graças ao grande valor, ao prestígio e à autoridade dada à confissão (TOURAINÉ, 1994). O homem foi se transformando num ser do desejo. “Todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante [...]” (KEHL, 1990, p. 368). Essas afirmações unem sujeito, realidade e desejo. Daí a necessidade da identificação dos desejos, dos outros e dos próprios, capazes de nomear os sujeitos. O não desejo significaria o não ser sujeito. É a realidade que cria os desejos, visto que é dela que chegam as percepções dos objetos, que possibilitam que o desejo se transforme em discurso. A realidade cria o desejo através do discurso desse desejo. Talvez isso explique a necessidade, dos grupos gays e dos indivíduos, de discutir os seus desejos, nomeá-lo, criar e recriá-lo, não só para se reafirmarem enquanto sujeitos, mas também como grupo. *“Todo mundo falava: você gosta de menino? Então você é mulher. Não existia a possibilidade do amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Se você ama alguém do mesmo sexo, então você está errado. Você é o homem que não deu certo, você é o homem que quer ser mulher. A minha mãe quando ficou sabendo que eu era homossexual falou: ‘Ai! Meu Deus do Céu!’*

Qualquer hora você aparece de vestido'. Porque na cabeça dela... porque o homem que come veado não é veado. Se eu sou veado, vou vestir de mulher. Agora pensando o que nós podemos fazer. Eu acho que está na hora da gente quebrar esse desenho e construirmos... porque que a gente insiste nisso, esse assunto sempre vem nas reuniões, na construção da identidade homossexual, a necessidade da construção de uma identidade, que a gente se identifique e que a gente diga 'nós temos a nossa própria identidade'. Isso passa pela construção de um novo conceito de amor, de amor diferente. Amor homossexual é diferente do amor heterossexual. O que vai caracterizar um e o que vai caracterizar outro, nós temos que construir. Nós vamos construir um amor em contraposição. Nós temos que ter consciência que o nosso amor, ele difere do amor heterossexual. Então, é uma forma de sobrevivência nossa". Daí que não se trata apenas de apropriação de uma realidade que é dada ao sujeito através de uma cultura, mas de um constante trabalho de re-significação, de re-simbolização dos códigos dessa realidade.

As representações dos objetos da realidade são o único ponto de apoio do sujeito para falar *do* desejo, mas o julgamento que o Eu efetua sobre essas representações e principalmente sobre sua relação com elas está cheio de enganos, ou melhor, de ilusões, criadas pelas próprias colisões entre o desejo e o recalque (KEHL, 1990, p. 369).

Essas ilusões podem ser identificadas na reunião quando se discute o amor e o desejo homossexual. Quando os membros dos grupos apontam para a necessidade de viver e de conhecer situações de amor, o que pressupõe desconhecimento, eles estão se referindo e falando de algo que eles pensam que conhecem, pelo menos o bastante para se tornar objeto de reflexão e de desejo. O que eles desejam aqui não é viver uma situação desconhecida, mas reconhecer um objeto de suas representações, investido de afetos e expectativas, a partir da troca com o desejo dos outros. Mas isso não acontece com todos os assuntos, mas o debate nos grupos só ocorre com objetos da realidade que são valorizados, e valorizados aqui para o grupo, para o que vem a ser homossexual. Os participantes quando se encontram na primeira reunião de cada ano para decidir os temas que irão compor a pauta de debate ao longo do ano, não estão simplesmente apontando os objetos da realidade valorizados pelo grupo, mas, mais do que isso, estão demonstrando o que vem a ser homossexual, visto que ser homossexual está diretamente relacionado aos objetos de interesse em comum.

Portanto, quanto mais os membros souberem sobre o amor e o desejo homossexual mais chance terão em obter prazer quando se sentirem em situações reconhecidas como de amor e desejo. É o reconhecimento do poder do desejo em construir ilusões, de modo que as pessoas possam encontrar exatamente o que esperam, sem perceber esse poder e esses mecanismos de construção dos desejos. Assim, o sujeito corre o risco de não encontrar, de fato, o que espera, fornecendo-lhe uma sensação de não ter vivido uma história de amor, de nunca ter tido um amor, reclamações recorrentes nas reuniões. O amor está sempre relacionado à busca, à necessidade, conforme expressam as falas: *“A gente espera um grande amor”.* *“Felicidade. Porque eu me sinto extremamente feliz em estar amando. Acordo de manhã lembrando do meu companheiro. Esse amor que eu sinto por ele me completa, me dá força pra tocar o dia”.* *“Eu acho que desde o primeiro momento se não tem sinceridade não é amor”.*

Como ressalta Kehl (1990), o que mais se deseja é continuar desejando, continuar sendo sujeito de um enunciado que fala sobre um objeto real, reconhecido e valorizado pelo outro. Refazer a constante pergunta “o que eu desejo?”, portanto, é o mesmo que buscar sempre a repetição da pergunta “quem sou eu?”, já que desde o início da construção dos sujeitos há uma associação entre identidade e cadeia particular de significantes (KEHL, 1990). Daí a importância dos grupos gays para a construção dos sujeitos homossexuais detentores de desejos. As falas particulares quanto ao desejo servem para identificar o que Kehl (1990), classifica como “cadeia de significantes”, que é mais fortalecida na medida em que diz respeito ao campo da realidade que o outro reconhece como valorizada e também como objeto de seu desejo. É compartilhando o reconhecimento desses desejos que o sujeito reafirma sua existência como sendo capaz de vivenciar o que também é desejável para o outro. Esses mecanismos de construção dos sujeitos, via desejos e discursos, estão presentes no trabalho dos grupos gays, mesmo que eles não tenham consciência do que estão construindo e do que estão participando.

A dinâmica das reuniões contribui para a construção desse mecanismo, visto que a fala do outro sobre o desejo e o amor é capaz de desencadear o desejo de ter um desejo, que pode ser generalizado pela necessidade de manter um significante para a falta e para o ser. *“Quando você está amando uma pessoa, acho que você encontra nela o que você tentou buscar, você se completa no jeito da pessoa, ela te completa. Ela pode até não está te amando, mas o fato de você tá amando ela, acho que ela complementa o que você tá buscando”.* *“Querer. Querer, no sentido de...de...de tudo, de tudo. De querer dormir junto, de querer trepar”.* *“Eu quero. Quero*

ter uma pessoa do meu lado, entendeu? Eu sei que vai ter defeito, mas eu poder olhar e dizer 'meu amor, eu te amo'. Isso é uma delícia! É muito gostoso, não é veado?'” Dessa forma, as falas das reuniões possibilitam que cada um pense a respeito do seu eu, num processo que fortalece a característica reflexiva da nossa sociedade, como apontada por Giddens (1993). E, na medida em que se associa amor, desejo e homossexualidade, as reuniões contribuem também para tornar pensável a homossexualidade de forma geral e o homossexual de cada um. Sendo assim, é possível pensar que as reuniões estão servindo para construir identidades valorizadas da homossexualidade, que são oferecidas como as aceitáveis aos seus membros, num trabalho de construção dos sujeitos homossexuais. Ao oferecer identidades gays aceitáveis, associando sua definição a um tipo de desejo que seria específico, os grupos gays estão antecipando alguma coisa para os indivíduos. Os grupos alimentam, assim, o homossexual futuro dos indivíduos, agindo sobre o que eles acreditam e idealizam como um poder de interferir na realidade, a fim de que as pessoas possam expressar e realizar seus desejos e suas homossexualidades.

A construção do que o grupo define como aceitável também é realizada pela negação das idéias contrárias, pela exclusão das falas que discordam, fortalecendo ainda mais as convicções individuais e de grupo. As falas discordantes são rapidamente atacadas ou então desconsideradas, não se desdobrando em novas falas. *“Eu só discordo do Isac pelo seguinte. É engraçado porque quando as pessoas falam de amor parece que elas estão entregando a vida delas num potinho para outra pessoa. Eu acho que quem faz isso, na verdade, se ama muito pouco. Eu acho que todo mundo que busca o amor, busca alguém para complementar, mas não para se entregar. [...] Eu acho que você tem que ter consciência plena daquilo que você sente por você mesmo, senão você está entregando sua identidade nas mãos de outra pessoa”*. *“Ai vai quebrar a cara”*. Em outro momento da reunião, uma outra fala discordante é atacada, demonstrando o julgamento de valor que está sendo organizado no grupo, apontando o comportamento “ideal” diante do amor e desejo. Além disso, ao agredir o discordante, busca-se preservar o que se acredita e preservar o grupo. Neste sentido a fala que se segue é reveladora: *“Eu acho que tem pessoas equilibradas que consegue enxergar no outro algo mais próximo da realidade e outra menos equilibradas que consegue enxergar no outro algo além”*.

Dessa forma, pensar, no grupo, “o que eu sou” associado “ao que eu quero”, ou seja, essa união entre identidade e desejo, estará sempre em diálogo com uma certa tentativa de adivinhar e se adequar “ao que eu devo querer”, e no limite, “ao que o outro quer que eu queira”. O outro

aqui se refere tanto ao homossexual que está ao lado e que faz com que os desejos, comportamentos e experiências sejam as mesmas, quanto ao grupo que define através das falas o que se espera como homossexual, de um homossexual. Daí tanta necessidade de conhecer esse desejo do outro e de si próprio. Em última análise pode-se concluir que essa necessidade é, na verdade, o desejo de saber.

[...] a realidade se impõe logo de início para o sujeito como o lugar onde o Outro domina - a ponto de ter o poder de significar as próprias expressões do sujeito -, lugar onde impera o desejo do Outro. O desejo da realidade tem origem então na necessidade de conhecer o campo do desejo do Outro, dominá-lo, garantir-se quanto a ele; sua contrapartida é o medo do desconhecido, angústia ante aquilo que o Outro domina e eu não; angústia de ser tão pequena, tão insignificante no imenso campo de objetos desejáveis para o Outro onde eu não consigo saber qual é o meu lugar. Querer conhecer a realidade é querer me apoderar desse Eu misterioso e inapreensível - o Eu do Outro - do qual eu só conheço, e precariamente controlo, manifestações externas e parciais (KEHL, 1990, p. 374).

A homossexualidade, portanto, não é simplesmente uma atividade sexual de ocupação do corpo, mas, sobretudo, discurso, investigação, conhecimento, criação de significados, troca simbólica, enfim, herdeira legítima da vontade de saber (FOUCAULT, 1988). Mecanismos que ocorrem como investigação e apropriação do próprio corpo e do corpo do outro, que passa pela falta, pelo desejo e pelo prazer. Investigações que jamais são satisfeitas, exigindo sua repetição e retorno constantes. É nesse espaço aberto que os grupos gays desenvolvem e organizam sua luta, ao mesmo tempo em que preenchem e realizam essa dinâmica de organização da realidade, contribuindo para sua contínua necessidade de retorno e repetição. Em última análise, o trabalho dos grupos gays acabou incluindo uma nova forma de organizar a relação desejo e identidade, em que o desejo de ser deveria, ou melhor, teria que ser interpretado como um desejo de participar da luta, defender as causas, não somente no sentido de se identificar com elas, mas em aproximar-se delas ficando difícil de se separar a causa, da identidade e o pensamento do grupo, do pensamento dos indivíduos.

Como ressalta Touraine (1994), “o sujeito não é mais a presença em nós do universal”, mas sim uma constante construção e apelo pela mudança do “Si-mesmo em ator”. O sujeito, portanto, é o esforço para dizer Eu. O sujeito passa a ser Eu, construído na resolução da tensão entre vida pessoal e papéis sociais. O trabalho dos grupos gays deve ser entendido nessa perspectiva, já que ele contribui para essa transformação do sujeito em ator, nesse processo de

construção do Eu, mas de um Eu definido pelo grupo, o que alimenta a tensão entre vida pessoal, experiências, histórias de vida com papéis sociais valorizados, recomendados e exigidos. Diante dessas questões Touraine (1994) não hesita em afirmar que “o sujeito jamais triunfa”. “Ele anula a si mesmo tornando-se a Lei, identificando-se ao que é mais exterior, mais impessoal” (TOURAINÉ, 1994, p. 221-222).

Ampliando sua análise, Touraine (1994) defende que esse processo de afastamento de si mesmo e de identificação com o que é mais exterior é a subjetivação, ou seja, a penetração do sujeito no indivíduo, a transformação do indivíduo em sujeito, que é resultado da obsessão pela construção de identidade. “A procura da identidade, tão obsessiva nos dias de hoje, não manifesta a vontade de ser um sujeito; ela é, ao contrário, a autodestruição do indivíduo, incapaz, por razões internas ou externas, de tornar-se um sujeito” (TOURAINÉ, 1994, p. 297). A luta pela construção de uma identidade homogênea, a obsessão pela identidade é mais forte para aqueles grupos que se sentem ameaçados, que buscam um êxito individual ou coletivo, que se sentem desvalorizados e invadidos por uma cultura (TOURAINÉ, 1994). É provável que isso explique que a busca pela identidade nos grupos gays assuma um caráter, muito mais de defesa de uma identidade transmitida, da qual eles são os porta-vozes e detentores, do que uma identidade construída. Esses pontos fornecem a essa busca e a essa identidade um sentido artificial. Assim, a reivindicação e busca de identidade partem muito mais dos dirigentes dos grupos do que como demanda de sua população.

Análise feita anteriormente aponta para o resultado da luta dos movimentos sociais pela tentativa de libertar o homem das normas da sociedade. Neste sentido é possível uma aproximação com o trabalho de Foucault (1990), ao demonstrar como os detentores de poder assumem um caráter pastoral, no sentido de buscar cuidar permanentemente de todos, graças à transformação do pastorado em tecnologia de poder, que é uma questão da sociedade ocidental contemporânea. Tudo isso organiza a relação com a responsabilidade, com o destino de todos e de cada um em particular. Os dirigentes dos grupos gays parecem ter incorporado esse sentido pastoral, que está servindo para organizar a construção do eu, numa associação entre tecnologias de poder e do eu.

3 “PORQUE VOCÊ, QUANDO NÃO É ASSUMIDO, VOCÊ NÃO ESTÁ SENDO VERDADEIRO”: A CONSTRUÇÃO DO GRUPO GAY E DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

Numa passagem do filme *Ma vie em Rose*²⁵, a mãe fornece ao filho uma identidade homossexual²⁶, respondendo, a Ludovic, as perguntas “incômodas” que ele, insistentemente, colocava para si e para os outros, na ânsia de se “definir”: “Quem sou eu? Que lugar é reservado pra mim?”. Diante da dificuldade em lidar com a diferença apresentada pelo filho e, depois de diversas tentativas da família, em adequar o gênero à orientação sexual²⁷, a mãe define para o “menino” o que é ele, segundo o seu olhar. Assim esclarece, ao mesmo tempo em que cria para Ludovic o que é “veado”, o que é “ser veado”, associando em sua definição desejo, orientação sexual, diferença e identidade.

– “Veado também é um menino que gosta de meninos! Como você!”

A reação de Ludovic é o silêncio e, talvez, surpresa diante de tal classificação e de ver atribuído a ele um desejo e uma identidade que até o momento ele desconhecia. Essa fala associa o menino a uma personagem²⁸ - o homossexual -, ligado a uma imagem e a uma representação. Além disso, ela lhe fornece um grupo de pertencimento²⁹, o grupo dos homossexuais. Assim, examinar processos de construção das identidades, que essa passagem remete e que faz refletir o

²⁵ O filme *Ma vie em Rose* é uma co-produção belga e francesa, de 1997, com a direção de Alain Berliner. Ele conta a história de Ludovic, uma criança de sete anos, biologicamente masculina, mas que se sente e se percebe como uma menina, como tendo o gênero feminino. Diante disso, o filme vai sendo construído a partir da trajetória dessa criança na luta por sua definição, trazendo para discussão as relações que se estabelecem entre família, escola, rede social de amigos, vizinhos e parentes com a diferença apresentada por Ludovic.

²⁶ A identidade como uma construção lingüística pode ser imputada, acionada ou omitida. No caso da identidade homossexual, quase sempre ela é imputada pelo outro, atribuindo a esse alguém a responsabilidade de ser homossexual.

²⁷ Adequar gênero à orientação sexual diz respeito ao conceito de heteronormatividade, elaborado por Britzman (1996) e explorado nos estudos de gênero, sexualidade e educação de Louro (1997, 2003). Esse conceito pode ser traduzido pela obsessão com a sexualidade normalizante, ou seja, evidenciada por uma proliferação de conselhos sobre como “curar” ou evitar a homossexualidade, considerando a heterossexualidade como sendo a sexualidade estável e natural. Esses conselhos são direcionados à família e escola, entendidos como espaços que devem trabalhar para evitar a “desordem de gênero na infância”.

²⁸ Segundo Foucault (1988), o século XIX foi responsável por transformar o homossexual em uma personagem, com um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, um corpo, enfim, tudo relacionado a sua sexualidade.

²⁹ Fornecer um grupo de pertencimento revela a relação entre a linguagem, identidade e a generalidade da homossexualidade. “A generalidade do nome é tão necessária às partes do discurso quanto a designação do ser à forma da proposição” (FOUCAULT, 1999, p. 135-136). Uma das formas dessa generalização ser alcançada é agrupando os indivíduos que têm entre si certas identidades, separando aqueles que são diferentes.

cotidiano, é trabalhar com sistemas de representação³⁰, que impõe a necessidade de analisar a relação entre cultura e significado (WOODWARD, 2000). Nessa perspectiva, os significados das homossexualidades só são compreendidos a partir da idéia sobre quais posições de homossexual são produzidas por esses sistemas de representação e como esses sujeitos se posicionam ou são posicionados em seu interior.

Não é um filme sobre homossexualidade, embora, num primeiro momento, possa parecer que esse é o tema central. Ele discute a necessidade de classificação presente em nossa cultura, num processo de enquadramento em que a sexualidade é um dos critérios mais utilizados³¹. E, nesse processo, o desejo serve para definir a orientação sexual, fornecendo-lhe uma identidade. Portanto, trata-se de uma história sobre identidades³², dependentes entre si e que são vistas como claramente identificáveis e às quais as pessoas envolvidas supostamente pertencem.

Ao analisar o que contribui para a formação de um grupo, Anzieu ressalta que a questão “Quem sou eu?” é um dos “questionamentos que a situação de grupo exerce sobre cada membro. E essa questão é para o homem a mais difícil de colocar e assumir” (1993, p. 44). No que se refere à homossexualidade, essa não é uma questão que surge apenas no interior dos grupos, mas também é uma situação que leva ao grupo. Isso porque esse tipo de questionamento é uma das principais características de uma “sociedade de alta reflexividade”, como é a ocidental, que mantém, constantemente, aberta a auto-identidade (GIDDENS, 1993, p. 40-41). Desse modo, a situação de grupo redimensiona a reflexão em torno da identidade. Nem sempre esse movimento representa uma mudança positiva, podendo representar o fortalecimento de representações já existentes. Sobretudo para os grupos gays, a reflexão do *eu* emerge com particular intensidade, já que serve, a princípio, para contestar os estereótipos dominantes, justificando a sua luta e a sua própria organização e existência, que ao discutir a identidade homossexual, está se propondo pensar os lugares ocupados e os possíveis, para cada um na sociedade, visto que o

³⁰ Representação para Woodward (2000) associa práticas de significação com sistemas simbólicos na produção dos significados em que os sujeitos são posicionados. Portanto é assim que são construídos os sentidos das experiências respondendo “quem somos”. Os discursos ordenam e tornam possível aquilo que os sujeitos são e que podem se tornar. As representações estabelecem identidades individuais e coletivas. “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

³¹ A sexualidade passou a ser entendida, a partir do século XIX, como algo que cada um possui, de modo que deve ser descoberta, revelada e investigada na medida em que se tornou um dos aspectos do “eu”, um ponto de encontro entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais (GIDDENS, 1993; FOUCAULT, 1988).

³² O uso da palavra no plural se justifica visto o caráter relacional da identidade (HALL, 1999; WOODWARD, 2000). Dessa forma, não há como discutir a identidade homossexual sem relacioná-la com as identidades masculina, feminina e a heterossexual. Por isso, o filme está discutindo a construção das identidades em relação.

questionamento da identidade pressupõe uma interrogação a respeito dos espaços ocupados, por mim e pelo outro (SANTOS, 1993). Além disso, esse questionamento serve para esclarecer o tipo de homossexual valorizado e, por associação, o desvalorizado, assim como que tipo de comportamento, de postura e de ocupação de espaço é o esperado e defendido pelo grupo, o que fica claramente exposto na fala de um dirigente do MGM ao definir o tipo de comportamento que se espera de um homossexual que está no grupo, ou melhor, do homossexual que se quer formar. *“Essa nossa idéia aqui, essa nossa ideologia aqui do MGM, de respeitar a individualidade das pessoas, o momento das pessoas de contarem ou não, isso é uma coisa muito assim... não é que é uma forma que nós arrumamos de concordar com a invisibilidade não. Isso é uma forma que nós encontramos de reforçar o respeito à individualidade de cada um de nós. Mas isso não quer dizer que eu concorde com o armário, não. Às vezes me parece... quando nós dizemos assim... ele não assumiu, ele não é assumido em casa ou ele é assumido em casa, mas ele não é assumido no trabalho... ele não é verdadeiro. Porque você, quando não é assumido, você não está sendo verdadeiro. Você está representando um papel em determinadas situações, você está entendendo? E, eu acho que nós, nós não podemos estar incentivando as pessoas ou apoiando as pessoas a não serem verdadeiras. Acho que o nosso objetivo é “seja verdadeiro”. Você concorda comigo?”*

A classificação como homossexual fornece aos sujeitos um grupo de pertencimento, que é fornecido pelo que há de comum. No entanto, a dificuldade é estabelecer a colocação em comum do quê? A partir desse esclarecimento é possível verificar o que faz de um grupo um grupo.

O imaginário popular propõe uma resposta idealizada: o grupo é a colocação comum de energias, entusiasmos, capacidades, por intermédio de uma disciplina livremente consentida. [...] o grupo é a colocação em comum de representações, sentimentos e volições; e nos grupos como nos indivíduos, as representações, isto é, as percepções e as idéias, devem controlar os sentimentos e comandar as volições (ANZIEU, 1993, p. 18).

Para que haja um grupo há a necessidade da identificação dos membros entre si (ANZIEU, 1993). Tratando-se de grupos gays, essa identificação ocorre por meio de representação e sentimentos em comum, o que faz com que o desejo esteja tão presente nas discussões dos grupos gays. Primeiro porque, ainda hoje, serve para que cada um se sinta homossexual em algum momento de suas histórias de vida, seja pela classificação advinda do outro, ou mesmo por uma auto-identificação a partir das representações das homossexualidades.

Segundo porque é uma das características que responde à questão colocada por Anzieu, a respeito da “colocação em comum do quê?”. Terceiro porque a leitura do desejo e a sua colocação como traço em comum servem para fornecer uma identidade aos sujeitos, a identidade homossexual, associando a “colocação em comum das percepções que cada um tem de si e dos outros” (ANZIEU, 1993, p. 18-19). Assim, o desejo está servindo para criar um sentimento de pertencimento e levando os sujeitos a se associarem em grupos.

Nesse sentido, a fala de um membro do GAG³³ é reveladora: *“Você não sabe ainda como eu vim para o MGM? Foi assim. Eu tinha um amigo. A gente sempre andava juntos.[...] Aí tá! Ano passado ele me contou que era gay. Eu não sabia, eu desconfiava. Ai ta...Eu tinha uma vida gay assim. Eu tinha ido uma vez na Blade, uma vez no Musik, só. [...] Aí eu fui poucas vezes lá e não gostei. Eu tinha que achar um meio de encontrar amigos gays sem deixar claro... primeiro eu queria encontrar amigo e não namorado, eu queria achar amigo porque eu não sabia o que era ser gay, entendeu? [...] Eu vi um programa, teve um atentado aqui... sei lá... Aí depois eu vi o Oswaldo na televisão aí eu falei “vou lá conhecer”. [...] Achei um ambiente familiar, sabe? Você pode conversar, você pode se abrir, pra todo mundo, você pode ser quem você é. [...] Por que eu gostei daqui? Primeiro porque eu encontrei gente com quem eu posso conversar tudo que eu quero. Segundo porque não tem ninguém rindo da minha cara, segundo porque eu não sabia nada e até hoje eu estou aprendendo o que é ser gay. Você pode ver que eu tenho as perguntas mais inocentes. E, terceiro porque eu achei o ambiente familiar, entendeu? Eu gosto de ambiente familiar, eu gosto de gente que preserva a família, de gente que te vê como amigo, que não te vê como um pedaço de carne, sabe?”*

Na verdade, o que esse membro está trazendo para a discussão é o processo de construção da sua identidade como homossexual. A sua história de vida acaba encontrando eco nas outras histórias de quem participa da reunião, possibilitando uma leitura do que é ser homossexual. Como se observa, a questão “Quem sou eu?” é recorrente nas discussões, independente do tema de reunião proposto. Mesmo naquelas sem um apelo erótico, como por exemplo, “Eleições”, “Candomblé, Saúde e Axé” e “Mercado de Trabalho”, o debate em torno da identidade é o que ganha maior força, demonstrando certo incômodo e necessidade de auto-conhecimento. A socialização dessa questão e suas respostas estão servindo para fortalecer os laços em comum, produzir um sentimento de pertencimento e absolutizar a identidade homossexual, exacerbando a

³³ GAG – Grupo de Adolescentes Gays, do MGM, que teve uma curta duração, somente no ano de 2003.

diferença. E, nesse processo de construção das identidades, nem sempre o trabalho dos grupos está baseado na contestação dos estereótipos, mas em alguns momentos, no reforço deles, sobretudo no que se refere a essa associação entre desejo, orientação sexual e identidade. O desejo é entendido como o atributo exclusivo e suficiente para que se possa identificar, reconhecer e nomear o indivíduo como homossexual, exigindo, dele, visibilidade, vivência da identidade homossexual e inserção na luta do grupo. Nesse trabalho, os grupos gays aparecem, também, como locais de práticas discursivas que contribuem para a produção dos sujeitos, das homossexualidades, mediante certas tecnologias de classificação, o que os aproxima da perspectiva foucaultiana de se pensar a educação como produção das subjetividades e práticas discursivas.

Os estudos genealógicos de Foucault inovaram as pesquisas, na medida em que ressaltaram a necessidade de se investigar as condições de aparecimento das instituições, considerando a condição histórica da construção dos objetos e dos sujeitos a serem investigados. Levar em consideração essa perspectiva, significa pensar o surgimento e o trabalho dos grupos gays, assim como os sujeitos e os conhecimentos produzidos a partir da inserção nos grupos, como próprios de uma determinada época.

O nascimento da homossexualidade e o surgimento dos grupos gays são datados, dizem respeito a um contexto que é fundamental para entender sua existência, como também para perceber que não se pode falar dessas “coisas” como algo que sempre existiu e que são naturais, imutáveis e invariáveis. O homossexual é uma criação discursiva do século XIX (FOUCAULT, 1988), juntamente com uma grande “família indefinida e confusa dos ‘anormais’” (FOUCAULT, 1997). Esses “anormais” deram origem aos grupos formados a partir de três elementos: o monstro humano, o indivíduo a corrigir e o onanista. O primeiro foi responsável por uma associação entre o discurso jurídico e o médico-biológico, visto que se tratava de um afastamento da natureza e da lei. Eram os hermafroditas, os que detinham individualidades duplas e as figuras meio-homem meio-besta. Representavam a transgressão. O segundo reforçou a importância do adestramento e a necessidade de técnicas de disciplina do corpo, do comportamento e das aptidões. Eram os incorrigíveis. O terceiro ressaltou a correlação entre sexualidade e a organização familiar, atribuindo à criança uma nova posição nessa relação, dando nova importância ao corpo e à saúde. Eram os que praticavam as relações interditas, adultérios, incestos, sodomia e bestialidade (FOUCAULT, 1997). Como herdeira desse século preocupado com a classificação, correção e

construção dos sujeitos, o discurso em torno da homossexualidade também vai dialogar com a idéia de transgressão, de correção, de preocupação com o corpo e saúde e de relações interditas. “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 43-44). Embora essas idéias ainda estejam presentes em muitas representações da homossexualidade, elas não permitem dizer que as coisas permanecem iguais, mas o seu inverso, ou seja, a homossexualidade de hoje não é a mesma do século XIX.

Os grupos gays surgem em diálogo com as representações da homossexualidade. A partir daí, é possível perceber que as preocupações envolviam uma questão central para os grupos no que se refere a sua militância. Por um lado, a desconstrução dos parâmetros da homossexualidade. Por outro lado, a construção de discursos, imagens e identidades mais positivas da homossexualidade. Segundo Foucault, a homossexualidade é resultado da produção de conhecimento e não uma identidade que foi descoberta, sendo, portanto, um produto cultural, assim como a heterossexualidade. Assim sendo, tanto uma quanto a outra tem uma história que se torna essencialmente relevante para organizar a discussão atual.

Aproximando-se da perspectiva foucaultiana, trabalhar com as homossexualidades é partir de questões do presente. Neste sentido, problematizar o presente, suspeitar do que está posto no cotidiano como definições inquestionáveis, como verdades a-históricas é fazer “a história do presente” (CÉSAR, 2004). Portanto, pensar a construção histórico-discursiva das homossexualidades é negar o seu caráter natural, como algo dado, atemporal e imutável. Quando os grupos gays surgem e se propõem a trabalhar com as homossexualidades por outras perspectivas, eles abrem, a princípio, a possibilidade de olhar por outros ângulos o tema investigado, contanto que não percam de vista a construção histórica das práticas e discursos investigados no momento mesmo em que eles se tornam “problemas”. Esse tipo de investigação está mais claramente exposto no trabalho de Foucault, ao pensar o surgimento do “problema” da homossexualidade, inexistente até a segunda metade do século XIX.

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação das perversões* e nova *especificação dos indivíduos*. A sodomia - a dos antigos direitos civil ou canônico - era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida;

também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada - o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia - menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

A partir das idéias expostas anteriormente, coloca-se a necessidade de se verificar até que o ponto os grupos gays estão trabalhando no sentido de questionar as práticas e discursos de construção das imagens e identidades homossexuais que estão presentes na cultura? E, mais do que isso, até que ponto esse trabalho também está voltado para um auto-questionamento, para a problematização dos discursos e práticas produzidos no interior dos grupos e que estão contribuindo para a produção da subjetividade dos seus membros, assim como, para construção de imagens e identidades das homossexualidades para além dessas associações? Como a relação entre desejo, diferença e identidade, está sendo utilizada para construir o grupo? A pretensão é entender a construção dessa relação e das homossexualidades em meio a uma rede discursiva organizada nas reuniões.

Segundo Foucault (2002), tudo pode ser transformado em discurso, já que tudo pode ser dito. Isso se explica por duas razões. Por um lado porque o discurso nada mais é do que a reflexão de uma verdade que surge diante das pessoas. Por outro lado, porque uma vez que todas as coisas são apresentadas elas podem retornar à interioridade da consciência das pessoas, o que talvez possa ser explicado pela associação que ocorre entre o que já foi dito e as ausências, demonstrando que os discursos trazem uma história das palavras, ao mesmo tempo, que exclusões. A homossexualidade tem uma história que lhe ordena, que lhe fornece determinados significados, excluindo outros. A formulação e interpretação dos discursos já trazem o que pensam descobrir.

3.1 Um e-mail servindo ao grupo

Para desenvolver as análises desse capítulo foi selecionada, como exemplo, uma reunião ocorrida no MGM. Para isso é importante recuperar as falas dos membros que foram construídas

a partir da narrativa de um caso de extorsão socializado no grupo. A proposta da reunião era tomar conhecimento do caso, possibilitando reflexões pessoais e posicionamentos com base em duas questões: Em que a “vítima” acertou ou errou? E o que cada um faria, de igual ou de diferente? Definida essa dinâmica, a reunião é iniciada com a leitura de um e-mail enviado por um rapaz.

Uma primeira interrogação possível é problematizar os motivos que levam uma pessoa a buscar ajuda em um grupo gay. Num primeiro momento, duas explicações seriam plausíveis. A visibilidade e o reconhecimento do trabalho fazem do grupo um espaço de busca de ajuda, entendido como um local para defesa e onde podem ser expostas as angústias, prazeres, medos, agressões, enfim, situações da construção das homossexualidades. A identificação do rapaz como homossexual e a resposta às questões Quem sou eu? E que lugar é reservado pra mim? levam-no a recorrer ao grupo. Uma outra interrogação é quanto ao uso de casos como esse, pelo grupo. Qual o objetivo ao usar esse caso e propor uma reunião a partir dele? Esse aspecto revela que a proposta do debate passa pela relação entre construção de identidades e educação. A proposta de pensar o que cada um faria, tendo esse caso como exemplo, e de julgar o que ele fez de certo e de errado na situação, demonstra o objetivo de aprender com o outro, além de servir para definir o comportamento ideal, o tipo de homossexual que o grupo elege como o “correto”, o “ideal” e o valorizado. O e-mail³⁴ a seguir serve de inspiração para a reunião:

“Venho expressar minha indignação e, ao mesmo tempo, fazer um alerta para a comunidade homossexual de Juiz de Fora. Por motivos óbvios, por questões pessoais e profissionais, prefiro não me identificar, pois apesar de toda evolução dos últimos tempos, o preconceito ainda é forte, mormente, em cidades interioranas. O fato que passo a relatar aconteceu, infelizmente e, lamentavelmente, comigo, nessa semana. Tem dias que a carne fica mais fraca e a libido exacerbada. Talvez seja o calor. Então, liguei para um desses garotos de programa que se anunciam num desses jornais locais de Juiz de Fora. E, além de perguntar o preço, pedi para que fizesse uma descrição, detalhada, de como ele era, por exemplo: idade, peso, altura, cor, corpo, dotes físicos, aparência e etc. Chegando ao apartamento do citado garoto, e, ao entrar em sua sala, constatei que ele não era nada daquilo que ele havia descrito por telefone. Então, imediatamente, assim que entrei, disse isso a ele, educadamente. Em vista

³⁴ Os grupos gays pesquisados mantêm uma página na Internet, assim como listas de discussão, que permitem que qualquer pessoa entre em contato com eles, para tirar dúvidas, para tomar conhecimento de suas festas e ações, expor um problema, enfim se relacionar sem precisar participar diretamente das reuniões.

disso, sendo assim, disse a ele, educadamente, que não faria o programa. Qual foi a minha surpresa que ele, num rompante de violência, trancou a porta com a chave, retirando-a, em seguida dizendo que eu só sairia dali pagando o programa, que eu havia começado, mesmo eu tendo sido enganado pela descrição física que ele fez de si. Bom, me ameaçou e ainda fez a menção de chamar, vejam só, a polícia. Diante de tal violência, ele tinha uma cara de marginal, e, de até usuário de drogas e, não querendo expor meu nome em público, numa ocorrência policial, apesar de estar coberto de razão, e, de estar sendo mantido em cárcere privado, por algum tempo, que me pareceu uma eternidade, e, além do fato de poder ser agredido por ele, que tem um físico mais avantajado que o meu, fui, praticamente constrangido, a pagar o preço estipulado por ele, somente para poder ser liberado e poder sair do apartamento. Me senti, tremendamente, moralmente, violentado e impotente diante de tal situação. Repito que ele era mais forte que eu e, ainda por cima, com uma tremenda cara de marginal. Gostaria que vocês usassem isso da melhor forma possível para servir de alerta para a comunidade homossexual de Juiz de Fora e aos incautos, que como eu, estão sujeitos a esse tipo de situação”.

A reunião seguiu com a leitura da resposta de Oswaldo em nome do MGM:

“Amigo, obrigado pela confiança e pela ajuda. Lamentamos o que aconteceu com você e, estamos tentando criar uma aproximação com os garotos de programa da cidade, para que nós não sejamos obrigados a passar por esse tipo de constrangimento e extorsão. Se você pudesse nos fornecer o nome com que ele se apresenta e o endereço do apartamento, temos como tomar providências sem envolver, em nada, o seu nome e o seu caso. Seria de grande ajuda para nós”.

A resposta:

“Primeiramente, obrigado pela atenção dispensada. Realmente, tem horas que a gente fica desamparado e, totalmente indefeso diante de certas circunstâncias. Na verdade, nunca havia passado por tal constrangimento antes. Quanto ao seu pedido de nome e endereço, eu não citei pelo seguinte motivo. Primeiro, o rapaz mora na região do Centro e, por coincidência, bem próximo de onde eu moro. Portanto, fico com receio de sofrer alguma represália por parte dele, que me parece uma pessoa bem agressiva e capaz de algo assim. Segundo, com certeza, por dedução, ele saberia que eu tomei alguma providência em relação ao ocorrido, pois num momento cheguei a dizer isso a ele. Terceiro, eu tenho um bom cargo público e um emprego estável, além de ser uma pessoa absolutamente discreta e não gostaria, de forma alguma, de ser envolvido em qualquer fato público ou uma ocorrência policial que expusesse o meu nome. Não

sou assumido, e, além disso, conheço pessoas que trabalham na área policial, o que seria bem constrangedor para mim.

Pode parecer paradoxal, mas, infelizmente, essa é a realidade. Estamos enjaulados e os bandidos na rua, de todas as espécies. E, nesse caso, ainda pior pelo fato de não quisermos revelar nossa condição publicamente. Respeito, e, admiro muito, gays que assumem numa sociedade como a nossa, mas, eu, infelizmente, não cheguei nessa fase. [...] Nessas horas fica até difícil recorrermos às pessoas já que teríamos que nos assumirmos publicamente. Não que eu tenha vergonha, mas, ainda somos um país de estigmatizados, principalmente em cidades pequenas”.

Logo depois, o rapaz enviou outro e-mail sem esperar a resposta do MGM.

“Gostaria que me esclarecesse se eu fornecesse o nome usado pelo rapaz, o endereço e o celular, que tipo de providências seriam tomadas, desde que não envolvesse, diretamente, a minha pessoa”?

Oswaldo responde:

“A princípio, nossa intenção é avisar aos outros gays que freqüentam o MGM do perigo que esse garoto representa. Como você sabe, a contratação desse tipo de serviço é bastante comum entre nós e não queremos que outros passem pelo que você passou. Entretanto, o ideal é que o MGM fizesse uma denúncia e tomássemos as providências policiais necessárias. Seu nome pode ser preservado uma vez que o MGM faria a denúncia. Acho que fornecer esse nome, telefone e endereço é um ato de cidadania, uma forma de ajudar a proteger outros gays que podem passar pela mesma situação perigosa, constrangedora, ilegal e coercitiva”.

Diante dessa resposta, o rapaz se posiciona:

“Ok, Oswaldo. Confio em você, no MGM e, também não acho certo silenciar e não denunciar, além de ser um ato de cidadania e de respeito com os nossos pares, que comungam das nossas mesmas opções para que não passem pela mesma humilhação e constrangimento que passei. Segue, então, o nome, o pseudônimo que ele usa na Tribuna de Minas, onde ele faz o anúncio”...

Oswaldo revela o nome, endereço e telefone celular do rapaz, advertindo para que tomem cuidado e que socializem essa informação para os amigos. Feito isso, propõe o debate, perguntando quem gostaria de se posicionar. De início tudo gira em torno do ataque à postura do rapaz em não denunciar, em não “mostrar a cara”, exigindo dele uma postura escolhida como a

correta. O debate em torno do e-mail serve para confirmar o que se define como correto e incorreto, para construir o tipo de homossexual que o grupo deseja.

Além disso, também serve para ensinar a como se comportar em casos como o relatado, como ter segurança e evitar o que ocorreu quando for contratar um serviço de um garoto de programa. É Oswaldo quem ensina: *“Então, olha! Macete. De cara a gente já percebe. Não marque na casa dele, nem na sua. Se vai marcar um encontro com um garoto de programa ou qualquer que seja, marque na rua, num bar, num local público”*. Os casos particulares vêm à tona e recheiam a reunião de experiências próprias ou relatos do que já ocorreu com um amigo. Isso faz com que esse comportamento seja lido como algo comum aos homossexuais.

Mais uma vez a visibilidade retorna na fala de Marquinho, vice-presidente do MGM, como grande culpada, servindo também para fortalecer a luta pela sua expressão: *“Mas essa situação só acontece porque o cara é armário, por causa da visibilidade”*. As falas vão se somando no sentido de construir uma imagem do rapaz como covarde, medroso, irresponsável, sobretudo porque não se assume, não assume a homossexualidade publicamente e com isso não contribui para a luta do grupo. Esse quadro só é alterado pela participação de Arthur, um jovem que em outras ocasiões já demonstrara sua discordância quanto à política do “sair do armário”, reivindicando o seu direito de revelar sua homossexualidade apenas em alguns espaços e para determinadas pessoas. Ele sai na defesa do rapaz: *“Eu discordo. [...] Para uma pessoa chegar e se assumir não é uma coisa tão fácil. [...] Mas, pelo menos ele fez alguma coisa, ele chegou e mostrou a situação. [...] ele está fazendo isso pra gente não cair na mesma cilada, mas também não acho que é necessário a pessoa se expor para querer mudar nada. É uma opção dele”*.

Oswaldo rebate, afirmando que a prática do MGM é respeitar a individualidade das pessoas, acatando o direito de cada um em não se assumir publicamente. No entanto, seus argumentos são claramente na defesa do inverso: *“Porque você, quando não é assumido, você não está sendo verdadeiro”*. O clima fica um pouco tenso, com duas posturas opostas e com cada um querendo mudar a opinião do outro. Como Arthur demonstra disposição em defender sua postura, o grupo sai em defesa do que Oswaldo apontava anteriormente, ou seja, a necessidade da visibilidade. Para isso as falas que se seguem buscam entender o que leva as pessoas a não se assumirem.

3.2 Identidades e linguagem

O que une a passagem do filme *Ma vie em Rose* e a reunião desenvolvida a partir do e-mail é que ambas são histórias sobre identidades. Tanto a identidade revelada na relação entre mãe e filho, quanto as identidades que estão sendo construídas, em diálogo, na reunião do grupo, estão sendo organizadas pela linguagem, pelo discurso. As “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000). As representações agem como forma de classificação do mundo organizando nossas relações no seu interior. Dessa forma, identidade e diferença fazem parte de um mesmo processo, estabelecendo uma relação de dependência. Ao afirmar, ao assumir, ao se identificar, ao imputar uma identidade marca-se uma diferença. A afirmação de uma identidade está organizada numa rede de negações e de diferenças (SILVA, 2000).

Desde o surgimento da homossexualidade e, ainda hoje, o entendimento dessa orientação sexual está ligado a essa relação entre linguagem, identidades e diferenças. Ariès (1987a), destaca que é no momento em que nossa cultura atribui às coisas sexuais um amplo espaço na linguagem, que a reprovação de determinados comportamentos são ampliados. Assim, surge uma moral sexual, definindo os atos sexuais permitidos e proibidos, o “normal” e o “anormal”. A homossexualidade torna-se um “ato abominável e proibido” (ARIÈS, 1987a, p. 52-53). Inscreve-se no campo dos desvios e da anomalia, que eram as duas grandes preocupações que despertaram a atenção no século XIX. O que movia os discursos judiciários e médicos era descobrir o fundo de monstruosidade presente por trás dessas anomalias e desvios (FOUCAULT, 2001). A homossexualidade, como qualquer outra forma de anomalia e desvio, associa duas características paradoxais. Ao mesmo tempo em que se inscreve em uma posição de proibido, mantém um princípio de inteligibilidade (FOUCAULT, 2001). Esse princípio está situado no vício de linguagem, de dizer a mesma coisa por maneiras diferentes, fazendo com que a homossexualidade esteja presente nos discursos médico, jurídico e religioso. Assim, a homossexualidade, desde esse momento, adquire uma característica que é a de afirmar-se e explicar-se em si mesmo. No século XIX eram os médicos e os juristas que buscavam essa característica da homossexualidade no indivíduo. Hoje, são os grupos gays que exigem essa afirmação e explicitação.

Já no início do e-mail descrito anteriormente, o rapaz esclarece que está fazendo um “alerta para a comunidade homossexual”, afirmando que a identidade serve para organizar o

grupo, assim como está marcando a diferença e a negação. Mais do que isso ele está reconhecendo o grupo como o lugar da diferença. Tratando-se da comunidade homossexual, está implícito que *não* se trata da comunidade heterossexual. Sendo assim, afirmar uma é negar a outra, marcando a diferença entre essas duas orientações sexuais, como se elas não se relacionassem³⁵. Ele está definindo um “nós” e os “outros”. Ao longo de sua participação ele ainda se refere em nome desse “nós”, se colocando como parte integrante dessa comunidade a que ele se dirige. “[...] pelo fato de não *querermos* revelar nossa condição publicamente”. “[...] fica até difícil *recorrermos* às pessoas já que *teríamos* que *nos assumir* publicamente”.

O rapaz coloca, em seu discurso, questões presentes que, para ele, afligem os homossexuais de forma geral, criando um algo em comum, capaz de organizar, para ele e para os membros a que ele se refere, a identificação como homossexuais. Dois conceitos de identidade coletiva são colocados em uso, nesse momento: o reconhecimento e a solidariedade. Ele se reconhece como homossexual, portanto, como pertencente ao grupo a que ele se dirige e, a partir daí, cria, junto com os outros, uma rede de solidariedade. As reuniões se tornam processos pelos quais os indivíduos se afirmam como homossexuais, tornando-se homossexuais militantes, resultado desses processos de construção de identidade que ocorrem no interior das redes de poderes que se organizam nos grupos. Algumas falas, conforme as que se seguem, demonstram a criação dessa rede de solidariedade e de poder que serve para construir a identidade homossexual, forçando a idéia de grupo, jogando a responsabilidade para cada membro com o comportamento que se espera de um homossexual, ficando difícil para, individualmente, romperem com essa rede.

[...] nossa intenção é avisar aos outros gays”, “é um ato de cidadania, uma forma de ajudar a proteger outros gays”, “que socializem essa informação para os amigos”, “outros gays como a gente”, “ele estava convicto que não daria o nome e o telefone do garoto de programa, quando eu chamei na “respona”, enquanto comunidade homossexual”.

Os dois conceitos - reconhecimento e solidariedade - servem para criar uma noção de grupo, tanto para o rapaz, quanto para aqueles que estão participando da reunião. Embora o e-mail tenha sido percebido pelo grupo, como uma forma de alerta, e, conseqüentemente, de solidariedade, esse sentimento pode ter sido expresso através de um “destino manifesto” que a

³⁵ Ao desenvolver o conceito de heteronormatividade, Britzman (1996), argumenta que existem três mitos que justificam a sua aplicação. O terceiro deles é o que considera as identidades sexuais como separadas. Assim, os saberes sobre a homossexualidade não teriam nenhuma relação com os saberes da heterossexualidade.

sua história e que o seu discurso revelam. Mais do que um alerta, ele parece denunciar uma situação que espera de “todos” os homossexuais. As questões levantadas pelo sujeito, como por exemplo, o receio da revelação pública da homossexualidade e esse “destino manifesto” trazem à tona um passado. Os discursos, para Foucault (2002), têm um passado que os organiza, uma voz que os precede. Assim, os grupos gays, como lugares de lutas e de práticas discursivas, tornam-se espaços de construção de maneiras de ser e de se comportar. Tornam-se espaços de construção de identidades individuais e coletivas, por meio da socialização das experiências compartilhadas pelos discursos. Ao relatar o que lhe ocorreu, o rapaz está se construindo como homossexual e resignificando sua homossexualidade, ao mesmo tempo em que está definindo o grupo. As identidades coletivas são importantes para explicar as ações resultantes dos agrupamentos e assim, entender os movimentos sociais. A base destes movimentos é a identidade coletiva, que não se traduz, apenas, em comportamentos comuns ou mesmo na agregação de vontades individuais, mas também através da reflexividade, do reconhecimento, do processo e da tensão entre o individual e o coletivo, como aparece na reunião do grupo gay (VIANNA, 1999), cujo assunto foi discorrido anteriormente.

Buscando responder o que é um grupo, Anzieu esclarece que é um “envelope que faz indivíduos ficarem juntos” (1993, p. XVII). Enquanto esse “envelope” não for preenchido não há grupo. E, isso ocorre com a criação de regulamentos explícitos ou implícitos, o estabelecimento de costumes, ritos, atos e fatos, com a definição de lugares no seu interior, a linguagem e os códigos firmados e compartilhados somente pelos membros. Todo o conjunto cria uma rede de relação e de práticas que engloba, ainda, pensamentos, discursos e ações, o que fornece ao grupo um espaço interno, capaz de criar um sentimento de liberdade, garantindo a continuidade das trocas entre os membros (ANZIEU, 1993), surgindo falas do tipo: *“Eu acho que quando ele diz que não tem vergonha de ser, mas ele não se assume, nem entre os seus iguais, é porque ele tem vergonha. [...] aqui, ninguém tem motivos para discriminá-lo”*.

Além disso, o grupo tem uma “temporalidade própria”, ou seja, existe um passado que é recuperado para explicar a sua origem, servindo para organizar as ações a serem tomadas no presente e projetar um futuro, estipulando metas (ANZIEU, 1993). Em última análise, o “envelope” a ser preenchido é um sistema de regras, o que faz com que toda organização e existência do grupo estejam vinculadas a uma trama simbólica (ANZIEU, 1993). *“Eu acho também que se a homossexualidade tivesse uma boa aceitação e se a gente tivesse um grau de*

auto-estima, entre os homossexuais, satisfatório, não precisava de existir o Movimento organizado em defesa dos direitos dos homossexuais. Eu acho que o sentido do MGM, a criação de uma ONG que visa a valorização dos homossexuais, é exatamente por causa disso, porque a comunidade homossexual carece de auto-estima, carece de coragem para poder se assumir”.

Ainda buscando esclarecer o que faz de um grupo, um grupo, Anzieu (1993) afirma que esse “envelope” é composto de dois lados. Um formado pela realidade exterior, o social onde o grupo cria barreiras protetoras contra o exterior, escolhendo as informações a acolher. O outro é formado pelo interior do grupo. Neste ponto, o grupo se constitui na projeção que os membros fazem dele, de suas fantasias e de suas imagens. A partir dessa relação estabelecida entre os membros e o próprio grupo, origina-se uma associação tal entre os membros, o que é capaz de criar o que Anzieu classifica de um “Si-mesmo de grupo” (1993, p. XVIII). Em outras palavras, a relação é tal que os integrantes parecem falar a mesma língua, compartilhar as mesmas representações, os discursos, as idéias são comungadas e, assim, fortalecidas, fazendo com que a associação tenha algo como “vida própria”. No entanto, essa sensação é algo imaginário. O “Si-mesmo de grupo” cria uma realidade imaginária que faz circular e ativar as identidades entre os membros, tornando-o vivo. As falas discordantes podem ser rechaçadas ou desconsideradas, conforme o exemplo do membro que discordava da revelação da homossexualidade, defendido pelo grupo, alegando que se colocar não era uma “coisa fácil” reafirmando a liberdade de opção de cada um de se assumir ou não publicamente, respeitando suas histórias de vida. A reunião continuou como se o rapaz não tivesse dito nada. Quase sempre os que demonstram oposição e discordância com a opinião do restante do grupo são tidos como “chatos”, desarticuladores, inconvenientes, enfim, como não fazendo parte da comunidade.

A relação que se estabelece nas reuniões entre os integrantes em diálogo com o exterior, pode ser trazida pelos fatos narrados, pelas angústias, pelos medos, pelos desafios e serve para criar e dar noção de grupo. Como defende Anzieu, “todo grupo humano resulta de uma tópica subjetiva, projetada sobre ele pelas pessoas que o compõem” (1993, p. XIX-XX). Através destas explicações pode-se perceber que a utilização do e-mail é só um exemplo de como o exterior pode ser apropriado para que as subjetividades possam aflorar projetando uma imagem e uma idéia de grupo. Nos encontros observados, as questões ligadas à subjetividade e à construção das identidades homossexuais sempre afloram, independentes dos temas propostos e desencadeiam

uma seqüência de narrativas de histórias de vida, em um claro processo de circulação identificatória que se ativa entre as pessoas, como argumenta Anzieu (1993).

A participação possibilita o engajamento entre os integrantes, moldando a linguagem e o pensamento. O discurso dos indivíduos e o defendido pelo grupo se misturam, tornando-se um só. [...] *chegou a hora de eu militar e mostrar pra todo mundo que as coisas não podem ser assim*". Assim, o discurso estabelecido no grupo molda o que os membros dizem e como se percebem. A homossexualidade torna-se consciente através da troca entre a fala do outro e a de quem a emite. Assim, cada um torna-se consciente de si mesmo a partir da consciência do outro. Isso faz com que as identidades discutidas, organizadas, combatidas e originadas no interior do grupo sejam construídas pelas práticas discursivas entre os membros, entre o “eu” e o “outro”. Daí a importância do trabalho exercido, nas reuniões, para o fortalecimento dos grupos, já que elas estão servindo para que cada participante construa sua identidade pelos vínculos estabelecidos com os discursos, os seus e os dos outros. De certa forma, isso justifica a sua preocupação com o número de participantes, principalmente, quando há queda desse número. Primeiro porque isso demonstra o seu enfraquecimento, ameaçando sua existência. Segundo porque mostra sua incapacidade de constituição o que depõe contra o seu trabalho de construção da identidade homossexual, individual ou coletiva. E, finalmente, porque isso ameaça os financiamentos dos projetos e a sustentação econômica do grupo.

A perspectiva que considera a identidade “como resultado de atos de criação lingüística” (SILVA, 2000) embasa a defesa de que ela não é natural. A identidade não é algo que esteja disponível e pronta para ser nomeada, anunciada, confessada, respeitada ou tolerada. Ela é produzida pelos homens em diálogo com seus contextos cultural e social. Além de criação lingüística, é resultado de criações sociais e culturais (SILVA, 2000).

Sendo criações lingüísticas, as identidades não são essências, nem tampouco fixas, acabadas, mas construções em processo contínuo. Neste sentido, os sujeitos estão constantemente se construindo, reconstruindo, desconstruindo, enfim, estão em processo na medida em que os significados são alterados, afirmados, reafirmados, desconstruídos na e através da linguagem. Lopes (2002), ao defender as identidades como “fragmentadas, contraditórias e em processo”, destaca a “impossibilidade de se revelar uma essência comum a todos os membros de uma identidade social particular” (LOPES, 2002). No entanto, não é essa a visão que aparece nos

grupos, sobretudo no que se refere à origem da identidade homossexual. Em um mini-curso oferecido pelo grupo CORSA para professores, a respeito da homossexualidade na escola, o conteúdo da fala de um dos membros dá um exemplo da relação desejo, identidade, conhecimento e revelação: *“Se o rapaz era casado e só aos cinqüenta anos teve a primeira relação com outro homem, na verdade ele sempre foi gay só que ele não sabia”*.

Os grupos sociais que investem na política de identidades, como os observados, trazem para discussão a tensão entre as perspectivas essencialistas e as não-essencialistas. A primeira defende a existência de um conjunto autêntico de características que todos os membros partilham e que não se modifica ao longo do tempo. A segunda centraliza as análises nas diferenças e nas características compartilhadas pelos integrantes dos grupos e também por pessoas de outros grupos sociais, demonstrando preocupação com as mudanças de significados ao longo dos tempos.

A fixação das diferenças como essência é uma das “ciladas das diferenças”, apontadas por Pierucci (1999). O que é defendido é que não havia diferença e que todos os homossexuais seriam, na verdade, distintas personificações de alguma essência arquetípica do homossexual, ou mesmo personificações diferentes de uma homossexualidade discursiva. Seguindo essa perspectiva, Pierucci (1999) ainda defende que a “identidade é de ontem”, pertence ao passado e a “diferença, de amanhã”, pertencendo ao futuro. Na preparação desse futuro, o tempo atual seria o tempo da proliferação das diferenças.

3.3 Identidades e diferenças

Pensar os grupos gays como locais de construção das identidades é pensá-los, também, como o lugar das diferenças. Identidade e diferença se relacionam nesse processo de construção dos sujeitos. Não existe uma sem a outra. A identidade é marcada pela diferença. (WOODWARD, 2000). No entanto, algumas identidades e, portanto, diferenças, são mais visíveis e mais importantes que outras, sobretudo, para determinados grupos, lugares e momentos particulares. Sendo assim, pode-se considerá-las como históricas, marcadas por um tempo. Isso explica a recorrência dos movimentos sociais aos antecedentes históricos, a um passado, que, não só explique as suas condições presentes, mas também sirvam para organizar as reivindicações das

lutas, como o demonstrado na fala: “*Eu acho que o sentido do MGM, a criação de uma ONG que visa a valorização dos homossexuais, é exatamente por causa disso, porque a comunidade homossexual carece de auto-estima, carece de coragem para poder se assumir*”.

Pensando nessa relação entre identidades, diferenças e lutas, que organizou o surgimento dos movimentos sociais, Hall (1999) ressalta o impacto do feminismo nesse processo e sua influência no surgimento de outros movimentos sociais, como por exemplo, o movimento gay³⁶. O movimento feminista foi um dos protagonistas das lutas políticas e sociais da década de sessenta, fazendo parte do que foi classificado como “novos movimentos sociais”, surgidos naqueles anos. A partir daquele momento, os grupos se organizaram e passaram a apelar para a identidade de seus integrantes. Então, juntamente com o feminismo que apelava para as mulheres, as lutas raciais buscavam os negros, a política sexual recorria aos gays e lésbicas, enfim, os grupos iam se organizando, originando a política de identidade - uma identidade e uma diferença para cada movimento (HALL, 1999), o que, não significa dizer que todas as diferenças são hierarquizantes, no entanto, continuam sendo, sobretudo quando pensadas como definidoras de coletividades e de grupos, o que demonstra a relação de força na sociedade.

O surgimento dos grupos gays coloca em cena a diferença coletiva, compartilhada e grupal, exatamente em um mundo em que as diferenças individuais também se tornam fortes (PIERUCCI, 1999). Neste sentido, há uma tensão entre a identidade individual e a coletiva. Os participantes, sobretudo, aqueles que assumem alguma função de direção, acusam os homossexuais que estão fora dos grupos, de anti-cidadãos, despolitizados, desmobilizados e que não teriam orgulho de serem gays, tentando, com isso, trazê-los para o grupo em benefício da sua identidade coletiva e do seu fortalecimento. Frequentemente são acusados de falta de coragem, como aconteceu com o rapaz, que enviou o e-mail, citado anteriormente. Em um primeiro momento foi visto como um homossexual que queria ajudar o grupo, para mais tarde, na medida em que não se enquadrava no tipo de comportamento e identidade defendida pelos membros, ou seja, de visibilidade pública, passou a ser considerado como “*covarde, triste e infeliz*”. Dessa forma o grupo deixa claro o tipo de identidade que deve ser valorizada, assim como as diferenças que devem ser combatidas. Nesse sentido, o trabalho pode ser traduzido na diferença eliminando as diferenças, em benefício de uma identidade “única”. Já aqueles que optaram por se assumirem

³⁶ O movimento gay é fruto do período de redemocratização do Brasil e se constituiu no final da década de 70 e início da de 80, originando diferentes grupos espalhados nas principais cidades do país, com uma pauta de luta e de reivindicações aproximadas (MAcRAE, 1990).

individualmente, acusam os grupos de forçarem uma identidade coletiva e formas de comportamento que ameaçam sua individualidade. Acusações à parte, as duas posturas ampliam o debate a respeito dos modos de fazer, de ser e de perceber a diferença.

É a partir dos pertencimentos primários e naturais, como raça, sexo, região, que se constroem novos tipos de coletividade e identidade específicas. Assim, o que os sujeitos têm em comum não é mais definido pela universalidade da espécie, mas pelo o que faz do grupo o portador de uma diferença significativa, como de cor, de sexo, de desejo (PIERUCCI, 1999). É o que Pierucci (1999) chama de “produtividade social da diferença”, demonstrando que a diferença produz diferença, “que ela provoca, no campo das relações de representação, a emergência de novas diferenças” (1999, p. 120). Quando o grupo gay define e defende determinadas posturas, está construindo a identidade homossexual valorizada dentre as várias possíveis. Nesse sentido, está produzindo outras diferenças para além daquela que serviu para formá-lo e construindo-as a partir daquela assumida e defendida pelo grupo inicialmente. Tais diferenças vão agir contra a mesma diferença que as construiu, contra o grupo. Pierucci acusa que essa é a “experiência política dos movimentos sociais no último quartel deste século” (1999, p. 120).

Nessa perspectiva, os grupos surgiram como mais um local em que os sujeitos poderiam ser construídos, construção resultante dos discursos e práticas que moldaram essa associação de pessoas. O surgimento dos grupos gays e as mudanças conceituais a partir disso, demonstram como os conceitos, tanto de homossexualidade quanto de sujeito, são passíveis de alteração e que, portanto, têm uma história. Como defende Hall (1999), a identidade é resultado de formação realizada no tempo, através de processos inconscientes e que por não ser dada, natural, existente desde o nascimento, faz com que as identidades estejam sempre em negociação, em formação e sempre inacabadas.

Sendo inacabadas, Hall (1999) argumenta que dever-se-ia falar em processos de identificação e não em identidades, já que estão sempre em andamento. “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*” (HALL, 1999, p. 39). O trabalho dos grupos gays parece se situar nesse espaço da *falta*, preenchido pelos discursos e imagens construídas na relação entre o “eu” e o “outro”, provavelmente devido aos significados que surgem na relação entre o que é igual e o que é diferente. O reconhecimento da homossexualidade é possível através da relação

com o outro. Tanto com o outro, que é o igual, quanto com o outro que é diferente, se constituindo, respectivamente, no que eu posso ser e no que eu não posso ser.

Identidade e diferença podem, portanto, ser consideradas como aspectos importantes na construção dos grupos, dividindo espaço com as ações e reivindicações. Elas representam, respectivamente, a totalidade e a oposição. Essas idéias significam pensar que “todos nós somos assim” e, que “todos nós somos diferentes de...” Nessa busca por uma identidade unificada, como se isso fosse possível, o grupo acaba buscando identificar o “outro”, o adversário que muitas vezes serve para explicar a situação do grupo, de todos, transformando em culpado o opositor.

A diferença, nesse caso, serve não somente para afirmar a identidade, a igualdade, mas também para unir a todos contra um “inimigo”. E, essa diferença identificada como o inimigo em potencial pode ser até mesmo a diferença dentro da diferença, como acontece com os grupos gays, que na busca pela construção de uma identidade baseada em uma imagem mais positiva da homossexualidade, elege os travestis, “as bichas pintosas”, as escandalosas, os que não se assumem, como responsáveis pela situação discriminatória e preconceituosa que muitos homossexuais vivenciam atualmente. Buscando identificar o inimigo aparecem falas como: *“Mas essa situação só acontece porque o cara é armário...”*, *“Eu acho que ele é uma pessoa covarde. Com tudo isso que aconteceu ele não teve coragem de pôr a cara pra fora do armário”*, *“Nós gays...nós somos responsáveis pela imagem que nós fazemos de nós, que nós vendemos para a sociedade. [...] você pega uma trava bagaceira que faz vida aqui... Ela vende uma boa imagem dos homossexuais?”*

Jogar a responsabilidade pela imagem e identidade homossexual que circula na sociedade, para os membros, é uma forma de comprometer a todos com a imagem e identidade definidas, valorizadas e defendidas pelo grupo como a “correta”, construindo assim uma idéia de pertencimento, porque defendem os mesmos interesses e falam a mesma “língua”. Assim, cria-se a idéia de grupo e das diferenças, do outro, do inimigo. Essa oposição só parece possível a partir do momento em que há a construção de uma identidade coletiva que muitas vezes, serve para formar um sentido de coletividade, de “nós”, capaz de se identificar e de se definir em oposição ao “outro”, ao diferente.

Neste sentido, importa socializar as questões que movimentaram Foucault em alguns de seus trabalhos (1988, 1998, 1999): *que estão (os outros) e estamos (nós) fazendo de nós mesmos?* Como defende Veiga-Neto (2003), essas questões colocadas por Foucault possibilitam procurar

novas perguntas, na intenção de difundi-las mais do que de encontrar possíveis respostas, para assim buscar novas e diferentes maneiras de se vivenciar e de se compartilhar as experiências. Segundo Foucault (1988), o “sexo” possibilitou reunir as pessoas em grupos, seguindo uma unidade artificial, condutas, sensações, desejos e prazeres. A fim de compartilhar experiência e formar um grupo, os discursos vão construindo atitudes para os outros, o que pode ser exemplificado pela proposta da reunião em tomar conhecimento do e-mail, focalizando o que o rapaz fez de certo e de errado e, como cada um agiria. Esse exercício permite pensar comportamentos comuns, os ideais e o que deve ser evitado conforme evidenciado nas falas a seguir: *“Socorro, estou sendo roubada. Isso mesmo que tem que fazer. Porque eu sou vítima e não criminosa”, “Porque a partir do momento que sou agredido, eu tenho que tomar atitude”, “Mesmo que eu não tivesse o apoio da ONG eu mostraria a minha cara porque eu já fiz isso...”*

As idéias discutidas anteriormente parecem transmitir um recado a todos: “atitudes que são “minhas”, eu exijo que o outro faça o mesmo, como se dissesse “Somos todos homossexuais e devemos ter as mesmas atitudes”. Nesta abordagem, o “sexo”, serviria para separar as pessoas entre as iguais e as diferentes, tornando-se onipresente nessa separação e transformando o segredo em algo a ser revelado como forma de agrupar as pessoas. “Entre cada um de nós e nosso sexo, o Ocidente lançou uma incessante demanda de verdade: cabe-nos extrair-lhe a sua, já que lhe escapa; e a ele cabe dizer-nos a nossa, já que a detém nas sombras” (FOUCAULT, 1988, p. 76). Todas essas explicações podem marcar a presença e a importância, para o grupo e para cada um, individualmente, da revelação das experiências e das histórias de vida dos integrantes. Elas acabam servindo para cada um “comprovar” ou mesmo “provar” sua identidade como homossexual, criando uma noção de grupo e do diferente.

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso (FOUCAULT, 1988, p. 76).

Esse processo de construção da identidade homossexual através da eliminação das diferenças se faz através de uma rede discursiva que tem a confissão como base. Não apenas a obrigação de falar sobre a homossexualidade, mas também a tarefa de confessar, de dizer a si e aos outros tudo que se relaciona com o prazer, sensações e pensamentos, criando a relação entre confissão, identidade e verdade, que aparece, sobretudo na fala que serve de título a esse capítulo:

“As vezes me parece... quando nós dizemos assim... ele não assumiu, ele não é assumido em casa ou ele é assumido em casa, mas ele não é assumido no trabalho... ele não é verdadeiro. Porque você, quando não é assumido, você não está sendo verdadeiro”.

O corpo, a individualidade e a história de cada um passa a se organizar a partir do desejo. E essa marcação da identidade e da diferença acaba contribuindo para o processo de absolutização da homossexualidade: *“A sociedade fala pra gente assim: Bom! Então, você é professor, nível universitário, bom filho, bom irmão, etc,etc.Na hora que você vira e fala: ‘Além disso tudo, eu sou gay’. Todas as outras identidades vão pro ralo”.* Mesmo criticando esse processo de absolutização da homossexualidade, o grupo gay também trabalha nessa perspectiva, na medida que propõe que todos assumam, em todos os momentos e lugares, suas orientações homossexuais, desconsiderando que cada um é formado por diferentes identidades, absolutizando a identidade homossexual. Tudo se explica e pode ser entendido a partir da homossexualidade.

Assim, ficam mais fortes as indagações a respeito de quem e o que é representado nas redes discursivas organizadas nas reuniões dos grupos? Nos trabalhos de Hall (1999, 2003) é possível perceber que existem duas formas de se pensar a identidade. Uma, quando o grupo retorna ao passado como forma de revelar a “verdade” de sua existência na “unicidade” de uma história compartilhada. A outra é aquela que percebe a identidade como uma questão de tornar-se e de ser. Nos dois casos não se nega um passado à identidade. Mas recorrer a esse passado passa servir para construir esse grupo imaginário, construindo a igualdade e a diferença. O autor defende o reconhecimento da identidade, mas não daquela fixada na rigidez da oposição binária e dicotômica entre o nós e os outros.

Embora a identidade seja construída em diálogo com a diferença, o seu significado não é fixo. Essa forma de entendimento leva à defesa da identidade como fluida. A pluralidade de situações vivenciadas e de espaços freqüentados pelas pessoas, hoje em dia, indica que existem diversas possibilidades e lugares que fazem emergir diferentes e novas identidades. Deste modo, mesmo que cada um se identifique como a “mesma pessoa”, em todos os lugares por onde circula, não é difícil perceber que tais lugares exigem diferenciados posicionamentos, em momentos distintos. O que os grupos gays defendem, no entanto, é que a identidade homossexual deve prevalecer, independente desses lugares e dos diversificados papéis sociais que são exigidos. Assim, os grupos gays defendem a absolutização da identidade, contra o seu caráter híbrido.

Existe uma diversidade de posições que está à disposição das pessoas, que podem ou não assumi-las. O hibridismo da identidade também aparece na discussão do grupo, embora seja negligenciado e não tenha contribuído para ampliar o debate sobre a relação entre identidade, diferença e comportamento: *“É só lembrar que cada um aqui tem várias identidades. Acho que tem lugares que você não precisa se assumir. [...] Eu sou formado de várias identidades. Então, no meu serviço eu tenho um tipo de relação com as pessoas do meu trabalho que não cabe me assumir”*. Muitas dessas identidades podem se misturar, outras podem entrar em conflito. A homossexualidade é apenas uma dessas possibilidades. Neste caso, algumas identidades podem gerar tensões, já que aquilo que é exigido por uma interfere na outra: *“Porque minha família é assim, atura a situação, mas me cobra todo dia e toda hora. Eu vivo enfrentando o problema”*.

3.4 Discurso e poder

Toda lógica de organização dos grupos gays está baseada na prática discursiva, seja através das reuniões com os integrantes, que se caracterizam como a ação mais efetiva no projeto de mudança das imagens e identidades homossexuais, ou mesmo através do material produzido para distribuição em lugares de sociabilidade gay, escolas, momentos importantes e comemorativos, ou ainda através de palestras em outras instituições. Nesse sentido é importante discutir e problematizar o que é dito, como é dito, porque é dito, e a quem se direciona esses discursos.

Numa análise preliminar pode-se afirmar que esses discursos traduzem o desejo de se encontrar. Desejo este que pode estar demonstrado tanto no investimento nas reuniões e na tentativa de construir uma identidade homossexual capaz de fortalecer o grupo, quanto na busca de respostas à questão “Quem sou eu?” Respondendo a essas procuras, os discursos assumem um caráter solene, cercado de atenção e de silêncios (FOUCAULT, 2002). Segundo Foucault (2002) as práticas discursivas causam um certo temor aos sujeitos, que prefeririam não ter que entrar na “arriscada ordem do discurso”. Na realidade, a preferência era de que essas falas fossem calmas, transparentes, de onde brotassem verdades, uma a uma, e os sujeitos só tivessem o trabalho de se deixar levar por elas. E é a instituição que tem que responder e dar conta desse temor. Daí a possibilidade de se pensar os grupos gays como instituições, como define Foucault. Então, são os

grupos gays lugares que respondem a essa ameaça de temor que aflige os homossexuais: “[...] o ideal é que o MGM fizesse uma denúncia e tomássemos as providências policiais necessárias”, “Eu entregaria mesmo, a situação de forma que ela aconteceu. Sem medo de nada. Eu tenho um grupo, uma ONG que vai me apoiar...”.

E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém (FOUCAULT, 2002, p. 7).

A produção dos discursos é sempre controlada, selecionada, organizada e redistribuída, através daquilo que Foucault (2002) denomina de “procedimentos de *exclusão*”. Um deles é a interdição, que demonstra que não se pode falar de tudo em qualquer lugar e momento e por qualquer pessoa. São três tipos de interdição que se misturam e que são bem representativas para entender o trabalho e a organização dos grupos gays. O primeiro deles é o “tabu do objeto”, ou seja, alguns assuntos tornaram-se tabus em nossa sociedade, como por exemplo, aqueles ligados às sexualidades, sobretudo os considerados como sexualidade marginal, clandestina, em que se situam as homossexualidades. O segundo é o “ritual da circunstância”, que faz com que somente em determinados momentos e situações seja permitido falar desses assuntos tabus. Nesse sentido, os grupos gays adquirem uma importância maior, já que é um dos lugares permitidos para a expressão da homossexualidade e, diferentemente de outros espaços de sociabilidade gay, é um local com a proposta de produção de discurso. E, para que isso ocorra, há uma série de rituais e circunstâncias, como por exemplo, as reuniões, em que os temas são definidos previamente e distribuídos numa programação anual, assim como a indicação do responsável pela direção de cada reunião³⁷. Esse responsável prepara a “palestra”, organizada de forma que todo grupo participe. Isso une o segundo tipo de interdição com o terceiro, que é o “direito privilegiado do sujeito que fala”. Assim, está em ação não somente aquele que prepara e dirige a palestra,

³⁷ Os temas que organizam a programação anual são indicados pelos integrantes nas primeiras reuniões do ano, ocasião em que há uma seleção com a intenção de se retirar aqueles mais votados, respeitando-se o número de encontro no ano. Para a escolha de quem vai preparar e dirigir as reuniões, os integrantes indicam nomes, a partir dos temas, explicando porque estão indicando. Para isso, leva-se em consideração a formação e a atividade exercida e não a orientação sexual, o que faz com que nem sempre sejam homossexuais falando para homossexuais. Por exemplo, no MGM, no ano de 2005, o tema “Relacionamente Amor X Sexo”, ficou a cargo do psicólogo que dá assistência ao grupo, no tema “Drag-Queen”, ficou com uma Drag-Queen conhecida na cidade e que também é integrante do grupo.

entendido como conhecedor e capaz de dizer algo, mas também os integrantes, entendidos como capacitados para falarem dos assuntos que constroem a homossexualidade, baseados nas suas experiências de vida.

Essas interdições que atingem os discursos já são suficientes para se perceber a relação existente entre discursos, desejo e poder. O discurso não é só aquilo que expõe os desejos mas, principalmente, objetos de desejo; nem tampouco, serve apenas à manifestação da luta ou à denúncia dos sistemas de dominação, “mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2002, p. 10). Na origem dos grupos gays, talvez a grande reivindicação que a própria existência já marcava como possível, fosse pelo poder da produção de discursos sobre as homossexualidades, na tentativa de se apoderar da relação entre saber e poder, que os organiza. A problematização das transgressões, de forma geral, exige um entendimento dessa relação, visto que elas expõem a ultrapassagem dos limites estabelecidos pelo social, assim como demonstra como as práticas e os saberes estão servindo para construir os sujeitos (FOUCAULT, 1988).

Para Foucault (1999), o sujeito não é quem produz os saberes, mas sim, um produto dos saberes. Não só produto dos saberes, mas o sujeito também é uma “produção do poder e do saber” (FOUCAULT, 1998). Partindo desse pensamento, seria interessante buscar a reflexão sobre os lugares e os sistemas de produção organizados para essa finalidade, pensando-os exatamente, não, como sendo lugares em que os sujeitos produzem discursos e saberes, mas sim, lugares em que revelam esses discursos e os saberes que os produziram. Assim, as experiências dos integrantes, através de seus relatos, mais do que trazer significados para a atividade homossexual do sujeito e para a própria homossexualidade, são formas de nomear a ação objetiva e material de certas regras que servem para a construção dos sujeitos. Portanto, não é possível analisar os discursos isolados do sistema de relações materiais que os constituem (FOUCAULT, 2002). Esta pratica parece ser o que os grupos fazem quando analisam aquelas atitudes que são consideradas “erradas”, desvalorizadas, que acabam servindo para justificar a sua existência e o seu trabalho, mostrando que ainda há um caminho a ser percorrido: *“Mas essa situação só acontece porque o cara é armário, por causa da visibilidade”, “Eu acho que o sentido do MGM, a criação de uma ONG que visa a valorização dos homossexuais, é exatamente por causa disso, porque a comunidade homossexual carece de auto-estima, carece de coragem para poder se assumir”*. Através dessa fala é possível perceber que existe uma análise da ação em relação com

os sistemas materiais que os constituem, que no entanto, não se restringe às ações e serve apenas para justificar a continuidade do grupo e de seu trabalho, reforçando o seu discurso e a construção de uma identidade ideal.

Dialogando com Foucault, Veiga-Neto (2003) lembra que ao nascer o sujeito já encontra um mundo formado, que é um mundo de linguagem em que os discursos já estão prontos e circulando há algum tempo e, que isso determina que os sujeitos sejam formados a partir desses sistemas de relações. Essas relações criam uma espécie de dependência entre sujeito e discurso, que não permite que o primeiro se aproprie do segundo como se fosse capaz de se distanciar desse discurso para falar sobre ele. Sobretudo para aqueles que estão numa relação de militância em que vida particular, discurso, apologia sobre uma prática e identidade se misturam. No entanto, não parece que os integrantes que falam da homossexualidade estejam assumindo um posicionamento de fora, mas ao contrário, estão constantemente assumindo a relação entre experiência, conhecimento e discurso. O que está em vigor nas reuniões é a máxima “eu estou falando porque eu sei e eu sei porque eu vivo”, reforçando aquela idéia de que só os negros podem falar da negritude, só os homossexuais podem falar da homossexualidade.

Essas questões servem para pensar no que Pierucci (1999) analisa quando trata das “Ciladas da Diferença”. O autor chama atenção para o fato de que os movimentos surgidos no fim dos anos setenta e no decorrer dos oitenta, no Brasil, inauguraram um debate “vivo” e “sofisticado” a respeito da “igualdade-versus-diferença”, que buscaram reflexões teóricas no sentido de construir positivamente a diferença. Dois deslocamentos se processaram a partir daí. Primeiro o deslocamento no campo político, trazendo para o campo de discussão os grupos que vivenciavam as diferenças. Tomando como exemplo o caso da homossexualidade, seriam os grupos gays falando sobre a sua diferença, os homossexuais e não mais outros grupos falando sobre a homossexualidade. Um segundo deslocamento, no campo cultural, em que a diferença deixou de ser entendida como natural, passa ser compreendida como cultural. Esses dois deslocamentos foram responsáveis para se criar uma idéia de cultura das diferenças, como, por exemplo, a cultura gay, baseada nas experiências e símbolos que compõem e servem para identificar e criar uma identificação entre os homossexuais.

O surgimento dos movimentos sociais e, principalmente, dos grupos gays revela um dos efeitos positivos do poder, que ultrapassa a convencional acepção de repressão e proibição. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como

uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1998, p. 8). Durante muito tempo foram os intelectuais, sobretudo aqueles ligados “à esquerda” que assumiram e viram, reconhecido, o direito de falar da diferença e em seu nome, embora tenha sido a “direita” a primeira a professar “a certeza de que os seres humanos não são iguais porque não nascem iguais e, portanto não podem ser tratados como iguais” (PIERUCCI, 1999; FOUCAULT, 1998). Assim, a defesa das diferenças teve um novo impulso a partir dos movimentos sociais e de minorias, embora muito do discurso produzido pelos grupos mantenha a herança das defesas organizadas pela direita, sendo, por isso, acusados de não serem capazes de produzir algo novo. No entanto, o que está em jogo aqui é o reconhecimento desses grupos em falar em nome de uma vivência que se tornou objeto de conhecimento, detentor de um direito e de um poder, ligados à produção da verdade.

A verdade é produzida em diálogo com o mundo, é resultado das proibições e repressões, é produzida no discurso e nas instituições, movida pela necessidade que o poder político impõe. É objeto, difundida e consumida de várias maneiras, e circula em aparelhos de formação e informação. Assim, há sempre um controle por parte das instituições, conforme verificado nos grupos pesquisados (FOUCAULT, 1998). Enfim, a verdade é sempre objeto de debate político e confronto social. Por tudo isso, nas reuniões dos grupos gays, as falas dos integrantes vão construindo discursos com status de verdade.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1998, p. 12).

A apropriação do direito de falar sobre a sua verdade e as condições da homossexualidade, nas associações, confirma a crença, que se reserva à nossa sociedade ocidental, de permissão para em determinados espaços, tratar de assuntos considerados proibidos. O discurso, a verdade e o poder são construídos na relação, que se estabelece entre as pessoas, sem que ninguém seja detentor (FOUCAULT, 1998). Mas quando se trata de um grupo, a rede de poder se organiza de forma piramidal, em que existe o cume, sem que seja entendido como o lugar de onde deriva o poder, que pode ser entendido como o lugar dos dirigentes.

Uma das características que define um grupo é a distribuição e identificação de lugares ocupados (ANZIEU, 1993). Assim, os dirigentes são facilmente identificados como representantes do grupo, adquirindo um poder, o de ter mais conhecimento, de dizer a verdade e de falar em nome da comunidade, passando a ter a confiança dos outros membros. Nas reuniões, os participantes acabam falando em direção aos dirigentes, na busca de respaldo, na tentativa de provar que estão falando a mesma língua e que esperam a aprovação ou reprovação de seus discursos. As falas de quem dirige acabam sendo as finais, as que colocam o ponto final nas discussões, as que esclarecem, as que marcam a visão do grupo e que servem para ensinar e controlar os comportamentos, conforme verificado no trecho a seguir: *“Essa nossa idéia aqui, essa nossa ideologia aqui do MGM, de respeitar a individualidade das pessoas, o momento das pessoas de contarem ou não, isso é uma coisa assim... não que é uma forma que nós arrumamos de concordar com a invisibilidade não”.* “OK, Oswaldo. Confio em você, no MGM...”, “Então, olha! Macete. De cara a gente já percebe. Não marque na casa dele...”. Os dirigentes e o restante dos integrantes, que fariam parte do corpo e da base da pirâmide, estão numa relação de apoio e de sustentação mútuas, que faz criar a idéia de grupo, do qual são parte integrante.

3.5 O grupo gay e a construção da homossexualidade

A história da homossexualidade comprova a afirmação dos homossexuais como uma invenção cultural e discursiva, criada no final do século XIX, através do discurso médico, como doença, reforçando o discurso religioso, que até então denominava as práticas entre iguais como sodomia, classificando-as como pecado. Ao pecado caberia a penitência e à doença, a cura. Daí a necessidade de se caracterizar esses sujeitos através de seus desejos, comportamentos, estruturas físicas, pensamentos que formariam a sua verdade (FOUCAULT, 1988; FLANDRIN, 1988; ARIÈS, 1987; POLLAK, 1987). Como pecado ou como doença, a homossexualidade deveria ser evitada, proibida, identificada, perseguida, enfim, reprimida. Muito dessa repressão vai ocorrer via discurso, tanto com a negação e o silêncio, quanto com a forma de saber, dando origem a associação entre homossexualidade e proibição, repressão, que muitas vezes era o caminho que se seguia para explicá-la. Seguindo a análise foucaultiana sobre o poder, a homossexualidade não é constituída apenas pelo seu caráter negativo, mas tem também algo de positivo. Assim, não se

trata de nega-la, nem tampouco de explicá-la negativamente através da repressão, mas sim apreender quais são os mecanismos positivos que, construindo-a, desta ou daquela forma, resultam em efeitos negativos (FOUCAULT, 1979; 1988).

A importância que a homossexualidade adquire no final do século XIX, acarretou em uma perseguição por toda parte como uma doença capaz de ser transmitida e, portanto, capaz de comprometer toda a espécie humana. Essa preocupação gerou uma reorganização das relações familiares e escolares, principalmente porque eram as responsáveis pela educação das crianças, que deveriam ser protegidas, as primeiras a serem “ameaçadas” pela homossexualidade, considerada como “perigosa”. Mais do que proibir, o objetivo era constituir uma rede de poder sobre a sexualidade, especificamente sobre a homossexualidade (FOUCAULT, 1988).

A idéia de que para as pessoas serem felizes é preciso que se liberem da sexualidade, se alastrou também para o discurso em torno da homossexualidade. Assim, os grupos que surgiram com o objetivo de construir uma outra imagem mantêm, em parte, esse tipo de discurso da revelação, da confissão, conforme se verifica nos agrupamentos gays: “Vocês têm uma homossexualidade que é muitas das vezes desconhecida, ou mesmo está frustrada, muda, proibida e reprimida. Então, venha a nós, digam e mostrem tudo isso a nós, revelem seus segredos e suas verdades a nós, que nós poderemos ajudá-los”.

Estas práticas discursivas, organizadas nas reuniões, representam um formidável instrumento de controle e de poder do grupo, visto que utilizam o que as pessoas dizem, sentem e esperam. Dessa forma, também acreditam que para alcançar a felicidade basta ser capaz de dizer, assumir e revelar a homossexualidade, ultrapassando as proibições e os grupos se colocam como lugares que asseguram a libertação. O resultado disso é que os grupos gays representam lugares que asseguram essas lutas “libertárias”. Neste sentido, tornaram-se policiais do comportamento daqueles que se consideram homossexuais, criticando, por exemplo, o comportamento dos travestis e daqueles que não se assumem.

Como defende Foucault (1998), o controle sobre os indivíduos inicia-se no corpo, entendido como primeira expressão da visibilidade humana, que é construído e percebido pela cultura. “O corpo é uma realidade bio-política” (FOUCAULT, 1998, p. 80). Como no filme *Mãe em Rose*, a mãe identifica a homossexualidade de Ludovic no corpo, que se aproxima de um corpo feminino. É a exposição da homossexualidade e a aproximação da feminilidade que incomodam tanto e que servem para entender a crítica do grupo aos travestis. Ao mesmo tempo

em que o grupo defende a visibilidade, ela deve ser controlada pelos membros, não pode ser exposta o tempo todo, como é o caso dos travestis que expõem constantemente, no corpo a homossexualidade. Ao criticar os travestis, um dirigente fala: *“Porque todo mundo que passa e olha ela e fala: ‘Olha as bichas’. Mas só que eu também sou bicha, você também é bicha... e o modelo que nós temos é aquele lá. Qual é o modelo que faz o contra-ponto dela? Seria homossexuais que não são iguais a ela. [...] Cadê esses homossexuais? Estão escondidos dentro do armário. [...] Um médico que assume, um profissional que assume, o Arthur que assume, o Marquinho, o Oswaldo e tal, a gente está ajudando a construir uma imagem mais respeitosa dos gays. Nós temos escutado esse tipo de depoimento aqui a doidado. Depois que a pessoa fica conhecendo a gente, o insight que dá é: ‘eu posso ser gay, então, e ser respeitado, porque os meninos lá do MGM são gays e são respeitados’. Isso é bom”*.

E o advento da Aids veio agravar essa ação dos grupos sobre o controle dos comportamentos dos homossexuais, reforçando o bio-poder, visto que eles assumem a responsabilidade de “salvar” a “todos” os homossexuais, de agir em torno dessa “população”. A epidemia gera vigilância, que pouco a pouco, vai sendo internalizada. Nesse processo de cuidado consigo mesmo, entra o registro, a necessidade de que cada um saiba o que fez e que seja capaz de registrar suas ações e, muitas vezes, em determinada situação, é exigido que se fale do que fez, como um exame ou uma revista, para que todos saibam com que se comprometeu, conforme expresso na fala a seguir: “eu” aprendi a me controlar, que estou seguindo o comportamento tido com ideal.

Diante dessa ação dos grupos gays sobre uma população de “risco”, são chamados pelo Estado a exercer funções policiais, o que caracteriza a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, conforme o defendido por Deleuze (1992). O que caracteriza a sociedade disciplinar, trabalhada em Foucault, é o confinamento como sua técnica principal. Assim, a análise recai sobre a escola, a fábrica, a prisão, o hospício, enfim, instituições fechadas com a finalidade de criar corpos dóceis através da disciplina. O que está sendo implantado é um novo tipo de educação, de comportamento e de proibições. Um controle contínuo não somente nas escolas, mas, sobretudo, em outras instituições com caráter aberto, informal e onde prevalece a sensação de autonomia dos participantes. Nessa perspectiva de controle, os grupos gays no seu trabalho de desconstrução dos parâmetros da homossexualidade e de construção discursiva de

novas imagens e identidades podem ser melhor compreendidos, pois segundo afirma Deleuze (1992): nas sociedades de controle nunca se termina nada.

Acredita-se que todo processo educativo, pode estar servindo ao controle uma vez que se constitui de ações sistemáticas como as promovidas pelas escolas ou assistemáticas oriundas de locais não caracterizados como pontos de aprendizagem. Assim, quando defende um comportamento que seria o ideal, tanto no que se refere à prevenção ao HIV/Aids, quanto no que diz respeito à visibilidade e aceitação homossexual, os grupos gays introduzem um controle sobre os indivíduos, fazendo com que cada um o internalize e se vigie constantemente.

4 “DESTRUINDO O CASEBRE E LIMPANDO O TERRENO”: AS DICOTOMIAS QUE ORGANIZAM OS GRUPOS E OS DISCURSOS DA HOMOSSEXUALIDADE

O final da década de 70 e início de 80 foi palco para o surgimento de vários grupos gays, que traziam temáticas em comum para a discussão, dando origem ao que ficou conhecido como movimento gay. Não somente os homossexuais, mas outros grupos sociais, nesta época, articulavam-se pela defesa da visibilidade, da construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis. Mais do que isso procuravam fazer da diferença uma causa de luta a ser defendida, difundida e ensinada (PIERUCCI, 1999). Essas reivindicações demonstravam a importância do contexto político em que se desenvolviam. O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçar um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos. A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança, abraçada pelos grupos gays, de uma sociedade em que a homossexualidade poderia ser celebrada sem restrições. Organizando essas lutas, havia a certeza de que o preconceito e a discriminação eram os principais problemas a serem enfrentados, baseados no racismo, que era entendido, em sua essência, como a rejeição da diferença (PIERUCCI, 1999). Então, para os grupos gays, o combate desses problemas passava pela desconstrução dos parâmetros da homossexualidade com seus conseqüentes tabus e pela construção de identidades mais positivas, embasadas na valorização da auto-estima, da auto-imagem e do auto-conceito³⁸ de seus integrantes (MAcRAE, 1990).

Autores como Fry (1985), MacRae (1990) e Green (2000) vêm desenvolvendo pesquisas enfocadas na homossexualidade, com destaque para o surgimento, desenvolvimento e continuidade dos grupos gays no Brasil, ressaltando que uma das maiores dificuldades enfrentadas é a falta de conhecimento das formas de controle social que caracteriza a sociedade brasileira. Muda, assim, o foco das preocupações: o objeto da luta não é a repressão, mas a cultura brasileira. Segundo Certeau (1995), “toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais, um intercâmbio instaurado em um grupo social” (1995, p. 10). Isso faz com que cada época tenha uma fisionomia própria.

³⁸ As noções de auto-estima, auto-imagem e auto-conceito estão embasadas em Oliveira (1994), que analisa como elas contribuem para a elaboração das identidades das pessoas, na medida em que buscam repensar o pré-construído, os pré-conceitos responsáveis pela cristalização das imagens entendidas como naturais.

Mesmo concentrando o foco na cultura brasileira, os movimentos tiveram ou buscaram influência em outros países. A inspiração veio das lutas empreendidas pelos movimentos da contracultura, originários da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na medida em que era crescente o desinteresse pela forma com que a política era conduzida, aumentavam as preocupações com o desejo, o erotismo, a intimidade, o corpo, a subversão de valores e comportamentos. Esses dois aspectos que se complementam, ou seja, a influência dos movimentos da contracultura e os novos interesses serviram de terreno fértil para o nascimento dos grupos gays.

O resultado foi a vivência de um período de efervescência da homossexualidade. Acredita-se poder explicar esse “boom” pelo próprio contexto da década de 70, em que a glorificação da marginalidade era um aspecto que atingia a cultura brasileira. Mas o que importa nesse aspecto é problematizar o seu desdobramento: a crescente visibilidade das práticas homossexuais, a descoberta desse novo público pelos setores comerciais e o surgimento de uma moderna subcultura gay³⁹. A luta pela diferença passou a ser glorificada como algo inovador, progressista e emancipatório, em que estaria em construção uma alteração na relação entre homossexualidade e sociedade, que colocaria desafios para o grupo. MacRae define com clareza a dupla alteração que motivava os grupos de militância gay: elaborar “novas formas de representação do homossexual na sociedade, através de grupos de reflexão”; e também, “difundir pelo resto da sociedade os novos valores criados” (MACRAE, 1990, p. 33-34).

Essas lutas e reivindicações se baseavam numa visão do racismo somente como recusa, como incapacidade de aceitar o outro, o diferente (PIERUCCI, 1999). No entanto, o racismo é mais do que isso, podendo ser também a “celebração da certeza das diferenças” (PIERUCCI, 1999, p. 26). Essa atitude pode gerar uma urgência em destacar as diferenças para manter as distâncias, como ocorre quase sempre quando os grupos gays se definem como diferentes, em função de um desejo diferente e que os distingue e, com isso, mantêm a distância com outras orientações sexuais. “O racismo não é primeiro rejeição da diferença, mas obsessão com a diferença, seja ela constatável, ou apenas suposta, imaginada, atribuída” (PIERUCCI, 1999, p. 26). Essa é uma das ciladas das diferenças apontada por Pierucci (1999). Passados mais de 20 anos desde o surgimento dos primeiros grupos gays no Brasil, essas questões ainda estão presentes e compõem a pauta de discussão das reuniões.

³⁹ O conceito de sub-cultura está baseado em Certeau (1995), que é definido como o termo que designa a cultura de um subgrupo, de uma minoria.

O movimento gay teve um novo desenvolvimento no mundo e no Brasil, principalmente após o advento da AIDS e hoje já existem grupos organizados em todas as regiões do Brasil. A princípio, esse fato parece demonstrar a vivência de uma nova economia sexual, talvez diferente de tudo que até então havia dominado a sexualidade, sobretudo as práticas homossexuais: vergonha, silêncio, repressão, censura, discriminação e preconceito. A multiplicação destes agrupamentos organizados estaria evidenciando uma nova postura dos homossexuais e, conseqüentemente, uma nova relação entre cultura, sociedade e indivíduos. Essas afirmações preliminares, baseadas numa visão despreziosa, inocente e aparente são constantemente utilizadas para os mais variados fins: para “acalentar” os grupos gays e com isso mantê-los onde estão, para argumentar contra os avanços conseguidos e também para satisfazer, ilusoriamente, alguns homossexuais militantes.

Na prática, tais organizações vêm se constituindo, para os seus membros, como um espaço de luta por direitos, por visibilidade, por emancipação e por justiça, no melhor exemplo do que Santos (2002) classifica de globalização alternativa ou periférica⁴⁰. No entanto, há de se questionar essas conquistas, indagando-se até que ponto podem ser consideradas vitórias dos grupos ou fazem parte de um grande movimento de modernização política e cultural que foi concretizando, pouco a pouco, a expansão à cidadania política, incorporando “todos” nesse processo de criação das obrigações jurídicas e das normas. Nascida em meio a um contexto político específico, será que essa luta foi capaz de se renovar incorporando novas reivindicações e buscando novos mecanismos para continuá-la?

Diante dessa questão, seria possível pensar como renovação a preocupação com a educação mais formal, sobretudo após a epidemia da AIDS, que em seu início atingiu, sobremaneira, a comunidade homossexual masculina, sendo apelidada, inclusive de “câncer gay”? Ante a exigência de se organizar contra a doença, os grupos gays reafirmaram a importância da educação como a melhor arma nessa guerra sem tréguas, incorporando a prevenção contra o vírus em suas reuniões, ditando comportamento para os homossexuais, dando origem a diferentes cursos de prevenção DST/AIDS, assim como trabalhos e projetos de assistência a pessoas infectadas pelo HIV. Hoje, esses trabalhos vão além da assistência e do atendimento aos membros dos grupos. Para citar apenas um exemplo, não é difícil encontrar a sua

⁴⁰ Como define Santos a globalização alternativa é aquela “constituída pelas redes e alianças transfronteiriças entre movimentos, lutas e organizações locais ou nacionais que nos diferentes cantos do globo se mobilizam para lutar contra a exclusão social” (SANTOS, 2002, p. 13).

ação no interior das escolas através de palestras, debates e oficinas a respeito das diferenças, homossexualidades e prevenção DST/AIDS e, assim, vão construindo os modelos aceitáveis e valorizados, distinguindo-os daqueles inaceitáveis e desvalorizados.

É a preocupação com o processo educativo dos sujeitos que faz com que esses grupos sejam classificados como minorias. Segundo Deleuze (1992), a diferença entre maioria e minoria não reside no número de integrantes. Ela é definida pela questão da conformidade ou construção de modelos. “O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme”, enquanto a minoria “não tem modelo, é um devir, um processo” (DELEUZE, 1992, p. 214). Nesse sentido, o advento da AIDS fortaleceu a preocupação dos grupos com esse modelo de homossexual a ser construído. Seguindo ainda esse raciocínio, Deleuze (1992), ressalta que quando uma minoria constrói para si modelos é porque quer tornar-se maioria, o que acaba sendo inevitável para sua sobrevivência ou salvação, visto que perde o seu poder de criação, de ser processo. Nessa tentativa de criar modelos para si, os grupos gays passam a exercer um controle sobre a identidade homossexual, se enquadrando no que Deleuze chama de sociedade de controle (1992), em que o controle contínuo é exercido por instituições abertas e não mais aquelas destinadas ao confinamento.

Essas condições possibilitaram o fortalecimento de uma característica que já existia no interior dos grupos gays desde seu surgimento: a dedicação à educação. A referência não é à educação formal, escolarizada, mas a todo processo educacional mais amplo, contínuo, ligado à comunicação. “Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional - um outro meio fechado - mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo [...]” (DELEUZE, 1992, p. 216). O objetivo dos grupos é a construção dos sujeitos, responsáveis pelas mudanças de visões, posturas, hábitos, transformação das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo, mas que, no entanto, estejam enquadrados dentro dos desafios atuais.

Enfim, o que parece alimentar todas essas discussões que organizaram e organizam os grupos gays é a questão da intimidade e sua relação com passado-presente, com público-privado e com a herança moderna. A fala de um integrante de um grupo gay é reveladora dessas relações que contribuem para construção da identidade gay:

*O movimento homossexual, eu diria, mundial [...]. A gente não parte do zero, a gente parte do negativo. Todo mundo compra um lotezinho e ergue um prédio. A gente que é bicha, não. A gente compra um lotezinho, mas tem um casebre lá. Então, nós temos que **destruir esse casebre, limpar esse terreno, melhorar a fundação para depois construir**⁴¹.*

Essas questões estão postas nas reuniões dos grupos, sendo difícil separá-las claramente, o que demonstra o caráter dialógico que elas estabelecem entre si e como são vivenciadas no cotidiano. Além disso, servem também para revelar a construção das homossexualidades. Em grande parte das reuniões o que está em jogo é a tentativa de responder a pergunta “o que é o homossexual?” E, essa resposta se organiza a partir da questão “o que sou eu?”, que serve, ao mesmo tempo, para construir imagens, discursos e identidades das homossexualidades para o grupo, como também para reafirmar a homossexualidade de cada um a partir dessas, presentes nas reuniões. Assim, mais do que as questões anteriores, o que parece ser o resultado final é o contato com o seguinte questionamento: “quem sou, homossexual?”

Todos esses questionamentos expõem a política defendida pelos grupos no que se refere às imagens que são bem vindas, defendidas, construídas, difundidas e, em contrapartida, aquelas que são mal recebidas, atacadas, desconstruídas e censuradas. A luta travada em torno dessas questões demonstra ainda a preocupação “desapercebida” com a construção de uma identidade única da homossexualidade, ou, pelo menos, a definição de aspectos e características capazes de unir os participantes da reunião em torno da homossexualidade. Um exemplo disso pode ser percebido através de duas reuniões, que serão tomadas como exemplos. Uma ocorrida no GGB, cujo tema era “Jovem homossexual: assumir ou enrustir”. E, outra, realizada no MGM, tratando de “Sexo em Público”. Os assuntos partem das ansiedades dos membros dos grupos, de modo que a sua escolha já revela a preocupação com as categorias de análise desse capítulo: a intimidade, a relação passado presente, público e privado e a herança moderna.

4.1 “Jovem homossexual: assumir ou enrustir”

A reunião ocorrida no GGB, que discutiu a temática “Jovem homossexual: assumir ou enrustir”, servirá como exemplo nesse capítulo. Seguindo o mesmo modelo do que ocorre nos

⁴¹ Depoimento de um dirigente do MGM – Movimento Gay de Minas, Juiz de Fora (29/01/03).

outros dois grupos – o MGM e o CORSA – os participantes sentam-se em círculo, sendo que dois membros se destacam por suas funções. Um que é o responsável pela organização e desenvolvimento do tema e outro que tem como função a escrita de texto semelhante a uma ata, que serve como registro histórico do que ocorre no grupo. Naquela ocasião, dois jovens do grupo de adolescentes responderiam pela preparação do tema. Os membros iam chegando aos poucos, cumprimentavam-se, buscavam um lugar na distribuição das cadeiras, esperando o início da reunião. Os dirigentes que faltavam também chegavam respeitando o horário. Quase sempre os encontros eram concentrados a partir da presença e da fala de Luiz Mott, que naquela noite dedicou um tempo maior em uma sala anterior, onde iria ocorrer a reunião, discutindo com outros dois dirigentes do grupo, para só posteriormente entrarem e comunicarem a todos que os dois jovens não estariam presentes, de modo que ele encaminharia a discussão.

Assumindo um certo improviso diante do que ocorreu, Mott começou mantendo a dinâmica de sempre: os informes e notícias da semana. Apresentou dois rapazes, esclarecendo que se tratava do segundo casal a assinar o livro de União Estável Homossexual, organizado pela iniciativa do GGB, como forma de registrar a união de duas pessoas do mesmo sexo e que fez o GGB ficar ainda mais conhecido no Brasil, além de servir de modelo para o surgimento de outros livros nos grupos gays existentes. Ainda comemorou o parecer positivo para uma consulta feita ao INSS para saber a validade daquele tipo de documento. Passando à diante, Mott fez uma pequena introdução ao tema destacando a relação entre adolescência e a descoberta da sexualidade e dos desejos. Seria nesse momento da vida que os desejos homossexuais começariam a aparecer e a serem lidos como tais. Diante dessa constatação, o dirigente começa a discorrer sobre várias teorias populares que visam entender o surgimento da homossexualidade, como por exemplo a vivência de práticas sexuais como o “troca-troca”, o fato de serem filhos únicos, ou criados por avós, por famílias dominadas por mulheres. Para confirmar ou negar essas “causas”, ele faz uma pesquisa rápida entre os presentes, que levantam a mão a cada pergunta: *“Quem foi criado por avó? Quem tinha mais irmãs do que irmãos mais velhos? Quem foi caçula?”*

Passando rapidamente para o debate, Mott relembra a grande questão do tema “assumir ou enrustir” e propõe: *“Então vamos. Quem gostaria de falar desse aspecto do sofrimento que representou ser homossexual, da adolescência e juventude pela falta de modelos, pela desinformação ou pela repressão e tal? O sofrimento de ser um adolescente homossexual. Já que*

o assunto é assumir ou enrustir, quem, na adolescência já era assumido?” Sem manter a ordem das cadeiras, o debate se inicia com a participação de quem quisesse falar. A proposta, por si só, incitava o relato de experiências vividas. Como se misturava uma fase da vida em que há um contato maior com as famílias e o dilema de assumir ou enrustir, as participações foram recheadas de lembranças tristes de brigas familiares, expulsões de casa, conflitos com os pais, agressões físicas, discriminações em espaços públicos, escolas, ruas e o encontro com o grupo.

Também surgem os modelos de homossexuais que serviram para a leitura de seus desejos, aparecendo a figura dos travestis, das “bichinhas”, enfim, do que representava ser homossexual para cada um, de forma que assumir significava seguir esses tipos. Mott aproveita para construir conclusões gerais: *“Quer dizer que a falta de modelos positivos faz com que os gays se inspirem no que está mais visível, no que é mais exibido”*. As experiências que eram apresentadas falavam de jovens que haviam se assumido na adolescência, de forma que isso inibia outras participações e relatos que fugiam a essas características. Buscando ampliar as discussões, Mott questiona quem se assumiu após os 18 anos, portanto numa fase adulta.

Novas falas tomam forma, mas mantêm as mesmas relações anteriores de conflitos com a família, experiências de discriminação, enfim, relatos de sofrimento que eram modificados após o contato com o grupo e o conhecimento de novas explicações sobre a homossexualidade. O momento de angústia era substituído pela alegria de ter encontrado um lugar em que podiam adquirir forças para enfrentar as discriminações no cotidiano. Para encerrar, Mott fornece uma série de informações de como o adolescente deve agir para se assumir e, uma vez tomada essa decisão, o que deve ser feito em caso de agressões e expulsões de casa.

4.2 “Sexo em público”

Uma outra reunião ocorrida no MGM também nos serve como exemplo dessa relação entre intimidade, público-privado, passado-presente. Com o tema “Sexo em público” o grupo acabou discutindo o comportamento homossexual, como se essa prática fosse exclusiva da homossexualidade.

Marquinho inicia a reunião com os informes da semana, para posteriormente passar a palavra a Isac, que era o responsável por desenvolver o tema e organizar a discussão: *“Sexo em*

público é um assunto polêmico e eu decidi colocar você, que está fazendo Direito e tal, que é a primeira dama do MGM e tudo mais, colocar você falando da lei, ponto de vista legal sobre fazer sexo em público. [...] E eu vou debater com você do ponto de vista oposto, do ponto de vista mais crítico da moral sexual vigente, entendeu?” Diante dessa proposta, Marquinho aceita o desafio e faz um parecer do ponto de vista da lei, tratando do que significa sexo em público e das ocorrências que podem ocasionar dessa atitude. Os presentes levantam diversas dúvidas, revelando um pouco das práticas sexuais que podem ocorrer no espaço público da rua: transar dentro de carro, em parques públicos, sexo oral em galerias, entre outras.

Isac entra na discussão discorrendo sobre a relação da moral com o sexo e com a definição do que pode ou não ser feito e em que espaços. Para isso recupera a relação do Direito com a religião, a influência do Cristianismo na organização da nossa sociedade atual, valendo-se disso para voltar à História e comemorar um tempo em que, segundo ele, a sexualidade era “celebrada”.

O grupo começa a discutir o que leva às práticas do sexo em público. Surgem o voyeirismo e o exibicionismo. E acoplado a essas experiências aparecem também, de forma subentendida, os julgamentos, o que o grupo admite e o que ele condena, o que pode ser percebido nas justificativas de preocupação com os perigos que se corre quando se está na rua, na madrugada, em cantos e terrenos isolados, fazendo sexo. Paralelamente manifestam-se aqueles que defendem que no campo da sexualidade tudo vale, o que desperta interesse e entusiasmo de todos com o debate, valendo-se da oportunidade para fortalecer o que se faz na medida em que se convence o outro a ter as mesmas práticas e comportamentos.

4.3 Intimidade

Giddens (1993) e Foucault (1988) são alguns dos autores que demonstram como a nossa sociedade foi se constituindo, desde a modernidade, como uma sociedade de alta reflexividade. Assim, suas principais características são “o caráter ‘aberto’ da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo” (GIDDENS, 1993, p. 41). Isso significa dizer que para os grupos que estão lutando para se libertar de classificações preconceituosas e de identidades cristalizadas, a questão “quem sou eu?” toma uma importância contínua. Serve, sobretudo, para contestar os estereótipos

dominantes. Segundo Deleuze (1992), um dos resultados dos movimentos de 1968 foi que as pessoas passaram a falar em seu próprio nome, o que significa dizer que o homossexual reivindicou, conquistou e mesmo ganhou respaldo para falar sobre a homossexualidade. Se há um avanço nessa conquista, ela vai servir também para criar uma série de procedimentos discursivos, como por exemplo as reuniões dos grupos, que vão celebrar as diferenças, fazendo-as funcionar (PIERUCCI, 1999). Para fazer a homossexualidade funcionar como algo a ser celebrado, os grupos apelam para o seu enraizamento ou no dado biológico, entendendo-o como essência, ou no dado cultural.

Desde que a intimidade tornou-se uma questão, vem sendo, constantemente, regulada, normatizada, explicada e educada de acordo com as mais diversas perspectivas. Isso contribuiu para que se multiplicassem, também, as instituições autorizadas para a produção desses discursos, definindo os saberes e as práticas valorizadas e as desvalorizadas. Nascidos nesse contexto, os grupos gays organizados reivindicam o seu lugar na construção das “verdades” sobre as homossexualidades. E, cada vez mais, representam tentativas de construir conhecimentos e certezas sobre a intimidade, aquilo que o sujeito estabelece consigo mesmo, que é próprio, associando intimidade a idéia de propriedade. Assim procedendo, as identidades homossexuais, construídas no interior desses grupos, são fundamentadas nas falas dos membros, nas confissões dos sentimentos, emoções, desejos que passam a ser entendidos como verdades reveladas. Ao falar da sua intimidade, aproximando-a do que seria comum a todos os homossexuais, o discurso produzido gera uma verdade sobre a homossexualidade, como pode ser verificado no seguinte exemplo: *“Eu tenho os mesmos sentimentos que o Oswaldo. Tudo que o Oswaldo é capaz de fazer, eu também sou. E, eu sei que se fosse comigo, se passasse um mulatão e me olhasse, talvez eu fosse”*. A produção de discursos a respeito da intimidade é responsável por sua transformação em sexualidade, associada ao segredo e a privacidade. Assim sendo, os grupos gays não estão inovando, mas reafirmando uma perspectiva de construção de identidade fundada, segundo Foucault (1988), no século XIX.

O século XIX representa um marco na história da sexualidade. As práticas sem segredos, emoções reveladas e uma tolerância com o ilícito deram lugar a um tipo de sexualidade contida, muda e hipócrita (FOUCAULT, 1988). Como consequência, a sexualidade invade o interior das casas, passando a ser entendida com algo que é particular, privado e, que é, portanto, encerrada no indivíduo, confiscada pelas famílias. Surge a idéia de “verdade” e de “segredo”, associadas à

sexualidade. Mais do que isso, o “legítimo” e o “ilegítimo”, o “normal” e o “anormal”, o “certo” e o “errado”. O modelo é o casal heterossexual, protegido pelo casamento e programado para a reprodução. A sexualidade é limitada ao quarto do casal. O que escapa a isso deve ser escondido tanto no que se refere às práticas quanto aos discursos.

Assim, o que se refere ao corpo, ao desejo, às emoções e às práticas é silenciado. E, por isso, não deve ser dito, não deve existir nem mesmo em palavras. No entanto, a repressão não foi suficiente para fazer desaparecer o interesse em torno da sexualidade. Ao contrário, todo aparato em torno dos cuidados com a sexualidade só fez despertar e aumentar os discursos produzidos, os prazeres em torno das transgressões, a busca pela revelação dos segredos, a procura das “verdades” de cada um, enfim, a preocupação em torno da sexualidade, mantendo-a no centro das atenções. As sexualidades passaram a ter lugares próprios para a sua expressão. Para as práticas “legítimas” o quarto do casal, o interior das casas e a privacidade dos indivíduos. Para as “ilegítimas”, lugares em que poderiam ser reinscritas, seja pela via da produção de saberes ou pela via do lucro: as casas de prostituição, as casas de saúde e os consultórios psiquiátricos (FOUCAULT, 1988).

Reservar lugares para a sexualidade significa definir onde e quando é possível falar dela, em que condições e momentos, entre quais locutores, ou seja, quem está ou não autorizado para isso e em que relações sociais. Assim, essas questões são suficientes para inscreverem a discussão da sexualidade no campo do poder e do político. Além disso, o simples fato de se colocar as sexualidades em discussão possui um ar de transgressão e de liberdade, atribuindo a quem fala um poder (FOUCAULT, 1988), o que explica o caráter libertário e emancipatório que aparece nos grupos, sendo comum os integrantes comemorarem o fato de poder estar falando sobre a homossexualidade, sobre a sua homossexualidade diante de outras pessoas. Visto desta maneira, os agrupamentos representam o poder de romper com o silêncio e de se colocar fora do alcance dessa relação estabelecida entre poder e sexualidade. São espaços onde há estímulos para se falar da intimidade, pois foram criados, em parte, para isso. Então, é comum encontrar incitações como: *“Quem gostaria de falar desse aspecto do sofrimento que representou ser homossexual, da adolescência e juventude...”*, *“Alguém mais tem um depoimento da família?”*, *“Agora, hoje em dia, existem os grupos gays, a existência dos direitos, do Estatuto da Criança e do Adolescente, permitem que as pessoas sejam mais fácil se assumir”*. Mesmo sem uma chamada clara ao depoimento, os discursos que vão se produzindo, fazem esse trabalho de

incentivar a fala, já que as histórias se aproximam, fazendo com que cada um se lembre de algum acontecimento vivido ou conhecido.

Seguindo a perspectiva foucaultiana, é importante interrogar sobre a preocupação em torno da sexualidade, que, há muito tempo, vem incomodando a nossa sociedade, que é capaz de produzir discursos e conhecimentos em torno do seu próprio silêncio. Neste sentido, o importante não é o que se diz, mas o porque se diz, ou seja, revelar o que está por trás dessa vontade de falar, saber, conhecer, dominar, silenciar, revelar, denunciar as questões em torno do sexo, do desejo, do corpo, do amor, do erotismo e da sexualidade. Até que ponto os grupos gays estão mantendo essa “vontade de saber” em torno da sexualidade? Por que a “vontade de saber” dos grupos?

Tratando-se de uma sociedade com essa característica, não é de se estranhar o interesse que a intimidade e seus desdobramentos vêm despertando nas pessoas. Corpo, desejo, erotismo, sexo e amor passaram a ser temas que dizem respeito e revelam a identidade de cada um, mantendo um permanente interesse de todos pelo segredo, que revelaria o que é próprio: *“Porque tem veado que entra pelo setor amarelo e vai pro banheiro dali e aí, às vezes, ele fica sentado no banco esperando os outros, porque eles são cara de pau. Eles ficam olhando pra sua cara. Dá vontade de socar a cara”, “Pra finalizar, como somos masculinos e somos machos, se eu vou num banheiro e encontro lá um mulatão, que é o meu sonho de consumo, e ele balança uma pistola dura pra mim, você acha que eu não vou fazer? Vou. Claro que vou”.*

Somado a isso, a intimidade, trás em si, uma força de constante transformação que também seduz já que são possibilidades reais. É inegável que a intimidade pode ser opressiva, desde que se defina “como uma exigência de relação emocional constante” (GIDDENS, 1993, p. 11), que aparece, sobretudo, quando se discute relacionamentos, demonstrando como o modelo de um “casamento monogâmico” foi incorporado por todos e como a necessidade de se adequar a esse modelo gera opressão e angústia: *“Marcos, então você é a favor da traição? Se você tem o Oswaldo, eu acho que não há necessidade de você procurar outro homem”, “Se eu estou com você e um outro me desperta tesão, eu acho que você não faz parte da minha vida...”, “Eu não tenho namorado, por quê? Porque eu levo relacionamento a sério. Eu acho que a partir do momento que eu estou com uma pessoa e eu sinto tesão por outro, eu vou chegar pro meu namorado e dizer”.* Mas essa não é a única forma de vivência da intimidade. Ao contrário, ela também pode ser entendida como um exercício de democracia, desde que se apresente “como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais” (GIDDENS, 1993, p.

11). Quando os grupos gays incorporam em sua luta o discurso a favor de uma sociedade desprovida de preconceitos e discriminações, contra julgamentos desiguais, está entendendo a intimidade como espaço democrático e expressão do eu, como pode ser observado na fala a seguir: *“Uma coisa é você ter ética em relação a sua vida, em relação ao seu parceiro e outra coisa é você reprimir isso em nome... esse discurso é meio religioso, você reprime o seu desejo, você reprime o seu tesão porque se não daqui a pouco você vira um animal”, “Eu não posso achar isso anormal. Porque tem gente que acha que eu chupar o pau do Junior seja absurdo. Eu não acho isso absurdo. É muito gostoso”*. Daí a necessidade de relatar as vitórias do grupo no campo da conquista dos direitos civis e de cidadania, como forma de comprovar o “direito” da cada um ser o que é, fortalecendo e fazendo funcionar a homossexualidade. Além disso, são momentos de euforia compartilhada, que tem a função de fazer todos os membros se sentirem bem juntos e comemorarem o fato de fazerem parte de um mesmo grupo, reforçando a idéia de grupo (ANZIEU, 1993): *“[...] temos a excelente notícia que, na semana passada, a responsável pelo INSS, mediante uma consulta minha sobre o que o INSS...como o INSS se manifesta diante desse livro, a resposta foi positiva, dizendo que o INSS considera um documento válido”, “De modo que eu ando muito contente, porque é uma grande vitória”, [...] ela mandou uma carta dizendo que...parabenizando pela nossa ousadia e inteligência e em agradecimento”, “Eu tenho duas notícias pra vocês. Todas duas boas”*.

Analisando as reuniões é possível constatar que o pensamento que serve para organizá-las é o entendimento de que as possibilidades de transformação pela via da intimidade são bastante reais. Neste sentido, a “vontade de saber”, estimulada no grupo, serve, sobretudo, para reforçar a relação grupal, fortalecendo a relação entre intimidade, verdade e identidade, unindo-os uns membros aos outros. Essa dinâmica do grupo soluciona o conflito entre o desejo de segurança e unidade e a angústia de fragmentação e perda da identidade. Assim, as reuniões dos grupos tentam, inconscientemente, articular a defesa da diferença e a reivindicação da igualdade, buscando, ao mesmo tempo, explicar a homossexualidade e enquadrá-la nos modelos sociais aceitos, o que poderá estar contribuindo para que a intimidade homossexual seja opressiva, já que passa a ser encarada como uma exigência de relação emocional constante, seguindo o modelo burguês-moderno do casamento heterossexual: *E aqui estão os nossos amigos, Frederico e Bruno, que foi o segundo casal a assinar o livro de União Estável Homossexual*”. Esse modelo foi capaz de estender sua força para outras relações, tornando-se o modelo idealizado de

convivência, de intimidade, de compromisso, para além do casamento heterossexual. A recorrência de temas como fidelidade, “casamento” e monogamia parece relacionar-se diretamente com a idéia de amor construída no Ocidente moderno, que impõe uma necessidade de amar e de ser amado (PAZ, 1994).

No entanto, a intimidade também pode ser vista de uma forma diferente, como uma negociação de vínculos pessoais, estabelecida entre iguais. Razão pela qual, as experiências narradas causem tanto prazer aos membros. Como defende Giddens (1993), a transformação da intimidade, trazida pelos movimentos feminista e gay, pode representar uma influência subversiva sobre as outras instituições modernas como um todo: *“A maneira que eu tô tentando, contra mim mesmo, ver o sexo é uma maneira diferente. Claro, da habitual. Eu tento me livrar de todas tralhas que colocam na cabeça de todo mundo”*.

A intimidade é, principalmente, uma questão de comunicação emocional entre os homens e com cada um individualmente, como argumenta Giddens (1993). Assim, o engajamento pessoal e coletivo é constante, abrindo alternativas para modificar o domínio sexual. Apostando nos grupos de reflexão e na difusão de valores e comportamentos, o grupo gay pode ser entendido, a partir dessa análise da intimidade, como engajamento pessoal e coletivo, resultando disso a consideração da intimidade como um palco de luta política. A aposta do grupo é por uma mudança de dentro para fora, uma transformação da intimidade iniciada pela autonomia de seus integrantes para a auto-reflexão. Mas, ao criar modelos valorizados, o resultado parece ser o aprisionamento dos membros mais do que sua emancipação, inibindo sua autonomia: *“Você mesmo me aconselhou a não ser travesti”*. A partir daí são canceladas as possibilidades dos projetos de emancipação para além do grupo, ramificando-se para outras instituições.

A intimidade e o que ela representa para cada um, individualmente, está presente nas diversas categorias de análise que compõem o quadro de preocupações dos grupos gays organizados, tais como identidade, diferenças, autonomia, emancipação, liberdade e democracia. Esse debate serve aos grupos tanto para pensar a sociedade atual e seus parâmetros de construção da intimidade, do desejo e do erotismo, como para desconstruí-los em busca de outros mais democráticos. Os grupos como produtos de sua época, de sua cultura e de sua sociedade, trazem esses aspectos entranhados de tal forma que fica difícil se distanciar deles e propor algo de diferente, acabando por contribuir para o seu fortalecimento.

O campo de discussão da intimidade e suas possibilidades de transformação abrem uma nova perspectiva: a mudança da nossa herança moderna do auto-controle. A intimidade sempre foi pensada como reveladora da identidade e nesse sentido era a sexualidade o que mais importava. Os desejos, os sentimentos, enfim, os componentes da sexualidade representam a nossa maior liberdade e talvez por isso estejam sempre no campo dos segredos, entendidos como nossas maiores riquezas, escondidas a sete chaves. Por isso, a grande preocupação na revelação e no interesse pela privacidade dos outros. “A pessoa com a qual fazemos sexo, como diz Jeffrey Weeks (1986) ‘importa’. Importa tanto que nossas práticas - as imaginadas e as reais - tornam-se sinônimas de nossa identidade e de nosso gênero” (BRITZMAN, 1996, p. 76).

Pensar a articulação entre sociedade, intimidade e sexualidade é pensar, principalmente, na relação de poder que organiza essa associação. À luz do pensamento foucaultiano, o poder que se organizou em torno da sexualidade não se caracterizou apenas como repressor. Ele foi capaz de produzir prazer e reação. Neste sentido, quando o grupo gay se dispõe a pensar a organização dos discursos produzidos pela sociedade para classificar e controlar as práticas homossexuais, está questionando essa relação de poder presente na sexualidade. No entanto, está reafirmando-a e propondo novas formas de conhecimento que buscam entender as práticas homossexuais, mantendo-as na perspectiva de analisá-las entre aquelas permitidas e as proibidas, as valorizadas e as desvalorizadas, que é, a princípio, o que estava combatendo. Assim, surgem explicações quanto à causa da homossexualidade: *“Essa teoria de que seria o homossexual..., que o homossexual seria inicialmente a ser passivamente, fazendo papel de receptor que está associado ao papel da mulher, que recebe, a que é penetrada, essa teoria estaria compondo... tendo como ponto de referência o fato de que, praticamente, todos os meninos dessa idade teriam passado por uma experiência de troca-troca e que não é uma verdade. Alguém aqui não fez troca-troca na adolescência?”*

Segundo Giddens (1993) a nossa herança moderna nos faz pagar um preço, a repressão crescente. As reuniões não são momentos de se discutir apenas as questões ligadas à intimidade, por mais que isso seja importante para o grupo e também para a constituição de um sentimento de pertencimento e de identificação com a homossexualidade e com o próprio grupo. São também possibilidades de educação e, pela via da intimidade, ensina-se a se comportar diante da repressão da polícia, diante das excitações e ameaças das expressões da sexualidade em público, diante da organização sexual da cidade, fornecendo informações dos lugares de negociação sexual capazes

de re-significar a cidade: “*A juventude, a homossexualidade e como trabalhar e conviver com a homossexualidade na juventude*”, “*De modo que quando for conversar sobre o assunto pode falar assim, que em praticamente todas tem e é garantido de que, cada quatro famílias, uma tem. É garantido*”, “*Porque existem locais, que mesmo sendo público, são considerados focos: Parque Halfeld, Museu Mariano Procópio, atrás da igreja*”. A participação dos membros demonstra a necessidade de aprender e confirma como os encontros no grupo podem representar esse momento privilegiado de se ter conhecimento de como lidar com as questões que envolvem a intimidade e o social.

Assim, a “vontade de saber” está servindo para enquadrar a homossexualidade e os homossexuais no comportamento e identidade considerados como “corretos”, de acordo com o que se convencionou na sociedade. Então, a revelação da intimidade está servindo para que cada um demonstre que aprendeu, que fez a coisa “certa”, que se assumiu, diante de toda adversidade, ou seja, assumiu a postura que o grupo estabeleceu como a “correta”. E, falar na reunião é estabelecer uma rede discursiva que serve para enquadrar o outro, que ainda não fez o que eu fiz, que ainda não tomou as mesmas atitudes que eu, sendo difícil romper com essa rede, ir contra os discursos que passam a ser os dominantes. Um membro fala, o seguinte também fornece seus exemplos que reforça a fala anterior, seguido por um terceiro que também fez igual e assim sucessivamente, de forma que aqueles que não fizeram igual se sentem inferiores, como se não fizessem parte do grupo, compelidos a repetir as ações dos outros, de todo o grupo.

Para agravar a situação de enquadramento e controle, a Aids veio aumentar essa dupla necessidade, fazendo com que o grupo se preocupasse mais com os comportamentos e aumentando seu poder em produzir conhecimentos e verdades a respeito da intimidade e da homossexualidade. Mesmo porque a doença surge como especificamente, de gays e com um desconhecimento quanto a sua forma de contágio e transmissão, que exigia um olhar mais atento e controlador sobre as práticas homoeróticas para saber como se prevenir. E os grupos gays saíram na frente, fornecendo aos membros um mínimo de informação que aumentava o controle sobre a intimidade. Além disso, o medo diante do “câncer gay”, a busca por informação e a angústia diante do destino revelado fizeram com que muitos homossexuais procurassem se integrar aos grupos gays, num processo classificado como biossociabilidade (ORTEGA, 2002), que é a forma de sociabilidade apolítica, constituída a partir do interesse privado como saúde, doenças específicas, comportamentos, performances corporais, etc. Essa forma de sociabilidade

que vai representar um re-direcionamento das ações dos grupos gays, vai enfatizar os procedimentos de cuidados corporais, médicos e higiênicos na construção da identidade homossexual, criando um homossexual capaz de se auto-controlar, auto-vigiar e auto-governar.

A biossociabilidade se aproxima do que Foucault (1997) chama de biopoder, que é entendido como um novo tipo de poder social, que incide sobre a vida e sobre a população, que seria o responsável pela passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, em que surgirão grupos e instituições que vão agir sobre os corpos e a vida dos indivíduos, estendendo-se para populações inteiras e grupos sociais. A preocupação que fazia com que os grupos agissem sobre a vida, os comportamentos e corpo dos homossexuais - a AIDS - também era a mesma que levava o Estado a se preocupar com esse grupo e com a população de forma geral, sobretudo depois que a doença passou a atingir outras orientações sexuais. Assim, a AIDS veio aumentar a necessidade de enquadramento, fazendo com que os grupos gays e o Estado tivessem uma preocupação maior ainda com o controle da população e da doença, aumentando o controle sobre o sujeito homossexual. “[...] Oswaldo viajou hoje para a cidade do Rio de Janeiro porque o Ministério da Saúde através da Coordenação Nacional de AIDS considera que as *Paradas do Orgulho Gay* é um ótimo gancho para a prevenção de DST's, HIV, para os homossexuais”. Foi assim, a responsável pela aproximação do Estado com os grupos gays organizados, que receptivos a essa adesão passaram a contar com o financiamento para os seus projetos de prevenção e ação direta no comportamento dos membros, além dessa união fornecer um caráter institucional, legal, visto que trabalhavam com a chancela do Estado. Pela primeira vez passam a ter uma relação com o Estado, exatamente reproduzida através da associação da homossexualidade com a doença, prevenção, controle de comportamento, enfim, com um tipo de representação muito próxima daquela do século XIX. O discurso do Estado e dos grupos se misturam através do controle dessa população, via intimidade.

4.4 Público e privado

Quando se discute a transformação da intimidade, pode-se correr o risco de considerá-la como essencialmente privada. No entanto, esse é um tema que desperta o interesse público, especialmente, no que se refere à sexualidade (GIDDENS, 1993; FOUCAULT, 1988). Afinal,

estamos tratando de uma sociedade altamente reflexiva, que tornou a sexualidade sinônimo de identidade, o que faz com que todos se preocupem constantemente com a intimidade e as identidades dos outros. Portanto, a intimidade é afetada tanto pelo público quanto pelo privado. E, na medida em que a sexualidade foi sendo responsável pela definição das identidades, a intimidade, o desejo e o sexo tornaram-se práticas sociais que servem para criar as diferenças e não somente as semelhanças.

O grupo gay lida com esse conflito: se o que une é o desejo pelo mesmo sexo, esse desejo também serve para diferenciar os homossexuais masculinos dos femininos, dos bissexuais e de outras identidades sexuais. Essas não são questões que dizem respeito apenas ao privado, já que estamos falando de identidades, imagens, classificações, enfim, construções que ocorrem no social, impregnadas de cultura e história. Assim, o privado foi se fortalecendo como domínio do segredo, de psique, do que é “autêntico” porque diz respeito aos nossos sentimentos, o que está, ou deveria estar guardado, a “sete chaves” e o que revela quem somos, nossas identidades. Portanto, pensar o grupo gay pela perspectiva do privado e do público significa refletir sobre sentimentos, identidades, diferenças que são construídas no social, coletivo e cultural: “*Na piscina onde eu faço hidroginástica tem um rapazinho, ótimo nadador. Bichinha. Tá escrito na cara dele. Ele tem um ódio de mim porque ele me vê o que ele vai ser*”, “*Pelo fato de não termos modelos positivos, ícones que nos permitissem a gente se entender*”, “*E, onde você, Cristiano, pegou esse modelo de travesti?*”

Para Sennett, “as relações civilizadas entre os indivíduos só podem ter continuidade na medida em que os desagradáveis segredos do desejo, da cobiça ou da inveja forem mantidos a sete chaves” (SENNETT, 1988, p. 17). É o paradoxo da visibilidade e do isolamento: na medida em que todos se vigiam, em que há um interesse pela intimidade como revelação da identidade, diminui a sociabilidade, e o silêncio passa a ser a única forma de proteção (SENNETT, 1988). Daí a necessidade das pessoas terem um local específico, em público, para se reunirem e ao mesmo tempo manterem certa distância da observação íntima dos outros, para se socializarem. Nos grupos gays, as reuniões entre os integrantes favorecem uma sociabilidade diferente daquela que se dá quando estão na presença de outras pessoas. “*Aqui eu sou assumido, mas em casa eu não sou, não posso ser. Não posso dizer o que se passa comigo*”. Assim, esses espaços podem servir tanto como fuga, local em que os membros se escondem da revelação pública, até mesmo aquela exigida pelo próprio agrupamento, que é exemplificada por aquele membro que só se

assume na comunidade; quanto como lugar de luta. Fuga ou luta, fortalece a idéia de grupo e só parecem possibilitadas através da solidariedade, fornecida pelos pontos em comum que associam os membros.

A luta que se percebe parece ir em direção ao rompimento do paradoxo apontado por Sennett. A exigência por visibilidade do grupo gay se define também pelo fim do silêncio e pelo alastramento das práticas homossexuais para além dos “guetos” gays, em um processo de absolutização da identidade homossexual, em que o público prevalece sobre o privado. “[...] *mas, enquanto ainda existir tanto preconceito, séculos que as pessoas tiveram que se esconder, de viverem na clandestinidade, tem que se assumir sim, a gente tem que estimular...*”, “[...] *quando você é livre, quando você é feliz, bate no peito e diz: ‘Sou sim, faço sim, gosto sim’, simplesmente você não se submete*”. Isso não significa a negação dos espaços específicos, como boates, saunas e as sedes dos grupos gays, mas a defesa de que as práticas homossexuais não deveriam ficar confinadas nesses locais e que a identidade também fosse assumida em outros lugares. Esta defesa está embasada na necessidade da construção de identidades e de imagens da homossexualidade e de homossexuais mais valorizados que reflitam em uma auto-estima positiva, o que nem sempre ocorre devendo então, ficar limitados ao universo privado dos espaços reservados e permitidos para suas práticas. É o caso, por exemplo dos travestis, que representam a exposição permanente e pública da homossexualidade o que se confirma na satisfação manifestada por todos quando Luís Mott soube que um dos membros deixou de ser travesti por ser “convencido” por ele: “*É mesmo, Cristiano? Que satisfação! Por que Denis... cadê Denis? Denis deixou de ser travesti por nossa causa. E vejam só o depoimento dessas pessoas, né? Por que a gente acha que esteticamente, socialmente sofre menos sendo homossexuais masculinos que o travestismo, né?*”

Como consequência, constata-se que o debate entre privado e público serve para organizar também as diferenças dentro das diferenças. O grupo, exercendo o seu poder, vai reservando e definindo os lugares de expressão para cada diferença, que o compõe. É a diferença produzindo diferenças (PIERUCCI, 1999). Todo esse processo passa pela necessidade de reconhecimento social e político, por aceitação. E, na disposição por essa busca, os grupos gays podem estar procurando o enquadramento da homossexualidade nos parâmetros aceitáveis de participação pública. “*É tão desagradável essa questão... que se ligou homossexual ao banheiro público que, hoje eu moro ali perto do Santa Cruz Shopping, é tão desagradável essa questão, que, às vezes,*

eu tô mijando na calça, mas eu passo direto”, “Eu fico puto porque esse tipo de coisa denigre a imagem de nós gays também, porque todo mundo acha que veado fica parado em banheiro tocando punheta e olhando pau de homem”, “Por causa de um, todos eles pagam. [...] Eu pago, vocês pagam”, [...] eu concordo com você, eu acho que é foda, eu acho que prejudica. Essas bichas que não dão conta de sair dessa questão do sexo em público, da linha banheirão e tudo mais, é porque são extremamente reprimida”, “O gay tem que entender que não é todo homem que quer isso não, cara. Ele tem que ter limites”. Assim, a fronteira entre privado e público cria uma inquietude e uma estranheza de enquadramento, contribuindo para criar a imagem e a identidade discursivas de homossexual, unindo história e realidade, grupo e mundo.

Ao contrário da análise de Sennett (1988), o grupo gay não percebe a visibilidade, a revelação da intimidade e da identidade gay como diminuição da sociabilidade, tampouco entende o silêncio como proteção, embora ainda hoje muitos gays compreendam suas identidades homossexuais dessa forma, ou seja, somente mantendo sua intimidade como gays em segredo poderão manter a sociabilidade ou a “aceitação social” ideal e aí o silêncio é entendido como proteção. Por isso, a luta do grupo gay por visibilidade através da política do “sair do armário”, busca justificar-se no combate à organização da cultura e à nossa herança moderna de uma sociedade vigilante e classificadora da sexualidade e, nesse confronto, podem acabar exigindo que os homossexuais se assumam, não em uma política do “sair do armário”, mas em uma postura que mais se assemelha a política do “expulsar do armário”. Dessa forma, a ação dos grupos gays, estaria muito mais direcionada à pressão sobre o indivíduo, sobre o privado, do que sobre a cultura, sobre o público.

A busca é por uma nova forma de pensar a sociedade, o político, nossas práticas cotidianas e a vida pública. O grupo gay, nesse sentido, nem sempre lida com uma concepção de político como ruptura com o passado, do que é entendido como “dado”, automático e previsível. Como defende Hannah Arendt, as ações políticas se alastram a todas as práticas humanas, desde as mínimas até as mais complexas. Deste modo, tais ações se referem a todos os espaços públicos, o que nos ajuda a pensar os grupos gays como importantes meios educativos, já que através deles podem e devem ser criados e recriados o cotidiano, as ações humanas e os espaços de forma permanente.

Arendt assim como Foucault defende que a identidade não é algo dado, mas que está em permanente construção e que se realiza nos variados espaços públicos, por onde circulam os

indivíduos e onde negociam e renegociam com os outros. Essa definição também nos serve para uma melhor compreensão sobre a importância do grupo gay não só como espaço de negociação, de definição e redefinição das identidades homossexuais, mas também como espaço de relação entre identidade e imagem, que esclarece o papel desses grupos na relação público e privado, que parece tão cara para os grupos minoritários. Segundo Bhabha (1998), o imaginário é a transformação que acontece no sujeito na sua fase de formação, quando se assume uma imagem distinta daquela que se tinha e que, assim, permite buscar semelhanças e identidades com os outros. “No entanto, esse posicionamento é em si problemático, pois o sujeito encontra-se ou se reconhece através de uma imagem que é simultaneamente alienante e daí potencialmente fonte de confrontação” (BHABHA, 1998, p. 119). O resultado dessa relação entre identidade e imagem, entre privado e público é, segundo o autor, o narcisismo e a agressividade. Até que ponto, isso é possível de ser pensado no que se refere ao trabalho dos grupos gays, seja através da celebração narcisista da homossexualidade, seja através da agressividade com aqueles que não têm a mesma atitude que os outros, colocando-se assim, a identidade como sempre organizada e ameaçada pela falta.

Para Sennett (1988) é duplo o problema público da sociedade contemporânea: os comportamentos e soluções impessoais não despertam paixão, fato que só ocorre quando se trata de questões que envolvem personalidade. Com base nesse raciocínio é possível entender o interesse pela intimidade, visto que foi construída diretamente relacionada à personalidade. As discussões causam grande paixão nos seus integrantes quando estão em pauta aspectos que dizem respeito à personalidade, à identidade, como, por exemplo, quando se discute fidelidade, promiscuidade entre outros assuntos que possibilitam trazer a experiência para a reflexão, misturando os temas com as identidades e vivências individuais. Quando se propõem discussões mais impessoais, como a representatividade no legislativo como condição para defesa de questões que interessam ao grupo, o entusiasmo é menor e rapidamente ocorre a fuga ao tema nas reuniões, e a discussão descamba para outros assuntos fora do foco inicial.

Quando as pessoas perdem interesse pelo mundo público, quando não há um envolvimento pessoal e quando a vida pública se torna questão de obrigação formal, enfim, quando há uma deformação da vida pública, isso também afeta as relações íntimas, a vida privada, que passa a despertar o interesse das pessoas. Segundo Sennett (1988), o amor físico é o

que nessas quatro gerações⁴² pode ser o maior exemplo desse duplo problema da sociedade contemporânea traduzidos nas alterações da vida pública e seu desdobramento na erosão da vida privada.

O trabalho do grupo gay se aproxima do grande problema da nossa sociedade, ou seja, uma vida pessoal que motiva e um interesse pela vida pública esvaziado. Deleuze (1992) ajuda a pensar esse trabalho quando aponta para a dificuldade de novas formas de resistências nas sociedades de controle, ressaltando que as resistências a essas sociedades só ocorrerão na medida em que os grupos sejam capazes de criar algo novo, diferente da simples comunicação. “É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vácuos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 216-217).

Tanto ao se comunicar, quanto ao criar algo novo, pode-se falar em construção de subjetividades, já que dizem respeito à produção de sujeitos. E, esses processos tomam forma quando os indivíduos e as coletividades, incluindo os grupos gays, buscam se colocar como sujeitos de transformação e não apenas como receptores, transmissores, reprodutores de um controle que parece lhes dar autonomia, mas que, no entanto, permanece por controlá-los. Afastando-se dos saberes constituídos e dos poderes dominantes, os grupos gays parecem construir algo novo. Nesse sentido, o grande desafio para os grupos gays seria libertar os homossexuais da homossexualidade.

4.5 Homossexual militante e a “bicha banheirão”⁴³

A organização que se estabelece entre a sociedade, a distribuição e a ocupação dos espaços urbanos serve para melhor compreender a dinâmica social, servindo para entender os lugares reservados, os ocupados, os pretendidos e os excluídos. Essa organização pode ser melhor exemplificada pela relação entre os grupos e os locais reservados para os homossexuais, aqueles

⁴² Embora Sennett (1988) não defina claramente datas quando se refere “às quatro gerações”, ele utiliza o termo para localizar o leitor num tempo definido, ou seja, nas transformações ocorridas na passagem do século XIX para o XX, em que o amor físico se foi alastrando, cada vez mais, do erotismo vitoriano que envolvia relacionamentos sociais para se aproximar da sexualidade e sua relação com a identidade pessoal.

⁴³ “Bicha banheirão” é o termo comumente utilizado nas redes de sociabilidades dos homossexuais para definir aquele indivíduo que tem o hábito de utilizar banheiros públicos para paqueras e encontros sexuais, que é uma prática muito utilizada nas relações dos homossexuais.

de quem os grupos admitem as práticas de paquera, de “pegação”⁴⁴ e das trocas sexuais. Essa distribuição social organiza e é organizada pelos significados de público e privado, que fornecem o “permitido” e o “proibido” nesses espaços. A homossexualidade é herdeira dessa dinâmica, ela nasce a partir dessa distribuição, estando reservada ao espaço privado, ou melhor, do escondido, visto seu caráter “pecaminoso”, “doentio” e “transgressor” dos primeiros discursos, instituições e definições que a organizaram. Para Foucault, a “disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (1987, p. 121-122). “A disciplina às vezes exige a *cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” (FOUCAULT, 1987, p. 122).

No entanto, a disciplina não significa que os espaços estão constantemente fechados para determinados grupos. Os aparelhos disciplinares lidam com o espaço de uma forma mais flexível. Inicialmente com o princípio de “localização imediata”, ou seja, “cada indivíduo no seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo” (FOUCAULT, 1987, p. 122-123). Dessa maneira, o importante é definir as presenças e as ausências, tomar conhecimento de onde e como encontrar os indivíduos, estabelecer comunicações úteis, evitar as que não interessam, enfim, manter a vigilância do comportamento de cada um, apreciá-lo, analisá-lo, qualificá-lo e sancioná-lo. “A disciplina organiza um espaço analítico” (FOUCAULT, 1987, p. 122-123).

Os grupos gays assumindo sua função disciplinar, sobretudo após o surgimento da Aids, justificada pela necessidade de prevenção, de cuidado e de mudança de comportamentos, vão, pouco a pouco, demarcando espaços da cidade que eram livres e abertos a variados usos, inclusive à paquera homossexual. Ao estabelecer os lugares determinados para os encontros, estão buscando não somente satisfazer o prazer da vigilância, mas também romper os encontros e comunicações perigosas, criando um espaço útil, o espaço de construção da “nova imagem” defendida pelos grupos, da militância. *“Quando se assume diante da sociedade ou da família, né? Independente de nós termos estereótipos ou não, quando nós verbalizamos que nós somos homossexuais, imediatamente, o próprio grupo se encarrega de exibir um comportamento homossexual. Talvez a diferença seja a posição geográfica dos grupos. O comportamento é diferente, as reações são diferentes. Porque ele está passando uma história semelhante a minha? Por que nós somos de grupos sociais iguais, de uma comunidade perto uma da outra, do mesmo*

⁴⁴ “Pegação”, no vocabulário homossexual, se refere aos mecanismos de paquera e conquista.

grupo, né? Eu acredito que determinadas comunidades e determinados grupos exige um determinado comportamento. Identificar, excluir, depois mata”.

Os territórios ocupados por cada grupo se organizam na cidade de acordo com os arranjos feitos por eles. Os homossexuais fornecem uma leitura própria desse espaço urbano público, transformando áreas (porta de lojas, marquises, parques públicos, praças, becos e galerias), que durante o dia são ocupados por atividades comerciais, em locais de conquista e de envolvimento sexuais, que, no entanto passam despercebidos pelos outros habitantes. E essa leitura própria que os homossexuais fazem da cidade é transmitida e ensinada no encontro com o grupo, que oferece meios para se tomar conhecimento do mercado sexual distribuído territorialmente, possibilitando aí a manutenção dessas ocupações e introduzindo os seus membros.

Muitas vezes esse ensinamento ocorre na repressão, na condenação de comportamentos e de lugares freqüentados. No entanto, nem sempre a repressão alcança o sucesso. O discurso que levanta os perigos também aponta as possibilidades, os prazeres, servindo como ensinamento, no sentido de indicar onde é possível ter encontros homossexuais. Mesmo que a condenação aponte um caminho a ser seguido, cada um incorpora as informações a partir de suas necessidades. *“Nos dias de hoje a gente sabe que a segurança das pessoas está nas mãos do que existe de pior em termos de policiais e também das companhias que os gays, de modo geral, procuram pra fazer sexo em público. Há vinte anos atrás você vai pro Terreirão do Samba fazer sexo, era uma coisa. Hoje, você vai pro mesmo Terreirão do Samba, vinte anos depois, você corre o risco de não sair mais de lá, né? Então, tem que ser avaliado pelo preconceito, mas tem que ser pensado pelo lado da segurança, quer dizer, até que ponto é válido, você se expor dessa forma, nos dias de hoje?”*

Esses arranjos e espaços adquirem existência social a partir dos sentidos que as relações lhe atribuem. Assim, os lugares públicos da cidade não são apenas espaços, mas sim espaços-conteúdos, espaços-significados, espaços-possibilidades, espaços-expressão. Os locais de pegação - o banheiro público, por exemplo - não podem ser compreendidos apenas como produtos das relações sociais, já que sua existência é fundamental para a reprodução dessas relações.

As ações dos indivíduos na reprodução dessa dinâmica social não ocorrem de forma isolada, mas a partir de articulações realizadas no grupo, via troca de experiências e de informações a respeito do que acontece nesses locais, no sentido de realizar interesses

específicos. Mesmo o grupo condenando alguns comportamentos nesses espaços, como no exemplo da “pegação” no banheiro do Shopping, é inegável a sua importância como condição e meio para a realização desses interesses particulares, para o exercício da homossexualidade. Para alguns, eles parecem representar a única forma de se sentirem homossexuais, a oportunidade de expressar o seu desejo. *“O sexo em público, ele é consequência de um fator cultural, de um fator que gira em torno disso, ou o cara é extremamente preso no seu dia-a-dia, ele de repente, “pira o cabeção” e quando chega a madrugada ele não dá conta e vai pra rua transar com alguém que ele não conhece. Porque o sexo na rua, quem faz sexo na rua é sexo anônimo, você não sabe o nome, você não sabe o telefone, você não tem o endereço e ele é rápido. Não tem namoro. Você não namora, você trepa. Você sabe o nome? Quando você vai no Shopping e que alguém te chupa ou que você chupa um cara, você sabe o nome? O endereço? Você não sabe. É o extravasar de alguma coisa extremamente animalesca, né?”*

Para outros é a forma de relacionar transgressão, erotismo e desejo, já que associam o perigo de serem surpreendidos, a excitação de transar no espaço público, o envolvimento anônimo, enfim, atividades que são planejadas a partir do entendimento e da definição do que pode ou não ser feito no espaço público, o que deveria se limitar ao privado. *“O sexo em público tem essa característica e, talvez por isso, os homossexuais pratiquem tanto. O perigo é excitante”. “Mas eu acho, Isac, que a questão do sexo em público tem a ver com outra prática sexual que existe, que é o exibicionismo, entendeu? Eu acho que isso é um fetiche. Por que que me dá tanto prazer ir para o Parque Halfeld e fazer um cara encostado naquela árvore? Com aquele medo, com aquele temor de ser flagrado? Porque tem a ver com uma característica, que me dá um “puta” tesão também, que é ser visto pelo outro e a própria transgressão também. Que é o perigo, né? Quer coisa mais excitante que você está aqui fazendo um cara e o porteiro de lá te olhando e aí o porteiro começa a se excitar? Tem gente que se excita com isso. Voyerismo e o outro com exibicionismo”.*

Segundo Júnior (1998), a literatura sobre a cidade tem se dedicado, intensamente, à importância dos produtores urbanos, aqueles que dão sentido aos espaços que ocupam a partir do seu interesse, fornecendo outras formas de uso. No entanto, seu papel não significa pensá-los isoladamente, como se cada ação seguisse apenas a concretização de um interesse específico. Neste sentido, é importante que não se considere os homossexuais como um bloco único, dificultando a compreensão dessas redes de relações organizadas pela apropriação do espaço

público. Assim, os atores se opõem, agem, mantêm relações, trocam informações, asseguram funções, se influenciam, se controlam, se vigiam, se permitem, se proíbem, se distanciam ou se aproximam e, dessa maneira, vão construindo redes entre eles, vão criando diálogo, vão formando o grupo, desenhando uma trama. Essa forma de ocupar o espaço público também pode ser entendida como uma articulação com os interesses de outros agentes, hierarquicamente diferentes, como por exemplo, o poder público e a polícia. Parece que é possível ler essas ações como uma forma de se apoderar de um espaço que não é seu, de demonstrar certo poder em burlar uma interdição, de enfrentar o poder público, de fornecer outro uso a esses espaços.

Todas as questões apontadas anteriormente representam uma nova articulação entre o público e o privado, que altera sua composição de um lugar para outro, de tempos em tempos e de classe para classe. Significam manifestações que não são necessariamente explícitas, vindo à tona apenas em ocasiões importantes para sua negociação, o que faz com que elas apareçam com certa frequência nas discussões dos grupos provavelmente devido ao fato de envolverem tentativas de negociar as ações. Então, é o grupo que tenta negociar com os seus membros a mudança de novos hábitos, mesmo que isso tome forma inconsciente quando há a condenação do modo de aproximação no banheiro público. Ou mesmo quando outras instituições recorrem ao grupo gay para solicitar ajuda no sentido do grupo - “representantes legais” dos homossexuais - negociar (convencer) os membros à mudança de determinados comportamentos em público. É exemplar um fato ocorrido entre a polícia e o MGM e que serviu como tema de discussão de uma reunião, o episódio em que a guarda municipal buscou o grupo reclamando da ocupação de homossexuais nos jardins de um Museu da cidade - Museu Mariano Procópio - durante o dia, para encontros sexuais. A intenção era que o grupo fizesse alguma campanha ou qualquer outro tipo de atuação junto aos homossexuais, visando o combate àquela prática sem que houvesse a necessidade de interferência da polícia com atitudes violentas conforme estava ocorrendo.

Essas associações demonstram que os diferentes agentes não estão em um mesmo plano de correlação de forças, mas buscam instrumentalizar seus interesses através dessas articulações que viabilizam suas ações, demonstrando que toda associação é uma imagem do poder e de quem é o agente dominante. Nem sempre o retorno é garantido, pelo menos como cada agente espera, mas de qualquer modo é uma maneira de assegurar com maior ou menor grau, a satisfação, mesmo que pequena, dos seus interesses. É sempre uma forma de organização e de ação dos grupos gays no espaço urbano e público associando resultados políticos, sociais, sexuais e

espaciais que impõem estratégias, significados e correlação de força. A ocupação do espaço público e sua renegociação estão se tornando importantes para as estratégias de ação dos grupos gays. *“Existe uma característica que eu acho que os homossexuais têm, que é aquela doença que é sexóloga, que o Michel Douglas fez tratamento, que é não conseguir controlar sua própria sexualidade. Acho que o homossexual que não vive sua homossexualidade de uma forma tranqüila, relaxada, ele acaba se tornando meio dependente sexual mesmo. Quer dizer, eu não dou conta de estar fora desse contexto, ou caio na droga, viro um alcoólatra, ou eu não saio do banheiro. Eu acho que é isso, gente. Isso é fruto, gente. Isso é consequência, entendeu? Pegar isoladamente... eu concordo com você, eu acho que é foda, eu acho que prejudica. Essa bichas que não dão conta de sair dessa questão do sexo em público, da linha banheiro e tudo mais, é porque são extremamente reprimidas”.*

Os espaços se transformam em territórios, entendidos como resultados da “mediação entre a relação dos agentes e o espaço” (TRINDADE JÚNIOR, 1998, p.34). Esses territórios registram ações que o controlam, assegurando o exercício dos interesses dos grupos gays e de outros grupos sociais. Devido a esses fatores, o espaço público é fracionado, explícita ou implicitamente demarcado e controlado por algumas ações definidas pela correlação de forças. Além de espaços concretos, esses territórios, exemplificados no “banheiro público”, são, acima de tudo, relações sociais projetadas nestes locais e que podem envolver poder e prazer. Necessitam de esforços constantes para serem estabelecidos e mantidos, até mesmo porque lutam contra agentes com poderes e estratégias mais fortes. A relação entre o grupo gay e o banheiro serve para conter, para separar os frequentadores uns dos outros e para excluir, o que demonstra que não é necessário estar presente no território a ser vigiado e disciplinado para exercer o controle. A vigilância das pessoas, das ações e dos locais pode ser realizada por diferentes estratégias, sem que estes estejam necessariamente presentes no espaço a ser controlado. É o que ocorre na relação dos grupos com os espaços públicos considerados “adequados” e “reservados” aos homossexuais. Condenar a “bicha banheiro” e suas práticas é, ao mesmo tempo, afirmar um comportamento desejado - o modelo do homossexual militante. *“É tão desagradável essa questão... que se ligou homossexual ao banheiro público que, hoje eu moro ali perto do Santa Cruz Shopping, é tão desagradável essa questão, que às vezes eu to mijando na calça, mas eu passo direto. Eu passo por dentro do Santa Cruz para poder ir a minha casa, que é ali pertinho mesmo, mas eu não vou ao banheiro do Santa Cruz Shopping, por um motivo muito simples, se você for mijar, passou uma*

bicha, já fala que tá pegando no banheiro e aí vira pegação. É uma merda. Olha, quem vai naquele mercadinho ali no Espaço Mascarenhas, tá fudido. Todo mundo que vê fala que você vai ali pra pegar, porque aquele banheiro é uma putaria, Tem gay que tem problema, que vai ao banheiro público segunda, terça, quarta...”

Através da atuação no espaço, os grupos estão acentuando a questão da identidade, visto que o sentido que lhe é atribuído é essencialmente coletivo, tributário da relação entre indivíduos e grupos. Assim, são capazes de expressar certa coerência e expectativas dos indivíduos e grupos, considerando os outros envolvidos nessa distribuição e ocupação. A ocupação destes espaços, tanto do grupo quanto do banheiro, expõe um tipo de comportamento que está intimamente ligado a sua organização em áreas de influência ou reservadas, que adquirem características distintas, que podem ser consideradas características de quem os ocupam.

Por isso é necessário pensar esses diferentes locais para além da idéia de controle, trazendo para a discussão a idéia de apropriação que incorpora as dimensões simbólicas, identitária e afetiva. Cria-se uma identidade territorial atribuída pelos grupos como forma de controle simbólico dos espaços que a expressam. E o grupo gay, como local permitido para a expressão da homossexualidade, que constrói o homossexual militante diferente daqueles que freqüentam o banheiro - “a bicha banheirão”. Essa distinção de identidades e de territórios reservados revela uma definição de limites e fronteiras com a finalidade de disciplinar e controlar os indivíduos, o que pode implicar em processos de permanência, de abandono e de reocupação dos espaços, demonstrando a importância dos indivíduos na produção e na busca de melhores locais de aceitação e de segurança. *“Antigamente só se assumia a bicha louca, bicha fechativa, o padrão dominante... eu falei já, porque que os ricos não se assumem, as celebridades não se assumem? Porque durante séculos a sociedade exigiu que se escondessem. Só se assumia o veado escroto, que não dava pra se esconder, a bicha fechativa, a bicha louca. Chamava bicha louca porque era uma loucura se assumir porque era condenado a viver no gueto, na marginalidade e o resto da vida na clandestinidade. Ou na marginalidade ao se assumir ou na clandestinidade para os enrustidos. E, a grande maioria, quase totalidade de gays e lésbicas de bem que tinham um projeto de não cair na sarjeta, “jogando bosta na Geni”, viviam escondidos. Agora, hoje em dia, existem os grupos gays, a existência dos direitos, do estatuto da Criança e do Adolescente, permitem que as pessoas sejam mais fácil se assumir”.*

4.6 Passado e presente

A utilização da metáfora do casebre, citada no início deste capítulo, serve perfeitamente para se perceber a importância da relação passado-presente na construção da homossexualidade. Pode-se indagar a respeito do poder do passado na organização da intimidade e, especificamente, no que se refere às identidades homossexuais. Qual o papel dos grupos gays na destruição desse casebre e na limpeza do terreno para a construção de novas bases para uma residência sólida que abrigue a variedade de práticas homossexuais? Quando o grupo gay conduz a questão da identidade homossexual, utilizando como exemplo as palavras “destruir”, “construir” e “limpar”, está entendendo esse processo como parte de uma construção social, histórica e cultural, possibilitando pensar em um projeto de emancipação. No entanto, é importante interrogar até que ponto esse pensamento está sendo concretizado nas práticas.

Como afirma Santos: “Vivemos um tempo sem fulgurações, um tempo de repetição” (SANTOS, 1997, p. 103). “A idéia da repetição é o que permite ao presente alastrar-se ao passado e ao futuro, canibalizando-os” (SANTOS, 1997, p. 103). Para o autor, fica difícil pensar a transformação social e a emancipação enquanto estivermos presos ao passado, enquanto não o reinventarmos pois este deveria servir como fonte geradora de inconformismos. Para Santos, o pensamento do passado é o pensamento das raízes, ou seja, aquele que é “profundo, permanente, único e singular, tudo aquilo que dá segurança e consistência [...]”; enquanto o pensamento do futuro é o “pensamento das opções”, “[...] aquilo que é variável, efêmero, substituível, possível e indeterminado a partir das raízes” (SANTOS, 1997, p. 106).

O entendimento do cotidiano, das identidades e das diferenças como construção social, histórica e cultural parece contribuir para a elaboração de projetos de emancipação, que serão construídos no presente, a partir dos inconformismos do passado e com a perspectiva do pensamento das opções, do futuro. Seguindo esse raciocínio, algumas aproximações são possíveis com o trabalho dos grupos gays. Entendidos como local de questionamento e de construção de conhecimento, as reflexões de Santos apontam um caminho, possibilitando aos grupos tomar o pensamento do passado e das raízes como inspiração, propiciando a elaboração de perspectivas para um pensamento do futuro e das opções.

Para Santos (1997), raízes e opções não se opõem, mas se complementam. A transformação da realidade, a construção das identidades e o projeto de emancipação dos grupos

estão relacionados com o equilíbrio entre raízes e opções. Em determinados momentos históricos, e para alguns grupos sociais, as raízes predominam sobre as opções ou vice-versa.

O passado e suas teorias devem ser pensados como iniciativa humana e não como algo dado, o que permitirá construir interrogações e posições inesgotáveis e com isso diminuir o conformismo com o que é aceito só porque existe, recuperando-se a capacidade do espanto, de desconstrução e de emancipação dos indivíduos e dos grupos diante das posições de força.

O que se defende, portanto, é a necessidade de se entender a construção das identidades como a possibilidade de elaboração de um projeto de emancipação que contribua para a transformação social. Partindo do princípio de que as identidades são resultados transitórios e fugazes de processos de identificação permanentemente em construção e transformação, Santos (1993) defende a idéia de identidade como sendo identificações em curso e, por isso, sempre sujeitas às negociações de sentido e temporalidade.

Santos (1993) ainda chama atenção para a existência de uma crise de regulação que cria, por conseguinte, uma crise de emancipação, afetando diretamente a relação dos grupos e as identidades. O que falta é um pensamento estratégico de emancipação, verdadeiramente original, prejudicado pelo processo de descontextualização e universalização das identidades. Esse processo contribuiu para que as classes dominantes elaborassem projetos universais e globais de emancipação, e as minorias tentassem se enquadrar nesses projetos globais legitimados socialmente, fazendo com que ainda hoje (e o autor denuncia isso) as classes sociais e as negociações de identidades tendam mais a pensar em projetos táticos do que estratégicos de emancipação. Assim, para o autor essa crise de emancipação, é sobretudo, uma crise dos sujeitos sociais e para se pensar a emancipação e a transformação social das identidades oprimidas, é necessário recuperar o passado como fonte de inconformismos.

Assim, para que essa situação se altere em favor da constituição de sujeitos sociais emancipatórios, é preciso entender a construção das identidades sempre como o espaço onde se desenvolvem as relações sociais antagônicas, fazendo surgir, aos olhos de quem interroga sobre sua identidade, seus inimigos. *“O assunto foi o Papa. Desta vez, o Vaticano, um Cardeal da Colômbia, o desgraçado, ele lançou um glossário em que diz que os homossexuais são anormais”*.

Entretanto, a solução dessa equação e, por conseguinte, a emancipação política, não está à disposição de todos. Ao contrário, as mesmas raízes podem, para uns fornecer novas opções e,

para outros negar. É preciso voltar ao passado, impulsionado pelo inconformismo e pela raiva, entendendo-o como produto da construção humana e, a partir daí, colocar interrogações e tomadas de posição em relação a ele, ao presente e ao futuro. No entanto, o passado pode servir, também para valorizar a homossexualidade, em uma mensagem que demonstra que a questão nem sempre se limita apenas a “poderemos ser”, mas, “porque não voltamos a ser”, unindo passado e futuro. *“Eu queria lembrar a vocês que já existiram outras formas de encarar o sexo. [...] principalmente, a cultura greco-romana, eles celebravam a sexualidade, ela celebrava a homossexualidade de uma forma idealizada, mas celebrava, entendeu?” “Há vinte anos atrás, você vai pro Terreirão do Samba fazer sexo, era uma coisa, hoje você vai pro mesmo Terreirão do Samba, vinte anos depois, você corre o risco de não sair mais de lá, né?”* O ideal para a emancipação das identidades é que se compartilhe essas interrogações e não as suas respostas, trazendo as questões à tona para que se possam pensar as opções sem ficar preso às raízes. Parece ser este um problema marcante no trabalho dos grupos gays, já que estão mais preocupados em fornecer respostas, modelos do que propriamente socializar e explorar as perguntas. E, os próprios membros estão muito mais interessados nas respostas do que em explorar os questionamentos, estão procurando também como fazer, como explicar, como pensar: *“Mas nós estamos no presente, né? Por que, nós estamos falando do passado. Dos gregos, de romanos. Eu quero saber de agora”*.

4.7 Masculino e feminino

As diferenças têm merecido considerável destaque hoje em dia, transformando-se em tema de pesquisa e preocupação para variados grupos, sobretudo para aqueles que “representam” as minorias sociais, como é o caso dos grupos gays. E a diferença sexual, assim como a diferença entre o masculino e o feminino, contribuiu para incentivar a produção de discursos, incitando a fala em todo lugar. Em parte, isso se justifica pelo fato dos grupos assumirem para si a responsabilidade e mesmo o trabalho de construir os sujeitos, em uma perspectiva que passa pela idéia de “cura” e de “ensino”, defendendo a afirmação do que cada um tem de singular e irreduzível (KEHL, 1996). Entretanto, quando se trata da defesa da diferença pelos grupos, o que está em jogo não são as singularidades, mas a produção de identidade.

Parece inevitável que os grupos se diferenciem e se representem a partir do que escolhem como marcas que servem para identificar os membros. A afirmação das diferenças, portanto, está servindo para formar os grupos. No entanto, mais do que possibilitar o diálogo, elas estão produzindo intolerâncias, identificadas não somente pelas atitudes agressivas de outros grupos, mas também pelas ações do próprio grupo junto a seus membros, elegendo o que deve ser o modelo a ser seguido e atacando aqueles que se distanciam dos comportamentos valorizados. Essa intolerância é entendida por Kehl (1996), quando classifica esse tipo de trabalho dos grupos como alienantes. “Mas esperar que a marca identitária dê conta da subjetividade, que a pertinência a um grupo defina por exemplo para os indivíduos os caminhos a ser percorridos pelo desejo e o objeto de sua satisfação, é a meu ver um dos modos contemporâneos de alienação” (KEHL, 1996, p. 12).

Partindo do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta a respeito da homossexualidade, o trabalho dos grupos gays nessa direção se torna em vão, pois o que parece ser mais importante do que construir definições do que é a homossexualidade, seria discutir as idéias e práticas que estão associadas a ela e que estão servindo para produzi-la historicamente e neste sentido, as diferenças entre o masculino e o feminino, assumem um lugar de destaque. Para Fry (1985) foi com o feminismo moderno que essa discussão sobre a distinção entre o sexo fisiológico e o social se desenvolveu. No entanto, a constatação de que os papéis sociais de homem e de mulher variam de acordo com as culturas, com a época, com a classe e com a região, não tem servido para afastar a homossexualidade do modelo feminino. A homossexualidade masculina é entendida como “desvio” do que seria o comportamento apropriado para homens. Surgem, então, análises que seguem essa linha de raciocínio: *“Na adolescência é quando vai surgir as definições fisiológicas do sexo. [...] Essa teoria de que seria o homossexual..., que o homossexual seria inicialmente levado... aquele que foi levado a fixar o seu desejo no mesmo sexo e preferencialmente a ser passivamente, fazendo papel de receptor que está associado ao papel da mulher, que recebe, a que é penetrada, essa teoria estaria compondo... tendo como ponto de referência o fato de que, praticamente, todos os meninos dessa idade teriam passado por uma experiência de troca-troca e que não é verdade”*.

Segundo Fry (1985), a tendência é acreditar que os homossexuais são biologicamente ou psicologicamente tão diferentes que seus comportamentos podem ser mais compreendidos nesses termos do que sociais. Assim, o comportamento afeminado do homossexual masculino passa a

ser “natural”. Esses entendimentos estão fortemente arraigados nas definições da homossexualidade, servindo inclusive como marcas identificatórias e comprobatórias da homossexualidade e da diferença. Isso faz com que o homossexual afeminado, a “bicha” do vocabulário popular e do folclore brasileiro, adquira uma condição que jamais é social, mas natural.

É a linguagem e a cultura que parecem designar destinos diferentes para homens e mulheres e, nessas definições criam as diferenças que vão servir para fixar as sexualidades. Não parece possível pensar em masculinidade e feminilidade no singular, assim como não é possível também esse mesmo tipo de raciocínio para a homossexualidade. Masculinidades e feminilidades são distribuídas em combinações variadas nos corpos e práticas de homens e mulheres, de forma que parece pertinente pensar em uma sexualidade para cada indivíduo, impossibilitando agrupar as diferenças em identidades a não ser à custa de pequenas diferenças individuais que interessam a cada grupo. *“Na piscina onde eu faço hidroginástica tem um rapazinho, ótimo nadador. Bichinha. Ta escrito na cara dele. Ele tem ódio de mim porque ele me vê o que ele vai ser”*. Mesmo vivendo em um contexto em que há um relaxamento das discriminações fundamentais entre homens e mulheres, a aproximação entre os campos masculinos e femininos produz mais intolerância e rivalidade do que diálogo e convivência. Daí Kehl (1996) afirmar que quanto menor a diferença entre o masculino e o feminino maior a discriminação, o ataque e a intolerância, o que pode ser percebido, inclusive, no interior dos grupos gays, quando desvalorizam o travesti e quando rejeitam a classificação de “passivos”.

Mas a homossexualidade está diretamente ligada a esta “mínima diferença” entre o masculino e o feminino, o que provavelmente explique o fato de que tenha sido alvo de intolerância, já que aproxima territórios que deveriam estar separados. Quando as diferenças começam a se desfazer, a intolerância busca restabelecer a discriminação, “sem a qual as identidades ficariam muito ameaçadas” (KEHL, 1996, p. 26). A aproximação entre as aparências, as ações, os atributos e os desejos masculinos e femininos são para o homem mais do que angustiantes. Isso causa um misto de terror e de fascínio, quando um homem se vê diante da pretensão de ser feminino, sem no entanto, deixar de ser homem, o que pode ser constatado mais comumente no tratamento entre os membros quando estão no grupo, no que se refere aos adjetivos femininos. “Naturalmente” surgem diálogos entre os participantes como: *“Apesar de*

nós duas sermos amigas...”, “eu decidi colocar você, que está fazendo Direito e tal, que é a primeira dama do MGM”.

Utilizar os termos femininos causa fascínio, rompe limites estabelecidos e porta um sentido de transgressão. A idéia de se possuir uma sexualidade e uma afetividade insubmissa e desorganizadora do pacto civilizatório, causam prazer e fascínio (KEHL, 1996). Os papéis sociais de homem e de mulher concedem aos homossexuais esse sentimento de transgressão e prazer, que também estão presentes na organização e no entendimento do grupo quando está reunido, o que faz com que essas trocas lingüísticas sejam bem aceitas, “naturais”, servindo para confirmar o lugar da homossexualidade. No entanto, assumir adjetivos e tratamentos femininos não significa desejo de ser mulher. Na verdade, não querem ser mulheres. Para Badinter, “o medo da passividade e da feminidade é tão forte justamente porque estes são os desejos mais poderosos e mais reprimidos pelo homem” (1993, p. 56).

O medo parece está baseado em expressar certos sentimentos e práticas comumente associadas às mulheres com quem buscam um vínculo forte, mas temem que isso roube a própria identidade. Neste sentido a aproximação com o feminino é controlada e, passa pelo desejo do outro, da mulher, como uma forma de afirmar o poder de dominador, como homem e como homossexual, que transita e controla campos que deveriam estar separados. Considerando assim, é a fala masculina que define a mulher. O que os homossexuais estão trazendo à tona nessas práticas é a idéia de mulher que eles têm. Além disso, as falas femininas demonstram uma mudança apontada por Kehl (1996) como impossível de se desprezar, ou seja, o inconsciente vem ganhando existência pública, reconhecimento e direito à expressão neste século. Mas o que fazer com essa dupla inscrição do prazer - o masculino e o feminino - tão presente nos corpos, desejos e prazeres e que confere tanta ambigüidade às sensações e às identidades? O desejo responsabiliza a todos. “Ninguém diz “eu quero/ eu desejo” sem se expor aos rigores e riscos da lei; assim como ninguém diz “eu desejo” sem se expor às determinações do campo social” (KEHL, 1996, p. 68).

Como parte desse campo social, os homossexuais não parecem sofrer de nenhuma condição preexistente, mas acabam sendo levados por pressões sociais a desenvolverem comportamentos, desejos e ações com poucas variações. Em que medida o trabalho dos grupos gays está contribuindo para cristalizar alguns modelos de homossexualidade que são reproduzidos? Os desejos homossexuais estão sendo socialmente produzidos em diálogo com os

desejos heteros, com os desejos do homem e da mulher. Há formas de comportamento próprias dos dois gêneros e que são constantemente reproduzidas e fortalecidas. Basta o menino se afastar do que foi reservado para ele como homem, que rapidamente é classificado como “mulherzinha”. “Se presumirá que, como “mulherzinha”, se sentirão atraídos por homens com quem manterão relações sexuais “passivas”. De “mariquinhas” se transformam em “bichas” (FRY, 1985, p. 42-43). Esse tipo de pensamento muito presente no senso comum é tão forte que se reproduz também no entendimento dos grupos gays quando buscam as “causas” da homossexualidade e, principalmente, as “causas” da passividade, que incomodam e fascinam tanto e que aproximam a homossexualidade do feminino. *“Quem não fez troca-troca levanta o braço. Vejam só. Não são todos. A maioria dos homossexuais... muito mais homossexuais não foram enganados e ficaram homossexuais porque deram em primeiro lugar e depois o outro não quis dar. [...] Quantos aqui são filhos mais velhos? E, quantos têm irmãos mais velhos? Quem foi criado por avó? Quem tinha mais irmãs do que irmãos em casa? Quem é caçula? Quem é o último? Também é causa da homossexualidade”*.

Assim como a homossexualidade, a diferença entre o masculino e o feminino é uma invenção historicamente datada dos finais do século XVIII (HEILBORN, 2000) Tanto uma como a outra permitem olhar o real e são frutos dessa preocupação com conceitualização própria do mundo moderno. No entanto, o que parece ser mais importante de se destacar, a partir dessas invenções, é como a homossexualidade se insere no que Foucault (1988) chama de “erotismo discursivo generalizado”, obrigando a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente. *“Desde aquele dia da minha independência, não existe mais família pra mim. Eu disse estou me assumindo como veado. Usei essa palavra. Veados. Não existia homossexual. O termo era esse. Nem gay. Bicha ou veado”*. Desde o século XVIII tudo que estava diretamente relacionado ao sexo foi organizado e institucionalizado em discursos. Os comportamentos apropriados a cada sexo foram definidos e cercados de proibições, cabendo às instituições como a família e a escola, o cuidado e o investimento no sentido de garantir o “sucesso” da associação entre gênero e orientação sexual, do mesmo modo que foram organizados os comportamentos apropriados e entendidos como próprios do que seriam os homossexuais, também cabendo às mesmas instituições a preocupação constante com o vigiar, identificar e denunciar esse “perigo” ou “desvio”.

De uma certa maneira, as preocupações, cuidados e definições alcançaram tanto sucesso, foram tão bem incorporadas no cotidiano e assumidos por todos, permanentemente, que se naturalizaram, adquirindo mais poder, o que parece também gerar prazer na revelação, no controle do outro e de si, na vigilância, na confirmação.”*O Santa Cruz Shopping vai passar, em pouco tempo, a trancar todos os banheiros. O Mister Shopping fez isso. Porque tem veado que entra pelo setor amarelo e vai pro banheiro dali e aí, às vezes, ele fica sentado no banco esperando os outros porque eles são cara de pau. Eles ficam olhando pra sua cara. Dá vontade de socar a cara. Juro que tenho*”. A presença desses mecanismos nos grupos gays parece confirmar o sucesso da incorporação, visto que estes se organizaram sob o argumento de lutar contra as opressões, que atingem a produção discursiva das homossexualidades e por uma realidade qualitativamente diferente para os seus membros. E, conseqüentemente, assumem as mesmas práticas discursivas que servem para associar a homossexualidade em meio à construção das diferenças entre o masculino e o feminino, o que pode ser observado no uso constante da palavra “bicha” e “veado” no tratamento interpessoal.

A “bicha” se refere àqueles que não somente se sentem atraídos por homens, mas principalmente, aqueles que mantêm relações sexuais como passivos. São aqueles que tendem a desempenhar as funções sexuais comumente associadas às mulheres e que acabam preferindo os “homens de verdade” (FRY, 1985). No Brasil, a “bicha” é aquele que além de manter relações homossexuais, tem um comportamento afeminado.”*E, eu, linda, fui e no outro dia já estava “fechando”, já comecei a desmunhecar mesmo*”. Quando os próprios homossexuais incorporam essas definições, se auto-classificando e tratando o outro como “bicha”, estão constantemente vinculando e confirmando essa associação entre a homossexualidade e o feminino. Além disso, usar esse termo para se referir ao outro é uma forma de confirmar ou revelar a identidade sexual e a preferência do papel sexual desempenhado pelo outro, feito de forma inconsciente, visto que essa associação foi naturalizada e não entendida como produção social.

Quase sempre as “bichas” assumem apenas alguns aspectos do que seriam apropriados aos papéis femininos, o que serve para organizar a economia sexual e de papéis no universo homossexual, demonstrando a graduação que vai do homossexual enrustido ao travesti. É importante perceber os aspectos da masculinidade e feminilidade que servem para organizar esse jogo com os papéis sexuais. Essa graduação - e aqui a “bicha” também desempenha papel importante - revela que o ato sexual é percebido em termos hierárquicos, visto que a idéia de

quem é penetrado, que desempenha o papel feminino, é de certa forma desvalorizada. A “bicha” é a expressão da superioridade social do “ativo” sobre o “passivo”. Então, chamar o outro de “bicha” é mais do que apenas revelar o papel sexual mas é, de certa forma, desqualificar o outro.

No entanto, o uso do termo “bicha” também pode ser compreendido a partir da perspectiva levantada por Pollak (1987), que argumenta que a teatralização dos sofrimentos é um dos fatores que possibilita construir uma característica marcante nos grupos gays: o humor presente na narrativa das experiências, no vocabulário utilizado, no tratamento interpessoal, enfim em todas as formas de expressar de forma caricatural e irônica a própria realidade e o próprio meio. A linguagem própria e o humor acabam servindo para construir a idéia de pertencimento e de grupo. Um vocabulário cheio de sutilezas sobre o amor, o desejo, a paquera, mas também sobre a timidez, a angústia e o cinismo agressivo compõem o dicionário do grupo e faz parte da socialização dos homossexuais, quase como exigência para circular nos espaços gays.

O uso de nomes próprios femininos e de adjetivos diminutivos “pretensiosos” muitas vezes exprimem a um só tempo o jogo de esconde-esconde social e a ironia que muitos homossexuais cultivam em sua auto-apresentação. A imagem da bicha-louca - ao mesmo tempo o estereótipo da representação que os heterossexuais fazem da homossexualidade e da realidade do estilo de certos homossexuais - reúne todos os elementos dos preconceitos anti-homossexuais e do humor do meio. A “bicha-louca”, essa imagem difundida em inúmeras piadas e peças de bulevar é o caso limite do homossexual que aceitou fazer tudo para corresponder à caricatura que dele fazem os que o oprimem (POLLAK, 1987, p. 67-68).

O uso da expressão “bicha” ou veado pode ser entendido como uma forma de amenizar a agressão que normalmente esses termos têm quando utilizados em um outro contexto. Entretanto, mesmo aceitando essa análise, a sua utilização revela a incorporação do modelo socialmente construído pelo senso comum a respeito da homossexualidade e muitas vezes reforçado pelos próprios homossexuais. Mas esse tipo de análise não pode servir para reprimir a “bicha”, considerada como responsável pela produção de uma imagem negativa da homossexualidade, exigindo-lhe que assuma o modelo defendido pelo grupo, como tem acontecido comumente através dos discursos nele produzidos. Em reação “macho”, mantendo a separação e dicotomia entre o masculino e o feminino. a esse modelo afeminado, cresce a defesa de um tipo ideal, mais próximo do homem.

4.8 Herança moderna

A lógica da organização das reuniões dos grupos gays serve para entender como a nossa sociedade se organiza no que se refere ao sexo, revela a preocupação e existência de um discurso sobre o desejo e tudo que se refere a ele, em uma tentativa de expor os desejos, os interesses e as atrações que parecem definir e revelar as identidades. A revelação dos desejos se aproxima da verdade, da identidade, e pode demonstrar como a herança moderna está mais presente nas nossas ações e pensamentos do que supomos, como bem nos lembra Foucault (1988).

Na verdade, a revelação é presente no espaço do grupo gay porque ela vem entendida pelos seus membros ainda com a perspectiva que a modernidade lhe conferiu, ou seja, como condição de viver “sem máscaras”. Além disso, a prática da revelação vem fortalecida por outros aspectos que devem ser considerados. Primeiro é a vivência, durante algum tempo, da obrigação de silenciar os desejos, entendidos como proibidos, errados, anormais, aqueles que deveriam ser escondidos. Neste sentido, o grupo gay se constitui como espaço onde se pode falar de tudo que sente vontade, sem medos, é o espaço que permite a sensação da libertação, da liberdade. Todos podem revelar o que gostam, o que sentem e o que querem. Segundo, diz respeito à possibilidade de colocar para fora o que estava preso, de conceder aos membros um sentimento de emancipação, de vitória diante da repressão.

Assim, o grupo gay também passa a ser entendido pelos seus membros como o espaço da emancipação. Pela análise destes dois aspectos, chega-se à compreensão de que passou a ser o espaço permitido para inversão da lei do mundo, local em que as verdades devem ser escondidas. (FOUCAULT, 1988). Representam então, para os seus membros o prenúncio de um dia em que todos poderão se assumir no cotidiano, da mesma forma que fizeram no espaço do grupo gay. *“E, que participar de grupos gays, de homossexuais, representou a possibilidade da gente se entender melhor, ver a experiência dos outros e aproveitarmos dessas experiências para a gente ter o direito a nossa felicidade, a sermos... porque o futuro, na verdade, não vai ter que se assumir não”*. Esse é o sentimento e a luta que predomina nas reuniões, é o anúncio de dias novos, uma proposta para o futuro, a promessa de felicidade. Ao se auto-proclamar como preparador do futuro e ao prometer algo melhor para os seus membros, o grupo gay cria uma união com os membros, passando para eles a idéia de que estão no caminho certo e que, portanto, todos podem confiar no que se faz, e continuar seguindo os seus preceitos, contribuindo para a

luta. Assim o grupo garante para si a continuidade e desenvolvimento das técnicas para a orientação dos indivíduos homossexuais, de maneira contínua e permanente (FOUCAULT, 1990). Isso reforça a sua modalidade pastoral de conduzir os membros pelos caminhos certos e para um futuro garantido e melhor, o que lhe fornece um poder, já que reivindicam com legitimidade o título de pastores dos homossexuais, contra inúmeros rivais (FOUCAULT, 1990). Pode-se então, dizer da arte de governar, que consiste em reunir os iguais em uma comunidade, em um grupo. No entanto, o poder não está nos pastores, que podem ser considerados os dirigentes e fundadores, já que sua função não é garantir a vida dos homossexuais, mas sim manter a unidade, solidariedade e sobrevivência do grupo. O poder está nessa relação que se estabelece entre os seus dirigentes e integrantes (FOUCAULT, 1990).

A presença da herança do ocidente moderno está organizada por duas vias: uma é a manutenção da sexualidade no campo da produção dos discursos; a outra é o predomínio da revelação quando se fala da sexualidade, entendendo-a como intimamente ligada à identidade dos sujeitos. Em ambos os casos o que se busca é a produção e/ou confissão da verdade, o que traz à tona a relação com o poder.

A princípio a presença dessa herança pode ser lida através da vigência do silêncio que ainda vigora quando se discute sexualidade e, principalmente, as sexualidades marginalizadas. O alerta de Foucault se renova: ainda hoje vivemos os reflexos do regime vitoriano, caracterizado pela “nossa sexualidade contida, muda e hipócrita” (1988, p. 9). A partir do século XIX a sexualidade passa para o interior das casas, tratando-se de algo particular, de responsabilidade das famílias que passam a se dedicar e a se preocupar, cada vez mais, com a sua manutenção e com a ordem sexual. O casamento e suas ameaças, a reprodução, a educação das crianças, a sexualidade sadia em oposição às transgressões passam a ser a preocupação da família conjugal e do Estado. E essa preocupação se transforma, gradativamente, em discurso entendido como produção de verdade.

Segundo Foucault (1988), desde o século XVIII nossa sociedade se caracterizou por essa preocupação em torno do sexo, produzindo uma variedade de conhecimentos e de aparelhos criados para se falar dele, para fazê-lo falar, “para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (1988, p. 35). Sendo assim, nossa sociedade foi se afastando da *ars erótica* (arte erótica) e se caracterizando como praticante de uma *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988). Como define Foucault, *ars erótica* e *scientia sexualis* são, historicamente, “dois grandes

procedimentos para produzir a verdade do sexo” (1988, p. 57). Na primeira, o prazer não é definido pelo o que é permitido ou proibido, mas é levado em consideração por si mesmo, encarado como prática e como experiência, conhecido como prazer. Como argumenta Foucault (1988) nossa sociedade não possui *ars erotica*, se constituindo como a única a praticar uma *scientia sexualis*. Foi a única a desenvolver procedimentos para dizer sobre a verdade do sexo, colocando a confissão como o essencial. A confissão confere a esses mecanismos e, entre eles os discursos elaborados no interior dos grupos gays, um status de verdade, além de se ligar à construção das identidades, visto que passa a ser o reconhecimento de alguém a respeito de seus próprios desejos, ações e pensamentos. É o discurso de verdade que os indivíduos são capazes de produzir sobre si mesmos. Tornamo-nos uma sociedade singularmente confessanda (FOUCAULT, 1988).

A confissão tomou força através de sua vinculação com a identidade, na medida em que é entendida como a revelação feita pela própria pessoa de seus desejos, comportamentos, emoções e pensamentos. A pessoa passou a ser autenticada pelo discurso de verdade que é capaz de produzir sobre si mesmo (FOUCAULT, 1988). Seguindo essa lógica, a confissão adquiriu força no Ocidente e passou a ser uma das técnicas mais eficientes de produção da verdade, despertando a “vontade de saber”, difundindo-se em variadas áreas: na religião, na justiça, na medicina, na pedagogia, na psicologia, nas relações amorosas, nas relações familiares, nos grupos gays enfim, confessa-se em público, em particular, entre amigos, ao médico, aos educadores, ao pesquisador, oferecendo “material” para a produção de discurso, de verdade e de conhecimento. Essa relação já está tão incorporada que perde-se a noção se ela é imposta ou espontânea e acaba não se percebendo a confissão como efeito de um poder que coage a todos. Ao contrário, como acontece nos grupos gays, a confissão passou a estar ligada à idéia de liberdade: o silêncio passou a ser entendido como efeito do poder, que a confissão viria a libertar. O advento da Aids veio reforçar essa relação entre confissão – verdade – conhecimento, ao integrá-la ao discurso científico, que busca revelar não somente aquilo que as pessoas escondem, mas, sobretudo, aquilo que se esconde das próprias pessoas.

O trabalho dos grupos gays passa pela interpretação, buscando a causa das atitudes, revelando um aspecto da confissão que é a participação do interrogador, que tem como uma das suas funções a de dirigir e definir o que é preciso saber, o que deve ser revelado. A ação para ser validada tem que passar por essa relação, já que a revelação por si só, não está pronta, deve

considerar a interpretação dos membros, que são entendidos como capacitados para produzir conhecimento a partir disso, trazendo à tona os segredos presentes para todos. O grupo – composto por aqueles que escutam – passa a ser o dono da verdade, aquele que tem o poder de através da decifração, produzir um discurso de conhecimento e de verdade. Assim, a revelação sobre o sexo não gera apenas prazer, mas saber “e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber” (FOUCAULT, 1988, p. 75).

Seguindo a herança moderna, criou-se entre os membros dos grupos gays uma demanda de saber. Isso justifica sua criação e sua manutenção, já que são responsáveis e habilitados para elaborar, desenvolver e utilizar estratégias e aparelhos capazes de produzir conhecimento. No que se refere à sexualidade fica a estranha impressão de que nunca se fala o suficiente, que é sempre necessário mais e mais, que há sempre segredos a serem revelados, que mudam com o tempo na medida em que são colocados novos desafios para o ser humano, novas formas de lidar, novos comportamentos diante da realidade, o que revela que não se trata da produção de um discurso sobre o sexo, mas de uma infinidade de discursos, produzidos por diferentes mecanismos, em diversas instituições.

A produção dos discursos em torno das sexualidades revela como se organiza nossa sociedade. Nela, prazer e poder se reforçam. É possível pensar que o Ocidente não foi capaz de criar novos prazeres, mas de proliferar as sexualidades e, com isso, aumentar o poder. Foi capaz de construir regras novas, novos jogos de poder e de prazer. Essa articulação entre poder e prazer se mostrou mais intensa no que se refere às sexualidades periféricas, aquelas explicadas pela configuração das perversões. Potencializando as perversões e transformando-as em objeto de pesquisa, de discussão e de discursos, as relações de poder e prazer se multiplicam, atingem o corpo e os comportamentos. Multiplicação das sexualidades e por consequência, do poder. Cada forma de sexualidade transforma-se em campo de investigação e de intervenção, vinculando prazer e poder. “Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos de excitação e de incitação” (FOUCAULT, 1988, p. 48).

Colocar em discussão o trabalho dos grupos gays em torno dessa relação entre confissão, verdade, identidade, tendo como objetivo a problematização das ações sobre a construção da homossexualidade é pensar como se manifesta essa relação entre poder e prazer nos grupos gays e como fica a relação entre eles e a sociedade.

5 “... ESSA CIDADE TEM QUE CABER A GENTE. NESTE MUNDO TEM QUE TER LUGAR PRA MIM, NÃO DÁ PRA ME TIRAR DE FORA NÃO”: AS AÇÕES PARA ALÉM DOS GRUPOS

Ao longo dos anos, os grupos gays vêm adquirindo importância e se mostrando bastante atuantes através de variadas atividades, o que não é diferente nas cidades em que a pesquisa foi realizada. A constante panfletagem em festas, as palestras em escolas, a presença em eventos, a ação nos meios de comunicação e os discursos em todas essas ocasiões fazem com que os grupos sejam oportunidades para os homossexuais saberem o que estão vivendo, no que se refere ao desejo. Além disso, transformam-se também numa promessa, a princípio, de uma outra forma de explicação da orientação sexual que seja mais acolhedora. A visibilidade dos grupos está ligada também à informação dos seus trabalhos. A exposição de resultados positivos na luta contra a discriminação e preconceito, contribui para que a população tome conhecimento dessas práticas como crime e que os homossexuais, sobretudo os que estão fora dos grupos, aprendam a reconhecer ações de combate e o que devem fazer caso sofram algum tipo de agressão e, principalmente, que percebam os grupos como aliados em todas as formas de defesa. É um modo de ampliar a abrangência e seu poder, apostando que através da informação, os homossexuais que não participam das reuniões, assumam as determinações apontadas. Como essas questões geram debates e polêmicas, elas estão constantemente na mídia, possibilitando que as homossexualidades e suas propostas sejam discutidas e que os grupos, através de seus integrantes, sejam conhecidos e identificados, o que acaba se traduzindo em forma de aproximação e de atração.

Para Foucault (1997, 2002), as práticas discursivas são organizadas a partir da escolha de um recorte traduzido em campo de projetos, como também pela escolha de uma perspectiva legítima e pela definição de normas, cujo todo constrói um conceito, que é resultado de escolhas e exclusões. E, essas ações não são frutos de propostas individuais, por mais que se traduzam através delas, mas ganham corpo pelas instituições. As práticas discursivas não são simplesmente a organização de discursos, mas dizem respeito ao tipo de interesse e de inserção de determinadas instituições sobre um tema, que contribui para a fabricação dos sujeitos, definindo comportamentos. Portanto, está em jogo mecanismos de transmissão e de difusão, que podem ser

compreendidos como formas pedagógicas, que associam imposição e manutenção de modelos, conceitos, comportamentos, saberes e prazeres (FOUCAULT, 1997).

Levando em consideração essas análises, a pretensão é discutir, neste capítulo, o trabalho desenvolvido pelos grupos num outro campo de projetos: as ações voltadas e organizadas para além da sua sede, para além das reuniões com aqueles que já estão inseridos. Para isso, serão utilizados três exemplos que demonstram a diversidade dessas ações. O primeiro exemplo é uma palestra de um dirigente do MGM, realizada a convite de uma Universidade pública, sobre “o que é a homossexualidade”. O segundo é uma reunião do CORSA em que se discutia a preparação de uma ação pública, uma manifestação num Shopping. E, por último, serão utilizados trechos de uma entrevista com um militante coordenador do “Projeto Se Ligue”, realizado pelo GGB, que concentra suas ações nas escolas, com palestras e oficinas. Esses três exemplos são momentos importantes para se colocar em questionamento os discursos produzidos, seus resultados, suas intenções, suas apropriações, seus retornos ao próprio grupo, enfim, pensar como elas estão servindo para construir a homossexualidade.

5.1 “Trocando idéias”

A palestra do MGM na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) foi organizada como parte do Projeto “Trocando Idéias”, que ao longo de um ano propôs vários temas “polêmicos” e que, comumente, não fazem parte das discussões curriculares da Universidade, mas que são entendidos como momentos importantes para a formação dos alunos e aquisição de novos conhecimentos e informações⁴⁵. Sair do grupo e falar para um público diferente é, sempre, um momento privilegiado, uma oportunidade que causa comemoração, expectativa, felicidade, enfim, emoções resultantes de um sentimento de aceitação, de rompimento e abertura de novos espaços. As palestras se organizam seguindo um mesmo roteiro, visto que o público é tido como desconhecedor. Assim, são passadas informações básicas como o que é a homossexualidade, o que ocorre quando alguém se descobre homossexual, como surgiu e o que é o grupo, sua

⁴⁵ Essa explicação foi dada pelo bolsista desse projeto e que foi responsável pelo convite ao MGM. Esse aluno-bolsista, se definia como homossexual e, na verdade, já tinha participado de um encontro de capacitação organizado pelo MGM para formar novos grupos gays no Estado. O convite para ingressar no “Trocando Idéias” surgiu nessa ocasião.

organização, localização, pauta de lutas e de conquistas, projetos desenvolvidos e relação com a Justiça, Educação e Estado.

Oswaldo inicia cumprimentando o público e elogiando a iniciativa: *“Boa Noite. Primeiro quero agradecer ao convite pra está aqui nesse projeto. [...] Acho que é bacana quando uma Universidade se abre a tá discutindo essa questão – que é a questão da homossexualidade”*. Logo em seguida ele revela sua condição de homossexual e fala nessa primeira parte da relação entre a sua descoberta pessoal até se tornar criador e presidente de um grupo gay. *“Foi por ficar indignado, cada vez mais com o tratamento que a sociedade brasileira, principalmente, dá aos homossexuais, que nós criamos o Movimento Gay de Minas, no qual eu sou presidente hoje”*.

Recuperar sua história é, ao mesmo tempo criar um exemplo, naturalizar a revelação e fornecer informações do que é ser homossexual. A platéia composta de mais ou menos 15 pessoas num auditório longo, mostrava-se calada, atenta, como tendo contato com algo novo, desconhecido e que comumente não ocorre. Oswaldo em nenhum momento demonstra angústia, arrependimento, enfim, sentimentos conhecidos quando um homossexual narra suas experiências. Muito pelo contrário, ele busca nas suas palavras, criar um clima de vitória, de superação de obstáculos, de tranquilidade, de forma que a platéia perceba a importância de se assumir, de fazer parte de um grupo de militância, de saber modificar sua história. No fundo, a função é mesmo essa: fornecer a sua experiência com o exemplo a ser seguida.

Um outro objetivo muito importante é esclarecer os objetivos do grupo: *“Objetivo então do MGM é promover a cidadania e os direitos humanos dos homossexuais”*. Neste sentido as questões não se limitam a discutir os direitos legais, mas sobretudo os emocionais: direito a amar, a ser feliz, a ser o que se é, a ter um espaço de convívio, de discussão, enfim direito a exercer sua sexualidade. Esses são motivos que levaram à criação do MGM, que justificam sua existência e que representam seus orgulhos. Vários exemplos são recuperados para demonstrar como o espaço é importante para aumentar a auto-estima de quem participa. *“Então, nós precisamos estar o tempo todo no MGM valorizando essa auto-estima para pessoas serem felizes. É um dos nossos objetivos”*. Outros objetivos são mencionados e explicados: cidadania, emprego, visibilidade, inserção no contexto social, capacitação profissional. Ponto a ponto eles são explicados quanto aos argumentos que justificam sua defesa, ao tratamento que se dá comumente aos homossexuais em cada um deles, como o MGM busca modificar o quadro que se apresenta e as conquistas já alcançadas. *“Então, os gays têm que parar de ser gueto. [...] Exatamente para mostrar que a*

gente é gente, que essa cidade tem que caber a gente. Nesse mundo, tem que ter um lugar pra mim, não dá pra me tirar de fora não”.

Dentre as conquistas, um tempo maior é reservado à criação do Centro de Convivência Homossexual, que hoje é a sede do MGM e que possibilita o encontro e troca entre os homossexuais, local de discussão, de paquera, de bate-papo, de capacitação profissional e de referência para qualquer dúvida, denúncia e busca de ajuda. A lei 9791 também recebe um tratamento especial, já que representa uma das maiores conquistas do grupo, garantindo aos homossexuais de Juiz de Fora o direito de manifestar afeto em público. Do âmbito municipal ela ganhou abrangência estadual e serve hoje com um dos grandes exemplos para o resto do Brasil.

Durante a palestra vai se formando um clima de sucesso, criando-se uma idéia do grupo como necessário e importante para a transformação da situação de todos os homossexuais. Para aquele que está na platéia fica uma mensagem de como seria ideal ter uma agremiação desta natureza em cada cidade para modificar a realidade. De fato esse é um dos objetivos que os grupos gays assumiram, consciente ou inconscientemente, se multiplicar, capacitar outras pessoas para a criação de novos grupos. Daí a grande importância que momentos como esse adquire. Neste sentido, todas as “bandeiras” defendidas são comentadas: o PEC (Projeto de Emenda Constitucional para incluir a expressão orientação sexual como um das formas de discriminação possível), união civil, adoção e criminalização do preconceito.

Tudo é revelado, inclusive o que sustenta um grupo como o MGM, fornecendo o caminho do financiamento para a sua criação. *“Esse é um projeto nosso com o Ministério da Saúde. Essa casinha é o Centro de Convivência do cidadão Homossexual de Juiz de Fora. É um trabalho de Prevenção à Aids e o Ministério da Saúde nos ajuda com o dinheiro para a gente poder desenvolver as nossas atividades aí, e manda camisinha”.* É fornecido o caminho do financiamento, como consegui-lo na medida em que se desenvolve um trabalho de prevenção e ainda qual deve ser o objetivo de um grupo gay: *“O objetivo é exatamente esse: nós criamos um lugar bonito, onde as pessoas se sintam bem, onde a sua auto-estima seja valorizada de forma a garantir a prevenção. O cara quando se ama, ele usa a camisinha. Ele quando não se ama, ele não está nem aí se ele está passando para os outros, se ele pegar o HIV, mas quando ele se ama ele quer viver. Quando a gente está com a auto-estima baixa a gente não quer nem saber da vida. Então o projeto é esse: um lugar bonito onde as pessoas podem chegar e conversar, onde possam ser bem recebidas”.*

Uma outra parte da palestra é destinada às definições. *“Outra questão que eu gosto de chamar atenção é essa: GLS e GLBT. GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes. GLBT – Gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. [...] Bom. Vamos falar de cada um desses grupos aí”*. Cada grupo desses é explicado: o que é ser, como se reconhecer, quais são os atributos de cada um. E, para encerrar sua fala, antes de passar ao debate, Oswaldo dá sua mensagem final, que resume o objetivo da palestra: *“E a gente espera que essa conversa tenha incentivado vocês, aqueles que estão no “armário” a saírem do “armário”. Aqueles que conhecem amigos gays a saírem do “armário” e serem felizes”*.

Em função do encaminhamento dado ao longo da palestra, o debate se prende à busca de informações de como agir para alterar alguma situação prática. A primeira pergunta, feita por um vereador da cidade, é sobre que projetos seriam importantes para serem apresentados na Câmara Municipal no sentido de ajudar os homossexuais. Oswaldo responde prontamente e ainda se compromete a enviar outros projetos do grupo: *“E um outro que é muito bom, se você quiser nos ajudar, é a garantia da Previdência Municipal dos Servidores Municipais. [...] Eu posso mandar para você. Você manda um e-mail para mim, pedindo que eu mando com maior prazer, Eu tenho uma lista de 50 projetos que posso mandar pra você”*. Outras perguntas sobre o tratamento na escola, na Universidade, o pedido de material informativo e de propaganda, são feitas e o debate vai esfriando, encerrando-se em seguida a palestra.

5.2 “Beijaço”: a manifestação como uma forma de militância

Durante todo período de coleta de dados nunca foi possível participar de alguma reunião de preparação de manifestação pública, exceto aquela em que o grupo CORSA discutia uma ação em um Shopping Center na cidade de São Paulo onde dois meninos, namorados, haviam sido discriminados por estarem se beijando em público. Isso não quer dizer que os grupos não façam manifestações públicas. Até a participação dessa reunião, já havia presenciado outras em que se discutia os resultados, as conseqüência da ação, nunca a sua preparação. Entre os três grupos que participaram da pesquisa, o CORSA e o GGB são mais atuantes, principalmente o GGB, que está sempre nas ruas de Salvador, na porta da Câmara de Vereadores e de Deputados Estaduais, em frente a delegacias, enfim, sempre se manifestando quanto alguma questão ligada à homossexualidade. O CORSA nesse momento de reestruturação estava retornando a essa prática

que era uma de suas características. O MGM se difere um pouco, embora tenha momentos específicos de atuação nas ruas, sempre muito limitada visto a falta de apoio dos membros. Pode-se dizer que o que caracteriza o MGM é um tipo de trabalho junto ao poder público, com acordos com as Secretarias Municipais, por exemplo.

Na verdade, a reunião foi tomada por esse fato que se tornou mais importante de ser discutido do que o tema que estava proposto porque se tratava de uma discriminação ocorrida na semana anterior e os meninos buscaram ajuda, sendo que tal assunto não estava presente na pauta de discussão do mês mas invadiu o grupo, mais do que isso serviu ao próprio grupo. É possível perceber uma disposição pela manifestação pública, sobretudo quando determinado assunto é divulgado inicialmente na mídia, representando a oportunidade de se expor uma outra visão no tratamento com a homossexualidade e fazer propaganda de seu trabalho. Foram esses aspectos que serviram para organizar a manifestação do “beijaço”.

Antes de iniciar a discussão em torno da organização da manifestação, Lula, que era o presidente do CORSA, recupera uma questão importante para o grupo e explica que o retorno de ações como aquela que iria ser preparada representava uma tomada de postura. Recordando a história desde o surgimento até as dificuldades atuais, Lula coloca uma questão fundamental: *“E aí na semana passada a gente fez algumas discussões pra onde que a gente ta levando o grupo? A gente ta querendo investir mais , tentando formar um grupo menos atuante, um grupo de formação, onde a gente esteja sempre... que as discussões da gente sempre seja uma maneira de formar militante, de pessoas atuantes na cidade, né? Porque a gente tem essa característica de militância, de atuação...”*

A interrogação feita preparava a proposta do “beijaço”. A questão era mais específica: “vamos fazer o “beijaço” ou vamos ficar só nas reuniões de discussão”? “Vamos assumir e recuperar a nossa característica de militância ou vamos nos transformar em um outro grupo”? Dando prosseguimento, Lula narrou para o grupo o que aconteceu, a busca de ajuda dos dois meninos, a cobertura da televisão e como surgiu a idéia do “beijaço”: *Eu vi essa reportagem. Eu discuti com outras pessoas e surgiu a idéia de fazer um “beijaço”, né? Da gente... não poder beijar... Então vamos lá e aí eu quero ver quem vai dizer pra gente que não pode beijar”.*

A idéia da manifestação atingiu a imprensa, o que causou grande alvoroço, colocando o grupo no centro das atenções e amedrontando a direção do Shopping, temeroso de algum tumulto mais grave, de um confronto e de confusão. Isso fez a assessora de imprensa buscar um diálogo

com o CORSA, o que foi comemorado e recebido com vitória. A saída encontrada pelo Shopping foi assumir a manifestação transformando-a em um evento do local, decorando a praça de alimentação, colocando à disposição um equipamento de som, montando palcos, enfim, modificando o que seria um conflito em um acontecimento, em um espetáculo. Essa modificação foi bem encarada pelos presentes, cerca de uns quinze homens, também sentados em círculo numa sala pequena.

Tudo parecia caminha bem, até que Lula, o dirigente colocou a possibilidade de uma manifestação pública em que todos iriam ao Shopping e se beijariam na boca. No entanto, essa era uma prática assumida e incorporada pelos membros do grupo no seu cotidiano, de forma que surge a dúvida se a manifestação seria a expressão de uma realidade vivida ou uma atitude forjada, excepcional e que não expressava a realidade de fato? Diante do ocorrido, Lula propõe: *“Vamos tentar uma rodada aqui? Todo mundo... cada um de nós diz se beija ou não em público. Por aí a gente tem... porque não adianta nada a gente querer ir lá, falar, gritar e não sei o que e a gente perder a dimensão da nossa própria comunidade”*.

Um a um os membros vão respondendo a questão e argumentando sobre o que os levava a se beijarem ou não em público. Dessa forma, são revelados os medos, as relações familiares e de trabalho, as relações de amizade, as questões ligadas à visibilidade – tão cara para os grupos – a aceitação das lutas e sobretudo, o esclarecimento sobre o que deve ser o “verdadeiro” militante, já que aqueles que assumem que não beijam o fazem reprovando-se e aqueles que dizem assumir demonstram uma atitude de orgulho e poder. Há um confronto entre os que beijam (e que seriam os “verdadeiros” militantes e que representavam bem o grupo) e os que não beijam. Não há uma “vitória” larga de um sobre o outro, os números se equiparam. De fato, essa pesquisa serve muito mais para mostrar a diversidade do que a homogeneidade, as variadas experiências e relações com o público e com a demonstração de afeto. Independente dessa diversidade, todos apóiam a manifestação, entendendo-a como uma preparação para dias melhores e para uma aceitação maior da homossexualidade, como demonstração de força do grupo, como realização de uma tarefa, que deve ser de todos, que é prestar assistência a qualquer homossexual que procure ajuda.

Passando-se para assuntos mais práticos, a questão seguinte foi organizar a manifestação, definindo horário da chegada, os grupos convidados, tempo e espaço para as falas e discursos, elaboração de material para ser distribuído entre os presentes e a imprensa e definição de quem iria falar em nome do grupo. Todos demonstravam grande alvoroço e expectativa com a ação,

uma vez que havia implicações com o retorno do CORSA no cenário político da cidade, mostrando que o grupo estava vivo apesar das dificuldades que havia enfrentado. Embora a reunião houvesse sido encerrada, o assunto continuou em duplas ou pequenos grupos.

5.3 Um tempo de militância

A preocupação dos grupos com a organização de ações que vão além da reunião com os seus membros se traduz na atuação em palestras, manifestações públicas, paradas do orgulho gay e projetos de intervenção associados ao Estado. Estas promoções parecem demonstrar a vivência de um novo tempo, um tempo de militância, que é entendida pelos dirigentes dos grupos gays como a responsabilidade de transformar o presente mais do que projetar o futuro, não descartando-o mas entendendo-o como diretamente associado às lutas e conquistas do presente. Essa relação entre presente e futuro serve para problematizar as ações dos grupos para além das reuniões e também para promover o questionamento a respeito dos discursos que estão sendo produzidos sobre a homossexualidade e o homossexual. Qual o retorno desses discursos para o próprio grupo e o que está servindo para organizá-los? O que está servindo para organizar esses discursos? Qual o sentido da existência desse perfil de militante? Qual o sentido da busca desse militante? Quem seria ele e o que pretende?

Agindo deste modo, o militante está assumindo uma posição daquele que pretende anunciar o novo. Mais do que isso, está fortalecendo a imagem daquele que busca vivenciar uma situação diferente e assim produzir a possibilidade da novidade. Através do modelo a ser seguido, de certa forma já vive o futuro. Suas falas parecem passar uma mensagem: “olhem o meu exemplo, percebam como eu sofri e os caminhos que percorri até aqui para poder viver dessa forma e agora, olhem como sou feliz”. Seria, então, aquele que foi capaz de agir sobre seu próprio sofrimento, sobre sua própria história de vida, operando transformações. Sua ação também visa demonstrar que está vivendo a situação dos homossexuais, seja através da própria história de vida compartilhada, ou através da narração das ações dos grupos em benefício de todos, possibilitando a preparação de um futuro melhor. Assim, a militância tem uma função de forjar uma coletividade. Esse homossexual, pela sua forma de ação, também se transforma em um personagem. Seria aquele que compartilha com os demais a discriminação, o preconceito, as angústias, os desejos e os prazeres que todos, de forma geral, vivem e assim poderia de dentro

dessas situações, vivências e possibilidades, exercer um papel diferenciado e importante: construir algo melhor, coletivamente e para a “comunidade”. *“Eu tenho 44 anos. Eu sou gay. Fui casado. Tenho filhos. Até chegar neste ponto que eu cheguei, de dedicar a minha vida ao Movimento Homossexual. Defender a cidadania, o direito e a dignidade desse público, dessa comunidade a qual eu pertença, que são aquelas pessoas que têm a orientação sexual diferente daquela predominante e que sofre tanto por isso e que sofremos tanto por isso. Somos cidadãos que hoje temos direitos a menos e lutamos muito para recuperar esse direito que estão nos tirando”.*

Uma construção coletiva é a principal característica da militância. Sua ação nunca é isolada, necessita de um público, de alguém para direcioná-la, para ouvir, para participar e para dar retorno ao grupo. Quando alguém fornece seu testemunho de mudança e se percebe feliz por está vivenciando uma situação prevista, isso reforça a certeza de um trabalho transformador e libertador dos militantes. Além de contribuir para criar um sentimento de gratidão, engajando-os nos grupos, sem se dar conta de como o discurso do outro está servindo para moldar as identidades, conforme observado em uma entrevista: *“Então, pra mim, assumir a minha homossexualidade foi muito legal. Isso eu tinha 14 anos. Com 15 eu comecei... com 14, eu com certeza não fazia sexo, sem prática com sexo seguro. E, também tinha o desejo de virar travesti e foi Luiz Mott que me convenceu, né? “Não vira travesti, não”. Eu comecei tomando hormônios, o peito já estava grande. A minha mãe também me aconselhou também. Disse que não queria. Aprendi com os amigos na rua, com poucos amigos que eu tinha. Tinha um outro lá que desde menino ele queria ser e hoje ele é um travesti. Os outros dois que eu conhecia hoje são travesti e eu não fui, né? Porque Luiz Mott me tirou, falou comigo e minha mãe também falando o tempo todo que não aceitava travesti. Quando eu conheci o GGB passei a ter prática do sexo seguro, passei a ter consciência e fui descobrir que não só tinha poucos gays, porque eu pensava que só tinha algumas pessoas. Eu cheguei até a pensar que era uma doença, que era eu sozinho, né? Então hoje em dia eu me mudei para essa fortaleza, essa coisa que não existia só eu, que existia outras pessoas com esse mesmo problema meu. Eu falo problema porque na época era como eu percebia, né? Por causa do preconceito na sociedade e por várias coisas que a gente passa e que as pessoas acham que isso, que é aquilo, que fazem um bicho de sete cabeças e que na verdade não é. O GGB me deu muito suporte pra enfrentar assim... me deu auto-estima, tendo... maneira de estar me inserindo na sociedade sem ser discriminado. Eu conquistei minha família, agradeço ao GGB.*

Vivendo a situação social da qual ele faz parte, o militante, busca coletivamente, ser o responsável pela libertação do grupo, que estaria na busca de condição de superação daquilo que o próprio grupo elegeu como negativo e prejudicial. Portanto, estaria diretamente ligada às possibilidades de libertação. *“Nós definimos algumas estratégias pilares no nosso planejamento que são. Primeiro a valorização da auto-estima. Quem se ama, se cuida. Quem se ama, é feliz. Não invade o espaço do outro. Não precisa disso. Quem se ama é um bom cidadão. E, aquele cara que não se estima, que acha que ele não vale nada... porque a sociedade está o tempo todo falando isso: “você, homossexuais, não valem nada. Vocês são anormais, vocês são deficientes, vocês são promíscuos, você são engraçados, vocês são pessoas que não deram certo no seu sexo. Homens que têm vontade de ser mulheres, ou mulheres que têm vontade de serem homens”. Essas coisas que nos dizem respeito. Elas detonam nossa auto-estima. Então nós precisamos estar o tempo todo no MGM valorizando essa auto-estima para pessoas serem felizes. É um dos nossos objetivos. Visibilidade. Através da visibilidade que os homossexuais vão destruir uma imagem negativa, construída durante anos e anos e construir a imagem do novo gay”.* Na maioria das vezes a libertação está associada à revelação, à visibilidade e à felicidade, demonstrando um entendimento da homossexualidade como algo que se esconde, graças ao trabalho realizado pela “sociedade”. Esse tipo de compreensão está servindo e sendo utilizada para justificar a existência dos grupos gays, a realização do seu trabalho e mesmo o motivo de estarem fazendo essa palestra. *“E a gente espera que essa conversa tenha incentivado a vocês, aqueles que estão no “armário” a saírem do “armário”. Aqueles que conhecem amigos gays a saírem do “armário” e serem felizes. Eu costumo dizer que fiz da homossexualidade o meu escudo de defesa. O fato de todo mundo saber que eu sou gay acabou sendo o meu escudo. Ninguém mexe comigo. Por quê? Porque a minha visibilidade é tal que eles sabem que eu chamo a polícia, que eu sou “babadeiro”, que eu sou gay, que eu sou presidente do MGM.*

O simples fato de serem convidados para falarem de homossexualidade em lugares em que tradicionalmente os discursos adotados eram vetados, ou mesmo a ocupação de espaços que antes estavam interditados, representaria o anúncio de um novo tempo e a expressão da liberdade e do fim da repressão aos homossexuais. *“Primeiro quero agradecer ao convite pra está aqui nesse projeto. [...] Acho que é bacana quando uma Universidade se abre a tá discutindo essa questão - que é a questão da homossexualidade”.* *“Que seja colocado isso... nós queremos colocar a homossexualidade como uma coisa saudável. [...] Mas o MEC insiste em não tocar*

nesse assunto. Recentemente nós tivemos uma vitória muito boa com o MEC, inclusive eu tô deixando cartazes aí pra vocês, que foi uma produção de um material conjunto entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, que é um cartaz que diz “Respeito os homossexuais na Escola”. A abertura é comemorada como uma vitória, enquanto que a falta de comunicação e “aceitação” da homossexualidade serve para identificar os desafios das novas ações. “ O negócio é o seguinte. Esse projeto não precisa mais. Esse que prevê punição para os estabelecimentos comerciais, porque o Estado já tem. Já existe uma lei estadual que prevê isso. [...] E um outro que é muito bom, se você quiser nos ajudar, é a garantia da Previdência Municipal dos Servidores Municipais. Porque nós temos a garantia da Previdência do INSS”. “Uma das principais dificuldades que a gente tem no movimento no âmbito do governo federal é com o MEC. O MEC é muito difícil, é muito relutante na questão da educação do homossexual, se a gente pode dizer assim. Por que? Na verdade o que a gente briga aí, o que a gente tem lutado é que ao abordar educação sexual na escola, a homossexualidade seja colocada como uma possibilidade, seja colocada sem preconceito e de uma forma séria”.

Estariam liberando os homossexuais e a homossexualidade desses séculos em que a história da homossexualidade e também da sexualidade deveria ser lida como uma crescente repressão? (FOUCAULT, 1988). Olhando com mais atenção para o trabalho de militância exercido pelos grupos gays e tentando, de alguma forma, responder a essa questão é possível considerar que a repressão foi, desde muito tempo, o “modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade” (FOUCAULT, 1988, p. 11). Assim, qualquer tipo de libertação no campo da sexualidade só seria possível a um preço alto.

[...] seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente (FOUCAULT, 1988, p. 11).

O trabalho de militância ainda parece preocupado em elaborar, divulgar e revelar a “verdade” sobre a homossexualidade, sobre o que é o homossexual e definir qual é o lugar que ele deve ocupar. Dessa forma, os discursos produzidos ainda estão ligados à repressão, construindo modelos aceitos e servindo para reprimir aqueles que têm comportamentos julgados pelo grupo como desvalorizados. Pode-se então afirmar que militância e repressão estão se organizando nessa relação entre poder, saber e sexualidade. “Outra estratégia é a inserção no

contexto social. Gay não pode continuar... eu quero ser gay em qualquer lugar. Não é só lá na Boate Gay. Lá eu posso, ficar lá naquele cantinho, no escuro, na beirada da escada pra ninguém ver. Ou na boca do beco. No escuro. Esse foi o lugar que a nossa sociedade nos reservou, né? E não é isso que a gente quer não. A gente quer ser gay em qualquer lugar. Então os gays têm que parar de ser gueto. Se você está falando que existe um movimento negro, um movimento de mulheres, um movimento de meio ambiente, existe um movimento gay, nós queremos está inseridos aí também. Então a gente faz parte de um monte de Fórum, a gente participa de tudo quanto é movimento. Exatamente pra mostrar que a gente é gente. Que essa cidade tem que caber a gente. Neste mundo, tem que ter lugar pra mim, não dá pra me tirar de fora, não". "É muito engraçado você escutar dos transsexuais eles dizerem que não são homossexuais. E tem uma lógica, se ele já operou, já fez uma cirurgia de adequação de sexo e já não é mais homem, ele é uma mulher e ele transa com homem, ele não está fazendo sexo com pessoa do mesmo sexo. Ele está fazendo sexo com uma pessoa do outro sexo. Então, elas julgam que elas são heterossexuais. Eu acho que não são, não".

Como observa Foucault, "a causa do sexo - de sua liberdade, do seu conhecimento e do direito de falar dele - encontra-se, com toda legitimidade, ligada às honras de uma causa política: também o sexo se inscreve no futuro" (1988, p. 12). O trabalho de militância dos grupos permite pensar como essa relação entre sexo e poder está incorporada nas ações, já que o simples fato de falar da homossexualidade é entendido como um ato de liberdade. É o que Foucault (1988) chama de "benefício do locutor". Já que a homossexualidade é reprimida e fadada à inexistência, falar dela e dessa repressão adquire um sentido de transgressão deliberada atribuída ao militante, que dessa forma, estaria fora do alcance do poder, na contramão da lei e antecipando uma liberdade futura. Daí a solenidade que adquire a fala do militante, diferente de quando fala para os homossexuais em reunião.

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativadas. Para amanhã o bom sexo. [...] Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a libertação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias - eis

o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis, também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos (FOUCAULT, 1988, p. 12-13).

Ao organizar seus discursos sobre sexo, as falas dos militantes adquirem uma autoridade presente na voz grave, na riqueza de exemplos, na confissão das experiências próprias, na revelação subversiva dos desejos secretos, enfim, na incorporação de mecanismos que associam saber, libertação e promessa de um novo tempo. *“Exatamente quando a gente tá aqui falando pra vocês a idéia é diluir esse preconceito, que é a única forma que a gente tem de combater o preconceito é com o conceito, é com a informação, é tá falando sobre o assunto, é tá conversando numa boa pra gente acabar com esse preconceito. Eu tenho certeza que concordando ou não com as coisas que eu estou falando aqui, amanhã vocês terão uma bagagem de informações mais corretas e pode considerar a gente mais humanos, mais parceiros, mais comum”*. A colocação da homossexualidade para além do grupo, levanta outras questões. Por que se falou de homossexualidade e o que foi dito? Que saber é construído por esses discursos? Qual a relação entre saber, poder e prazer presente nas falas dos militantes? Parece que o que importa não é tanto a construção dos modelos valorizados ou desvalorizados, as permissões e as repressões, mas sim o fato de se falar da homossexualidade, desse saber quem fala, de que lugar se fala, o que defende, as instituições que incitam a produção desses discursos, enfim, o “fato discursivo” e a transformação da homossexualidade em discurso (FOUCAULT, 1988).

Neste sentido, a militância é produzida conjuntamente, através das reuniões dos grupos nas suas sedes e na relação com outras instituições e locais, na tentativa de ocupar todos os espaços abertos para a produção da homossexualidade, para a construção do sujeito homossexual, para a criação de uma identidade coletiva e única. Falar de homossexualidade em outro campo de luta, que não o interior dos grupos, representa a desterritorialização da luta, possibilitando falar das questões que o grupo elegera como aflitiva para os homossexuais de forma geral. Assim, essa desterritorialização da luta parece ser entendida pelo grupo como uma forma de ampliar o trabalho, como oportunidade de distribuir material, revelar a homossexualidade para o público ouvinte bem como revelá-la para os próprios “homossexuais” presentes na platéia e que não se conhecem como tal, capaz de trazê-los para a luta e ampliar o grupo. Daí a insistência na definição da homossexualidade, associada às histórias de vida e à sua descoberta. *“A nível de*

Estado nós já conseguimos uma boa conversa com a Secretaria Estadual de Educação que distribuiu um manual de orientação aos professores sobre Educação Sexual e neste material nós já conseguimos incluir um capítulo politicamente corretíssimo sobre a homossexualidade”.

“Mas nós temos na nossa página. Se não tiver eu posso te mandar. Eu tenho muito material que posso mandar pra vocês. É só entrar na nossa página ou me mandar um e-mail que eu mando pra vocês”.”A minha proposta é que a gente discuta o que cada um de nós está achando da manifestação, como ela afeta cada um de nós e que nós, enquanto grupo, a gente se posiciona?”

“Eu gostaria que a gente pensasse... porque vai ter aquela pergunta que a gente vai ter que responder o tempo todo amanhã no Shopping: O que é o CORSA? Então a gente poderia ter um parágrafo pra distribuir para a imprensa”. “Quem vocês querem que fale? Tinha que ser muito reduzido pra falar 3 a 4 minutos cada um, porque senão vira um comício. Eles não querem isso... Nenhum grupo nos procurou. Então quem está assumindo isso é o CORSA. [...] Eu tinha sugerido que a gente falasse, que uma lésbica falasse e que um travesti também falasse. Pra ter a diversidade: um gay, um travesti e uma lésbica. A idéia é fazer uma coisa simples e rápida”.

Esse processo de desterritorialização se associa à ramificação política. O simples fato de se falar da homossexualidade já teria um conteúdo político. Expor e insistir na existência, e mesmo exigir o seu reconhecimento é entendido pelos grupos como um ato político em essência. E essa ramificação política e a necessidade de se afirmar a existência só adquirem sentido por seu valor coletivo. “Eu só existo, como homossexual, porque você existe como tal”. Os sujeitos homossexuais são construídos no coletivo, o que reforça o papel da militância. Para os grupos e para o militante, em particular, é importante falar dos seus desejos, por tentar criar uma identificação, porque é só através dessa identificação que o militante existe e pode reafirmar sua homossexualidade, assim como o homossexual que está na platéia tem a possibilidade de se identificar como tal, reforçando o seu grupo confirmando a sua existência. Os desejos, as angústias, os valores, os medos deixam de pertencer apenas ao militante para tomar conta de uma comunidade, para dar origem a um grupo. O discurso produzido, nessas ocasiões, não é somente a fala para si mesmo, não é, apenas, uma forma de reafirmar para si a sua homossexualidade, mas também uma maneira que se alastra para a coletividade. A homossexualidade, uma vez existente, reafirmada e confirmada retorna como reforço para os homossexuais, individualmente. “Ela inclui a criação de um Centro de Referência para o cidadão homossexual, no âmbito municipal. Isso é importante? É importantíssimo! Porque é o poder público jogando recursos financeiros

em ações de promoção da cidadania dos homossexuais. Ou seja, é dinheiro do governo voltado para isso. E onde isso é importante, mais ainda? É o reconhecimento oficial de que os homossexuais existem, são cidadãos, têm direitos e é um grupo vulnerável e que precisa que o poder público promova ações afirmativas para colocá-los no mesmo nível dos demais cidadãos. Então, o Centro de Referência, em primeiro lugar, é exatamente pra fazer isso, promover essas ações que vão culminar em elevação do padrão de inclusão dos homossexuais na sociedade”.

“Então! Eu tenho um namorado há dois anos e a gente beija em público sim. [...] Mas é uma coisa que a gente procura, inclusive, fazer bastante porque é muito raro ver duas pessoas se beijando e você escuta as pessoas falando: Ah! Eu vi dois homens se beijando. Como se só lá existisse, eu também existo, eu também beijo na rua. [...] Eu acredito muito na visibilidade, eu acho que o caminho é esse, da militância, eu acho que quanto mais a gente aparece uma hora a gente vira uma coisa banal, comum. Eu acredito nisso...”

A militância se insere, portanto, no trabalho de construção dos sujeitos homossexuais, em um processo educativo da identidade homossexual. Como alerta Gallo “os atos militantes podem ser cooptados, re-inseridos no contexto da máquina de controle, perdendo seu potencial libertário” (2002, p. 177). E, na medida em que a militância ocorre através de convites de outras instituições dispostas a “conhecer”, a “saber” o que é a homossexualidade e o homossexual, elas estão dando um lugar para essas expressões, elas estão cooptando-as pela permissão em um dia e local especial, determinado por quem convida. E, cada vez mais os grupos gays parecem inseridos nas estruturas estatais, com associações com o Ministério da Saúde e Ministério da Justiça, por exemplo. “Nós somos membro do Fórum Interinstitucional Aids, do município. Somos membro do Fórum Estadual DST/Aids, somos membro do Núcleo de Promoção da Igualdade no Ambiente de Trabalho, do Ministério do Trabalho”. “Então o Shopping está super aberto, disposto. Eles vão ter equipamento de som. Dói, na verdade.[...] Então eles montaram um equipamento de som para ser utilizado por nós. Nada melhor, né? Ou seja, nós resolvemos fazer uma festa na casa deles, né? Eles resolveram cooperar. Ao invés de falar: não, não pode. Falaram: Ah! Tá bom. Estão colocando bexiga e tudo mais. Eu acho que tem duas coisas em jogo aí. Primeiro o receio que eles têm da gente arranhar a imagem deles em relação a comunidade e eles não querem isso. E, segundo, eu acho que tem um esforço muito sincero deles dizerem: vamos aproveitar isso em nosso benefício. Eu acho que a gente não pode condenar eles por causa disso”.

Sair do espaço do grupo, portanto, representa um problema, já que “militância requer fórmulas ágeis e descomplicadas, catequéticas e querigmáticas [...]” (PIERUCCI, 1999). De outra forma, as ações correm o risco das más interpretações dos mal-entendidos. Esses desafios e ameaças parecem estar incorporados pelos grupos que dedicam uma atenção à escolha de quem vai falar, levando em consideração se o membro atuante domina o assunto proposto, se tem boa articulação e organização do raciocínio, se tem boa apresentação, enfim, se representa positivamente a homossexualidade e se por si só, representa um bom exemplo para se espelhar.

Ter que reencontrar um novo espaço de luta e re-situar-se com relação às instituições em que estão associados são alguns desafios postos para os grupos gays no sentido de repensar a militância. “Uma vez que a capacidade de produzir é na realidade organizada segundo racionalidades ou poderes econômicos, as representações coletivas se folclorizam” (CERTEAU, 1995, p. 198). As ideologias e as lutas são transformadas em espetáculos e, o povo em público.

Será o fim das militâncias? À desmistificação das ideologias sobrevivem, contudo, militantes sem causa. Eles encontram-se muitas vezes nos lugares onde se constroem novos mitos: por exemplo, nas cidades novas, que se constituíram em lugares de exceção, em sinais de coerência reencontrada, em paraísos de uma verdade social. Dois tipos sociais cooperam, desse modo, para a construção desses pontos de referência simbólicos onde espetáculo e produção se conjugam: os militantes convertidos em agentes culturais, e os planejadores transformados em “promotores culturais” (CERTEAU, 1995, p. 199).

A “sociedade do espetáculo” (CERTEAU, 1995) foi capaz de incorporar a militância dos grupos gays, transformando-a num grande espetáculo, de que o maior exemplo são as paradas do Orgulho Gay, que acontecem em todo Brasil, como um grande dia de festa, um tipo de “Carnaval”, financiado pelo Ministério da Saúde. Neste contexto o que vem à rua, é a imagem do que a sociedade considera como homossexualidade, é o “homossexual espetáculo”, aquele que é “aceito” e é autorizado a se apresentar. Assim, as iniciativas são expulsas e o trabalho do grupo gay e as homossexualidades são aqueles permitidos e cooptados pelas instituições. Um outro exemplo dessa transformação e cooptação da luta dos grupos gays em espetáculo é o que ocorreu com a recepção do Shopping Frei Caneca com relação ao “beijaço” programado pelo CORSA.

Tendo como inspiração as análises de Touraine (1994) é possível pensar que a cada instante as relações de poder podem e, às vezes, se tornam um confronto entre adversários. O trabalho de militância tem isso bem claro, que se traduz na identificação e revelação dos

adversários, na tentativa de transformá-los em inimigos universais dos homossexuais e não somente para os grupos que os elegeram como tal. E, nesse sentido o militante age como um “pastor” que conduz o seu rebanho ao caminho certo, identificando perigos e inimigos, fazendo-os reconhecer os adversários.

No entanto, a cada instante, as relações com os adversários se transformam e “dão lugar ao emprego de mecanismos de poder” (TOURAINÉ, 1994, p. 178), o que faz com que as condições de luta, a realidade apresentada e as propostas dos grupos sejam tão bem explicadas e melhor entendidas no interior de uma história de luta. E, para o autor é a luta social que transforma o indivíduo-objeto em indivíduo-sujeito (TOURAINÉ, 1994). Essa transformação é incorporada pelos grupos que também consideram que o engajamento é capaz de tirar o indivíduo de um estado de observação, em que ele seria um objeto, para o estado de luta, tornando-se sujeito. *“Eu já freqüentava. Nessa época eu era assumido mas tinha medo do pessoal... aquele medo que a gente tem assim... que a gente sempre tem quando não tá muito bem resolvido. Meio que a gente se esconde um pouco. Nunca deixei me filmar, mas deixei que tirassem foto. Eu só fui me engajar no GGB mesmo, assim, depois de alguns anos, embora eu estivesse presente em todas as reuniões, toda semana. Engajar é está inserido no grupo. É estar participando no grupo como militante. Porque eu estar na reunião não quer dizer que sou militante. Eu estava ali pelo simples fato da informação, dos preservativos que eu pegava para minha proteção. Eu não tinha acesso, eu não tinha condição. Era adolescente e não trabalhava, né? [...] Eu vinha aqui pegava os preservativos, assistia a reunião e ia embora. Não tinha nenhum vínculo de está inserido como militante, fazer militância, está militando pela causa, pelo movimento, pelos meus direitos. Aí só depois de algum tempo que fui me engajando mais, que eu fui tá inserido, participando das reuniões. Aí comecei a fazer ata. Comecei a participar mais, vir, de vez em quando, durante o dia, atendia o pessoal, participando desses movimentos, de manifestações. Aí comecei a me expor. Aí comecei a tá dentro do GGB, participo de alguns projetos”*. Entretanto, as causas da luta e o engajamento são doados pelos grupos aos homossexuais, tornando-os muito mais objetos da luta do que sujeitos de transformação delas. Pensando nas críticas foucaultianas, essa situação contribui para a denúncia da ação militante dos grupos gays na construção do sujeito como efeito de poder.

Foi a modernidade que introduziu a emergência do sujeito como liberdade e como criação (TOURAINÉ, 1994), idéias que estão presentes até hoje nas ações dos movimentos sociais. O

sujeito é a “criação de um mundo regido por leis racionais e inteligíveis para o pensamento do homem” (TOURAINÉ, 1994, p. 218). Ele é capaz de se formar através da aprendizagem do pensamento e pela capacidade de resistir às pressões do hábito e do desejo, privilegiando a razão, que é constantemente utilizada para convencer ao engajamento na luta. Desde a modernidade, a idéia de sujeito é aquele libertado e capaz de se libertar pelo controle de suas ações e de sua situação, o que lhe permite entender e sentir seus comportamentos como integrantes da sua história de vida e se perceber a si mesmo como ator, capaz de agir e de modificar sua situação (TOURAINÉ, 1994). *“Eu acredito assim que tenha sido mesmo por aquela questão do que eu sofri anteriormente. Porque querendo ou não, o fato de minha mãe ter aceito, mas assim... quando você vai e faz uma retrospectiva do que você passou, enquanto adolescente, você vai ver que você sofreu, que você tem várias cicatrizes, que você passou por um processo muito duro de auto-aceitação, de você está sentindo bem com sua homossexualidade. Porque eu acho que é necessário você está se sentindo bem. Ter sua auto-estima. Quer dizer, sou gay e tem que me aceitar sim. Se eu não me aceitar, as pessoas não vão me aceitar. Quando você se aceita, você não tá nem aí pra quem fale, pra quem... então assim... você sofreu várias agressões, tanto física, quanto verbal, quanto de olhares. Porque quantas pessoas viram pra olhar um gay quando um gay é efeminado, né? Não digo um gay assim... masculino, mas com o meu estilo, porque eu me acho um pouco afeminado. Então as pessoas já olham mais, já percebem mais que é gay. Então, você sofre por tudo isso. Porque você se sente uma pessoa como se fosse uma coisa diferente, uma coisa estranha, uma extraterrestre... uma anomalia da natureza. [...] Eu acredito que foi toda essa retrospectiva que eu fiz que fez com que eu me engajasse no GGB e fosse lutar não só pelos meus direitos mas lutar por toda classe de homossexuais. Porque é assim... o tanto que eu sofri eu não quero e não desejaria para nenhum outro homossexual, porque apesar de um tudo, apesar de todo babado de conscientização, de todo movimento, né? Que o Brasil tem, a gente tá quebrando esses tabus, esses preconceitos, que ainda vai demorar muito, eu acredito. Então a gente tá... os homossexuais ainda sofrem muito, esses adolescentes... não podem ter sua liberdade, nem dentro de casa, porque o pai não aceita, a mãe não aceita, os irmãos não aceitam. Sabem de tudo, mas não aceitam. [...] Tudo isso que eu passei fez com que hoje eu tivesse essa vontade de estar lutando pelos outros, pelos outros amigos, irmãos da minha comunidade homossexual, que vão passar por esse mesmo problema. Então tudo que eu passei eu tenho como experiência e posso passar pra eles. Esses jovens chegam aqui todos tímidos e a*

gente começa a falar as coisas pra eles e aí eles falam “é isso mesmo que eu estou passando”. A gente já passou por aquilo. Então a gente já sabe resolver... Aí eu aconselho. A gente dá conselhos e tudo. Então eu acredito que a peça principal do quebra cabeça é o que eu sofri...”

A militância não somente possibilita aos militantes se sentirem atores, sujeitos, agentes de transformação, como também abre a possibilidade de transformar os outros homossexuais em atores, em sujeitos. Demonstra que é importante que um homossexual se afirme reconhecendo o outro também como homossexual, assim como é importante também que o sujeito se afirme reconhecendo o outro como sujeito. O militante é aquele que demonstra que vive à vontade, tem prazer com isso e ainda associa esse prazer à vontade de transformar, ligando história de vida, memória e compromisso. Com isso, ele indica um caminho pelo seu exemplo de vida e seu discurso adquire força como uma tecnologia de poder orientada para governar os indivíduos homossexuais.

O trabalho da militância se assemelha a esse poder pastoral. O pastor exerce o poder sobre o rebanho. Ele agrupa, guia e conduz o seu rebanho, sendo o chefe político capaz de acalmar as hostilidades e fazer prevalecer a unidade sobre o conflito, reunindo indivíduos dispersos. O rebanho só existe pela ação imediata e direta do pastor. No entanto, o principal papel do pastor é garantir a salvação de seu rebanho. Ele tem uma meta para o seu rebanho, incorporando a idéia de que o exercício de seu poder é um dever, o que faz com que ele se sinta obrigado a tomar decisões pelo interesse de todos (Foucault, 1990). O papel do militante como pastor é ainda reforçado nas buscas atuais por justiça. Não é por acaso que a luta dos grupos gays se organiza em torno da lei, do direito, daquilo que é defendido como justo por razões universais.

5.4 Revelação e definição da homossexualidade

Através da análise da construção de um grupo, Anzieu (1993) revela que uma das regras de organização da associação das pessoas é a não-omissão, que se apresenta de três formas. A primeira é a livre palavra, segundo a qual os membros falam do que querem. Essa liberdade aguça nos membros a vontade de falar dos desejos reprimidos e de transgredir as proibições, o que pode causar certa angústia, gerando inibições e silêncios. A primeira regra, então - a liberdade da palavra - origina a segunda, que é a obrigação de falar. O discurso de um incentiva o outro, que se sente obrigado a participar para se sentir parte do grupo. A participação é a terceira

regra. Sem ela não há troca e não há grupo. As trocas não se limitam às reuniões, mas se prolonga fora delas, dizendo respeito ao grupo em seu todo (ANZIEU, 1993). O que está por trás dessas três regras e que serve para organizá-las e para originá-las, é a necessidade de revelação e de definição da homossexualidade. E isso só é possível pela troca. Daí a identificação da importância da militância para os grupos, já que é através dela que eles são construídos, trazendo mais membros para as reuniões ou pelo menos incorporando mais homossexuais em seu conjunto, independente do grupo.

A nossa sociedade foi se organizando como a única que recebe retribuição pela revelação e pela confiança sobre o sexo (FOUCAULT, 1988). Quando o grupo gay se organiza em torno da necessidade de revelação dos sujeitos como homossexuais, pelo menos para si mesmo, para se fortalecer e mesmo para existir, ele está inscrito nessa lógica apontada por Foucault. A sua existência é a retribuição oferecida pela revelação dos desejos. O trabalho dos grupos gays, fortalecendo a necessidade de revelação, parece associar o discurso sobre o sexo, a revelação da verdade e a promessa de um novo tempo e de felicidade. O sexo e, mais especificamente, a homossexualidade está servindo de suporte para pregação dos grupos gays. A afirmação da homossexualidade é acompanhada pela ênfase em um discurso organizado para dizer a verdade sobre si mesmo, sobre os seus desejos, sobre o sexo e assim mudar sua situação atual e seu futuro. Quando o grupo fala de seu trabalho para além das reuniões, e mesmo quando seus membros vão falar em outras instituições, os discursos iniciam com a revelação e a afirmação da homossexualidade de quem fala, como que criando um mecanismo de liberdade para deixar a platéia bem à vontade para os que nela estão, também possam se confessar como homossexuais, mesmo que obrigados a falar, senão para todo público pelo menos para si mesmos. *“O GGB sempre foi pra Faculdade, pro colégio público. Sempre houve convite. Agora era diferente, né? Eles que convidavam a gente. Isso, alguns professores. [...] A gente sempre foi. Agora, com o projeto Se Ligue, a gente tem que tá ligando e fazendo contato com as escolas. A gente pega... a Pathfinder mandou uma lista com as escolas que eles gostariam que o trabalho fosse feito. Do subúrbio. E aí, assim... a gente não quer só do subúrbio, a gente quer também atingir as outras escolas. Então eu já fiz vários lugares. A gente pega o telefone da escola, liga e pede pra falar com o diretor ou vice-diretor ou então coordenador. Aí quem tiver na hora a gente fala e aí a gente fala que é do GGB e a gente tem um projeto - Projeto Se Ligue - que ele iria está captando os educadores e os alunos pra falar sobre Aids e sexualidade. Aí a gente gostaria de marcar com*

vocês um horário, no dia que fosse disponibilizado pela senhora pra tá mostrando esse material, pra gente tá podendo tá trabalhando na escola da senhora, se a senhora permitir”.

O anúncio da opressão que atinge a homossexualidade e, por consequência, os homossexuais, e a forma de pregação reforçam-se mutuamente. No entendimento dos grupos a revelação da homossexualidade resolveria as duas questões, sendo capaz de por fim à opressão, porque é libertadora e também por confirmar o sucesso da pregação, que foi capaz de transformar as pessoas em sujeitos, em atores. Esse trabalho coloca a importância de se questionar a respeito dessa sociedade que se interessa e se dedica tanto à confissão, à revelação e à busca da verdade relacionada ao discurso como formas de libertar os sujeitos das leis que as fazem funcionar.

Gostaria de passar em revista não somente esses discursos, mas ainda a vontade que os conduz e a intenção estratégica que os sustenta. A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? (FOUCAULT, 1988, p. 14).

A produção de discursos sobre a homossexualidade e a busca por sua definição, tanto para os sujeitos como para as instituições parece demonstrar a necessidade dos grupos gays em dominar essa definição. Como se para controlá-la, para dominá-la fosse necessário sua transformação em discurso. É o controle da livre circulação pelo discurso, o que justifica a verdadeira explosão e interesse pela homossexualidade. E o mais interessante é a multiplicação desses discursos como resultado do incentivo institucional, seja através do trabalho dos grupos gays nas reuniões ou através de outras intervenções, ou de outras instituições que os convidam entendendo-os como quem detém a verdade sobre a homossexualidade, como quem tem autoridade para falar sobre e em nome da homossexualidade, visto que já confessaram e vivenciaram abertamente. *“A política é o seguinte: é a política do terceiro setor, né? O governo tem o dinheiro, os movimentos sociais têm a competência. O governo não consegue falar para os homossexuais com eu, que sou homossexual, falo. Então, o governo financia os meus projetos. Ele transfere a lucratividade para o terceiro setor, para as Ongs não governamentais, né?”* Se, por um lado, há obstinação em fazer falar, existe também a obstinação em ouvir falar de forma detalhada (FOUCAULT, 1988).

A homossexualidade vai deixando de ser apenas objeto de desejo e prazer, de proibição e vivência, para se tornar produtora de verdades e mentiras, de definições e controles, para ser útil

ou perigosa, mas principalmente vem se constituindo como objeto de saber, de discurso e de verdade. A revelação provoca prazer. Prazer no militante que constantemente, confessa para a platéia e para si mesmo, a sua orientação sexual. Prazer em revelar no outro a homossexualidade que era desconhecida. É muito comum os membros discutirem e mesmo afirmarem a homossexualidade de alguém ou mesmo daquele que viu passar, conhecido ou não, o que transparece recheado de prazer. *“O homossexual mal resolvido discrimina os próprios colegas, os próprios gays. Faz na calada da noite e quando chega na frente dos outros nega a sua homossexualidade. Esses são os principais problemas que a gente tem, são os mal assumidos. Esses não ajudam nada. Por que têm direito de ficarem no “armário”? Claro que têm direito de ficarem no “armário”, mas acaba nos causando problemas, porque se um cantor ou uma pessoa pública homossexual assumir, uma pessoa respeitada assumir, nessa hora ela está contribuindo para construir uma imagem positiva do gay. Pô! Gay é gente boa, gay é fera! Cazuza quando assume. Renato Russo quando assume é ótimo pra nós...”* *“Eu quero mostrar que o gay pode ser lixeiro, ele pode ser médico, ele pode ser advogado, ele pode ser motorista, trocador de ônibus. Ele pode ser qualquer coisa: soldado, marinheiro, mecânico de automóveis, qualquer coisa porque a gente é homem. Qualquer coisa. Então, nós temos que mostrar através da visibilidade., Quanto mais gente se mostra, quanto mais a gente mostra “Oh! O Movimento Gay existe. Oh! Os homossexuais existem, mais a gente consegue valorizar, mais a gente consegue atingir nosso objetivo que é promover a cidadania e os direitos humanos dos homossexuais”.* É o prazer de ver o outro se sentir homossexual e revelar-se para si mesmo ou para os demais. A fala dos grupos para qualquer platéia tem essa função, ou seja, é o grupo revelando um segredo que é do outro. Neste sentido, o trabalho tem contribuído para fortalecer a obrigação, quase infinita, de revelar e de produzir discurso para si mesmo, sobre si mesmo e para os outros. Significa revelar, portanto, tudo que se relaciona aos desejos, pensamentos e sensações, transformando em discurso para si e para os outros.

Essas ações procuram produzir efeitos de domínio sobre a homossexualidade. Revelar para existir, para conhecer, para controlar. Há um aumento da eficácia e uma ampliação do controle, produzindo também uma maior sensibilização do poder em benefício do prazer (FOUCAULT, 1988). O poder ganha novo estímulo através do seu próprio exercício. A vigilância e a revelação são recompensadas pela emoção que o reforça, pela confissão e pela descoberta, que se aproxima do que Foucault aponta como o essencial do homem ocidental, ou

seja, a sua união com a “tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo” (1988, p. 26). A produção de discurso sobre a homossexualidade ainda ganhou um caráter político, sobretudo a partir do surgimento dos grupos gays organizados. Neste sentido a revelação é estimulada pela política do “sair do armário”, entendida como uma postura, capaz de comprovar sua existência e de criar dados quantitativos que forneçam mais força ao grupo em suas reivindicações. Portanto, a defesa não é somente para formular um discurso que seja o da sexualidade, ou mesmo da moral, mas também o da racionalidade. *“Nós queremos ser reconhecidos como família, com filhos, com direitos previdenciários, com direito de declarar imposto de renda juntos, com tudo que tem direito uma família, que a gente nem percebe que importa tanto na vida quando a gente está vivendo a heterossexualidade por aí”*.

O novo sentido, adquirido pela confissão seria o de construir as identidades ou de revelá-las, como se a identidade homossexual estivesse sempre pronta esperando apenas a sua revelação. E, nesse trabalho, as falas demonstram toda contradição presente na construção das identidades, associando, por exemplo, igualdade e diferença. *“E os heterossexuais. Os nossos queridos heterossexuais, que são homens e mulheres. E eu chamo atenção de vocês pra dizer que os homossexuais são homens e mulheres e que os heterossexuais são homens e mulheres. Então nós não temos nada de diferente”.* *“E nessa particularização, nós significamos um mercado com gostos particulares. Nós temos nosso tipo de diversão, nós temos o nosso tipo de vida, nós temos o nosso tipo de cultura homossexual”*.

A relação entre igualdade e diferença é organizada pelo reconhecimento por alguém, de seus próprios desejos e pensamentos cujo entendimento aumenta nos grupos a certeza do seu trabalho de militância, já que é através dele que esse reconhecimento é possível. Antes os homossexuais eram nomeados pelos outros, agora são identificados pelo “discurso de verdade” circulante nas agremiações e pelos homossexuais autorizados a falarem porque vivenciam. *“Até muito pouco tempo atrás a homossexualidade era considerada doença. Era considerada um distúrbio psíquico. Em 1998 entrou... o Conselho Federal de Medicina reconheceu que a homossexualidade não é uma doença”.* *“Gay é uma palavra que vem do inglês e significa alegre. Alegre no sentido assim... você acorda, o céu está lindo, você olha no espelho e seu cabelo nem precisa pentear. Está um escândalo! Você está refrescado, você veste uma roupa limpa e sai pra rua todo gay. [...] Isso não significa que você sairia todo veadinho, não. Você sairia todo feliz, de bem estar com a vida. Isso que significa a palavra gay”*. Dessa forma, os homossexuais

passam a acreditar na idéia de que são resultados dos discursos que são capazes de produzir sobre si mesmos. “A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder” (FOUCAULT, 1988, p. 58).

Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda (FOUCAULT, 1988, p. 58-59).

A confissão foi se difundindo para as mais diversas esferas chegando também no grupos gays organizados, onde se confessam os desejos. “Confessa-se - ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na no corpo” (FOUCAULT, 1988, p. 59). Assim, sua necessidade já está tão incorporada que passa despercebida e nem é entendida como um efeito do poder, o que traria para fora a verdade mais contida, liberando-a de algum tipo de poder que a silenciava. Sendo assim, passa a ser entendida como a libertação do poder. Nesse processo, entende-se a confissão não como efeito de poder e sim como a libertação do exercício de um poder que a silencia. *“Vamos tentar uma rodada aqui? Todo mundo... cada um de nós diz se beija ou não em público. Por aí tem... porque não adianta nada a gente querer ir lá, falar, gritar e não sei o quê e a gente perder a dimensão da nossa própria comunidade. Pode começar por você”*.

A confissão é um ritual do discurso, em que o confessante se identifica com aquele que escuta (FOUCAULT, 1988). Desenvolve-se em meio a uma relação de poder, que não é atribuída apenas àquele que escuta mas que a exige, que julga, que interfere e que conclui. As suas motivações, formas e efeitos se diversificaram, de acordo com a instituição que os organiza.

Diante desse quadro de ampliação da produção de discursos ligada à revelação, à confissão e à verdade, Foucault destaca que houve a interferência de duas modalidades de produção de verdade: “os procedimentos da confissão e a discursividade científica” (1988, p. 64). Deste modo, a questão que o autor levanta é de que maneira a confissão sexual tomou formas científicas? Respondendo a essa questão, Foucault (1988) levanta alguns pontos, que servem para se entender o trabalho de confissão e revelação posto em prática nas reuniões, palestras e projetos dos grupos gays. Primeiro que foi “através de uma codificação clínica do ‘fazer falar’, em que a

confissão se mistura com a narração de si mesmo e com um conjunto de sinais que servem e são lidos para serem decifrados. Segundo, é o “dever de dizer tudo e o poder de interrogar sobre tudo”, já que o sexo tem causas inesgotáveis e variadas. O terceiro ponto se justifica através do “princípio de uma latência intrínseca à sexualidade”, que visa saber não somente o que cada um está disposto a falar mas principalmente tirar o que se esconde do próprio sujeito.

Um outro ponto colocado pelo autor é o “método da interpretação”, porque a produção da verdade passa pela interpretação, por uma relação. A verdade não está pronta no interior das pessoas e tomaria forma apenas com a sua revelação e confissão, mas é incompleta naquele que fala e só se torna completa a partir da interpretação do outro. “[...] é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz” (FOUCAULT, 1988, p. 65-66). Quem escuta será o dono da verdade. “Seu poder em relação à confissão não consiste somente em exigí-la, antes dela ser feita, ou em decidir após ter sido proferida, porém em constituir, através dela e de sua decifração, um discurso de verdade” (FOUCAULT, 1988, p. 65-66).

O quinto e último ponto é a “medicalização dos efeitos da confissão”, ou seja, a indicação de caminhos terapêuticos após a confissão. *“Essa cartilha é justamente pra tá dando noções aos educadores como ele deve trabalhar com alunos homossexuais. Não só identificando esse homossexual, mas também de que maneira agir pra trabalhar com ele, pra tá dando auto-estima a ele pra não deixar que os outros alunos agridam fisicamente, moralmente, verbalmente, mas educar não só esses alunos mas toda classe pra tá aceitando as diferenças, a diversidade. Esse aqui é um folheto que a gente dá ao jovem gay que vem meio com dúvida ou qualquer outro gay não assumido. “O que o jovem deve pensar, discutir e planejar antes de se assumir?” Então tem aqui tópicos pra você ficar bem seguro que é homossexual. Com esse folheto ele vai ter as respostas”*.

Esses aspectos parecem estar presentes em todos os procedimentos de confissão e produção de verdade e não é diferente quando se trata do trabalho dos grupos gays que se organiza em torno dessas duas preocupações. Nesses contextos existe a preocupação de fazer falar através da narração de si; e falar de tudo e sobre tudo; entendendo também que a homossexualidade, muitas vezes, está escondida ou mesmo é desconhecida dos sujeitos e, por isso é preciso arrancá-la à força; é fundamental a sua interpretação via relação, que serve para organizar toda reunião e a partir daí se indicar o que fazer após a confissão, que caminho seguir.

5.5 A existência da homossexualidade

Quando os grupos são convidados a falar, quando organizam uma manifestação ou quando constroem um projeto de ação nas escolas e com adolescentes, estão buscando se reafirmarem e mesmo se confirmarem, não só enquanto grupo, mas enquanto homossexualidade e como sujeitos homossexuais. Além disso, estão buscando ampliar essa existência para outros membros. A revelação da existência nas palavras “eu sou homossexual” traz uma outra revelação que é a possibilidade do “outro” como “eu sou”. A existência de um reforça a do outro, que reafirma a primeira e ambas reafirmam a do grupo, que só existe na medida em que os homossexuais também existem.

O homossexual se constitui como tal através dos centros de poder que o definem e sancionam seus papéis, sejam os grupos, a mídia ou o social. Deste modo, a reflexão sobre si mesmo e a experiência vivida passam por esses centros de poder e pelos discursos de verdade que eles constroem. “Não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo. A carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais específicos e pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros” (POLLAK, 1987, p. 58).

Os grupos gays parecem vivenciar essa visão mais do que refletir sobre ela. Tanto que essas saídas para além das reuniões e para além das sedes, visam, dentre outras coisas, contribuir para a existência da homossexualidade, para fazê-la nascer. Daí a necessidade e a importância em se definir o que é ser homossexual, como se torna e fornecer exemplos de descobertas e de histórias de vida desses sujeitos. E, principalmente, demonstrar como os grupos gays podem representar um lugar importante de aprendizado, de encontro com outros homossexuais e de troca. *“Então, Juiz de Fora já tinha uma tradição de está atraindo o público homossexual pra lá e a gente [...] percebia que toda vez que a gente chegava no Miss Gay a gente via as drag-queens maravilhosas, de perucas, de salto alto, andando no Calçadão, de cima pra baixo. Aquela paqueração louca, todo mundo arrumando namorado... mas a gente não via uma camisinha sendo distribuída, a gente não via um folheto sendo distribuído, falando de direito dos homossexuais, de cidadania, de nada disso. As bichas iam pra lá dá close, elas só queriam farra. A gente ficou indignado com aquilo. E a gente percebia que era muito fácil porque os gays já estavam lá. O que nós precisávamos era, simplesmente, falar desse assunto com aquelas pessoas que já estavam lá”. “Nós não somos pessoas que demos errado no nosso sexo. Nós somos homens que demos errados, que queríamos ser mulher. Não é nada disso! Sou homem e adoro*

ser homem. Não trocaria de jeito nenhum. Eu gosto tanto de homens que eu gosto de dois, de mim e de mais um”.

Segundo Pollak (1987) grande parte dos homossexuais já estão convencidos de sua orientação sexual antes mesmo de terem uma experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade seria portanto, definida ou pela essência ou pela sociedade que coloca variados modelos que possibilitam que as pessoas se identifiquem com um deles. Esse tipo de reflexão também parece organizar as saídas dos grupos, que através de seu trabalho revelaria ou ajudaria que as pessoas se entendessem e se revelassem como homossexuais, ou seja, que reforçassem algo que elas “sempre” foram e que não sabiam ou não queriam admitir para si mesmas e para os outros. A “política do sair do armário”, não parece ser apenas a revelação pública, mas também a revelação para si mesmo, comungando com a idéia de que a sexualidade é tão proibida e silenciada que às vezes é preciso se esconder das próprias pessoas, daí a necessidade de buscá-la no fundo dos desejos, pensamentos e emoções e revelá-la.

O homossexual, então, acaba sendo colocado em modelos de história de vida, em que as etapas a serem percorridas são definidas como obrigatórias, assim como os comportamentos valorizados. “O processo que vai do primeiro sentimento homossexual ao primeiro contato e ao momento em que o homossexual assume plenamente sua orientação quase sempre se estende por vários anos, e em muitos casos dura até a idade de trinta anos” (POLLAK, 1987, p. 58). Acreditar nisso faz os grupos gays centralizarem suas ações na tentativa de antecipar essa “angústia” de sentir e não viver. Quanto mais cedo o homossexual (visto que a pessoa já é homossexual porque já sente desejos pelo mesmo sexo) viver a sua homossexualidade, mais cedo será feliz. *“O objetivo é exatamente esse: nós criarmos um lugar bonito, onde as pessoas se sintam bem, onde a sua auto-estima seja valorizada de forma a garantir a prevenção. [...] Então, o projeto é esse: um lugar bonito onde as pessoas podem chegar e conversar, onde possam ser bem recebidas. E são. Então o lugar é esse e o resultado está sendo muito positivo”.* A felicidade estaria ligada diretamente à idéia de revelação, aceitação e vivência da homossexualidade. Uma vez assumida, a pessoa está pronta para entrar no mercado voltado para os homossexuais, como por exemplo, os intercâmbios sexuais, a freqüência em boates, saunas, cinemas, a compra de livros, revistas, a troca de informações e a participação nos grupos, confirmando assim que a entrada nesse circuito garante a existência da homossexualidade, desse mercado e dos grupos.

Nesse sentido, os grupos vêm dispensando uma especial atenção à organização dos jovens homossexuais e mesmo ao fornecimento de informação para eles, de forma geral, a respeito da homossexualidade, pois estes se constituirão como fundamentais para a militância. A preocupação com estes jovens é justificada pelos grupos gays através da necessidade de promoção de uma atenção diferenciada com a aprendizagem, tendo como foco a leitura de mundo, em que primeiro existe a necessidade de se romper com as interpretações que nos são dadas (LARROSA, 2000). No entanto, como os grupos estão muito mais repetindo discursos, comportamentos e definições do que construindo algo novo, o trabalho com estes adolescentes está servindo muito mais para o reforço da identidade e de modelos que o grupo defende, do que para problematizar a construção da homossexualidade. *“Esse projeto é o projeto “Se Ligue”. Esse projeto é financiado pela Pathfinder do Brasil na Bahia. Esse projeto é pra trabalhar dando auto-estima a esses jovens homossexuais, esses jovens que se sentem discriminados, excluídos pela sociedade, pelos pais, pela escola. Porque esse projeto ele visa trabalhar também na escola, formando educadores. Pra que esses educadores consigam está identificando esses alunos... esses alunos mais delicados, né? Podemos dizer assim, esses alunos mais delicados, esses homossexuais. Identificar e fazer com que esses alunos não sofram agressões psicológicas, físicas, dentro da escola. Porque você sofre, ok? Eu sofri quando era adolescente. Esse adolescente vai sofrendo. E eu acredito que a maior parte dos homossexuais sofreu. Xingando. Falando olha, veado! Apontando. Alunos que se juntam pra tá batendo, né? [...] a gente tá pretendendo fazer três workshop pra educadores esse ano...pra justamente tá educando...”*

Dessa forma, as pessoas que se descobrem homossexuais através dos grupos vão construindo uma história articulada à de seus membros, demonstrada através de seus discursos nas reuniões. As falas desses integrantes se confundem com as idéias, o que evidencia a importância deles para a continuidade da luta. O encontro com o grupo parece fundamental para a construção das identidades, já que toda identidade é construída individualmente e coletivamente, daí a importância do social, que fornece os modelos.

A visibilidade está servindo para difundir um discurso, aparentemente, diferente do que comumente está em vigor e essa novidade parece contribuir para aproximação de novos integrantes. Assim, esses discursos podem ser entendidos como instrumento cultural de mediação das identidades sociais, na medida em que estão servindo para criar um sentimento de pertencimento. Nesse movimento, um efeito dessa socialização é o compartilhamento das

histórias, criando a noção de pertencimento e a construção das identidades. Os significados construídos sobre as homossexualidades desempenham importante função na legitimação das identidades. Portanto esse processo de construção de quem somos expõe o papel educativo dos grupos gays, visto que é através da apropriação dos significados das histórias compartilhadas que vão dando sentido e respondendo a questão “quem somos”. Histórias estas que servem para criar um sentido de pertencimento e de solidariedade com os grupos. Essas questões podem ser identificadas na fala de uma adolescente:

Eu acho o que é ser gay... Ser gay não existia pra mim. Nada. Nada. Você não podia ser gay, você não podia conversar, você não podia se assumir, você não podia praticar, você não podia nem pensar, entendeu? [...] Gay não era nada. Você não podia pensar em ser gay, você não podia se assumir, não podia praticar, você não podia ter amigo gay. Gay, meu pai dizia que era desempregado... são todos... você não pode... porque seu nível cultural é muito grande, seu nível escolar é muito grande e seu nível como pessoa é muito grande. [...] Ou seja, você não deve, em hipótese alguma, falar essa palavra aqui dentro de casa. Não! Essa palavra não existe. Eu só podia pensar, eu não podia falar nada. Na escola era a mesma coisa. [...] Então, tinha muito deboche com gay. Tinha deboche comigo, tinha deboche com outra pessoa. Então sempre gay era uma coisa promíscua, que não deveria nem estudar, nem pensar, tá? Agora, quando eu entrei aqui eu vi que era diferente. Primeiro porque eu aprendi que eu podia conversar. E eu podia conversar sobre qualquer coisa, eu senti que o pessoal daqui..., eles pensavam da mesma forma que eu. Então, eu acho que essa identidade... posso dizer assim... é...vontade de conversar sobre os feitos de uma vida gay, falar de gay, pensar, se assumir. Acho que isso dão uma identidade, um caminho. (Mário)

A busca por informação é uma necessidade constante na iniciação das práticas sexuais e na construção das identidades. Informação que significa processos de aprendizagem, que podem ocorrer em diferentes contextos: na família, na escola, no grupo de amigos, nos meios de comunicação e nos movimentos sociais. Deste modo, a discussão se refere à construção de identidades homossexuais. Toda identidade é relacional. Como existem diversas identidades homossexuais, para cada um se identificar individualmente como homossexual, a princípio passa pela identificação dos diferentes grupos que o rodeiam e só assim é possível se identificar com um em especial. “Vamos falar de cada um desses grupos. Homossexuais são homens e mulheres”. “Travesti, homens ou mulheres que modificam seu corpo através de artifícios, cirurgias, silicones, de próteses, do que for para ter aparência do outro sexo. Travesti tem peito, tem bunda”. “Porque é assim... o GGB tem essa coisa assim... de estar incentivando, de dá auto-

estima. Não só com o grupo, falando nas reuniões, mas também nos materiais, os folhetos, as cartilhas. Por exemplo essa aqui “Seja você mesmo”. Então, com certeza, o jovem quando lê vai se sentir melhor. E tem outras cartilhas do GGB que dá auto-estima aos homossexuais. Então assim... eu agradeço muito ao GGB, e ao pessoal que era da direção naquela época. Era um trabalho de está falando, conversando, mostrando, como agir, de que maneira agir. Então, isso tudo vai construindo a sua personalidade. Você vai modificando”.

Então, uma questão que leva as pessoas aos grupos gays é terem se identificado como gays em algum momento de suas vidas. Como ressalta Woodward (2000) as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Essas questões parecem interligadas, ou seja, identificar-se como gay e encontrar o seu grupo de pertença passa pela linguagem e pela imagem.

É cada vez mais freqüente o entendimento do discurso como construção social, como uma ação no mundo. Assim, o seu significado é construído e negociado pelos envolvidos, que estão situados num contexto social, histórico, cultural e em meio a relações de poder que posicionam cada um dos participantes. Quando os integrantes falam sobre homossexualidade eles recorrem às suas histórias de vida e de outros membros como exemplo, que servem para construírem a realidade e para que o público entenda que realidade social estão significando e de que estão falando.

Pensar o discurso como construção social é pensar como a realidade vai sendo construída pelos participantes e como eles próprios vão construindo a si mesmos e aos outros através dos discursos. Assim, por mais que os integrantes dos grupos não tenham consciência desse processo de construção que une discursos (linguagem) e identidades, eles estão percebendo a construção das identidades homossexuais como processos, que são sempre intermináveis porque dizem respeito às representações, aos discursos, às imagens que estão sendo produzidas sobre homossexualidades.

Então, quando vão às escolas falar de homossexualidade para adolescentes, por exemplo, e contam o que passaram, como se sentiam e como agiam quando eram também adolescentes, estão criando vínculos através dos discursos, como aqueles que sentem e agem da mesma forma ou que se aproximam do que eles falam. Se as identidades são construídas pela linguagem, pela relação com o outro, há de se discutir como os grupos estão contribuindo para a construção das identidades dos adolescentes quando vão às escolas falar sobre as homossexualidade. Qual o

papel das histórias compartilhadas nesse processo? Como a história do outro serve para a construção de pertencimento? Como nos engajamos e engajamos os outros nos discursos e como os significados são construídos? Assim sendo, a construção das identidades pode ser entendida como resultado dessa socialização institucional, seja ela feita no encontro dos grupos gays com as escolas, seja no interior dos grupos com o compartilhamento das histórias de vida.

A identidade como homossexual é construída em diálogo com o outro, mais do que pela convicção de pertencimento ao grupo. Mas a partir daí, o sujeito busca informações sobre o que é ser homossexual. Assim, o espaço dos grupos gays se torna local de informação por excelência, lugar procurado para se saber quem é, ou seja, para descobrir o que é essa “coisa” chamada homossexual. Seguindo esse raciocínio, o trabalho dos grupos gays adquire um outro sentido, de extrema importância e responsabilidade. São momentos muito bem planejados, organizados com dinâmicas, oficinas, vídeos e distribuição de material.

A narrativa das histórias de vida parece servir para entendimento de quem conta e de quem ouve, de como aprenderam a construir suas identidades como homossexuais na vida social. Neste sentido, elas servem para criar sentidos, para explicar o mundo e para entender como nós somos neste mundo. Contar e ouvir histórias de vida, expressar emoções, sentimentos e significados servem para construir a identidade de quem conta e as identidades dos outros, que estão participando dessas narrativas. Compartilhar vivências cria uma noção de grupo de pertencimento, já que a história contada não é somente a de quem conta, mas igualmente a dos outros, seja pelo que se assemelha ou pelo que se diferencia. Tais relatos de vida tão presentes nas reuniões com os adolescentes, podem servir para criar sentido interno de si-mesmo, assim como para transmitir e negociar este si-mesmo com os outros.

Você não sabe ainda como eu vim para o MGM? Foi assim. Eu tinha um amigo. A gente sempre andava juntos. [...] Aí tá. Ano passado ele me contou que era gay. Eu não sabia, eu desconfiava. Ai tá...Eu tinha uma vida gay assim. Eu tinha ido uma vez na Blade, uma vez no Musik, só. [...] Aí eu fui poucas vezes lá e não gostei. Eu tinha que achar um meio de encontrar amigos gays sem deixar claro... primeiro eu queria encontrar amigo e não namorado, eu queria achar amigo porque eu não sabia o que era ser gay, entendeu? [...] Eu vi um programa, teve um atentado aqui... sei lá... Aí depois eu vi o Oswaldo na televisão aí eu falei “vou lá conhecer”. [...] Achei um ambiente familiar, sabe? Você pode conversar, você pode se abrir, pra todo mundo, você pode ser quem você é. [...] Por que eu gostei daqui? Primeiro porque eu encontrei gente com quem eu posso conversar tudo que eu quero. Segundo porque não tem ninguém rindo da minha cara, segundo porque eu não sabia nada e até hoje eu estou

aprendendo o que é ser gay. Você pode ver que eu tenho as perguntas mais inocentes. E, terceiro porque eu achei o ambiente familiar, entendeu? Eu gosto de ambiente familiar, eu gosto de gente que preserva a família, de gente que te vê como amigo, que não te vê como um pedaço de carne, sabe? (Mário)

Parece suficientemente claro que não é possível pensar a construção das identidades individuais sem uma relação com os grupos sociais, já que a construção ocorre no contato e confronto com outros indivíduos. Como nos lembra Hall (1999, 2000), Veiga-Neto (2000), Silva (2000), WoodWard (2000), as identidades se fundam no social, ocorrendo uma relação entre a identidade individual e a identidade social. Deste modo, os grupos adquirem uma maior importância já que são eles que fornecem algum sentido de uma história e de uma experiência compartilhada. Ou seja, há um sistema de significação que passa a ser partilhado pelos integrantes do grupo e que serve para que outros indivíduos se sintam parte dessa experiência, gerando o sentido de pertencimento. Assim, os novos integrantes passam a fazer parte, ao mesmo tempo, desse sistema de significação e do grupo.

É esse sistema de significação que é posto em prática pelos grupos gays quando seus integrantes vão falar sobre o que é a homossexualidade, o que significa ser homossexual e fazer propaganda para os projetos do grupo.

É esse “em comum” que faz com que o grupo G seja visto, tanto pelos “de fora” quanto pelos “de dentro” (pelos próprios I), como uma comunidade, como um grupo que tem *em comum* uma identidade. O que costuma denominar “sentimento de pertença” só existe nos “de dentro”, dado que eles foram atingidos por uma interpelação de maneira completamente diferente do que aconteceu aos “de fora”. É esse sentimento de pertença que confere a identidade ao grupo e a cada um de seus indivíduos. Mas dizer que todos partilham do mesmo “sentimento” não significa dizer que o que eles têm em comum se esgota numa simples disposição afetiva; o que eles têm comum pode incluir um *esprit de corps*, o uso de uma linguagem própria, determinadas produções materiais e simbólicas, determinadas disposições comportamentais e corporais, etc., tudo isso girando em torno do significado (VEIGA-NETO, 2000, p. 59-60).

O que Veiga-Neto defende é a força da linguagem e dos discursos para a criação de significados, o que possibilita o sentimento de pertença, originando a idéia de uma identidade em comum, capaz de unir os que compartilham esses sentimentos em grupos. Esse tipo de reflexão está presente nos grupos gays observados. No entanto, eles perdem a oportunidade de explorar melhor as questões importantes para essa negociação, confronto e esse jogo de significados que

estão se fazendo, como por exemplo, o próprio entendimento das identidades como construção e não como essência, como algo híbrido e não absoluto. Eles desconhecem também os perigos dessa falta de reflexão sobre essa relação entre identidade e grupos, como por exemplo, a classificação antecipada ou mesmo precipitada de alguns adolescentes como homossexuais. Provavelmente lhes falte o entendimento de que o que os seus membros compartilham não vai além desse sistema de significado que os identifica. Dessa forma, acabam caindo no mesmo erro que atinge a classificação dos homossexuais pela sociedade abrangente, ou seja, de absolutizar a homossexualidade. O indivíduo passa a ser “o” homossexual, numa classificação hierárquica clara e de apagamento das outras identidades que o constituem.

A preocupação com a educação e a ação dos grupos nas escolas demonstram a importância desse espaço e dos jovens para a manutenção dos grupos e da construção de discursos sobre a homossexualidade. A construção das identidades individuais e coletivas e, portanto, a manutenção dos grupos gays passa pela noção de reconhecimento, de pertencimento e de solidariedade, fundamentais para que novos membros integrem-os, renovando-os. *“Então a nossa idéia inclusive é ver se a gente consegue aqui em Ouro Preto, uma galera que possa está montando um grupo desse e possa está mantendo contato com a gente, né?”* Por tudo isso, os coordenadores dos grupos sempre ressaltam a importância do trabalho junto aos adolescentes e das escolas como ocupação de um espaço, do cânon, e como a renovação dos seus quadros, capaz de levar a luta adiante. Além disso, essas atitudes representam a visibilidade da ação dos grupos, contribuindo para recompor os seus quadros, produzindo o quadro cultural que justificam a mobilização (VIANNA, 1999).

Neste sentido, problematizar a inserção nos grupos gays é, a um só tempo, trazer para reflexão a construção das identidades homossexuais e a manutenção, a continuidade e a revitalização dos grupos. Unindo esses aspectos está a produção dos discursos e imagens da homossexualidade, em um processo de educação que envolve a transformação dos indivíduos que estão construindo suas identidades como homossexuais.

Os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade. Um regime de verdade é constituído por séries discursivas, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não-verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido - pelo menos até que aí se estabeleça um outro regime de verdade. Cada um de nós ocupa sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser

constantemente “bombardeado”, interpelado, por séries discursivas cujos enunciados encadeiam-se a muitos e muitos outros enunciados. Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico *no qual e através do qual* daremos sentido às nossas vidas (VEIGA-NETO, 2000, p. 56-57).

Discutindo a relação entre movimentos sociais e a construção das identidades, Vianna (1999) chama atenção para um aspecto dessa relação que é a tensão entre permanência e mudança. Pensando nas identidades como a experiência entre o individual e o social, a autora defende que a permanência tem como contraponto a mudança. Embora os grupos gays a defendam, o que ocorre na prática é a permanência das visões da homossexualidade como essência, ligada à verdade de cada um, relacionando revelação com felicidade e defendendo a inserção nos grupos e na luta. A política das identidades, sobretudo no que se refere às identidades coletivas, contribui para um entendimento melhor a respeito dos movimentos sociais, visto que elas dizem e servem para entender a ação coletiva que organiza os movimentos. *“Eu acho que hoje... pra mim é assim... o movimento gay hoje está mais forte, mais fortalecido, por essa questão de está na mídia, nos meios de comunicação. [...] A comunidade homossexual é difícil de está inserida no movimento, porque os homossexuais de classe A não se sentem discriminados. Então não sei se inserem no grupo. A gente percebe, pelo menos aqui na Bahia, que são pessoas mais de baixa renda, que já querem está inseridos nos grupos. Eu acredito que isso é motivado pelo acesso à informação e questão de classe social. [...] Eu acho que o movimento gay contribui muito para a questão da homossexualidade. Porque se não fosse o movimento gay, eu acredito que os homossexuais e a homossexualidade, hoje, estariam como uma doença, como pecado. Ainda tem. Os grupos contribuíram muito de está quebrando esses tabus todos, que se tinha da homossexualidade. Eu acredito que se não tivesse o movimento não se tinha esse pouco de liberdade que nós homossexuais temos. O gay a gente sabe que sempre existiu. E foi com esse movimento que teve mais acesso e que outras pessoas até tentam olhar com bons olhos”*.

5.6 O lugar de “margem” dos grupos

A ocupação de outros espaços pelos grupos gays, como nos exemplos utilizados: Shopping-Center, Universidade e escolas, parece reforçar a realidade social que ocorre em outros

dias, diferentes daqueles em que sua presença é legitimada e confirma porque essas ocupações são tão contrárias e invertidas ao que é “aceito”, o que reforça o caráter de margem dos grupos gays e da homossexualidade. No entanto, esse tipo de manifestação é entendido pelos grupos como muito importante para criar possibilidades de alternativa para o convívio entre as sexualidades e para o contato coletivo. A atenção com a segurança, com os horários, com os locais de concentração e dispersão, com os nomes de quem vai discursar, enfim, toda preocupação com os discursos, imagens e relações produzidas revelam o seu caráter de excepcionalidade. Apenas naquelas ocasiões há uma transferência da posição de marginalizados, com as homossexualidades ocupando a posição de destaque, central, até mesmo no sentido simbólico quando ocupam outros espaços importantes socialmente, ligados ao conhecimento e ao consumo.

Neste sentido, essas manifestações de militância se aproximam ao dia do Índio, da Consciência Negra, da Mulher, ou seja, se transformam em momentos contemplativos de outras “culturas”, que adquirem assim um caráter de espetáculo, exibição, ressaltando o sentido da festa, da excepcionalidade, da diferença e da margem. Quando são esses os sentidos apreendidos, o público alvo não percebe a dimensão e a importância das denúncias do movimento gay na forma em que os grupos esperam, não se comprometendo com as propostas. É um dia diferente, um assunto diferente, que será apresentado em horário e local especial, preparado de forma especial e que no outro dia volta tudo ao “normal”, de forma que se transforma em um momento de contemplação, em um espetáculo. Assim sendo, esse momento único, excepcional passa a ser uma “pequena abertura em um lugar central, de onde se espia o excêntrico. Na medida em que se diz que uma coisa é excepcional, declara-se que existe outra que é a norma” (SOARES, 2003, p. 145-146).

Tais tipos de manifestações desde a modernidade, foram levadas para dentro das casas, no espaço privado. Constroem-se as diferenças entre o que pode e deve ser feito no espaço público das ruas e o que, ao contrário, estaria reservado ao espaço privado das casas. A rua está sujeita ao controle do poder público, do governo, que ao longo do tempo, foi sendo incorporado pelos indivíduos e se transformando no auto-governo, em que todos apreenderam o que pode e o que não pode ser feito nesses espaços, definindo papéis sociais e ações permitidas. A felicidade dos membros ao revelar suas sensações para os outros no grupo e, em poder falar e ocupar um espaço público parece se aproximar do entendimento de aceitação e de rompimento de uma barreira que

uma vez aberta promete novas mudanças. *“Nós temos encontrado dificuldade que é dos homossexuais estarem inseridos no grupo. O projeto “Se Ligue” tem um número legal, mas se todas as pessoas que já passaram no projeto “Se Ligue”, viesse toda quarta feira teria mais de 50 pessoas aqui. Mas não vem... Mas também o que que a gente faz. “Se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé”. Se tem um grupinho de adolescentes ali, a gente tá lá Não só na escola. Eu já fiz oficina até na rua. Numa pracinha pública a gente leva o material, chama todas as bibas e fazemos. [...] A dificuldade é das pessoas estarem vindo aqui, de estarem no grupo. Gostaria que tivesse muito mais. Essa rotatividade de adolescentes homossexuais”*. Essa análise serve para manter a existência do grupo, assim como para justificar a continuidade do seu trabalho e da sua luta, sobretudo, ressaltando a necessidade de novos membros que se juntem a essas ações para o rompimento de novos espaços não permitidos à homossexualidade, como uma estratégia de guerra. A emoção revelada pode ser entendida também como reflexo da transgressão.

Desde o século XIX, a homossexualidade está ligada à idéia do medo, o que fez com que ela se expressasse através do “filtro da repressão” (SENNETT, 1988, p. 20). O medo e a repressão estão presentes, ainda hoje, para esses segmentos, servindo o tempo todo para justificar a existência dos grupos, suas ações e a ocupação de outros espaços para além das suas sedes. Partindo do princípio de que toda e qualquer realidade só existe quando interpretada, o desafio parece está localizado na capacidade de criar hipóteses ou versões imaginárias do real que rompam com o passado que as criou.

Nessa luta, os grupos gays organizados tentam se preparar para enfrentar e se rebelar contra esse passado e o que ele significa quanto ao medo, à repressão, à norma e o científico. No entanto, nem sempre suas ações de combate estão surtindo esses efeitos, mas o seu contrário, ou seja, reforçando a norma e o local da homossexualidade como margem, como o diferente, reorganizando a repressão como reflexo da maior exposição, associando cada vez mais a homossexualidade ao desejo, à festa, ao carnaval. Mesmo porque a sexualidade marca os limites e as possibilidades para as identidades, delimita o que somos e o que sentimos. No entanto, Sennett (1988) denuncia um equívoco de entendimento ao defender que a sexualidade é um estado expressivo e não um ato expressivo. Essa última forma de percebê-la parece presente nas

ações de militância dos grupos gays, que passam a ser um exemplo de ato expressivo preparado, pensado, como se fosse possível dominar a sexualidade como um instrumento manipulável. Daí toda discussão a respeito do comportamento dos homossexuais, na tentativa de reprimi-los para demonstrar e criar um modelo “mais aceito” socialmente. Se um grupo controla e vigia o outro, diminui a sociabilidade e aumenta o isolamento, confirmando o paradoxo da visibilidade e do isolamento tão presentes no trabalho dos grupos gays.

6 “SEJA VOCÊ MESMO”: ENTENDER E CAPTURAR AS HOMOSSEXUALIDADES – A PRODUÇÃO DOS DISCURSOS DOS GRUPOS GAYS NOS MATERIAIS PRODUZIDOS E DISTRIBUÍDOS

Um aspecto importante chama atenção quando se analisa o trabalho dos grupos gays: a dedicação à produção de material escrito. Todos os grupos, não somente os pesquisados, se preocupam em elaborar algo escrito. Por um lado porque serve para fazer propaganda do trabalho e das reuniões, buscando atrair mais integrantes. Por outro é uma forma de ampliar a militância entendendo que esse tipo de material busca atingir aqueles que não estão no grupo. Enfim, apostam na mudança de comportamento e de entendimento da homossexualidade através do que têm acesso. Além disso, esse material também serve para contar a história dos grupos, seus objetivos, seus campos de atuação, projetos, divulgar vitórias, enfim serve para documentar a sua estruturação e organização. Também são utilizados para estruturar alguns projetos, como cartilhas que são utilizadas nas aulas, palestras e cursos. Assim, esse material tem uma função didática, ou seja, buscar estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem entre os grupos, destina-se ainda àqueles que se sentem homossexual e à população de forma geral.

São variados os tipos de produção: jornais, revistas, cartilhas voltadas para um público específico (travestis, adolescentes, professores, etc), cartões postais, mensagens, propagandas, cartazes, calendários, porta preservativos, guias com mapas das cidades definindo os locais de frequência gay, enfim, tudo que pode ser utilizado para distribuição em público e para a divulgação dos grupos, servindo para ampliar o trabalho. Tudo fica, sempre à disposição dos integrantes, na sede dos grupos, mas é direcionado para outros espaços como por exemplo, manifestações públicas (Paradas do Orgulho Gay, *Rainbown Fest*, Miss Brasil Gay, etc), palestras e cursos de que participam, nas escolas, universidades, sindicatos e outros locais para os quais são convidados para falar sobre a homossexualidade, espaços de diversão gay como saunas, boates, bares, cinemas e ocasiões festivas do calendário nacional como o carnaval e reveillon.

Diante da abrangência da diversidade de material produzido, o que se destaca é a preocupação de fazer dessa produção um momento privilegiado de definição da homossexualidade e, portanto, para o exercício de produção dos sujeitos homossexuais e da homossexualidade. É neste sentido que as análises feitas nos capítulos anteriores também estarão

presentes nesse material, já que estes escritos, de forma geral, não modificam significativamente a construção dos discursos produzidos nas reuniões, mas representam a possibilidade de repetição como forma de reafirmá-los, de transformar em escrita o que está na fala, para confirmar para aqueles que já ouviram ou para levar para aqueles que nunca tiveram oportunidade de escutar os integrantes.

6.1 O que é a homossexualidade? O que é o homossexual?

A preocupação com a definição da homossexualidade e do homossexual está constantemente presente nos materiais produzidos pelos grupos, tanto de forma direta, quanto de forma indireta, mas sempre construindo uma “verdade” e uma idéia de grupo. Numa cartilha produzida e distribuída pelo GGB e intitulada “ABC dos gays – Cartilha para desenvolver auto-estima, cidadania e a promoção de práticas sexuais mais seguras de prevenção da AIDS para homossexuais”⁴⁶, encontra-se a seguinte definição:

1. O QUE TODO MUNDO DEVE SABER SOBRE HOMOSSEXUALIDADE O QUE É HOMOSSEXUALIDADE

Para começo de conversa, vamos dar nome aos bois, ou melhor, aos *veados*. Aliás, esta é uma primeira questão: porque apelidaram os homossexuais de veados? É só no Brasil que existe esta associação entre o animal veado e o homossexual: na Europa o veado representa a masculinidade e é até símbolo nacional de alguns países. Será que relacionaram o gay ao veado porque se trata de um bichinho elegante, fino, “fresco”, de andar delicado igual o Bamby dos filmes de Walt Disney? Ou porque na natureza os veados machos andam sempre juntos e transam entre si? Em Pernambuco chamam os gays de *frango*, no Rio de Janeiro de *boiola*, no Maranhão de *qualira*, no Ceará de *baitola*, na Bahia de *chibungo*, etc, etc. Tem mais de 60 nomes diferentes usados pelo povão para descrever nossa categoria, quase todos usados mais como insulto do que nome próprio. A palavra **homossexual** é a mais antiga de todas e significa *sexo igual*, sendo portanto aplicável tanto para homem que transa com homem (gay) como para a mulher que transa com outra mulher (lésbica). É uma palavra universal, criada em 1869 pelo jornalista gay-húngaro Benkert. Portanto, homossexual é quem ama e sente atração pelo mesmo sexo.

⁴⁶ Esta cartilha é produzida com o apoio do Programa Nacional de Aids e Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde. O texto e a produção ficam sob a responsabilidade do Prof. Luiz Mott.

A definição da homossexualidade também é construída pela diferença. Neste sentido, a cartilha contém outras definições como o que é a heterossexualidade e a bissexualidade. “**Heterossexual**⁴⁷ é o contrário: quem gosta do sexo oposto, e **bissexual** é o que transa com os dois sexos”. Além disso, como o próprio título deixa transparecer este material é basicamente um manual com “dicas” e “verdades sobre a Homossexualidade”, servindo para ensinar como se identificar e se assumir.

Vamos começar o **ABC DOS GAYS** enumerando **Verdades sobre a Homossexualidade**, dando os argumentos para você entender melhor sua própria homossexualidade e ter argumentos para rebater os ataques, indiretas e agressões dos ignorantes. Todas as informações aqui divulgadas se baseiam em livros científicos, em pesquisas sérias que podem ser comprovadas por especialistas. Se você desejar aprofundar algum desses temas, encontrará indicações no final da cartilha.

Na citação acima o grupo tem a preocupação de revelar as bases para definir as “Verdades sobre a Homossexualidade” e que podem remeter o leitor à idéia de Ciência. Quando referenda o que escreve como que retirado de “livros científicos”, “pesquisas sérias” e “comprovadas por especialistas”, o grupo está utilizando-se de um discurso reconhecido e “respeitável”, porque “neutro”. Em outras palavras, há o esclarecimento de que não são eles, os sujeitos, que estão dizendo, mas é a Ciência, com “C” maiúsculo. O que está escrito adquire um poder maior. No entanto, não há discurso neutro, todos têm objetivos.

Essas verdades sobre a homossexualidade são traduzidas e explicadas em dez pontos, sob os títulos: 1. Ser homossexual não é crime. 2. Homossexualismo não é doença. 3. Homossexualidade não é pecado. 4. A Homossexualidade sempre existiu. 5. Todos os povos praticam a homossexualidade. 6. A homossexualidade é natural. 7. A causa da homossexualidade é um mistério. 8. Gay, travesti e bofe. 9. Homossexualidade não é sinônimo de cópula anal e 10. Homossexuais célebres⁴⁸. As dez verdades se organizam através de pontos contraditórios. Todos os discursos que serviram para organizar a homossexualidade desde a Idade Média, ou seja, os discursos médico, jurídico e o religioso, e que foram trabalhados nos capítulos anteriores, são

⁴⁷ Katz (1996), recupera a história da heterossexualidade. Um primeiro aspecto importante desse trabalho foi considerar a heterossexualidade como uma construção e não como algo natural e, que portanto, tem uma história. O termo heterossexualidade foi construído a partir da definição de homossexualidade. Ele foi incorporado à nossa linguagem somente no século XX.

⁴⁸ Os dez pontos aqui descritos referem-se a títulos próprios da cartilha **ABC DOS GAYS**, sendo que cada um deles são descritos em um texto explicativo.

recuperados nessa publicação. Todos estão mais presentes do que se imagina. A homossexualidade, os grupos e as experiências dos homossexuais são frutos desses discursos.

O grupo CORSA também conta com a “sua verdade” sobre o que é homossexualidade, exposta claramente em uma publicação destinada a educadores e pais, que fazem parte do projeto “Educando para a diversidade”, distribuída nas escolas em que atuam e nas palestras⁴⁹.

A Homossexualidade

O único elemento que se altera na composição entre heterossexuais e homossexuais é a orientação do desejo. O homem homossexual é aquele que tem o seu sexo biológico masculino e se sente em acordo com ele, ou seja, sabe que é um homem e se identifica como tal, se comporta de acordo com os papéis sociais e sexuais tidos como masculinos e seu desejo, sua atração afetivo sexual, é direcionada à pessoa do mesmo sexo biológico que o seu.

E, como se trata de um material destinado também aos pais, o documento dedica uma parte à relação entre pais e a homossexualidade, intitulada “O Homossexual e seus Pais”. O pressuposto que serve para a sua organização é de que a revelação e a visibilidade são inevitáveis. *“Se para o próprio gay ou lésbica é difícil se assumir, para os pais também não é nada fácil lidar com a homossexualidade dos filhos”*. Essa afirmação serve como uma determinação de comportamento, quase que exigindo daquele que já se identificou como gay, na sessão anterior, de se assumir, ou seja, “agora que você já sabe que é gay, chegou a hora de se assumir e de saber como os seus pais vão reagir e o que sentem”.

Ao se pensar que esse material é distribuído para pais e educadores, é possível ressaltar seu papel educativo, no sentido, de ensiná-los a reconhecer e identificar seus filhos e alunos como homossexuais, assim como esclarecê-los sobre o que pensam, porque pensam e como podem promover mudanças. Para isso, o material fornece, detalhadamente, etapas pelas quais passa essa relação, possibilitando que se identifique em qual delas se encontram, por quais já passou, quais as que faltam, enfim, há o fornecimento de modelo de comportamento. Os grupos assumem o papel que a sociedade lhes confere, demonstrando que todo mundo é um pouco carrasco e vítima. Em determinado momento se colocam como vítimas e em outros acabam exercendo o papel de carrasco dos próprios homossexuais, no sentido de definir as fases por que cada um deve passar, caindo na armadilha construída pela sociedade, que parece pedir esse enquadramento, como se todos fossem “obrigados” a passar pelas mesmas coisas para serem considerados homossexuais,

⁴⁹ Este material tem o apoio da Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

ou melhor, aquilo que permitiria identificá-los como tais. As etapas são as seguintes. FASE DA DESCOBERTA: Culpa, Confusão, Vergonha, Desamparo, Isolamento, Raiva, Frustração, Desilusão, Traição, Sentimento de perda. FASE DA NEGAÇÃO: Hostilidade, “Fazer de conta” que aquilo não existe, Minimizar a importância do fato, Culpar influências externas. FASE DAS ATITUDES DE DEFESA: Religião, Médico, Psicólogos ou Psicanalistas, Aprender o que é a homossexualidade. FASE DA CONFORMAÇÃO: fase da aceitação.

Os grupos também buscam construir uma noção do que é a homossexualidade de forma indireta e distribuída em meio aos textos e sessões, que a princípio, não teriam a preocupação de tratar das definições. Quase sempre essas definições são construídas a partir de histórias de vida, divulgação de algum trabalho, informação sobre algumas consequências da homossexualidade, enfim, momentos de informação que também estão servindo para “educar”, identificar e definir comportamentos.

Em uma entrevista intitulada “Ser adolescente e gay”⁵⁰, um dos coordenadores do Grupo de Adolescentes Gays (GAG), do MGM, fala sobre as alegrias e dificuldades de ser um adolescente gay. Contando um pouco da sua história de vida, o texto busca definir como se sente um jovem que se descobre gay, que acaba servindo ou tendo a função de servir de enquadre, de padrão para quem tem acesso à reportagem que pode se basear nas informações para “saber” o que é ser gay, como se sente, quais as dificuldades e alegrias que enfrenta.

- Os conflitos da adolescência se agravam quando o jovem se descobre homossexual?

O preconceito atrapalha a vida do adolescente quando ele se descobre gay. Muitos, além dos conflitos naturais da adolescência, têm que lidar com problemas de auto-aceitação, preconceito da família, dos amigos, repressão pela religião e pela comunidade. Isso se reflete no rendimento escolar e pode levar à depressão. É muito comum haver gays traumatizados por sofrerem preconceito na adolescência. Os colegas excluem o adolescente gay e ele se reprime, inferiorizando-se.

- Como são as reuniões do Grupo de Adolescentes Gays do MGM?

As reuniões do GAG destinam-se a gays, lésbicas e bissexuais com idade entre 14 e 24 anos. A gente entende que criar uma identidade só é possível através do convívio social com pessoas que compartilham a mesma realidade, por isso o

⁵⁰ Esta entrevista se encontra na MGM Revista, n. 2, abril de 2005. A publicação desta revista iniciou em 2005, em função da aprovação de um projeto enviado pelo MGM ao Ministério da Saúde, que aprovou-o. Dessa forma, a revista é toda financiada pelo Ministério da Saúde, com o apoio da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais e da Coordenação Estadual de DST/Aids. Este projeto possibilitou ao MGM a contratação de 8 estagiários de comunicação da UFJF, além de pagar o trabalho de um Editor e jornalista responsável.

MGM criou as reuniões específicas para os adolescentes. A cada semana é debatido um tema, escolhido pelos próprios participantes das reuniões. Quem quiser saber os temas deste ano, é só acessar o Portal MGM.

- **Quais as dicas que você dá para quem quiser “sair do armário”?**

Tem que ter coragem e contar. Não existe momento certo. Um caminho pode ser, por exemplo, pedir ajuda para um parente próximo, que seja compreensivo e que ajude na hora de assumir para a família.

Para Anzieu (1993) todo grupo é resultado da subjetividade, que é projetada sobre ele por aqueles que o compõem. Isso faz com que primeiro haja a necessidade de se criar o sujeito homossexual, fazer com que as pessoas se sintam homossexuais para só posteriormente existir o grupo, na medida em que esses se sintam parte dele. Talvez por isso tanta preocupação em definir a homossexualidade, sobretudo reafirmando sua relação com o desejo e apenas com o desejo como suficiente para essa definição. Definição esta que está servindo para que os outros se sintam também homossexuais, que sejam capazes de identificar através de seus desejos a homossexualidade latente. O material estaria servindo para “revelar” a homossexualidade para aqueles que tem acesso a ele e nele se enquadram. Ou seja, há um entendimento de que a homossexualidade é uma coisa desconhecida, tanto para aqueles que não a vivenciam e que “não são homossexuais”, como para aqueles que “não sabiam que são, mas que na verdade sempre foram”, porque a homossexualidade teria uma capacidade de se esconder, reforçando a necessidade de ir buscar, de revelar para os outros.

Todo grupo tem a necessidade de se proteger, de afirmar sua existência e de servir de estímulo externo e de pulsão para o seu grupo mais abrangente. E, ele só concretiza essas ações se for capaz de construir para si, através de seus membros e para os seus membros, um sentido de pertencimento em cada um deles, fazendo com que assumam a perspectiva defendida e a luta como sendo suas (o grupo se torna o indivíduo) e também buscando agir na cultura circundante e nas imagens, discursos e representações coletivas do grupo (ANZIEU, 1993). A construção de um sentimento de união, de pertencimento é forjada em várias publicações, como pode ser demonstrada por esse panfleto distribuído pelo GGB em manifestações públicas:

Gays, lésbicas e transgêneros de todo o mundo

Uni-Vos!

Em defesa de nossa cultura

Em defesa de nossa igualdade

Em defesa de nosso estilo de vida

Em defesa de nossos desejos
Em defesa de nossos direitos
Em defesa da liberdade

Se não nos unimos para lutar por nossos direitos, estaremos decretando a nossa destruição e conseqüentemente, o fim de tudo aquilo que acreditamos que seja liberdade e felicidade. Formamos um enorme grupo que permeia todo o tecido social de nossa cidade e estado. Obviamente temos perfis diferentes, mas vivenciamos em profundidade a mesma experiência de rejeição, fruto de uma sociedade marcadamente adversa à homossexualidade. Unidos somos mais fortes! Precisamos nos compreender melhor e nos apoiar mutuamente. O Grupo Gay da Bahia (GGB) oferece oportunidade de diálogo e auto-defesa, para lidar com esta sociedade que maltrata a todos nós, gays, lésbicas e transgêneros. Venha participar de nossas reuniões. Convide seus amigos a entrar nesta luta também.

Não fique só. Fique sócio. Participe das atividades do Grupo Gay da Bahia.

O conteúdo do texto aponta para a necessidade do próprio grupo de se dedicar a desconstruir e a construir representações a seu respeito, que estão presentes na definição do que é homossexualidade e do que é homossexual. A idéia do grupo, da homossexualidade e do homossexual passa pela “fantasia”, que tem uma função defensiva, servindo para “mascarar” o grupo e seu trabalho, para lhe dar uma imagem e representação ideal que serve para trazer as pessoas para os grupos, para mantê-las, a fim de levá-los a se defender e a se assumir (ANZIEU, 1993). A “fantasia” serve para produzir efeitos particulares sobre os pensamentos, afetos e condutas dos membros dos grupos e das pessoas que não estão neles, mas que são o público em potencial para sua ampliação. E, a imagem que é passada nesse material produzido e distribuído é baseada na “fantasia”, já que é sempre uma propaganda positiva dos grupos.

“O GGB É O ORGULHO DA BAHIA”⁵¹ (Caetano Veloso)

1. O que é o GGB?

O Grupo Gay da Bahia é o “sindicato dos gays”. É uma sociedade civil, registrada no Cartório, declarada de “utilidade pública municipal”, e tem como objetivo defender os direitos humanos dos homossexuais e ensinar a sociedade a nos respeitar como cidadãos.

2. [...]

3. Qual a “utilidade pública” do GGB?

Somos um grupo de defesa dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis. Se você ou alguém que você conhece foi vítima de qualquer discriminação por

⁵¹ Este é um folheto de distribuição rápida utilizado em manifestações do próprio grupo e em ocasiões de festa em Salvador, servindo como apresentação do GGB e convite para participar da reunião.

ser gay, nós estamos capacitados a dar assistência jurídica para fazer valer nossos direitos de cidadãos. OGGB, aliado ao *Centro Baiano Anti-Aids* também trabalha na prevenção da Aids e das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Distribuição grátis de camisinha, cartilhas e folhetos informativos, oficinas de sexo seguro.

4. Venha visitar a sede do GGB!

Você só tem a ganhar, pois estará num ambiente alegre, inteligente e politicamente correto, onde será respeitado como ser humano, sem ter de fingir o que não é. [...] Venha participar de nossas “oficinas de sexo seguro” e aprender como transar sem correr o risco de se contaminar pelo HIV-AIDS. Passe a diante este folheto e venha constatar que Caetano tinha razão quando declarou na imprensa: “O GGB é o orgulho da Bahia”.

Quase sempre essa imagem idealizada dos grupos é construída através da propaganda das vitórias alcançadas, demonstrando que se trata de um lugar em que se pode transformar a realidade. A “fantasia” é a de que a participação faria com que os problemas fossem resolvidos, senão agora, em um futuro próximo, já que as conquistas demonstram que estão no caminho certo de construção de um futuro melhor. Mesmo porque trabalham com a “fantasia” do que é ser homossexual. Somente reforçando o “destino manifesto” dos homossexuais chegar-se-á à consciência de que passam pelos mesmos caminhos, sentem as mesmas coisas, sofrem as mesmas agressões, e assim, precisam ou algum dia irão precisar dos grupos gays, que já estão lutando contra isso. A “fantasia” do que é ser homossexual é construída conjuntamente, ou serve para construir a “fantasia” do grupo.

O V dos cinco anos do MGM é V de vitória⁵²

- **Movimento Gay de Minas (MGM)** surgiu em 2000 como uma organização não governamental de luta e defesa dos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros brasileiros. Logo se tornou um local onde os homossexuais podem se reunir, discutir seus assuntos e encontrar na união a solução e ações para a afirmação da cidadania GLBT.
- **Vitória contra o Preconceito**
O preconceito contra homossexuais está em todo lugar: família, trabalho, escola. Preconceito difundido através de estereótipos transmitidos de geração em geração, sem nenhuma justificativa plausível que os ampare como legítimos ou verdadeiros.
Foi em 2004, na II Parada da Cidadania e Orgulho GLBT de Juiz de Fora, organizada pelo MGM, que os resultados dessa luta ficaram mais explícitos. Estiveram presentes no evento 35 mil pessoas, unidas contra o preconceito. A

⁵² Este material foi produzido por ocasião do V aniversário de existência do MGM, em 2005, sendo distribuído em eventos da cidade.

participação foi três vezes maior do que no ano anterior, mobilizando famílias, idosos, crianças e jovens, numa festa de muita alegria, paz e respeito às diferenças.

- **Vitória contra a Intolerância**

O preconceito contra os homossexuais se manifesta através da violência. Gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros são agredidos pelo simples fato de existirem e amarem de uma forma diferente. Essa violência vem sendo combatida amplamente por grupos de direitos humanos em todo o mundo.

O MGM também luta contra a violência homofóbica e a impunidade. Como resultado concreto dessa luta, em 2004, nenhum assassinato por homofobia foi registrado em Juiz de Fora, enquanto nos anos anteriores havia a média de quatro ou cinco casos.

- **Vitória contra a Discriminação**

O MGM acredita que os homossexuais não devem ter um tratamento diferenciado dos heterossexuais, e que ambos compartilham dos mesmos direitos humanos de organização, expressão e soberania.

A organização luta pela aprovação de leis que penalizem a discriminação e o preconceito contra gays e lésbicas e realiza eventos de integração social como a Rainbowfest, uma semana que reúne estudiosos e autoridades ligados à cidadania GLBT, dedicada à discussão de temas ligados à homossexualidade, conferências, seminários, exposições de arte, shows e campanhas de conscientização, apresentando ótimos resultados.

- **Vitória contra a AIDS**

O MGM realiza um amplo trabalho de prevenção à Aids e a outras doenças sexualmente transmissíveis, através de campanhas de esclarecimento e difusão do uso do preservativo. Em 2004, a organização distribuiu gratuitamente em sua sede e durante os eventos que organiza mais de 40 mil camisinhas e saches de gel lubrificante, além de material informativo sobre os cuidados para se evitar a infecção.

Os resultados podem ser medidos. De 17 em 2000, o número de casos de transmissão do HIV entre homossexuais masculinos caiu para 1 em 2004.

- **Vitória contra a Desinformação**

O preconceito está muitas vezes relacionado com a ignorância. O MGM mantém grupos de discussão, reuniões e palestras onde são debatidos temas como educação sexual, valorização da identidade gay, melhoria da auto-estima e troca de experiências. O objetivo é fornecer informações saudáveis e corretas sobre homossexualidades e se estender a escolas, faculdades e outros movimentos sociais.

O MGM também oferece em sua sede um espaço de interação social, acesso a Internet, assessoria jurídica, além de acompanhamento intelectual e psicológico, para que a homossexualidade seja entendida e assumida de forma segura, madura e espontânea.

Como a definição da homossexualidade e do homossexual, segundo os grupos gays, passa pelo desejo, que serve para marcar a identidade, para organizar a vida, entender as experiências

amorosas e responder quem sou eu e que lugar ocupo, ela serve também para um tipo diferente de inserção das pessoas nos grupos. O que se exige é mais do que simplesmente participar, mas sobretudo se fundir afetivamente com todos os participantes, de forma que o “verdadeiro” membro, o militante seja aquele que tem sua vida particular misturada com o grupo, que se envolva emocionalmente com os outros, com as lutas, “partilhando a ilusão grupal ao invés de interpretá-la” (ANZIEU, 1993, p. 7). Mas é exatamente isso que faz com que se misturem entre si, porque não são capazes de se distanciar para fazer críticas, para identificar problemas, para pensar outras formas, enfim, se transformam no conjunto. E o material apela para isso, para o envolvimento emocional. Ele faz propaganda do grupo como um espaço dessa possibilidade, já indicando que tipo de participante é o ideal.

*A Parada do Orgulho Gay não termina hoje*⁵³

Nossa luta vai continuar amanhã e durante todos os dias do ano, pois é muito pouco só um dia para ter consciência e orgulho do que somos: **GAYS, LÉSBICAS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, BISEXUAIS E SIMPATIZANTES**. Queremos e exigimos respeito, visibilidade, igualdade de direitos o ano inteiro, todos os dias, em todos os lugares, pois somos milhões e estamos em toda parte.

Portanto, amigo/amiga participantes da Primeira Parada do Orgulho Gay da Bahia: contamos com o seu apoio à nossa luta. Você está convidado/a a ser membro, colaborador ou simpatizante do GGB [...]

Se você tiver condição, faça um depósito para ajudar o GGB a organizar a próxima Parada do Orgulho Gay a manter nossa luta: [...] Sua colaboração, apoio e participação são fundamentais para construirmos uma nova sociedade onde “o amor seja essencial, o sexo um acidente; pode ser igual, pode ser diferente!”

Ano V

Marcos Carneiro. Empresário. 40 anos. Assumiu publicamente sua homossexualidade aos 20. Conheceu o trabalho do MGM em 1999, quando a organização ainda não tinha sede e nem nome. Hoje, Carneiro faz parte da ONG – é membro do conselho consultivo e assíduo participante das reuniões de grupo. Para o empresário, valorização da auto-estima é o principal benefício proporcionado aos homossexuais que participam da organização. “Aqui, os gays passam a se aceitar melhor. Por ser um trabalho feito por e para homossexuais a abordagem é bem mais direta”, comenta. “Se o trabalho do MGM já era de sucesso até o ano passado, em 2005 estaremos trabalhando para que fique ainda melhor”.

Os novos planos para o quinto ano de MGM já começaram. Os objetivos agora são ampliar a divulgação das atividades da ONG e trazer cada vez mais gays e lésbicas para participar dos grupos, reuniões e festas. “A nossa intenção é mesmo

⁵³ Este folheto foi criado para ser distribuído durante a Primeira Parada do Orgulho Gay de Salvador.

a de melhorar a auto-estima da comunidade gay, fazer com que o MGM se torne não só um centro de convivência, mas também uma referência com a qual nossa comunidade pode contar no que for preciso”, afirma o diretor da organização, Marco Trajano. “A idéia é que mais e mais homossexuais participem do MGM”.

A preocupação em produzir cada vez mais material para distribuição pública fica mais reveladora se for lida sob a perspectiva do que Foucault chamou de “Política do sexo”, que se trata da “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (1988, p. 27-28). Como o autor esclarece uma das grandes novidades nas técnicas de poder e que permitiu a concretização dessa “política do sexo”, foi o surgimento da “população” com problema. A partir desse surgimento, os governos perceberam que não tinham que lidar apenas com o sujeito, ou mesmo com um “povo”, mas com uma “população”, com seus fenômenos e variações particulares. Essa idéia se alastrou para os grupos, que assumiram para si a responsabilidade de mostrar suas especificidades, se afirmando como uma “população” singular. As separações são reforçadas, surgindo a “população negra”, a “população de mulheres”, a “população homossexual”, dentre outras. Isso ampliou a obsessão pela diferença, pela necessidade de afirmá-las e de reivindicar políticas públicas específicas que atendessem suas especificidades. O advento da AIDS contribuiu ainda mais para criar essa idéia da “população homossexual”, já que ela introduziu novas variáveis para os grupos, como morbidade, esperança de vida, condições de saúde e prevenção, incidência das doenças, enfim, preocupações que já estavam postas para os governos desde o surgimento da “população” no século XVIII e que tomaram nova dimensão para os grupos gays com o surgimento do que seria o “câncer gay”, como a princípio foi classificada a epidemia.

E quando a preocupação dos grupos se concentra em definir a homossexualidade e o homossexual, eles estão trabalhando com essa idéia, ou melhor, reivindicando para si a idéia de compor uma “população”, com desejos, comportamentos, ameaças e pensamentos específicos. Assumindo que compõem uma “população” específica, os grupos se autorizam e são autorizados pela sociedade a produzir discursos sobre essa “população”, já que somente eles poderiam falar deles mesmos. E, nesse trabalho de produção de discursos existe a necessidade de o grupo regular os próprios membros, definindo o que pode e o que não pode, o certo e o errado, o valorizado e o desvalorizado. Além disso, assumem o papel de regulador e de controlador, preocupados também em verificar os efeitos das interdições, fazendo com que se comemore quando um adolescente abandona sua intenção de se transformar em travesti, quando os homossexuais modificam o seu

comportamento ao fazer sexo em público, quando as taxas de infecção do HIV baixam entre os homossexuais, enfim comemoram os efeitos das interdições. A conduta sexual da “população” homossexual se torna ao mesmo tempo, “objeto de análise e alvo de intervenção” (FOUCAULT, 1988, p. 28-29).

Através dessa análise e intervenção, percebe-se que o material produzido e distribuído ao público contribui para a formação de uma teia de observações sobre a homossexualidade, em que as condutas estão em jogo. Assim, espera-se que os grupos saibam e tenham controle sobre o que se passa com o homossexual, o uso que esses fazem dos seus comportamentos, sexos, desejos, pensamentos e, também, que cada um, individualmente seja capaz de se controlar. Forma-se toda uma teia de discursos, saberes, análises e inferências dos grupos sobre as homossexualidades, que estão servindo para tornar a homossexualidade cada vez mais uma disputa pública entre os grupos e os indivíduos.

“Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 1988, p. 29-30). Essa afirmação de Foucault, também parece servir para entender o aumento do interesse pela homossexualidade, não somente da sociedade de forma geral, mas sobretudo dos grupos que acabam servindo à sociedade, construindo e divulgando uma infinidade de material, apostando que com isso estejam transformando-a, dando-lhes uma outra imagem da homossexualidade, quando na verdade estão inseridos e alimentando essa sede por discursos e saberes, que está servindo para controlar mais do que para libertar. Em nenhum momento questiona-se essa proliferação de discursos. Eles entram no jogo mais do que interferem.

No entanto, a análise desse material serve para perceber os mutismos presentes, já que o que não se diz não constitui o limite do discurso, mas faz parte daquilo que funciona ao lado das coisas ditas (FOUCAULT, 1988). É preciso ficar atento para as diferentes maneiras de não dizer e de dizer, como são organizados os que podem e os que não podem falar, aqueles que estão representados nos discursos e como estão representados, que discursos são autorizados e que discricções são recomendadas e mesmo exigidas. “Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos” (FOUCAULT, 1988, p.29-30).

Portanto, trabalhar com o material produzido é colocar em discussão os discursos internos da instituição, aquilo que os grupos gays proferem para seus membros, para aqueles que são

responsáveis pelo seu funcionamento e também para aqueles que são o público alvo, ampliando sua ação. Vão estabelecendo os pontos que devem ser discutidos, formando conteúdos, qualificando locutores, identificando perigos, separando os membros e formando sub-grupos, diagnosticando comportamentos, prevendo situações e prevenindo quanto às ameaças. De um trabalho a outro, das reuniões às panfletagens, a homossexualidade tornou-se algo que deve ser dito, ser revelado exaustivamente, segundo discursos diversos, se enquadrando naquilo que Foucault classificou como “erotismo discursivo generalizado” (1988, p. 34).

E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou (FOUCAULT, 1988, p. 34).

A proliferação de material e de produção dos discursos de definição da homossexualidade dialoga com uma rede de mecanismos entrecruzados, em que entram a mídia, a educação, a igreja, a política, enfim, uma rede de instituições que se relacionam no interesse por essa proliferação. É a existência dessa rede que assegura sua existência, que contribui para ampliação de prazeres específicos. Isso pode ser percebido nas falas dos dirigentes quando contam alguma vitória dos grupos, quase sempre como uma comemoração por aparecerem na mídia: *“Aí a gente deu entrevista para o Brasil inteiro, a gente apareceu no Jornal da Globo, a gente deu entrevista pra uma rádio da Espanha, pra uma emissora da Inglaterra, Portugal. Um monte de gente”*. *“E o que acabou acontecendo foi que isso circulou na internet bastante e isso chegou na imprensa e a imprensa ligou pra mim e aí saiu isso no Diário de São Paulo. Eles me ligaram, fizeram uma entrevista comigo e saiu a matéria no jornal. A partir daí meu telefone não parou de tocar. Na quinta eu falei na CBN ao vivo. Depois, ontem, eu fui na Rede TV pra falar num programa de mais de uma hora, enfim...”*. É um momento em que variados centros de poder manifestam atenção à homossexualidade, estabelecendo contatos entre si, estimulando focos de prazer, fazendo com que os discursos tornem-se cada vez mais prolixos. O que faz os grupos gays produzirem discursos de “verdade” sobre a homossexualidade e os homossexuais é o prazer misturado ao poder. E essa prática vai sendo incorporada pelos membros que também buscam

produzir discursos de verdade sobre si e sobre os outros. A homossexualidade torna-se um pequeno fragmento de que é possível retirar prazer, saber e todo jogo sutil que envolve “saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber” (FOUCAULT, 1988, p. 75).

A preocupação dos grupos em definir a homossexualidade passa pela incorporação da idéia de que o sexo esconde a “verdade” de cada um e que, portanto, cabem às instituições, como os grupos gays e mesmo a cada um individualmente, arrancar essa verdade que se esconde. “Dupla petição, pois somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto que ele é suspeito de saber a quantas andamos nós” (FOUCAULT, 1988, p. 75-76). Os grupos gays reforçam uma questão colocada há séculos e que se renova: o que somos se relaciona ao sexo. Não ao sexo biológico, “mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso” (FOUCAULT, 1988, p.76).

Orientação do desejo ⁵⁴ (quem desejo)		
Homossexual Mesmo sexo	Bissexual ambos os sexos	Heterossexual outro sexo

É o sentimento de atração direcionada à pessoa que desejamos nos relacionar amorosa e sexualmente. Este talvez seja o conceito mais difícil de ser entendido, porque ele independe de uma escolha consciente ou de um aprendizado e, na literatura, não se encontram definições claras a respeito.

A orientação do desejo é a moradia dos nossos amores, nossas fantasias, nossas paixões e desejos eróticos. É ela que mostra não só a pessoa sexual (homem ou mulher) que nos atrai, mas também o seu tipo. Existem várias teorias sobre a formação da orientação do desejo sexual. O que se acredita é que a junção de vários fatores - psicológicos, genéticos e sociais - determine a origem de nossos desejos.

[...]

A orientação sexual não é mutável. O que pode ocorrer é uma descoberta da própria orientação sexual em idades diferentes. Muitos só conseguem descobri-la na maturidade ou mais tardiamente, variando conforme as repressões sociais e regras que alguém se sinta no dever de cumprir.

⁵⁴ Este texto é parte do material destinado às escolas no Projeto do grupo CORSA, “Educando para a Diversidade”. Ele é dividido em várias partes, que são assinadas pelos seus autores. Este trecho encontra-se na parte intitulada “Desejos e Diversidades Sexuais”, assinada pelo Psicólogo/Sexólogo Cláudio M. S. Picazio.

Dessa forma o sujeito homossexual e a homossexualidade vai sendo construída através de identificações de uns com os outros. São resultados da construção de uma história em comum, de laços discursivos que o trabalho dos grupos gays está ajudando a forjar.

6.2 Ensinar a ser homossexual

A preocupação com a homossexualidade e o homossexual passa pela intenção de educar na homossexualidade a ser homossexual, educar o homossexual, educar a população para lidar com eles e controlar pela definição os limites dessas expressões. Essa preocupação guarda uma certa hierarquia definida pelos grupos e, como se tratam de organizações dirigidas e freqüentadas por homossexuais masculinos, a ênfase é dada a esse segmento.

Gay, travesti e bofe⁵⁵

Do mesmo modo como acontece entre os *heteros*, que inclui tanto o machão como homens delicados, também entre os *homos* há grande diversidade de comportamento, estilos de vida e estereótipos. Ser gay não é sinônimo de efeminação, e nem toda lésbica é mulher-macho. Como você sabe, entre os homossexuais do sexo masculino há três grandes grupos: gays, travesti e bofes. Os *gays*, popularmente chamados de *bichas* ou *entendidos*, incluem os *enrustidos* (infelizmente a maioria), as *bichas fechativas* e os *assumidos*. Entre os assumidos, os *gays ativistas* ou *militantes*: são aqueles que se organizaram em grupos para defender nossos direitos de cidadania. Os *travestis* se vestem de mulher, alguns usam silicone ou hormônio para feminilizar seu corpo, a maioria vive na prostituição, outros fazem shows ou dedicam-se a profissões ligadas ao mundo feminino. Os *transsexuais* se consideram completamente do sexo oposto ao que nasceram, chegando alguns a realizar operação para mudança de sexo. Os *bofes* são rapazes que transam com os gays e travestis mas que não assumem a identidade homossexual: os *rapazes de programa* transam de vez em quando com os homossexuais enquanto os *michês* são profissionais do sexo. Entre as *lésbicas* há as *sandalinhas*, *ladys*, *sapatas*, *entendidas* e *sapatões*. Um lembrete importante: a aparência externa não traduz necessariamente as fantasias e práticas individuais, pois há efeminados que não são gays e machões que na cama viram *bofonecas*. Há muitos estilos de vida, várias formas de viver suas preferências sexuais. Todos têm direito de viver como querem, desde que respeitando o mesmo direito dos outros.

⁵⁵ Este é um texto que faz parte do ABC dos gays, organizado pelo GGB. Ele tem uma nítida preocupação com definições, ensinamentos e se preocupa em enquadrar as variadas formas de expressão da sexualidade.

Produzir discursos de verdade com o objetivo de dizer o que se é, como é, como agir é falar e ensinar como deve ser e agir. É assim que os grupos gays mantêm a dinâmica social, com a preocupação com a orientação sexual como definidora das identidades. Além disso, considerando que esse material é, em grande parte, direcionado ao público em geral, ansioso por conhecer e “dominar” a homossexualidade através do que seria a “melhor” forma de lidar com esses “seres diferentes”, os grupos gays entram nesse jogo, “ensinando” o que é ser homossexual e como lidar com eles. A partir daí, considerando que aprenderam através de ensinamentos, passam à busca de se colocar em prática “o que aprenderam” e para isso, se faz necessário identificar quem é o homossexual e “o que aprenderam”.

Mais do que ensinar a população a identificar e a lidar com os homossexuais, o material é voltado, principalmente, para as pessoas a fim de que se identifiquem como homossexuais, de forma que o processo de ensino seja capaz de dar origem a novos sujeitos e que esses engrossem os grupos gays, mantendo sua existência e a dos próprios homossexuais. Para que o homossexual e a homossexualidade existam é necessário dizer o que é ser homossexual, de forma que esses discursos produzam sua natureza. “Somos o que dizemos que somos ou o que nos disseram que somos ou deveríamos ser” (COSTA, 1995, p. 35-36). São indivíduos que não existem apenas por força de fatores biológicos, não são fatos naturais, mas são criações discursivas, que condicionam maneiras de ser, de viver, de sentir, de pensar, de amar e de sofrer. São seres verbais produzidos em meio a um jogo de poder e de mecanismos de produção de verdade em que os grupos gays participam efetivamente.

Por tudo isso é importante se questionar como os membros se engajam nos grupos e também engajam os outros nos discursos, que vão ajudando a produzir e a construir significados, em um típico processo de ensinar e aprender a se constituírem como sujeitos. Trata-se de “ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma “experiência” tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” que abre para campos de conhecimentos bastantes diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções” (FOUCAULT, 1984, p. 9-10). Essa modalidade de grupo surgiu em meio ao desenvolvimento de campos de conhecimento diversos e passaram a ser entendidos como tais na medida em que se dedicam a construir regras, normas e mudanças no modo como os homossexuais são levados a significar seus comportamentos, prazeres, sentimentos, medos e prevenções.

O trabalho de se ensinar a ser homossexual e como sê-lo vem contribuindo para fortalecer a noção de desejo e de sujeito desejante, que segundo Foucault (1984) se constituiu como um tema teórico aceito desde o século XVIII. Assim, esse material produzido pelos grupos está se constituindo como uma prática para que os indivíduos prestem atenção a eles próprios, as suas concepções, seus comportamentos e desejos. Dessa maneira, o que é produzido, está levando os indivíduos a se decifram, a se reconhecerem, definirem e a se revelarem como homossexuais, como sujeitos de desejo, “estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído” (FOUCAULT, 1984, p. 10-11).

Foucault (1984), através de seu trabalho, ensina a problematizar as formas de práticas discursivas que articulam saber e poder. E, uma das práticas que despertaram grande interesse no autor foi o estudo sobre os jogos de verdade construídos pelas instituições na relação dos sujeitos para si e a construção de si mesmo como sujeitos, o que pode conduzir a uma reflexão: através de quais jogos de verdade, organizados pelos grupos, alguém se reconhece como homossexual? Neste sentido, a recuperação da história da homossexualidade, dos grupos, a troca de experiências e a preocupação na definição, que estão presentes nestas produções escritas estão servindo muito mais para aprisionar os sujeitos, do que para libertá-los da homossexualidade, impossibilitando-os de pensar de forma diferente, de construírem outros conhecimentos.

Os comportamentos, as atividades e os prazeres são objetos de preocupação presentes no material dos grupos. Elas se constituem em práticas reflexivas que estão servindo para fixar regras de conduta, ao mesmo tempo em que buscam modificar cada um individualmente, fazendo com que as vivências estejam repletas de valores que respondem a certos estilos valorizados da homossexualidade. O material acaba servindo como prolongamento das reuniões, como uma ampliação do controle e da vigilância dos grupos sobre os indivíduos, que passam a ter algo escrito para recordar constantemente o que deve ser feito, o que deve ser evitado, o que deve ser defendido, o que deve ser multiplicado, lembrando insistentemente o que são. Com esta forma de ação, os grupos gays estão definindo um lugar para os homossexuais, enquadrando-os. Há uma troca, já que se ensina aos homossexuais qual é o seu lugar e como se comportar e, em contrapartida, ensina-se também, através do mesmo material, as outras pessoas como lidar, já que sabem qual é o lugar reservado aos homossexuais.

6.3 A escola como local de ação dos grupos

Dedicar uma atenção maior ao material voltado para as escolas e para a formação dos educadores é analisar até que ponto o trabalho desenvolvido pelos grupos gays pode ser entendido como educativo, como eles pretendem alcançar mais este objetivo, já que um dos seus compromettimentos é com a produção de conhecimento? Que sentido de educação está sendo utilizado nesses materiais e nos objetivos dos grupos? E, sobretudo, até que ponto essa produção é problematizada pelos grupos, ou até que ponto está também servindo para a construção de “verdades” sobre as homossexualidades? De modo geral, é a tentativa de trazer para a discussão a relação entre discurso, construção de identidade e grupos gays. Como escreve Veiga-Neto (2000) a “fragmentação do sujeito” expõe a necessidade de se examinar os processos pelos quais esses sujeitos estão sendo construídos e como esses fragmentos que o compõem se relacionam entre si e com os outros sujeitos. São processos que envolvem discurso e relação de poder, que definem os significados e que são fundamentais para a construção das identidades.

O discurso dos grupos está construindo a sua prática social, sua militância, seus membros e o próprio grupo. Neste sentido, a forma como os grupos se estruturam tem uma relação direta com as representações e com a relação de poder que organizam o social e que dizem respeito à produção de textos, imagens, discursos, condutas, narrativas que os organizam e que dessa forma molda cada aspecto da vida social.

Segundo Góis (2003), a preocupação com a educação foi fortalecida a partir do surgimento da epidemia de AIDS. Primeiro porque a doença foi capaz de dar origem a variados debates em diferentes campos de conhecimento, como a Medicina, o Direito, a História, a Sociologia, a Educação e tantos outros. Segundo porque os grupos foram os primeiros a se organizarem diante de um duplo desafio: o enfrentamento da doença em si, visto que os homossexuais eram vítimas preferenciais, nesse início de epidemia e a luta contra a Aids social que gerava violência, discriminação e preconceito, já que os homossexuais tornaram-se os “culpados” pela difusão da doença. Diante desse quadro os grupos gays, já organizados, saíram na frente na luta contra a doença e, sobretudo, em busca de divulgação de informações capazes de combater a sub-epidemia. Em reforço a estas ações, surgiram as organizações não-governamentais ligadas diretamente à luta contra a AIDS, que juntamente com os grupos gays buscaram produzir novas linguagens a respeito da doença. “No que pode ser descrita como uma prolongada batalha político-cultural contra tais segmentos, essas organizações implementaram

um conjunto de ações de enfrentamento à epidemia no qual em par com retórica da solidariedade, a educação assumiu um papel fundamental” (GÓIS, 2003, p. 28).

Portanto, há uma grande preocupação dos grupos com o contexto escolar e com o tipo de formação e informação que os adolescentes homossexuais, ou não, estavam tendo contato em tempos de Aids. Isso parece se justificar pelas questões que estão em pauta para os grupos gays desde sua origem, como visibilidade, orgulho, respeito e cidadania, além dos adolescentes representarem a continuidade, permanência ou mesmo ruptura com o que está em discussão. Frente a essas questões, podemos dizer que os grupos pesquisados organizam suas ações de intervenção nas escolas de duas formas: através de palestras, tanto para adolescentes, quanto para os profissionais de educação e através de material de divulgação. Quase sempre essas duas maneiras ocorrem simultaneamente. Após as palestras ou mesmo durante as falas são mostrados cartazes e distribuídos os materiais produzidos.

Sonhando Juntos⁵⁶

O conjunto de textos apresentados a seguir é a nossa contribuição aos profissionais de educação, às mães e pais, elaborado pelo CORSA - Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor - grupo ativista que luta pela conscientização e emancipação dos homossexuais na cidade de São Paulo, para o aprimoramento e enriquecimento do conceito de cidadania. Buscamos condensar nestas páginas toda a riqueza alcançada em dois anos de execução do projeto EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE – OS GLBTs NA ESCOLA, iniciativa pioneira de levar a educadores informações e reflexões acerca de uma realidade que eles geralmente desconhecem: a significativa, porém muitas vezes invisíveis, presenças de alunos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros nas instituições de ensino. Esta ação só foi possível, contudo, graças ao decidido apoio - financeiro mas também político - da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, que deu a inspiração e a perspectiva de nossa ação.

[...]

A luta contra o preconceito só tem sentido e é viável se estiver assentada sobre um sólido trabalho coletivo e, ao longo de sua trajetória, aprendemos que tudo aquilo que se faz em parceria tem maiores efeitos e são mais duradouros. Por isso, desde logo constituiu-se uma equipe multidisciplinar - unida e coesa - sem a qual este projeto não teria acontecido. Nossas discussões internas foram a base de nossa mensagem, construída conjuntamente ainda que transmitida individualmente em centenas de oficinas para mais de 5.000 profissionais da rede escolar paulistana.

⁵⁶ Cartilha “Educando para a diversidade – os GLBTs na escola”, orientações para Educadores e Pais, distribuída nas escolas.

Esse material produzido pelos grupos gays se inscreve no campo da educação e construção do sujeito homossexual. De certo modo, porque trata dos processos de produção de identidades, ou seja, de demarcar os limites, as fronteiras, de incluir e de excluir, de nomear, de classificar alguns sujeitos em hierarquias de normalidade segundo determinados padrões. Atuar nesse campo de produção de conhecimento representa, para os grupos, a possibilidade de se colocar em prática um dos seus objetivos: *“desconstruir determinados discursos, imagens e práticas, contribuindo para construir novos conhecimentos, imagens mais positivas das homossexualidades”*. Conhecimento, aqui, significa adquirir o saber do grupo, a partir da história e de determinado entendimento da homossexualidade, que pode ser usado na direção de dizer o que deve ser feito em relação à prevenção às DSTs/AIDS, aos cuidados com a agressão e violência, as medidas a serem tomadas contra a discriminação e preconceito e, sobretudo, a criação da auto-estima, auto-imagem e identidade que o grupo estabelece como valorizadas. Esses aspectos podem ser melhor entendidos tomando-se como exemplo uma cartilha distribuída entre os adolescentes, no Projeto Se Ligue, do GGB, em que aparecem as seguintes questões:

Você está bem seguro que é homossexual?

Se você ainda está confuso, se tem dúvidas, se é mesmo gay ou lésbica, ou bissexual, é melhor dar mais um tempo antes de se revelar, pois a confusão de sua cabeça pode provocar confusão ainda maior na cabeça das outras pessoas, sobretudo em sua família. Nunca assuma sua homossexualidade como forma de agressão ou vingança, num momento de raiva. Uma decisão tão importante tem de ser planejada.

Como se assumir?

Primeiro faça amizade com alguns gays e lésbicas já assumidos. Selecione indivíduos que considere pessoas felizes, equilibradas, cujo estilo de vida você teria orgulho de compartilhar. Troque idéias com outros homossexuais sobre como eles vivem, como se assumiram, das vantagens de deixar de ser enrustido. Freqüente um pouco o ambiente homo para ver com qual dos diversos modelos de vivência gay e lésbica você mais se identifica. Procure fazer boas amizades, pois diz o ditado popular: “diz-me com quem andas, que direi quem és...” Não faça nada de que vá se arrepender mais tarde. “Para mim, a homossexualidade foi uma bênção”, dizia o escritor Jean Genet. Cabe a você construir o seu futuro da melhor forma possível.

Você tem bons argumentos sobre a homossexualidade?

Isto é muito importante, pois a maioria das pessoas, inclusive nossos parentes, têm medo ou ódio dos homossexuais (assim como têm preconceito racial) porque nunca souberam a verdade sobre esses temas. Você deve ter as respostas certas para substituir a ignorância do preconceito pela verdade dos fatos. Solicite ao Grupo Gay da Bahia os folhetos: “10 Verdades sobre a Homossexualidade”, “O que todo Cristão deve saber sobre Homossexualidade” e o “ABC dos Gays”, onde encontrará respostas para as principais

dúvidas/críticas sobre a sua nova vida. Ou então, entre em contato com o grupo homossexual mais próximo de sua cidade e solicite material educacional para você e para seus pais.

E, em uma outra cartilha do mesmo projeto, as questões são colocadas para os educadores, seguindo a mesma lógica de fornecer verdades e formas de se relacionar com alunos homossexuais.

É ignorância discriminar gays e lésbicas

Discriminar homossexuais é igual a discriminar negros, pobres, mulheres ou qualquer outra pessoa: uma violência contra o ser humano. Na adolescência, idade na qual os homossexuais costumam ser alvo de gozação, isso é ainda mais grave. Você, professor, deve conversar com seus alunos e alunas a respeito da orientação sexual das pessoas. Explicar que os gays e lésbicas não são melhores nem piores que ninguém.

Oriente seus alunos, dizendo que a vida sexual dos outros é absolutamente particular e que ninguém precisa dar satisfação dela.

A turma tem feito piadas sobre gays e lésbicas. O que fazer?

É importante conversar com os jovens sobre as diferentes orientações sexuais. É importante evitar e coibir as piadinhas sobre gays e lésbicas, que, na verdade, só atrapalham o desenvolvimento da auto-estima dos alunos homossexuais e dificultam o diálogo. Se você, professor, percebe que existe um ambiente hostil aos homossexuais em sua escola, proponha um trabalho: uma feira sobre saúde e sexualidade que inclua equipes para trabalhar o tema da homossexualidade. Outra alternativa boa é convidar um representante de um grupo de afirmação homossexual, ou um psicólogo ligado ao Conselho de Psicologia do seu Estado, para debater o tema como os seus alunos.

Tenho um aluno que parece ser homossexual. Como proceder?

Nem todo jovem que parece homossexual necessariamente é gay ou lésbica. Os jovens se expressam de diversas formas, Lembre-se: eles estão em constante transformação física e corporal, hormonal e vocal. Então, se o menino não gosta de jogar bola, ou se a menina gosta de atividades consideradas masculinas, isso não determina nada em particular. Na maioria das vezes, o comportamento social de uma pessoa não reflete a sua orientação sexual. Se, de fato, o estudante tem inclinação a um desejo homossexual e está sofrendo algum tipo de segregação, discriminação e preconceito por parte de outros colegas, interfira. Procure conversar com a turma sobre o assunto, mas tome cuidado para não expor o aluno ou a aluna a uma situação pior.

Revelar a orientação sexual é difícil e só deve ser feito pela própria pessoa interessada. Se o estudante revelou isso para você, procure respeitar e dar-lhe apoio. Demonstre interesse em conversar com esse jovem, inclusive depois do horário das aulas. Se algum aluno procurar ajuda sobre sexualidade, ouça. Se for necessário, encaminhe-o para um psicólogo. Se você não sentir confiança, ou mesmo se a escola não dispõe desse profissional, procure os grupos de apoio aos homossexuais do seu Estado ou o Conselho Regional de Psicologia.

O que está expresso no texto é a tentativa de entender e capturar essa prática classificada durante muito tempo como anormal, doentia, amoral e transgressora – a homossexualidade – e, assim possibilitar a construção de um “novo” entendimento do que é, amplamente difundido pelo material produzido. O conteúdo deste discurso aponta para duas direções: a primeira é questionar e problematizar determinados saberes e, a segunda, é produzir saberes, comportamentos e imagens das homossexualidades defendidas pelo grupo. Uma outra preocupação desse material, é a aproximação de outros tipos de saber em uma estratégia de prevenção ao HIV, a fim de diminuir os riscos de transmissão. Nesse sentido, um novo desafio é colocado para os grupos gays organizados, para os seus membros e para o material produzido: a educação em saúde.

A dedicação à educação passa pelo reconhecimento da adolescência como um momento problemático para o jovem gay. Essa constatação fundamenta-se na própria história de vida dos integrantes adultos, que parecem marcados por situações de enfrentamento do preconceito, discriminação, agressão e violência nessa fase da vida. Nesse sentido, o trabalho com os adolescentes é justificado pela necessidade de uma atenção diferenciada com a aprendizagem, tendo como foco a leitura de mundo em que primeiro há a necessidade de se romper com as interpretações que nos são dadas (LARROSA, 2000). O trabalho se enquadraria na perspectiva de uma formação não normatizada de leitura de mundo, de “desaprendizagem ao fim da qual o mundo aparecesse aberto e disposto para ser lido de outra maneira” (LARROSA, 2000, p. 10). Essa “nova maneira” é “fornecida” pelos grupos, em um processo muito mais de incorporação pelos adolescentes do que de produção, mesmo porque os grupos são entendidos como os que “dominam” as verdades sobre a homossexualidade, por sua vivência. Neste contexto, a luta não se constitui pela ampliação do número de estudantes, como acontece para alguns grupos sociais minoritários, embora haja a preocupação com a manutenção e mesmo com o retorno de alguns segmentos (como, por exemplo, os travestis) que sofrem mais com a violência e a discriminação no contexto escolar. Assim, essa luta se articula em torno de uma educação informada com as questões que envolvem as identidades homossexuais, como pode ser comprovada nos textos a seguir, que também fazem parte do Projeto Se Ligue, do GGB.

Obviamente este texto não pode responder todas as suas perguntas, inquietações e dúvidas sobre a homossexualidade. Esperamos que ele lhe dê algumas pistas por onde começar sua felicidade. Você não precisa estar sozinho quando for explorar sua identidade sexual. Os grupos e instituições indicados no final deste livrinho lhe ajudarão nesta caminhada: ali você encontrará informações, respostas e amigos.

Portanto, para começo de conversa sobre a identidade homossexual e a educação diferenciada que devem ter os jovens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, devemos partir de três postulados que fundamentam a Antropologia da Sexualidade, conclusões resultantes de rigorosas pesquisas de campo, tão científicas e verdadeiras quanto à revolucionária teoria de Galileu sobre o sistema solar, confira.

1. A sexualidade humana não é instintiva, mas uma construção cultural;
2. A cultura sexual humana varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade;
3. Não existe uma moral sexual natural e universal, portanto a sexualidade humana é amoral, no sentido de que cada cultura determina por razões subjetivas e nem sempre salutares, quais comportamentos sexuais serão aceitos ou condenados.

Consideramos urgente desconstruir a imagem errada que se perpetua contra os homossexuais em nossa sociedade. Imagem que é transmitida fartamente pelos meios de comunicação, televisão, jornais e revistas difamando esse segmento que sofre anonimamente com o preconceito. Já é tempo de se abandonar esta visão estereotipada de gays e lésbicas e estancarmos tamanha violência contra os jovens homossexuais.

Considerando que toda identidade é construída coletivamente, o encontro com o grupo parece fundamental para esse processo (SILVA, 2000; HALL, 2000). Esse aspecto parece direcionar toda produção, visto que há ênfase em informações que servem para direcionar os adolescentes a construírem suas identidades como homossexuais a partir do reconhecimento das histórias, sentimentos, conflitos, desejos e questionamentos de outros homossexuais e que estão expostos como exemplo e como parâmetros nos materiais distribuídos. Entendendo a importância do encontro com o grupo de pertença, há sempre um convite direcionado aos adolescentes de aproximação com o grupo gay, num prolongamento da escola para o grupo.

Rodas de Bate-papo

Se você é jovem e quer ficar de bem com a vida, conhecer pessoas legais iguais a você, este é um convite para você participar de vários bate-papos super bacanas do projeto **SE LIGUE**. Ele foi desenvolvido para você conhecer mais sobre aids, sexualidade, drogas, DST, auto estima, relações com a família, escola e outras coisas interessantes, como arte e cultura. Não vai faltar comida, muita diversão e azaração, claro!

Todas as idéias colocadas nas cartilhas seguem uma tendência a “ensinar” a esses alunos que se sentem gay, como devem agir em diferentes situações. Portanto, todo material didático produzido está centrado em três aspectos que interagem e dialogam constantemente, como

também servem para concretizar os objetivos do grupo, organizando suas ações. São eles: a noção de pertencimento, a construção das identidades e a construção da homossexualidade.

Assim sendo os grupos gays adquirem uma importância e responsabilidade maior. Primeiro porque são adolescentes, ávidos de informação, repletos de dúvidas e incertezas, iniciando suas vidas sexuais em tempos de Aids, em pleno processo de construção de suas identidades e buscando a identificação com seu grupo de pertença. Segundo porque eles passam a ocupar um espaço aberto pelas escolas, assumindo um papel que não é deles. Terceiro, porque diferente de outros espaços sociais freqüentados por homossexuais, o grupo gay tem uma história que ressalta seu caráter político. Não é um espaço de sociabilidade regido pela festa, dança, música, paquera e divertimento, por mais que isso possa estar presente em alguns de seus momentos de sociabilidade. No entanto, a sua dinâmica de organização não se caracteriza por essas formas de atuação, mas por uma outra comprometida com uma visão de mundo que lhe é própria. Então, a iniciação dos adolescentes nos grupos gays parece ser diferente da que ocorre nas boates e bares gays, o que faz com que eles assumam a linguagem própria dos grupos.

Quando os grupos ocupam outros espaços sociais eles ampliam sua visibilidade, divulgam seu trabalho, suas idéias e suas formas de agir e pensar, o que está servindo para difundir um discurso diferente do que comumente está em vigor e essa novidade parece contribuir para a construção de novas formas de pensar e novos conhecimentos, atraindo alguns professores e escolas, pelo seu caráter “inovador e revolucionário”. Assim, esses discursos podem ser entendidos como instrumento cultural de mediação das identidades sociais, na medida em que estão servindo para criar um sentimento de pertencimento. Os significados construídos sobre as homossexualidades desempenham importante função na legitimação das identidades. Portanto esse processo de construção de quem somos expõe o papel educativo dos grupos gays, visto que é através da apropriação dos significados das histórias compartilhadas que vão dando sentido e respondendo a questão “quem somos”. As histórias compartilhadas servem para criar um sentido de pertencimento e de solidariedade entre os membros.

Permita-me citar minha própria história de vida pois faço parte dos 10% da população infanto-juvenil que foi vítima de violência sexual: fui estupro psicologicamente. Não sofri violência sexual física, mas durante toda minha infância e adolescência, fui emocionalmente torturado dia após dia. Várias vezes por dia. E o pior de tudo, pessoa alguma jamais manifestou o menor apoio, solidariedade ou compaixão com aquele menino que desde que chegou à idade da razão, se deu conta que era diferente de seus irmãos, primos e coleguinhas. Eu era *mariquinha!*

Como existem diversas identidades homossexuais, para cada um se identificar individualmente como homossexual, ele a princípio passa pela identificação dos diferentes grupos que o rodeiam e só assim consegue se identificar com um, em especial. Então, uma questão que leva os adolescentes ao grupo gay é terem se identificado como gays em algum momento de suas vidas. Como ressalta Woodward (2000) as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Essas questões parecem interligadas, ou seja, identificar-se como gay e encontrar o seu grupo de pertença passa pela linguagem e pela imagem.

É cada vez mais freqüente o entendimento do discurso como construção social, como uma ação no mundo, pois o seu significado é construído e negociado pelos envolvidos, que estão situados em um contexto social, histórico, cultural e em meio a relações de poder que posicionam cada um dos participantes (LOPES, 2002). Esse entendimento traz uma nova luz ao trabalho dos grupos gays nas escolas e coloca as histórias compartilhadas no centro das atenções. Quando os integrantes recorrem as suas histórias de vida e de outros membros como exemplo, isso serve para construir a realidade e para que os adolescentes entendam do que eles estão falando, que realidade social estão significando. Assim, o material é recheado de frases como: *“Eu estava com medo. Aí encontrei o endereço e o telefone de um grupo de apoio para gays. Fiquei feliz por conhecer outros gays na minha cidade”*, *“Eu não perco uma única reunião do meu grupo gay. Foi lá que encontrei meus melhores amigos”*, *“Por incrível que pareça minha avó é a pessoa que mais me apóia, e teve uma época em que eu cheguei a pensar que nunca contaria para a minha família”*, entre outras. É a prática da existência dos membros, construída a partir das histórias compartilhadas, que vão organizando um “nós”, de tal forma que assim como sofremos a interferência do outro, também interferimos na realidade desse outro.

Pensar o discurso como construção social é pensar como a realidade vai sendo construída pelos participantes e como eles próprios vão construindo a si mesmos e aos outros através dos ditos discursos. Assim, por mais que os integrantes dos grupos não tenham consciência desse processo de construção que une discursos (linguagem) e identidades, eles estão percebendo a construção das identidades homossexuais como processos, que são sempre intermináveis porque dizem respeito às representações, aos discursos, às imagens que estão sendo produzidas sobre homossexualidades.

Então, quando colocam a homossexualidade em discussão, estão criando vínculos através dos discursos como aqueles que passam, sentem e agem da mesma forma ou que se aproximam do que eles falam. Se as identidades são construídas pela linguagem, pela relação com o outro, há de se discutir como os grupos estão contribuindo para a construção das identidades dos adolescentes quando produzem materiais informativos sobre as homossexualidades. Qual o papel das histórias compartilhadas nesse processo? Como a história do outro serve para a construção de pertencimento? Como nos engajamos e engajamos os outros nos discursos e como os significados são construídos? Visto desta maneira, a construção das identidades pode ser entendida como resultado dessa socialização institucional, seja ela feita no encontro dos grupos gays com as escolas, seja através do conhecimento produzido.

Nessa pesquisa intenciona-se demonstrar que a identidade como homossexual é construída em diálogo com o outro, mais do que pela convicção de pertencimento do grupo. Assim, o espaço dos grupos gays se torna local de informação por excelência. Esses adolescentes vão ao grupo exatamente procurando saber quem são, ou seja, o que é essa “coisa” chamada homossexual, o que leva os grupos ao interior das escolas na busca de “criar” homossexuais e cooptar membros para sua constituição, reforçando seu trabalho de subjetivação.

E nesses casos, o objetivo não é apenas fazer com que adolescentes que se sintam gays possam tomar conhecimento que existem espaços onde podem buscar auxílio, mas também há um objetivo que vai além que é a preocupação em passar uma “verdade” sobre o homossexual para todos, definindo como deva ser o seu comportamento. A justificativa dos grupos é que mesmo que os adolescentes homossexuais não se sintam à vontade para procurar e integrar o movimento, eles poderão obter informações, que em sua fase de vida, possam propiciar um alento diante de suas dúvidas e incertezas e possam também garantir-lhes um espaço democrático de relacionamento com seus amigos na escola.

Este texto foi escrito para ajudar você – para responder algumas das suas dúvidas, para sugerir livros que você possa ler e pessoas com quem você possa conversar – e para ajudar você a entender três coisas muito importantes:

1. Ser gay, lésbica ou bissexual é uma maneira normal e saudável de viver. É uma parte a mais do que você é – como ser alto ou baixo, branco ou negro, carioca ou paulista.
2. Descobrir quem você é leva tempo. É normal você estar confuso, é natural você não ter certeza se é ou não homossexual. Não há porque ter pressa: tudo bem se você demorar para descobrir qual o caminho que lhe trará maior felicidade.

3. Você não está sozinho. Neste exato momento, dezenas de milhares de jovens adolescentes estão pensando se são gays ou querendo saber se são gays, todos tentando descobrir se eles são os únicos, todos tentando encontrar alguém para conversar sobre isso. Milhões de homens e mulheres no mundo inteiro já passaram por este caminho.

A narrativa das histórias de vida parece servir para o entendimento de quem conta e de quem ouve, de como se aprende a construir as identidades como homossexuais na vida social. Neste sentido, elas servem para criar sentidos, para explicar e entender o mundo e para saber como somos. Contar e ouvir histórias de vida, compartilhar emoções, sentimentos e significados servem para construir a identidade de quem conta e as identidades dos outros, que delas participam. Compartilhar vivências cria uma noção de grupo de pertencimento, já que o que é contado não é somente a história de quem fala, mas igualmente a história dos outros, seja pelo que se assemelha ou pelo que diferencia. Talvez por isso os relatos e as experiências estejam tão presentes nas reuniões com os adolescentes. Elas servem para criar sentido interno de si-mesmo, assim como para transmitir e negociar este si-mesmo com os outros.

6.4 A Aids e o reforço do auto-controle

Grande parte das informações contidas no material produzido pelos grupos se destina aos cuidados com a prevenção ao HIV/Aids. Com o advento da doença, grupos que historicamente se sentiam vítimas preferenciais de preconceito e discriminação e que já se organizavam para combatê-la, viram-se diante de um reforço através da culpabilidade pela epidemia. Novas representações da homossexualidade tomaram forma, sobretudo, aquelas ligadas às imagens da doença e do doente e foram responsáveis por gerar uma onda de medo, violência e desespero. Juntava-se a isso o despreparo e mesmo o descaso governamental com a epidemia, o que causou um certo atraso no lançamento de campanhas educativas e informativas capazes de frear a expansão. Autores como Altman (1995) e Góis (2003) argumentam que o aumento do número de grupos gays organizados no Brasil e o surgimento de novos grupos organizados em torno da Aids - as ONGs/Aids - se justifica por esse contexto: “crescimento da epidemia, falta de ação governamental e expansão de discursos preconceituosos pela mídia” (GÓIS, 2003, p. 28).

Diante deste quadro, os grupos gays se sentiram obrigados a se organizarem e a ocuparem um espaço aberto. Assim, aumentaram seu trabalho de produção de discursos, não mais voltado

somente para a definição da homossexualidade, mas agora também preocupados em formular conhecimento sobre a epidemia e quase sempre buscando entender a relação que se estabelecia entre a doença e a homossexualidade. E não se limitaram à produção de discursos mas sim a construir um conjunto de ações de enfrentamento à epidemia, assumindo o papel de educadores, visto que buscavam “ensinar” o que era a doença, como era transmitida, formas de prevenção, o que fazer diante de um resultado positivo, enfim, definindo mais uma vez, comportamentos. Dentre os grupos gays pesquisados o GGB é o único que já existia antes do advento da Aids no Brasil. Sua fundação data de 1980. No ano seguinte o grupo iniciou a publicação semestral de um Boletim - “Boletim do GGB” - que tinha como objetivo trazer para o conhecimento público todo trabalho realizado no ano anterior. Dessa forma, desde 1981, o GGB publicou esse boletim, possibilitando recuperar a história da Aids e dos discursos produzidos em torno da doença. A primeira notícia sobre a epidemia saiu no Boletim 3, de 1982.

Uma doença de homossexuais????????????????

Não queremos abrir guerra contra a revista “Manchete”, afinal ela tem abordado a questão homossexual com um certo respeito nos últimos tempos. Contudo, no número de 31/12/81 apresenta uma reportagem do “Time” americano falando de um tal “Sarcoma de Kaposi”, que seria uma espécie de câncer que antigamente matava as crianças da África Equatorial e que hoje em dia têm aparecido vários nos EUA. Advinhem quem está morrendo desta espécie de câncer? Segundo o “Time”, os homossexuais. Pelo meio da matéria o autor diz que a promiscuidade dos homossexuais favorece a uma suposta fraqueza imunológica que nos transformaria em alvos fáceis do vírus, fungos e bactérias que não atacam os heterossexuais.

Claro está que isto é uma grande balela, porque não explica o porquê de populações judias e mediterrâneas também sofrerem Sarcoma de Kaposi. Além dos mais, toda a teoria médica que parte da premissa de que somos “promíscuos” não merece confiança, pois está eivada de um certo rancor religioso que os médicos têm contra nós. Pelo menos grande parte dos médicos. O que o “Time” precisa aprender é que doenças advindas de contatos sexuais ocorrem porque os governos não estão interessados em debelá-las. Se as autoridades de saúde quisessem não existiriam mais doenças venéreas no mundo. É que os governos querem controlar a vida de seus cidadãos e impedi-los de fazer amor. Ficando sem assistência por parte das autoridades de saúde, as pessoas que se entregam a uma vida sexual rica, acabam ficando expostas a doenças. Mas, se o “Time” pensa que deixaremos de fazer amor por causa disso, está enganado. Pagaremos qualquer preço por nossa vida sexual.

Já no segundo jornal do mesmo ano – 1982 – o discurso começa a mudar e o Boletim do GGB traz novas notícias da doença, com maiores informações, principalmente no que se refere

aos sintomas e aos comportamentos que começavam a ser considerados como perigosos, “caracterizando” aqueles que eram mais vulneráveis à epidemia.

A peste rosa mata os gays

Até a Manchete já deu a notícia com sensacionalismo: nos Estados Unidos e Canadá surgiu uma doença que está atacando os homossexuais, tendo já morrido por volta de 40 gays masculinos. Seu nome: SARCOMA DE KAPOSI. Trata-se do seguinte: é um tipo de tumor maligno (câncer) que pode afetar diretamente tecidos do corpo. Até agora tratava-se de uma doença muito rara, atingindo 1 entre 2 milhões de homens, geralmente velhos entre 60 e 70 anos. Atacava também algumas tribos africanas em proporções maiores, atingindo jovens com menos de 20 anos. De repente, a doença começou a aparecer entre os gays norte-americanos. Examinando tais pacientes, constatou-se algumas regularidades na vida desses rapazes: eram jovens que mantinham vida sexual muito variada, trocando quase diariamente de parceiros e com uma história de infecções venéreas bastante freqüentes; abusavam de antibióticos, ficando com o tempo imunizados contra os remédios; abusavam de drogas, sobretudo dos “poppers”, uma espécie de cheirinho da loló ultra forte que as bichas adoram cheirar na hora em que estão fodendo. E quais são os sintomas do tal Sarcoma de Kaposi? Aí vai a lista - lembramos, porém, que alguns desses sintomas também são notados em outras enfermidades, como as chamadas “infecções oportunistas”, de modo que não vai ser por qualquer dor de cabeça que você vai pensar que pegou o Sarcoma de kaposi (sem falar que felizmente, esta “praga” não chegou ao Brasil, tendo sido registrado até agora apenas dois casos na França, fora da América do Norte...). *Eis os sintomas*: febre, dor de cabeça, cansaço extremo e crônico; perda de peso repentino; tosse crônica; dor no peito; ínguas; dificuldade de engolir, distúrbios estomacais crônicos e náusea; diarréia crônica e alterações nos hábitos intestinais; ferida ou corte que não cicatriza; aparecimento de manchas e verrugas vermelhas; sangramento repentino. O quadro clínico é mais ou menos este: primeiro aparecem uma manchas vermelhas de uns 2 cms, no pescoço, braços e dentro da boca. Passados uns tempos, as glândulas linfáticas (ínguas) ficam inchadas, a bicha perde peso, perde o apetite e fica com caganeira crônica. Se você apresentar esse quadro infeccioso, escreva-nos imediatamente pois temos o endereço nos Estados Unidos de especialistas que estão interessados em acompanhar esses casos. Esperamos, outrossim, que a tal “peste rosa” não chegue em nossa terrinha, e que esse mal seja logo debelado nas terras da Tia⁵⁷ Sam.

A Aids só voltou a ser notícia no primeiro número do Boletim de 1985. Dessa vez, o boletim traz mais informações, como por exemplo, o que é a doença, os sintomas e as formas de prevenção.

⁵⁷ No documento, o termo aparece no feminino: *Tia* ao invés do Tio, como comumente é usado, o que reforça o uso dos termos no feminino para o tratamento interpessoal, como foi trabalhado no capítulo 3.

A. I. D. S.

- *O que é Aids?*

AIDS é a sigla em inglês da “Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida” - é uma doença surgida na África e espalhada sobretudo nos Estados Unidos, que provoca a redução do funcionamento do sistema imunológico do organismo, tornando-o muito susceptível ao ataque de vírus, fungos e bactérias. 70% dos casos de AIDS são homossexuais, por isso a doença foi também apelidada de “peste gay”, termo que devemos evitar pois não se trata de uma “peste” nem é doença exclusivamente gay. Há mulheres, crianças e drogados que também se contaminaram com AIDS.

- *Quais os sintomas da AIDS?*

Os principais sintomas são:

1. febre contínua (38 graus);
2. ínguas (gânglios linfáticos) com ou sem dor no pescoço, axilas, virilhas;
3. perda de peso (em poucas semanas emagrece-se 10% do peso)
4. cansaço profundo não ligado ao excesso de trabalho;
5. manchas na pele (ou protuberância, elevadas ou chatas, de cor rosa ou vermelha) geralmente sem dor e mais freqüentemente dentro da boca, nariz, olhos e reto.
6. suor noturno (devido à febre)
7. tosse persistente, geralmente seco;
8. diarréia persistente.

ATENÇÃO: o fato de uma pessoa apresentar um ou outro destes sintomas não significa necessariamente que tenha contraído AIDS. Antes de pensar em AIDS, é bom lembrar que todos esses sintomas e sinais aparecem em doenças extremamente freqüentes entre nós.

- *AIDS é contagiosa?*

A transmissão da AIDS se dá por via sexual, por transfusão de sangue – ainda não é certo, mas também pela saliva. Os pacientes e médicos que cuidaram de vítimas de AIDS não pegaram a doença.

- *Como evitar a AIDS?*

1. Não entrar em pânico, pois alto astral afasta a doença: “mens sana e in corpore sano”. As chances de pegar AIDS são de 1 para 1 milhão.
2. Evitar transar – sobretudo penetração anais, orais, seja agente ou paciente – com pessoas que transem demais, que variem muito de parceiros. Saunas e lugares muito promíscuos são excelentes espaços para se pegar AIDS. Infelizmente - verdade seja dita - até que se descubra a vacina contra a doença, é melhor diminuir os números de parceiros. Em São Paulo é diagnosticado um caso de AIDS por dia!!!

O surgimento de um novo perigo aumentou o papel dos grupos, contribuindo para que assumissem, cada vez mais, o “direito” e o “dever” de ensinar e de conduzir para um caminho construído como o ideal, o que pôde possibilitar a criação de novas associações com o governo através do Ministério da Saúde, com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, com os

Programas de Combate à Aids. O resultado foi o fortalecimento da noção de que os grupos representam todos os homossexuais, como se eles falassem em nome de todos e a todos, o que significou contribuições para um alento governamental, que através desses convênios podem afirmar que estão fazendo alguma coisa e para avaliar os grupos a falarem em nome de todos. E movidos por essa ilusão, buscam aumentar seu campo de acesso através de várias formas, como por exemplo, oficinas, palestras e a produção de material e leitura para serem distribuídos.

Ainda hoje a prevenção se constitui como uma grande preocupação dos grupos e uma grande oportunidade de se produzir discursos, passando para os homossexuais a função de “pastor” dos militantes, bem como a tarefa de educar. Além disso, está servindo também para culpabilizar a sociedade. O tratamento preconceituoso quase sempre é utilizado para justificar as condutas dos homossexuais condenadas pelos grupos e “causadoras” da sua vulnerabilidade. Agindo assim, o material produzido é voltado não somente para os homossexuais, que acabam incorporando esse discurso e entendendo o grupo como o espaço e o agente capaz de romper com essas condutas e dar forças para lutar contra essa sociedade preconceituosa, mas também é direcionado ao público em geral na intenção de sensibilizar diante de tal situação e assim “mudar” de comportamento frente à homossexualidade.

A partir dessa produção, são eleitos novos culpados: os próprios homossexuais, aqueles que não buscam as informações nos grupos, já que esses estão produzindo um vasto material e estão distribuindo em vários locais e oportunidades, os que não se assumem, como recomendam os grupos, mantendo-se “no armário” e mantendo práticas condenadas, aqueles que têm acesso às informações e não seguem aquilo que está definido pelos grupos e que está escrito no material distribuído. Os grupos parecem partir da certeza de que a construção da homossexualidade é algo difícil e causadora de traumas para aqueles que se sentem homossexuais, levando-os a se preocuparem com essa construção, sobretudo, fazendo-os se dedicarem a elaborar formas de agir que passa pela defesa do “cuidado” que cada um deve ter consigo mesmo. Cuidados estes que acabam adquirindo um aspecto de “auto-ajuda”, acompanhados de uma grande preocupação com a construção de uma auto-estima positiva. Essa cultura tanto está servindo para que o grupo assuma esse papel de fornecer e oportunizar aos indivíduos um cuidado consigo mesmo, podendo ser entendida como motivadora do trabalho do grupo, como também está ajudando a fortalecer essa cultura, entendida como resposta do grupo. É a banalização do “cuidado de si”.

Apontar os perigos que ameaçam os homossexuais e determinar mecanismos de proteção são modos de contribuição para reforçar algumas idéias que devem ser aplicadas a si próprios. A preocupação em “ocupar-se consigo mesmo” foi tomando novas formas, ao longo dos séculos, invadindo variadas instituições, se efetivando através de atitudes recomendadas, maneiras de se comportar, formas de viver, que são constantemente alvos de reflexão, aperfeiçoamento e ensinamentos. Assim, se constituem como práticas sociais, possibilitando o estabelecimento de relações interindividuais, de trocas de experiências, de comunicações entre os interessados, de identificações e de criação de instituições e grupos (Foucault, 1985). Com aponta Foucault (1985) essa cultura está servindo para a criação de um “certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (1985, p. 50).

A preocupação com os comportamentos em tempos de Aids são organizados e organizam variadas atividades, às quais os grupos rapidamente se dedicam, dentre elas, a produção de um vasto material sempre à mão, capaz de atender à necessidade crescente dos indivíduos. Envolve os cuidados com o corpo, com a saúde, com os desejos, as práticas, os comportamentos e com as trocas.

Você se ama? A auto-estima faz a diferença⁵⁸.

Não se trata só de ser feliz. Para muita gente, a auto-estima é uma questão de sobrevivência, diante de um mercado de trabalho ou mesmo numa relação familiar e até afetiva com seu parceiro (a). Para quem gosta de si mesmo, a satisfação e o sucesso são coisas tão naturais quanto a saúde. O indivíduo está seguro de que tem valor e de que merece ter um lugar ao sol. O indivíduo emocionalmente saudável é “um bom pai e uma boa mãe para si mesmo”.

Para fortalecer a auto-estima é preciso sentir a si mesmo. É perguntar se estamos satisfeitos conosco e o que podemos fazer para melhorar, gostar mais e valorizar a si mesmo. É colocar a auto-aceitação no lugar da auto-rejeição. É uma profunda e verdadeira compreensão de si mesmo, capaz de perdoar as pequenas e inevitáveis falhas que todos temos.

Qualquer situação de vida é sempre reflexo das visões mais íntimas. Portanto, é preciso aprender a utilizar sua própria força interior para se livrar da dor existencial, sem cair no narcisismo que é o culto exagerado de si mesmo que pode levar ao desprezo do outro.

O sentimento é a porta que permite a transformação dos hábitos negativos, onde aprendemos com as expectativas passadas e projetamos nossos anseios futuros. Devemos estar atento ao modo como nos enxergamos? Quais são nossos sentimentos? Qual é a imagem que cultivamos de nós mesmos? Se você

⁵⁸ Este é um texto do grupo CORSA que faz parte do Projeto “Rompendo”, intitulado “Rompendo o Isolamento – Prevenção e Cidadania na Zona Sul de São Paulo”.

desconfia da sua auto-estima não está com a força que gostaria, não desanime! É possível reverter esse quadro investindo em novas estratégias:

- **CONHEÇA A SI MESMO.** É o ponto de partida da auto-estima, quando tomamos consciência das nossas capacidades e dos nossos limites. Busque definir melhor aquilo que o agrada e o que o desagrada em você mesmo.
- **ACEITE-SE.** Não sinta vergonha das suas falhas e limitações. A vida é um eterno aprendizado e ninguém nasceu sabendo.
- **SEJA HONESTO CONSIGO MESMO.** Abra o jogo ao menos com você mesmo. Diga claramente: “Eu quero muito alcançar tal objetivo”, ou então, “Que pena, não consegui o que queria, mas minha vida continua!”
- **PARTA PARA A AÇÃO.** A ginástica da auto-estima é a ação. Em vez de ficar ruminando as frustrações, faça aquilo que você precisa – e quer – fazer.
- **ENFRENTA A CRÍTICA INTERIOR.** Sabe aquela “voz” dentro da cabeça que fica achando defeito em tudo que você faz? Não deixe de ouvi-la mas permita que ela tenha a última palavra. Pondere tudo e entenda que o perfeccionismo é, no fundo, sinal de uma auto-estima arranhada.
- **ACEITE O FRACASSO.** Infelizmente, a existência não é uma série infinita de vitórias e glórias. Para alcançar qualquer objetivo, é necessário assumir o risco do fracasso, Cair faz parte do jogo, mas o importante é saber levantar-se depois de cada queda.
- **AFIRME-SE.** A auto-afirmação é a sua capacidade de expressar seus desejos, suas idéias e seus sentimentos. Não deixe que ninguém diga no seu lugar aquilo que você sabe, porque está dentro de você.
- **MANIFESTE EMPATIA.** Ouça o que as pessoas têm a dizer, mesmo que você pense de modo diferente. Só assim é possível falar naturalmente e sem agredir, frases como; “Entendo o que você quer dizer, mas tenho outra opinião”.
- **PROCURE APOIO.** Não tenha vergonha de pedir ajuda – a sensação de que você pode contar com pessoas ao seu redor é vital para auto-estima. Isolar-se por timidez ou auto-suficiência não ajudará a resolver os seus problemas. Diversifique e amplie suas relações. Muitas vezes a ajuda vem de onde menos esperamos.

Os princípios, quase sempre giram em torno do debate entre satisfazer ou controlar as vontades, os excessos ou os regimes, a liberdade ou a repressão, servindo para construir condutas valorizadas, recomendadas e, sobretudo, verdades que devem ser apropriadas e memorizadas (FOUCAULT, 1985). Tudo isso aponta para o fato de que a preocupação consigo e com a prevenção não são exercícios individuais isolados, mas se organizam pela troca, se constituindo, segundo Foucault (1985), como uma verdadeira prática social.

Ter essas informações, através do material distribuído pelos grupos, é ter os grupos em casa, na bolsa, sempre ao alcance das mãos. A necessidade de informação e vigilância é responsável por desenvolver atividades de discursos, tanto de fala quanto de escrita, que servem

para interligar o trabalho de si para consigo mesmo e também à comunicação com os outros. Nessas práticas os papéis de professor, de guia, de conselheiro e de confidente são misturados e podem ser desenvolvidos pela mesma pessoa ou grupo (FOUCAULT, 1985).

Na verdade, os grupos gays criam ou buscam criar nos indivíduos essa necessidade de apelo a um outro, e que o próprio grupo se dispõe a responder. Sem esse apelo a existência do grupo está ameaçada. Sentem-se capazes de dirigir, de aconselhar, fazendo uso do direito que a sociedade e os próprios homossexuais lhe atribuem e os grupos se arrogam. E, no exercício dessas práticas acreditam que estão cumprindo um dever, já que existem para conduzir os homossexuais no caminho certo de sua felicidade, proteção e existência. E, finalmente buscam ser reconhecidos pelos próprios homossexuais, esperando a gratidão pelo trabalho cumprido.

O trabalho dos grupos no tratamento com a doença e sua prevenção aparece como troca e como obrigações recíprocas. Mais do que isso ele é organizado pela correlação entre a moral e a medicina, através do convite para que se reconheçam como doente em potencial ou como ameaçados pela doença. Na medida em que incorporaram o discurso da vulnerabilidade, os homossexuais transformaram-se também em vítimas preferenciais da epidemia, constantemente ameaçados pela doença, e buscando no controle dos comportamentos a forma de prevenção mais eficiente. É na prática a união entre moral e medicina. Daí o surgimento da Aids e sua relação com a homossexualidade reforçarem as preocupações reafirmadas pelos grupos. Como argumenta Foucault (1985) chamar atenção para essas questões não significa a defesa pela renúncia de si, mas capacitar os indivíduos para absterem-se do supérfluo, constituindo sobre si uma soberania que não depende das instituições.

As publicações em torno da preocupação com a prevenção multiplicam-se e contribuem também para separar os segmentos que os grupos gays assumiram como de sua responsabilidade. Surgem então, cartilhas destinadas aos travestis (“Sexo sem Risco para Travestis” – GGB), aos Sadomasoquistas (“Sadomasoquismo & Aids – Redução de Danos”, GGB), aos homossexuais (“Guia Gay de luta contra a Aids” e “Sexo Seguro entre Homens”, do GGB). Em todas elas o que prevalece são as formas de contágio e os comportamentos que devem ser evitados e os hábitos que devem ser incorporados, enfim, mantendo as preocupações sempre presentes.

Mais tempo, mais duro, mais seguro...⁵⁹

Os gays ainda estão se contaminando com o HIV, o vírus que causa AIDS. Todos nós já ouvimos falar sobre “sexo seguro” (com o uso de preservativo), mas a cada dia mais e mais rapazes estão sendo infectados. Por quê?

Uma razão parece ser que muitos homens ainda não estão usando preservativos. Ninguém quer se infectar, mas alguns de nós se arriscam. Se você se arriscar e se infectar, nunca mais poderá desfazê-lo. Pense nisso.

Alguns rapazes nunca aprenderam a usar preservativos. Uma coisa é ver alguém fazê-lo, outra é experimentar você próprio. Você já aprendeu a trepar, portanto, nunca é tarde demais para aprender a transar com segurança.

Alguns rapazes têm medo de serem rejeitados por seus parceiros, caso mencione o uso de preservativos. É preciso se convencer de que não vale a pena o risco de contrair o HIV.

Então veja, o problema não é o sexo, é o HIV. A questão básica é – podemos fazer sexo mais quente que quisermos, e podemos fazê-lo sem espalhar o HIV – se usarmos ambas as nossas cabeças.

Alguns rapazes pensam que sexo com preservativos não tem graça, que não dá o mesmo prazer, leva tempo demais, dá muito trabalho, ou faz perder a concentração no momento. Outros dizem que os preservativos os fazem demorar mais a gozar, lhes torna mais duros, e que ficam com tesão só de ver a camisinha. Tudo depende de como você encara o assunto.

Os temas ligados ao prazer foram desenvolvidos desde os primeiros séculos da nossa era, de forma que ela serve para entender a organização da moral em torno dos prazeres e as transformações ocorridas ao longo do tempo. Não foi capaz de barrar os desejos, mas foi capaz de incorporar as preocupações com proibições, exigências e receitas (FOUCAULT, 1985). A moral sexual que se construiu exige ainda que o sujeito se preocupe e se enquadre em determinadas maneiras de viver. Os grupos gays acabam contribuindo para o exercício dessa moral definindo critérios estéticos e éticos de existência. Assim, o conhecimento de si torna-se mais importante, renovando a exigência do auto-conhecimento que passa pela necessidade de se pôr à prova, de se examinar, de controlar-se, de produzir verdades sobre si mesmo - o que se é, do que se quer, do que deseja, do que se faz e o que se é capaz de fazer.

⁵⁹ “Eros – Sexo seguro entre homens”, GGB.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro ponto que chama atenção na análise do trabalho dos grupos gays pesquisados é o enfraquecimento, cada vez maior, da totalidade. Há uma diversidade de grupos e, principalmente, uma grande diferença de membros, com histórias que se aproximam e se distanciam, com práticas e comportamentos variados, inseridos nos grupos e também fora deles. No entanto, permanece uma tentativa de seus membros em forjar uma identidade única - a identidade homossexual - embora admitam e reconheçam a existência real da multiplicidade dos homossexuais. De certa forma demonstram a força da idéia iluminista, que organizou a racionalidade moderna e que permanece, sobretudo quando se trata da construção da identidade como uma construção idealista. Constata-se uma idéia unificadora e totalitária que o pensamento pós-moderno vem enfraquecendo sobremaneira, abandonando-a. Nosso tempo vem se caracterizando como complexo e multiforme, que resiste às reduções e simplicidades, o que de certa forma, inviabiliza o uso e a construção da “natureza homossexual”, do “movimento homossexual” e mesmo a utilização de termos como “todos nós”, “todos somos assim”, “nós queremos isso”, “nós temos que”, enfim, construções de uma totalidade que não existe, a não ser como somatório de pequenas partículas que muitas vezes sequer dialogam.

A necessidade de abandonar os conceitos estáveis e seguros, como por exemplo a idéia de identidade e de homossexualidade, como unificadora, é uma forma de pensar os discursos como algo também instável e diverso, que causa desestabilização e insegurança. Por isso, muito mais produtivo é questionar como as coisas funcionam e acontecem, compartilhando essas questões e dúvidas, ao invés de buscar saídas e respostas estáveis e seguras. Os lugares de onde as pessoas falam, os espaços em que se constroem, trocam, relacionam-se e evitam-se são múltiplos, mostrando seu caráter contingente, histórico e de construção. Nessa perspectiva, a atuação dos grupos gays coloca em evidência a importância de se dedicar uma atenção tanto aos discursos que articulam, organizam e constroem o sujeito homossexual, o que pensam, o que são e o que fazem quanto os acontecimentos históricos que estruturaram sua organização e existência. Essa análise se aproxima da perspectiva arqueológica de Foucault que defende um afastamento da crítica transcendental, já que não se deve buscar compreender as estruturas universais de qualquer conhecimento.

A grande pergunta desse trabalho é a respeito das condições de possibilidade da existência dos grupos, da homossexualidade e dos homossexuais e também das condições de sua própria racionalidade, sem a preocupação de fornecer respostas, mas de socializar as problematizações. Aqui também há uma aproximação com a perspectiva foucaultiana, sobretudo a crítica genealógica, que não se limita apenas em pensar a forma como as pessoas se constroem ou são construídas, mas a partir daí pensar a possibilidade de não ser mais, de não fazer mais ou de não pensar mais como era, como fazia ou como pensava. As práticas discursivas estão sempre ancoradas em suportes provisórios, mutáveis, visto que elas são amarradas na própria história, que é contingente. Por isso, não existe resposta definitiva e acabada e pensa-se mesmo não ser produtivo e não interessar forçar respostas. A idéia é estimular uma atitude de permanente reflexão.

A liberdade é essa possibilidade contínua de reflexão como caminho para a crítica e para a mudança, o que nem sempre é garantido, como foi demonstrado na análise do trabalho dos grupos gays, que muitas vezes caminha no sentido inverso, ou seja, fornecendo aos membros essas formas de pensar e de ser. Devido a esses fatores, faz-se necessário analisar as condições de experiência real e não as possíveis, ou seja, as condições de construção de um grupo e não suas possibilidades, o que faz dos homossexuais, homossexuais. Mais do que procurar analisar a atividade dos sujeitos homossexuais, esse trabalho buscou chamar atenção para a existência objetiva de certas regras e mecanismos a que os sujeitos estão submetidos através dos discursos que constroem as práticas dos grupos, de forma que eles - os discursos e os grupos - não podem ser entendidos fora do sistema de relações materiais que os estruturam e os constituem. As discussões em torno do que é a homossexualidade e o homossexual trazem à tona discursos já pronunciados, construídos em outros tempos e que se mantêm presentes, embora transformados. Dessa forma, os grupos revelam como esses discursos do passado dialogavam com o presente, como e porque se transformam e aparecem.

Os grupos passam a ser locais de construção dos discursos e dos saberes em torno da homossexualidade e do que é o homossexual, o que faz com que a análise do trabalho dos grupos se traduza em uma oportunidade de verificar como o poder se tornou elemento capaz de explicar como se produzem esses discursos e saberes e como os sujeitos são construídos na articulação entre eles. O poder não é algo que está nos grupos, nem tampouco nos dirigentes, mas que está nas relações que se estabelecem entre os membros e que criam essa realidade chamada de grupo,

está na relação entre sociedade, cultura e grupo, que foi capaz de fornecer a esse tipo de associação o aval para se “falar em nome de”, como fez com a medicina e com a religião. Daí o grupo se sentir como representante oficial e legítimo dos homossexuais, assim como os homossexuais se sentirem representados por eles, se constituindo em uma troca, articulada pelo poder. Poder este que causa um efeito centralizador ligado à instituição, ou seja, os grupos passam a definir um discurso e um saber com caráter de verdade, que toma corpo em comportamentos e pensamentos valorizados e recomendados. Desse modo, o grupo se aproxima da função pedagógica de construção dos sujeitos homossexuais. O objetivo de demonstrar como essas relações se construíram foi uma forma de esclarecer os efeitos de poder próprios de um discurso aceito.

Nesse sentido, foi necessário buscar a emergência da homossexualidade e dos grupos, assim como a construção dos conceitos, práticas, idéias e valores que serviram para organizá-los, com o intuito de demonstrar como os discursos são herdeiros das condições políticas que os instituíram. Assim, o importante não era saber de onde veio a homossexualidade e os grupos, mas como, de que maneira, em que momento e sob que condições da nossa história eles surgiram. Isso revela não somente como os discursos do grupo foram se formando por uma evolução histórica, mas principalmente aparecem como confrontação entre controle e dominação e como resultado de arranjos políticos.

No confronto dessas duas forças - controle e dominação - os grupos gays foram se constituindo como locais de disciplinamento, sobretudo após o advento da Aids, contribuindo para se criar corpos dóceis. Essa docilização dos corpos mistura poder, saber e prazer no trabalho dos grupos, em associação com outras instituições como o Estado, a Medicina e a Educação, sendo extremamente produtiva, tendo efeitos diretos na constituição da homossexualidade, na mudança de comportamentos, na formação de saberes, de pensamentos e de julgamentos. Os grupos gays, assim, estão mantendo uma prática iniciada no século XVII, vinculada à criação de técnicas de poder centrada nos corpos dos indivíduos, tomando-os, cada um na sua existência espacial e temporal, ordenando-os, dividindo-os, enquadrando-os, enfim, submetendo-os à constante vigilância e controle. Seu trabalho caminha nesse sentido de estabelecerem práticas disciplinares e de vigilância, que parte dos grupos aos indivíduos, que ao incorporá-los, passam a exercê-las consigo mesmos. Falar que os grupos estão contribuindo para criar corpos dóceis, não significa dizer que estão construindo corpos obedientes. A docilidade diz respeito à fabricação de

corpos maleáveis e moldáveis, que no entanto, não se consegue pela força. O que chama atenção no poder disciplinar é sua atuação no corpo e no saber, que dá origem a formas de estar no mundo, de responder as questões títulos desse trabalho “Quem sou eu e que lugar ocupo?” Um efeito dessas práticas é a incorporação por cada um da disciplina e do controle como algo natural e necessário. Através destas ações, os membros incorporam os preceitos e os cuidados recomendados pelo grupo. A disciplina possibilita a inteligibilidade, a comunicação e a convivência no grupo. Mesmo que nem todos sigam as recomendações, mesmo que não sejam disciplinados, os membros compreendem o que é ser, o que devem fazer e o que deve ser disciplinado, muitas vezes se culpabilizando por não seguirem e não serem disciplinados como defendem o grupo do qual se sentem parte.

O trabalho dos grupos está associando soberania, disciplina e governamentalidade, assumindo uma prática que lembra as ações do Estado, introjetando em seus membros a arte do auto-governo, que passa a ser exercida tanto no nível individual quanto no nível social. Sua preocupação não é somente com cada um individualmente, mas está centrada na disciplina e no governo da “população” homossexual. Trata-se de uma preocupação justificada na existência das pessoas, um poder que se aplica à vida dos indivíduos, fortalecida pela ameaça da epidemia da Aids. Dessa forma, o trabalho dos grupos gays se situa na dinâmica da biopolítica, que se traduz na dedicação em construir novos saberes a serviço da manutenção e defesa da vida, da espécie, da coletividade e da população. A Aids ajudou fortalecer a idéia de população como novo corpo, novo objeto de saber e campo de disciplina, prazer e poder. Como consequência também se fortaleceu a necessidade de compreender, de conhecer, de descrever, de quantificar e de dominar a homossexualidade, produzindo estatísticas, números que garantiam a sua existência e que serviam como instrumentos para negociações, acordos e associações, sobretudo porque são utilizadas para prever o futuro através do seu passado. Tudo isso cria uma necessidade constante de investir sobre a população, tanto no campo individual através da auto-disciplina contínua, quanto no campo coletivo, através da regulamentação. Assim, os grupos articulam dois mecanismos que se complementam: o poder disciplinar sobre o corpo e a regulamentação sobre a população.

O homossexual do grupo está sempre em vigilância, visto que essa preocupação amplamente discutida é incorporada, como cuidado consigo e com o outro. O grupo está induzindo nos membros um estado permanente de visibilidade (pelo menos para si mesmo), que

assegura o funcionamento do poder. A dinâmica posta em prática está permitindo que o conjunto de homossexuais que está se formando no interior dos grupos leve o grupo junto de si mesmo, não estando nas reuniões, graças à incorporação da disciplina defendida e construída neles. Assim, a militância, o pensamento do grupo é levado para a casa, para o trabalho, para a diversão, se constituindo numa vigilância permanente e em um trabalho de catequese que tem no outro um desafio de transformação através do discurso. É o grupo se multiplicando para a mesa do bar, para o ambiente de trabalho e para a sala de jantar. É a invasão do poder pastoral no plano político e social, ou seja, a invasão do poder individualizante no coletivo, que nem sempre ocorre de forma tranqüila, sem contradições, confrontos e sucessos.

A articulação entre os mecanismos disciplinares e os regulamentadores dá origem à norma. Os grupos gays ao assumirem esses mecanismos e ao colocá-los em prática por intermédio de seu trabalho, criam uma norma própria, constroem o “homossexual que é a norma”, o modelo pretendido, aquele que segue os preceitos da disciplina e da regulação. A criação e defesa de um modelo permitem a comparação entre os vários tipos de homossexuais, entre cada um individualmente e entre cada elemento e seu grupo. E procedendo dessa forma, cria-se o desvalorizado, aquele que se diferencia desse conjunto que convencionou o ser consciente, o militante e o “assumido”. E essa diferença torna-se desvio, algo indesejável, visto que foge do caminho apontado pelos grupos, leva à doença, à discriminação, à imagem negativa. A norma criada pelo grupo não tem permitido ou mesmo admitido o ser exterior, daí o ataque ao travesti, ao não assumido, “à bicha pintosa” e à “bicha banheirão”. É a tentativa de exclusão das diferenças na diferença.

A investigação nos grupos possibilita pensar como se organiza a relação de cada um consigo mesmo, com a construção e entendimento dos desejos, com a leitura de seu desejo como homossexual, explica como se dá a relação dos sujeitos com o próprio sexo, como a leitura desse desejo e da sexualidade está servindo para constituir e fazer emergir a sua identidade. Para o grupo, mais importante do que definir comportamentos e pensamentos a respeito da homossexualidade, está o desejo classificado como tal, servindo para criar um caminho para experimentar e colocar em prática o que se chama homossexualidade, servindo para construir o homossexual em cada um e no conjunto, fortalecendo-se através das experiências trocadas. A construção da homossexualidade está servindo para colocar em funcionamento um sistema de interdição, em que cada um é chamado a falar sobre seus desejos, seus comportamentos,

pensamentos, enfim, sobre si mesmo e através do referido sistema ocorrem as definições das proibições. Construir a homossexualidade, ser homossexual, significa assumir uma série de comportamentos adequados e excluir outros. Assim, as proibições estão intimamente relacionadas com a obrigação de confessar, de dizer a verdade sobre si mesmo.

Como esses jogos de verdade estão contribuindo para construir e reconhecer o homem como um ser que deseja? Como esses desejos estão servindo para separar, classificar e determinar o que se é? Como a nossa sociedade assumiu o comportamento sexual de cada um como definidor de sua identidade? Essas são perguntas que permearam todo trabalho na intenção de buscar entender o porquê, quando e como as práticas homossexuais se constituíram como “problema” para a nossa sociedade e como causa para os grupos gays, que acabaram atribuindo uma definição e um lugar para a homossexualidade. Os jogos de verdade construídos estão criando o falso e o verdadeiro, organizando o entendimento que cada um tem de mundo, de si mesmo e do lugar que ocupam. Eles estão indicando aquilo que pode, deve ou não ser pensado, enfim, construindo o regime de verdade que se organiza nesses jogos. O sujeito homossexual é um produto da união entre saberes, poderes e dessa relação entre o falso e verdadeiro. É essa união que baliza a transformação do indivíduo em sujeito, também no interior do grupo, quando cada um “aprende” e passa a se ver a si próprio como homossexual, atuando como fronteira entre o que sou e os outros.

Narrar, descrever, ver, julgar, dominar são práticas ensinadas e aprendidas nas reuniões dos grupos como verdadeiros dispositivos pedagógicos, em que se discute, transmite, adquire, ensina, transforma e forma o sujeito homossexual. Isso faz com que os grupos gays se aproximem dos espaços pedagógicos, visto que estão preocupados não somente com o autoconhecimento, a auto-estima, a autoconfiança, o autocontrole, mas também estão dedicando atenção especial à produção de formas de experiências de si, em que os membros tornam-se sujeitos de um modo particular de ser.

O que essa pesquisa buscou demonstrar ainda é que o grupo e seus membros são resultado de um discurso que é anterior a eles e que já estava há muito tempo circulando, de forma que os grupos e os homossexuais se tornaram sujeitos por ele construídos. As idéias nele veiculadas já existem antes mesmo dos sujeitos que as produzem, não são individuais nem autônomas mas são resultantes das interações entre os sujeitos em seus contextos específicos, isentos de um posicionamento mais crítico. Assim, o conhecimento produzido a partir das significações que se

fazem e se transmitem é uma construção oriunda de uma gama de fatores tais como a própria história do sujeito, suas reivindicações, suas formas de organização e de luta. A homossexualidade, os homossexuais e os grupos são, portanto produtos dessas práticas discursivas, que moldam as formas de ver, compreender e falar sobre o mundo e sobre si mesmo.

Ao construir os objetos dos quais falam, fornecem o que pode ser dito, de que forma pode ser dito, em quais condições e locais, o que deve ser lembrado, preservado, evitado, enfim, um conjunto de regras que organiza uma prática própria. Eleito como um local em que pode ser revelada, construída e vivenciada a homossexualidade, os grupos gays, construídos por esses discursos, assumem essa herança, se tornando, desde a sua origem o espaço delimitador do que pode ser dito a respeito dos homossexuais, servindo assim para comandar os seus membros e indicar para “todos” os homossexuais as maneiras de se perceberem, de se julgarem, de pensarem e de agirem. Agindo assim, os grupos transformam os discursos em verdades, exercendo poder e prazer em controlar e disciplinar os homossexuais, É essa troca discursiva que constrói a instituição, que garante a existência do grupo e dos homossexuais, além de manter uma ordem que é anterior a eles, e na qual estão inseridos e se reproduzem sem consciência desta ação. Quando falam, colocam em prática as idéias, conceitos, saberes e comportamentos indicados pelos grupos, esses sujeitos estão participando do que Foucault (2002) classifica como campo discursivo, não o local em que surgem as subjetividades, mas um lugar em que se constrói as posições desses sujeitos.

Essas questões reforçam a idéia de que os homossexuais são construídos a partir dessas práticas discursivas, que definem as verdades, os modos de ser, de se ver, de se pensar e são os grupos gays que ajudam em sua construção. A inserção, participação e envolvimento dos sujeitos homossexuais no interior dos grupos são formas de responder as questões quem sou eu e que lugar ocupo. Neste sentido os grupos gays se firmam como fortes colaboradores na formação dos homossexuais definindo-lhes a relação com os saberes e indicando-lhes práticas que lhes ensinem a pensar sobre si mesmos e sobre a própria homossexualidade.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. Pela Noite. In: _____. *Triângulo das águas*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- ALTMAN, D. *Poder e comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- ANZIEU, Didier. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- ARIÈS, Philippe. São Paulo e a carne. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987a.
- ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor - identidade homosexual, educação e currículo. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CESÁR, Maria Rita de Assis. *Da escola disciplinar à pedagogia do controle*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- _____. *A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- _____. O referente da identidade da identidade homossexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERRARI, Anderson. *O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar*. 2000. Dissertação (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o ocidente – evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel.. *História da sexualidade 3: o cuidado de si..* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. O combate da castidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Tecnologias Del yo – y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Piados Ibérica, 1990.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. *As palavras as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FRY, Peter; MAcRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 27, n. 2, 2002.

_____. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud – v. 2. A paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIDEENS, Antony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GÓIS, João Bosco Hora. A mudança no discurso educacional das ONGs/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). *Revista Interface – comunicação, Saúde e educação*. v. 7, n. 13, p. 27-44, 2003.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: um olhar estruturalista. In: PEDRO, Joana Maira; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KEHL, Maria Rita. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade _ o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes et alii (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAcRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MOTT, Luiz. Meu menino lindo: cartas de amor de um frade sodomita. *Revista Entretextos Entresexo*. Lisboa, n. 4, p. 95-118, dez, 2000.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario. *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

OLIVEIRA, Ivone M. de. *Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporânea*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PARKER, Richard & BARBOSA, Regina Maria (orgs). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

PAZ, Otávio. *A dupla chama*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasilense, 1987.

RICHARDS, Jeffrey. Homossexuais. In: _____. *Sexo, desvio e danação: as minorias da idade média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Tempo social*. São Paulo, v. 5 n° 1-2, p. 31-52, 1993.

_____. A queda do *Ângelus Novus*: para além da equação moderna entre raízes e opções. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo. n. 47, p. 103-124, 1997.

_____ (org.). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Rosângela. Fica Comigo Gay – O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil? In: LOURO, Guacira Lopes et alii (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Agentes, redes e territorialidades urbanas. *Revista Território*, ano III, n. 5, p. 31-50, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e educação: outros estudos foucaultianos. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VIANNA, Cláudia. *Os nós do “nós”*: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.